

Marly Therezinha Germano Perecin

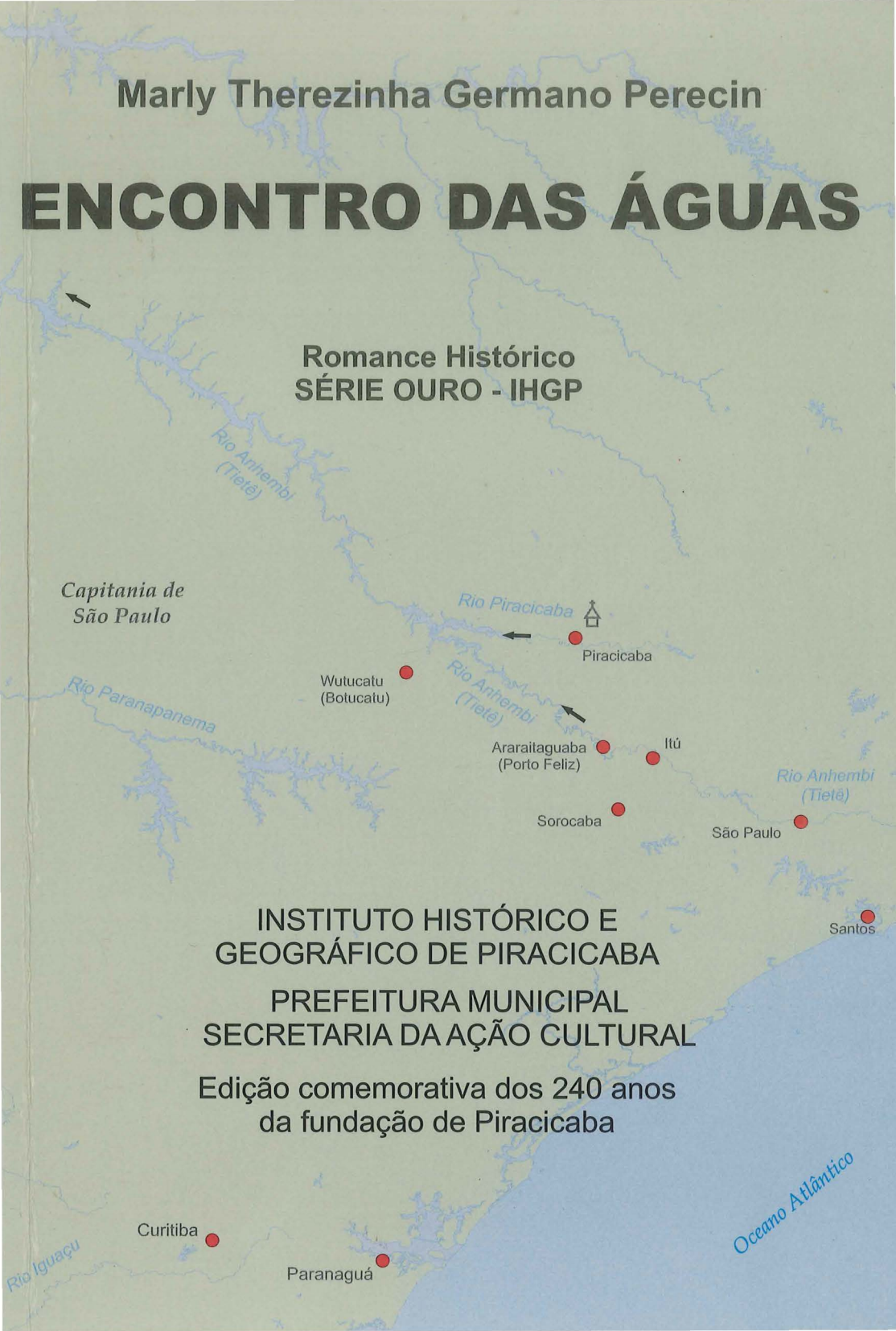
# ENCONTRO DAS ÁGUAS

Romance Histórico  
SÉRIE OURO - IHGP

Capitania de  
São Paulo

INSTITUTO HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE PIRACICABA  
PREFEITURA MUNICIPAL  
SECRETARIA DA AÇÃO CULTURAL

Edição comemorativa dos 240 anos  
da fundação de Piracicaba





Marly Therezinha Germano Percin nasceu na cidade paulista de Taquaritinga, Estado de São Paulo. Em virtude da sua contribuição cultural, as Câmaras Municipais de Itu (1996) e de Piracicaba (1998) concederam-lhe os títulos de cidadania, de que tanto se orgulha. Isso a faz sentir-se muito paulista, sentimento que transparece em toda sua obra de escritora, tanto nas monografias científicas quanto nos romances históricos.

A sua família tem raízes antigas. Por parte da mãe, Djanira Ribeiro Germano, descende de antiga família de tropeiros de Jundiaí, ligada aos Silva Prado, e por parte do pai, Nestor Soares Germano, descende do ituano, Manoel Dias Ribeiro, construtor de duas pontes muito importantes na Província de São Paulo, aquela sobre o rio Piracicaba (1823) e a do Cubatão (1827). A filha deste, Mariana Dias Ribeiro, casou-se com o lionês Jean Germain, dando origem à família Dias Germano, uma das mais antigas de Piracicaba.

A história de vida da Marly se inscreve plenamente nas temáticas do Oeste Paulista, seu principal objeto de estudo como historiadora. Como os seus progenitores se achavam em início de carreira, em Taquaritinga, Marly nasceu na Araraquarense e só chegou em Piracicaba (antigo Oeste Paulista) aos quatro anos de idade, onde cresceu, realizou os estudos de nível primário e secundário, se casou com o comerciante Noedy Percin, de origem tirolesa, teve filhos e netos. Desde de 1958 vive com a sua família, na mesma casa, no mesmo endereço. É ali que deseja continuar a produzir seus artigos, romances e monografias.

Nunca residiu fora de Piracicaba e só saiu para estudar na PUC de Campinas, onde se graduou em História, e, anos posteriormente, para cursar o Mestrado (PUC-São Paulo) e o Doutorado (USP-São Paulo), que concluiu depois de sua aposentadoria no magistério secundário oficial. Foi no exercício do magistério que experimentou a falta das leituras paralelas no campo da historiografia, que lhe facilitassem o trabalho didático, e sentiu nascer a idéia de escrever romances históricos, projeto que só começou a por em prática no final da década dos anos oitenta.

**Marly Therezinha Germano Perecin**

# **ENCONTRO DAS ÁGUAS**

**Com Prefácios de**

**Luiz Francisco A. de Miranda — 1º volume**

**Hernâni Donato — 2º volume**

\*

**Edição comemorativa dos  
240 anos de Piracicaba**

\*

**INSTITUTO HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA**

**2007**

**Copyright**

Todos os direitos são reservados perante a Convenção Internacional e Nacional de Direitos Autorais pela autora Marly Therezinha Germano Percin.

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**(Câmara Brasileira do Livro)****Dados internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Percin, Marly Therezinha Germano.

Encontro das Águas (1723-1777) — — Piracicaba. Editora Degaspari, 2007.

1ª Edição.

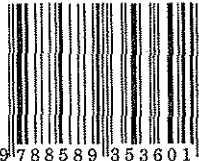
347p.

1. Romance brasileiro 2. São Paulo (Estado) — História — Ficção  
I. Título

CDD. 869.110

Fundação Biblioteca Nacional

ISBN 858935360-5



9 788589 353601

**A presente edição foi autorizada graciosamente pela autora à Prefeitura Municipal de Piracicaba para efeito de comemoração dos 240 anos de fundação da cidade.**

INSTITUTO HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE PIRACICABA  
DIRETORIA  
(2006 a 2008)

Presidente  
PAULO CELSO BASSETTI

Vice-Presidente  
HALDUMONT NOBRE FERRAZ

1º Secretário  
SERMO DORIZOTTO

2ª Secretária  
MYRIA MACHADO BOTELHO

1º Tesoureiro  
FRANCISCO DE A. F. DE MELLO

2º Tesoureiro  
FLAVIO RIZZOLO

Orador  
JOÃO UMBERTO NASSIF

Diretor de Acervo  
MARLY THEREZINHA G. PERECIN

1º Suplente  
RENATO LEME FERRARI

2º Suplente  
CECÍLIO ELIAS NETTO

3º Suplente  
GILBERTO JÚLIO PIATTO

Conselho Fiscal  
1º ANTONIO ROBERTO DIEHL  
2º CEZÁRIO DE C. FERRARI  
3º ANTONIO H. C. COCENZA

Suplente Conselho Fiscal  
ELIAS SALUM  
JOSÉ ANTONIO B. DE CAMARGO  
WALDEMAR ROMANO

Organização Contábil:  
Sílvia Galvani Nobre Ferraz  
Marcelo Galvani

## INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

SÉRIE OURO

LIVROS QUE CONSTRÓEM

2ª OBRA  
DA SÉRIE OURO

ENCONTRO DAS ÁGUAS  
(1723 — 1767)

1º VOLUME — YPIÉ (MARIA DOS  
ANJOS)  
1723-1767

2º VOLUME — AS ÁGUAS DO ADEUS  
1767 — 1777

**Arte Capa:**

Vitor Pires Vencovsky

**Editoração Gráfica:**

Jelzo Oliveira dos Santos

**Produção Gráfica:**

Gráfica Degaspari

---

## HOMENAGENS

À Prefeitura Municipal de Piracicaba,  
através do Sr. Prefeito Municipal

**Dr. Barjas Negri**

e

À Secretaria da Cultura de Piracicaba  
através da sua titular

**Dra. Rosângela Rizzolo Camolese**

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba,  
através do Presidente

**Dr. Paulo Celso Bassetti**

e

Vice-Presidente  
**Prof. Haldumont Nobre Ferraz**

À Academia Piracicabana de Letras,  
através do seu Presidente

**Dr. Antônio Henrique Carvalho Cocenza**

## DEDICATÓRIA

Aos meus amados: esposo, filhos e noras.

Aos netos que me asseguram a descendência e iluminam a minha vida:

Marcelo, Beatriz, Lucas, Mariana e Marina.

À Memória:

dos meus pais, Nestor e Djanira,  
da minha filha, Nelita,

dos meus ancestrais, povoadores anônimos do  
Vale Médio do Tietê e do Oeste Paulista,

de todos aqueles que no sacrifício das águas,  
nos perigos do sertão ou nos campos das  
refregas do Sul, contribuíram para alimentar  
a chama da bravura e a alma dos paulistas,

e, muito particularmente, aos fundadores de  
Piracicaba e aos mártires de Yguatemi, sem exceção  
dos anjos, dos povoadores civis, dos militares e dos  
bandidos.

Marly Therezinha  
Piracicaba, 2007

*“Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia”.*

**Walter Benjamin in “O Narrador”**



## MENSAGEM BARJAS NEGRI

Ao completar 240 anos de fundação, Piracicaba é agraciada com a edição do livro *Encontro das Águas*, inspiradíssima obra de uma de suas mais ilustres filhas: Marly Therezinha Germano Percin.

Professora, historiadora, escritora, e dedicada pesquisadora, seu magnífico trabalho é merecedor do mais alto nível de reconhecimento por seu mérito histórico e educativo.

Esta edição comemorativa, cujo lançamento rende homenagem ao município por ocasião de seu aniversário, é uma incontestável demonstração de sua virtuose literária.

Inter-relacionando aspectos dos universos factual e fictício, *Encontro das Águas* é um romance histórico que expõe a dimensão do conhecimento e da criatividade desta artista literária, que certamente agradará a todos os piracicabanos.

Mais do que uma leitura aprazível, este livro é a constatação evidente de que também se pode aprender muito com o lúdico.

Com o lançamento deste volume de *Encontro das Águas*, Piracicaba passa a contar, a partir de agora, com mais um precioso elemento que valoriza ainda mais sua história, já dotada de particularidades riquíssimas.

*Barjas Negri*

*Prefeito do Município de Piracicaba*

## MENSAGEM

### PAULO C. BASSETTI

É com imenso prazer que participo da publicação deste livro, escrito pela historiadora piracicabana Marly Therezinha Germano Perecin, sobre as origens da nossa cidade, que acaba de completar 240 anos. Esta obra é de extrema importância para se compreender o século XVIII, quando o povoamento estava sendo desenhado, até a sedimentação da vila como organização social e política, no século XIX.

Sempre fui grande admirador do esforço de Marly para montar o monumental quebra-cabeça que é a história de Piracicaba. Principalmente porque sua preocupação não é simplesmente compor fatos, mas sim, buscar os fundamentos da ação humana, as forças, muitas vezes ocultas, que impulsionam os homens em um determinado contexto histórico no cumprimento de missões, mesmo que à revelia dos seus ideais.

Quando Marly fala de Piracicaba, ela não se esquece jamais que esta área geográfica sempre fez parte de uma imensa malha de relações, envolvendo muitas outras cidades e estados, o país e o mundo. Ela nunca se esquece que o homem é fruto do seu tempo, e cada tempo é regido por valores e princípios específicos, que precisam ser devidamente compreendidos para se ter a dimensão correta de um povo. Ela nunca se esquece que é preciso ter noção de interesses individuais e de grupos políticos, que se somam e se conflitam, para se ter a dimensão correta da luta pelo poder. Ela nunca deixa de lado questões de caráter, de formação familiar e pessoal para a revelação de lideranças culturais e políticas.

Marly é uma historiadora apaixonada pelo que faz e brilhante em suas leituras, que nos revela sempre algo novo sobre o passado, um passado movido por interesses invariavelmente conflitantes, repleto de

confrontos e mortes, liderado por homens destemidos e determinados, que souberam enfrentar as águas dos nossos rios e, dependendo da sorte, se encontrar com a fortuna e a grandeza, ou então, ser vítimas de tragédias.

Trata-se portanto de um romance histórico de primeira grandeza e é por isso ele foi o escolhido para ser a segunda obra a compor a Série Ouro – Livros que Constróem. É por isso que ele foi escolhido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) e pela Prefeitura do Município de Piracicaba para homenagear a cidade e ser um presente para a formação histórica de todos os piracicabanos, jovens e adultos.

Esta cidade, cuja tradição cultural se justifica por ter revelado ao país e ao mundo muitos talentos, do campo das artes, da política, da ciência, da educação e da indústria, chega aos seus 240 anos com fé inabalável em sua história. História que o IHGP, com o apoio da Prefeitura de Piracicaba, junto com estudiosos como a Marly, ajudam a escrever e preservar. Sinto uma satisfação imensa de estar fazendo parte deste momento histórico e, como presidente do IHGP, poder contribuir para que Piracicaba mantenha-se sempre firme em defesa de suas raízes.

*Paulo Celso Bassetti*  
*Presidente do IHGP (2006-2008)*

## MENSAGEM

### ROSANGELA CAMOLESE

Mais do que uma historiadora, mais do que uma dedicada pesquisadora, Marly Therezinha Germano Perecin é, acima de tudo, uma artista literária de grande sensibilidade.

O lançamento do seu livro *Encontro das Águas*, edição comemorativa aos 240 anos de fundação de Piracicaba, ratifica todos os seus predicados. É uma clara demonstração da sua inteligência e, acima de tudo, da sua dedicação.

Criando uma estória dentro da história, compartilha toda a riqueza do seu conhecimento, expressando-se com criatividade, alegria, beleza e paixão. E é desta forma, por meio da paixão, que se vislumbra toda a motivação do verdadeiro artista.

*Encontro das Águas* revela tudo isso: desde a perfeita escolha das palavras que exprimem os costumes e valores de época, denotando sua acurada capacidade de observação provinda de suas incansáveis pesquisas, até a expressão de sentimento, baseada na experiência da sua sensibilidade e emoção.

Além de uma significativa homenagem ao município por ocasião da comemoração de seus 240 anos de fundação, a edição deste livro é um valioso presente ao povo piracicabano.

*Rosângela Camolese*  
*Secretária da Ação Cultural*

---

**MARLY THEREZINHA GERMANO PERECIN**

**ROMANCE HISTÓRICO PAULISTA**

**ENCONTRO DAS ÁGUAS\***  
**(1723 – 1777)**

**PRIMEIRO VOLUME “YPIÉ ( MARIA DOS ANJOS)”**  
**(1723 — 1767)**

**SEGUNDO VOLUME: “AS ÁGUAS DO ADEUS”**  
**(1767 — 1777)**

---

\* Foram respeitadas as grafias e as pronúncias da época. Nota da Autora.

## SUMÁRIO GERAL

Palavra Necessária

Marly Therezinha Germano Perecin ..... XXI

PRIMEIRO VOLUME: YPIÉ ( MARIA DOS ANJOS )  
(1723 — 1767)

Prefácio — Luiz Francisco A. de Miranda ..... 25

## PARTE I — A PARAGEM

1. Viração .....	29
2. Puçanguara .....	38
3. Mesopotâmia Paulista .....	46
4. Os Saltimbancos .....	54
5. Tropeços .....	62
6. Doce Teriaga .....	70
7. Cunhantã .....	77

## PARTE II — BOCA DE SERTÃO

1. Flor das Águas .....	87
2. Fel da Terra .....	94
3. Picueta Castelhana .....	102
4. Campo de Marte .....	110
5. Sob a Proteção de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraitaguaba .....	118
6. Sob a Proteção de Nossa Senhora dos Prazeres de Piracicaba .....	126
7. Auto da Nau Capitânea .....	134

## PARTE III

Glossário .....	145
-----------------	-----

**SEGUNDO VOLUME: AS ÁGUAS DO ADEUS  
(1767 — 1777)**

Prefácio — Hernâni Donato ..... 161

**PARTE I — A MONÇÃO D'EL REI OU O CAMINHO DE  
CIMA**

1. Conduta Paulista .....	167
2. Sob Juramento .....	176
3. <i>Glória Patri</i> .....	185
4. — Marchem as Canoas! .....	194
5. Os Rumos do Sertão .....	204
6. Bimbarras e Estivas .....	213
7. Dobres de Sinos .....	222

**PARTE II — CAMPOS DE REFREGAS OU  
O CAMINHO DE BAIXO**

1. Destroços do Viamão .....	235
2. Servindo a Deus e a Sua Majestade .....	244
3. Armas Reíúnas .....	254
4. Dédalos Ermados .....	263
5. Périplo do Paraná .....	273
6. Leal Vassalo .....	282
7. Capitão de Cavalaria .....	292

**PARTE III — RUMO AO ANO DE 1777 OU  
ARRÁTEL DAS GLÓRIAS PAULISTAS**

1. A Colheita das Parcas .....	305
2. Nas Presas do Lobo .....	315
3. <i>Delenda Yguatemi</i> .....	325

**PARTE IV**

Glossário ..... 337

## ENCONTRO DAS ÁGUAS

## Palavra Necessária

Século XVIII. Em um reduto das extintas populações indígenas do Planalto Paulista, tido como **o lugar onde o peixe pára (Piracicaba)**, conjugaram-se as forças cósmicas e telúricas num momento de excepcional historicidade. Anò de 1767.

A Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e a Povoação de São Francisco de Paula de Yguatemi inexistiriam sem Piracicaba com as suas canoas. E vice-versa. Na perspectiva da Memória converteram-se em fastos de uma grande Nação, que convém contar às novas gerações para a sua ilustração e entretenimento. Há algum tempo, assumi o compromisso de divulgar o que, havendo sido banido da lembrança dos paulistas, permaneceu no campo da erudição ou nos arranjos dos arquivos públicos e particulares, guardado nos documentos, ou embutidos nos mitos e nos causos de família.

Operária da Memória que sou, a serviço de uma construção narrativa onde o estreitamento das fronteiras entre a literatura e a ciência histórica propicia o florescimento de um gênero, o Romance Histórico, busquei o instrumental metodológico na área das Ciências Humanas. A veracidade dos fatos corre por conta dos documentos levantados nos arquivos oficiais ou sobrevivem na memória paulista. Os meus trabalhos sempre refletem essa experiência, cujos resultados práticos venho constatando, através das diferentes manifestações de busca e assimilação da História, com efeitos literários sobre o leitor.

A história dos paulistas do Vale Médio do Tietê inclui-se num complexo sistema civilizatório dos mais expressivos na realidade da América. A manifestação da vontade imperialista de Portugal e a aceitação nem sempre passiva por parte dos dominados, ao longo dos três primeiros séculos, deixaram traços vigorosos na sociedade contemporânea. Podemos entender parte daquele universo cultural conhecendo-lhe as origens e o seu desenvolvimento, mais particularmente a dinâmica das formas de ser, pensar e sentir dos homens e mulheres que contribuíram para o seu imaginário coletivo e a sua memória regional.

Nesta obra em dois volumes, parte da trilogia **TRÍPTICO DO OESTE**, fixamos episódios pertinentes ao chamado “Velho Oeste Paulista” e aos extremos Sul e Sudoeste da sua fronteira. A cidade de São Paulo e a Vila de Itu



achavam-se em interação permanente com as comunidades do seu imenso Vale e com os recônditos sertões da bacia platina. A fundação da Povoação de Piracicaba (1767), na antiga boca de sertão do Oeste, simultaneamente ao Forte do Yguatemi (mantivemos o primeiro Y do vocábulo), na fronteira paraguaia, fez o prólogo da devassa do Paraná e da expansão geográfica que formatou o Brasil contemporâneo.

Durante o último quartel do século XVIII, os paulistas escreveram a sangue e a lágrimas a novela colonial da ocupação do Oeste. Homens e mulheres, insertos num esquema perverso de poder, sob formas hediondas de exploração, conseguiram amar-se, amestigar-se, levantar comunidades e construir uma história, cujo *corpus* documental afluamos, mas que, por sua grandeza, se coteja às epopéias vivenciadas em solo americano. Esta Memória é parte substancial da identidade de um povo, tem por objeto denunciar a verdadeira alma paulista que se faz sentir em tempo passado e presente.

**Marly Therezinha Germano Perecin**  
**Piracicaba, 2007**

**MARLY THEREZINHA GERMANO PERECIN**

**PRIMEIRO VOLUME**

**YPIÉ (MARIA DOS ANJOS)  
(1723-1767)**

## Prefácio

A Capitania de São Paulo, em meados do século XVIII, experimentava momentos difíceis. Diminuía a exploração do ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, afetando o movimento de ocupação do interior da América Portuguesa. Na verdade, os paulistas já haviam deixado de controlar algumas áreas mineradoras. As vilas e povoações da Capitania empobreciam. A Coroa de Portugal, cada vez mais dependente da sua colônia americana, procurava aprimorar o seu domínio sobre esta última, exigindo cada vez mais de seus súditos e promovendo modificações na sua estrutura administrativa. O período posterior ao Tratado de Madri foi conturbado. O acordo entre as duas Coroas Ibéricas, firmado em 1750, reconhecia os direitos de Portugal sobre as terras a oeste do meridiano de Tordesilhas, mas as tensões continuaram nas regiões fronteiriças com os territórios espanhóis. A expulsão da Companhia de Jesus do Império Português e o ataque às missões tornaram o quadro ainda mais dramático.

Durante várias décadas, os conflitos foram frequentes e os paulistas viviam a expectativa de uma grande guerra no Cone Sul. Como sempre, eles se empenhavam em desbravar os sertões e capturar índios, atividade cruel que alimentava o mercado de escravos da Capitania. Os rios eram decisivos em todas as operações, pois viabilizavam o movimento de pessoas e mercadorias, oferecendo os recursos indispensáveis.

Eis o contexto no qual Marly Therezinha Germano Perecin ambientou a aventura de Ypié, filha das margens do rio Piracicaba. Os episódios narrados nesta obra são janelas pelas quais podemos vislumbrar a história da Capitania de São Paulo. Fundamentada em rigorosa pesquisa documental, a historiadora se transforma em romancista para apresentar o Vale Médio do Tietê em meados do século XVIII. Trata da vida cotidiana em uma sociedade que reunia portugueses, indígenas, mestiços e espanhóis. Não lhe escaparam os problemas econômicos do período, as relações no interior da família patriarcal, as palavras e expressões tradicionais de São Paulo antigo, os desafios da guerra. A autora não se interessa apenas pelos grandes homens, também possibilita que o leitor conheça a cultura e os sentimentos de homens e mulheres simples, o Povo. Em seu livro, confluem as grandes questões da colonização portuguesa e os dilemas de crianças, escravos, artesãos e saltimbancos. A lupa de Marly revela as desventuras de paulistas modestos e eminentes, todos sujei-

tos da gigantesca epopéia que desbravou o sertão e fundou povoações. Este romance, portanto, conta a nossa história, mas nomeando os agentes incógnitos sem os quais ela não teria se realizado.

**Luiz Francisco Albuquerque de Miranda.**

Doutor em Filosofia pela Universidade de Campinas,  
graduado em História, membro titular benemérito  
do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Piracicaba, 2007

# **PARTE I**

## **A PARAGEM**



## Viração

Já houve um tempo em que o sertão do Piracicaba aninhava todos os seres do rio, do ar e da floresta, inclusive os homens, filhos e criados pela Mãe Natureza.

Acocorada na cacimba do Desengano, Ypié repassava as memórias daquele mundo que trescalava a mato e sabia à terra molhada. O despenhadeiro das águas no Salto ainda assustava, porém, a mata já perdera o viço dos seus orgulhosos jequitibás e dos mais belos cedros. As negras pedras, por onde escoava escancarada o caudal do rio Piracicaba, permaneciam inabaláveis, afogadas no espumaréu e na neblina, desde o topo até o Vaivém; só as pedras... porque as coisas estavam rapidamente mudando.

Em 1754, por ocasião da grande cheia do Paraná e seus afluentes, Salvador Barros de Almeida, por querer evitar a monção do Tietê, arriscou-se com os seus homens pela jornada terrestre, desde a barra daquele rio Povoado até Avanhandava, donde tirou o rumo dos ventos para a Serra de Araraquara. Fugindo à pestilência das águas, caiu, por 25 dias, no sortilégio daqueles campos de inexcedível grandeza. Faltou-lhe provimento; sal e pólvora se esgotaram; as peças da escravidão que trazia desde o Camapuã, machos e fêmeas, foram-se finando pelo caminho. A Serra constituiu o último sacrifício, porque Salvador, que já vinha acuado por tamanho desvalimento, sentiu-se recompensado ao avistar a serpente do rio Piracicaba rasgando o soberbo vale.

Levado pelo próprio instinto, internou-se por matos e intermináveis catanduvras, preferindo tudo a expor-se às sezões malignas do Tietê. Descontando umas poucas onças de ouro cuiabano e pequenas moedas de cobre, sobrava-lhe alguma preia de valor incerto no mercado, cerca de vinte caiapós e dezoito parecís. Dezesete... uma cunhã estava emprenhada e decidiu deixá-la na sesmaria de Felipe Cardoso, ao pé do Salto do Piracicaba, última baliza de povoamento do Planalto Paulista. Dalí para ltu, contavam-se quatro dias pelo quase esquecido caminho aberto em 1723 pelo antigo sesmeiro, a serviço de Luís Pedroso de Barros.

— Maus tempos, péssimos negócios, nhô Cardoso — desabafava o recém-chegado, assim que foi recebido, sem muita surpresa mas, com boa vontade.

— El Rei não quer ouro nas mãos dos paulistas e Gomes Freire de Andrade deitou abominação sobre São Paulo... como é do vosso conhecimento.

— Sem mineração, adeus negócios. Os negros da terra são de pouca valia.

— São Paulo não é mais nada. Os paulistas só levam às costas o crédito dos seus antepassados e assim hão de sobreviver. Sinto estar chegando a hora de desmontar os arraiais e plantar cana para enviar serra abaixo, como fez o povo do Vale do Paraíba. Dia virá em que muito Cabo-de-guerra há de querer se passar por engenheiro, lá pelas bandas de Outu-guaçu e Santana de Parnaíba.

— Eu e meus homens somos gente do sertão, lavoura é pra quem prefere morrer na cama. Um dia, quem sabe, a coisa há de melhorar; carece de ter esperança em Nosso Senhor Jesus Cristo e na Santa Mãe da Candelária. O Capitão General não vai ficar pra semente e a injúria que consumou sobre São Paulo, há de ser reparada.

— Aí está o problema. Arrancou-nos as Minas Gerais, o Continente do Rio Grande de São Pedro e dos Santos Mártires, o litoral de Santa Catarina, o Guaiás, as minas de São Bom Jesus do Cuiabá e o Mato Grosso. Extinguiu a Capitania de São Paulo, fechou a Casa de Fundação e nos impede de sobreviver com as nossas legítimas áreas de minerar.

— São Paulo pode andar em ruínas, mas os paulistas não vão pedir água. Vosmecê, que já minerou pelos Guaiases, sabe o que perdemos. Retornar a São Paulo de mãos vazias e assumir a ingrata lavoura não é para qualquer um. Aqui, no porto de Piracicaba, parece que as coisas caminham bem, mas já vi muito Capitão-de-bandeira sem ter onde se encostar, mendigando favores de parentes.

— Quall Começo a deixar a sesmaria que recebi d'El Rei D. João V por meus legítimos serviços prestados na abertura do picadão, entre a Vila de Outu e o porto de Piracicaba, em 1723. Penso retornar para Ararataguaba. A idade já me vem aperrengando; as peças do negro da terra estão muito caras, e as roças a se apoucar. Não se ganha mais nada neste fim de mundo, muita gente fez a trouxa e voltou.

— Pretende abandonar o trabalho de todos estes anos?

— Não vejo outra saída. O dinheiro acabou, só me restam dívidas. Tirante a serraria, que acabo de arrendar ao mestre carapina Pascoal da Veiga,

sobram alguns alqueires de milho e feijão que esta pobre gente há de negociar na barra do Piracicaba. As terras desta sesmaria, que venho mantendo desde 1726, deixo aos meus credores.

— O comércio na barra com as monções de Mato Grosso ainda é lucrativo, nhô Cardoso. Ano a ano elas largam de Araraitaguaba pelo Anhembi, levando muita mercadoria.

— Hum, é coisa pouca! Ando desanimado de brigar com o desvalimento de São Paulo, e, já mofino de esperar os favores de d'EI Rei. Dantes, comi à tripa forra; hoje, cato as migalhas do banquete de Deus.

— Vosmecê é homem que sabe do que fala; concordo que a lavoura de mantimentos é tihosa e que o comércio monçoneiro decaiu na barra com o Anhembi, mas, abandonar tudo isto é puro desengano. Quanto a mim, amanhã mesmo, pego o rumo do Picadão. Não vejo a família pra mais de ano e tenho contas a acertar com o Capitão-mor.

— Ainda carregando pólvora para o rio Porrudos?

— Muita. Os castelhanos não abrem mão da Banda Oriental e da fronteira paraguaia. Destas turras com Madri, já vem morrendo muita gente, principalmente paulistas, é o que faz decair a mineração e a preia. Ficamos à mercê do diabo que dorme naquelas Cortes.

— El Rei D. José não quer ceder. Todo punho de rendas... É fácil, daquela lonjura mandar voz nos Estados do Brasil. Ah! Já são passados os tempos da grandeza do Senhor D. João V, agora, os inimigos arreganham os dentes.

— Tem muito guaicuru na cavalaria espanhola e temo por uma guerra lindeira, ateadada desde a Colônia do Santíssimo Sacramento até o Cuiabá. O gentio já está arrecuado, o castelhano vem preparando o bote contra os nossos antigos arraiais.

Filosofando, enquanto mascava o seu fumo, Felipe Cardoso concordou sobre a temeridade daqueles tempos — O que tiver de ser, nem o demô arreda.

Gomes Freire de Andrade impôs tremenda humilhação aos paulistas quando decidiu extinguir a Capitania de São Paulo, outrora verdadeiramente opulenta em terras minerais e continentais. O florescente porto de Santos se miserabilizou, enquanto as dezoito belas vilas, distribuídas na Marinha e em Serra acima, entraram a vegetar. São Paulo era uma boa cidade, mas, o que podiam valer aquele burgo administrativo e sua Câmara nativa se as ordens provinham do Capitão General, notório antagonista?

Ao alvorecer de três de abril de 1755, Salvador Barros de Almeida, apesar das boas canoas, atravessou com muita dificuldade o rio, abaixo do



Vaivém, em demanda do Picadão que, em outros tempos, varava os sertões do Piracicaba e do Capivari. A trilha aberta na mata por Felipe Cardoso, entre 1722 e 1723, ligando a vila de Itu à paragem de Piracicaba, era apenas um segmento do caminho empresariado por Luís Pedroso de Barros, o qual deveria conectar São Paulo a Cuiabá, por terra, naqueles tempos árdios da mineração – O Picadão de Mato Grosso.

Assinalando a paga pelos serviços prestados, Felipe Cardoso recebera no passado a sesmaria do porto do rio Piracicaba e ali se estabelecera com a sua gente, já em 1723, disposto a enricar. Algum tempo passado, contrariando as expectativas, o Picadão foi abandonado por Alvará de impedimento d'El Rei, dentro do propósito de evitar os descaminhos do ouro na Capitania de São Paulo. O longo trecho rasgado por Luís Pedroso de Barros, a partir do porto de Piracicaba, até o rio Paraná, entre os anos de 1723 e 1724, foi condenado ao esquecimento, perdendo-se o gigantesco esforço por incúria administrativa e falta de visão das autoridades portuguesas. Optou-se pelo interminável e martirizante caminho das águas.

O rio voltou a ser a via infalível de comunicação entre Piracicaba e Capivari. A mata se fechou, apagando os vestígios do caminho, de forma que somente os mais hábeis sertanistas sabiam tirar o rumo dos altos do Piracicamirim para o Samambaia e, deste, para o Apotribu, já próximo dos campos de Pirapitingüi, entre Itu e Sorocaba. Qualquer desvio para as bandas do morro do Enxofre montava armadilha perigosa que acometia ao traçoeiro sertão de Wutucatu e seus abantesmas.

Naquela mesma madrugada, num tejuapar erguido próximo do Tapirimirim, que desaguava na Lagoa das Almas, no centro da sesmaria de nhô Cardoso, nasceu uma criança do ventre da pareci recém-chegada. O choro forte despertou a curiosidade das cunhãs que se apressaram a chamar Inhalabê, a velha puçanguara da nação caiapó, que, imemorialmente, detinha o segredo das ervas e das rezas. Há quatorze luas não vingava uma menina em Piracicaba e era sabido que Inhalabê aguardava uma sucessora a quem deveria ensinar os segredos dos antepassados com as ervas e desenvolver os dons da magia para o bem.

Fez-se pesado silêncio, quando a estranha criatura penetrou o tejuapar. Muito magra, voz esganiçada, cabelos encanecidos amarrados na nuca com embira, cachimbando plantas aromáticas, foi entrando sem nenhuma cerimônia, olhos fixos na criança. Examinou-a, cuidadosamente, buscando-lhe os sinais identificadores nas plantas dos pés, nas mãos e no peito. Percebia-

se-lhe o corpo estremecer sob o fôlego pesado, a garganta entrecortada por palavras sagradas em língua nativa. Satisfeita, cortou o cordão umbelical da criança com os próprios dentes, esfregou sarro de pito na ferida que cobriu com folhas de acariçoba. Finalmente, tingiu-lhe a testa de vermelho com pasta de urucum, e, tomando-a nos braços, apresentou ao grupo a herdeira da sua sabedoria. Incontinenti, ouviu-se o pranto estridente das carpideiras acompanhando as batidas rituais com que golpeavam os seus próprios ventres em honrosa capitulação.

Durante vários anos, mãe e filha viveram das roças de milho e feijão, dos frutos da mata e do rio. Quando Felipe Cardoso de Campos, decidiu abandonar a propriedade em definitivo, carregando para Ararataguaba a maior parte dos agregados e escravos gentios, mestre Pascoal assumiu todos os direitos sobre a oficina das serras e o pequeno estaleiro das canoas. O senhorio da bela sesmaria do porto de Piracicaba passou ao sobrinho do primeiro donatário, Francisco Cardoso de Campos, mercê de uma dívida de duzentos e poucos mil réis. Tanto investimento perdido! Desencantado, Felipe Cardoso tentaria esquecer as velhas mágoas, bem longe de Piracicaba, na maior pobreza e humilhação.

Todavia, chegavam pelo rio comerciantes de madeira e gente interessada em adquirir as famosas embarcações monóxilas que ainda saíam do porto do rio Piracicaba. A meio daquela desolação e brutal decadência experimentada pela terra paulista, os Campos de Araraquara permaneciam no conhecimento de alguns sertanistas. A fim de por-se a salvo das colossais enchentes que costumavam ocorrer a cada dois ou três anos, Salvador Barros de Almeida e os seus cabos de guerra arrastavam por ali o comboio da bugrada que preiavam nos sertões de Mato Grosso e Guaporé. Era deles a chave do segredo daqueles dilatados campos.

Fisionomia fechada, chapeirão, véstia acolchoada e botas de couro de anta, Salvador Barros de Almeida era nome respeitado nas reduções da fronteira castelhana, particularmente, naquele mundo bravo do Pantanal e dos caxambus matogrossenses. Nos anos de forte pestilência devido às cheias, empreendia a varação dos Campos de Araraquara até o porto de Piracicaba, descrevendo um gigantesco meio arco, em busca dos vestígios do Picadão para Capivari e, deste, para Itu. Levava aquela vida de paulista prático do sertão, sempre afeito a sair por aí e, se possível, rasgando mortalhas nas fronteiras d'El Rei.

Pagava o seu preço. Curtindo o cansaço da longa travessia e as refregas da empresa, antevia como um bálsamo a chegada à antiga sesmaria

de Felipe Cardoso. Invariavelmente, demonstrava satisfação a cada oportunidade em que a mãe pareci lhe apresentava a pequena Ypié das águas do Salto do Piracicaba.

— Nome de flor, não! Esta cabeça abençoada há de ser Maria dos Anjos, para que Nosso Senhor Jesus Cristo a proteja em seu Santo Espírito.

Em maio de 1760, numa fria noite de chuva, nasceu no mesmo tejupar um curumim desta mesma linhagem. Se Ypié tinha cabelos claros e olhos esverdeados, Muni saíra à mãe, com tez queimada. O pai, que só veio conhecê-lo quase dois anos mais tarde, proibiu-lhe o nome indígena.

— Este varão da casa dos Barros de Almeida será chamado Tomás.

Num domingo de novembro, pouco antes da partida, Ypié misturou-se entre o pessoal da bandeira e, timidamente, procurou-lhe a mão para beijar.

— Bença...

— Maria dos Anjos!

Aquela voz grossa acompanhava o gesto inusitado do carinho paterno, a áspera mão deslizando-lhe sobre os cabelos... Ypié pressentiu algo nefasto, certa fereza que a fez temer. Ainda ouviu-lhe as últimas palavras dirigidas a mestre Pascoal.

— Dentro de algum tempo, mando buscar os meus dois filhos neste sertão de Piracicaba.

— Num quero! — Desafogou-lhe o medo na garganta, deitando a correr, antes que força maior a retivesse. — Num quero í!

Esgueirando-se no meio daquela gente desconhecida, ficou contemplando o pai à distância. Os limites da sua pequena existência circunscreviam-se às águas do rio Piracicaba, entre o Bongue e o Salto. Raramente caminhava acima dos roçados, na cabeceira do Tapir mirim, ou atravessava o rio para a banda fronteira, onde Inhabê preparava as suas mezinhas. Dentro da comunidade decadente de roceiros mamelucos e escravos índios, Ypié participava do mutirão diário pela sobrevivência, sendo-lhe familiares as tarefas agrícolas, a pesca e a fiação na roca. Brincava com Tomás, repetindo-lhe as cantigas das cunhãs e algumas rezas caiapós. Tudo o que extrapolava o seu universo nativo metia-lhe medo; não desejava apertar-se de Piracicaba.

A oficina de mestre Pascoal era mundo à parte, que observava com extrema curiosidade, seja no que dizia respeito à execução dos misteres, seja quanto às histórias que ouvia contar sobre as suas aventuras nos Campos de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba. Frequentemente, dava asas à imaginação, tentando compreender as pessoas importantes como o seu pai e

as sizudas mulheres, que, segundo lhe contaram, usavam pesadas roupas e longas mantilhas a escorrer das cabeças aos pés.

No interior de uma sesmaria paulista, a organização do trabalho nem sempre se baseava na divisão dos sexos. A escassez de homens e de escravos submetia as mulheres e as crianças à caça, à agro-pecuária, à cestaria, à cerâmica e ao preparo das farinhas. Ypié fazia roça ao lado da mãe, cevava as capivaras e os caitetus, assava os beijus de milho e espremia a pasta da mandioca no tipiti.

O trabalho tinha as suas compensações: dormia na rede um sono de pedra, ao lado de Tomás. Nas manhãs de sol, o seu despertar era saudado pelas corruíras e pela algazarra dos tico-ticos saltitantes no chão batido do tejuapar. Se chovia, permanecia na rede e a mãe pareci lhe trazia leite de cabra com beijus. Quando fazia muito frio, aquela acendia um fogo esperto para aquecer-lhe os pés e assava raízes. Enquanto a mãe pareci lhe ensinava a sobreviver, a caiapó, Inhalabê, lhe comunicava as magias e as mezinhas.

Nas tardes quentes gostava de sentar-se próximo à Lagoa das Almas para apreciar o canto dos pássaros e o espelho das águas. Dos fundos do roçado chegavam os sons desarticulados da serra, do trançador e dos macetes manejados com força pelos oficiais e aprendizes de mestre Pascoal. Ao lado, deslizava macio o caudal do Piracicaba, em seu bom viver.

Ainda mal se sustentando nas pernas, o menino Tomás arriscava os primeiros passos no terreiro; às vezes, caía, outras, chorava. Ypié, que sabia amar, tomava-o no colo, afagava-lhe a cabecinha e imitava os pios dos passarinhos: curió, sabiá, papa-capim, tziu.

Com as pesadas chuvas de novembro de 1761, a Lagoa das Almas transbordou e o mato cresceu, enormemente, estendendo-se até a oficina de mestre Pascoal. Começaram a subir o rio os troncados jáús e os pintados, preparando a piracema de dezembro, quando o espetáculo ficava por conta dos magníficos dourados junto ao Salto do Piracicaba. Aquelas fartas águas prenunciavam outras tantas inundações, entre os meses de janeiro e março, bem como o retorno do comboio do Capitão Salvador Barros de Almeida pelos Campos de Araraquara.

Ao meio-dia parou de chover. Ypié distraiu-se a observar as rolinhas e os bem-te-vis, enquanto Tomás distanciou-se um pouco, a divertir-se, atirando seixos na lagoa. Dentro do capinzal, algo deletério pôs-se em movimento silencioso; corpo volumoso, longilíneo, brilhante e viscoso, rastejante. Olhos fixos na criança, derrubou-a de um golpe, enlaçando-lhe as pernas.

No primeiro instante, Ypié não entendeu o brado da mãe. Unicamente, o choro do irmão atraiu-a para a lagoa, onde se defrontou com o terrível. Aí, o coração pôs-se a bater-lhe descompassado, a querer saltar-lhe no peito.

A pareci atirara-se sobre o maligno e lutava com ele para resgatar-lhe a presa. Após muito esforço, conseguiu desvencilhar as pernas da criança, mas enredou os braços. Sentindo o anelo esmagador, gritou para a filha e, enquanto afastava Tomás com as pernas, era, por sua vez, enlaçada pelo viscoso apavorante.

Olhos esbugalhados ante a cena que se desenrolava a seus pés, agarrada a Tomás, Ypié não sabia como proceder. A mãe gritava-lhe que se afastasse e, a cada momento, a luta parecia-lhe desigual. O chão, amaciado pela chuva, cedia ao impacto dos corpos espremendo-se, contorcendo-se; virava lama escorregadia, e, o que lhe parecia pior, facilitava a descida para a rampa de acesso à lagoa.

Ypié colocou a criança em seguro e gritou por socorro ao redor dos tejupares, mas, ninguém lhe acudiu ao sofrimento; o ruído das serras de mão e o estrepitar dos martelos abafaram-lhe os rogos, triturando gritos, soluços e ais.

A pareci tinha parte do tronco e braços imobilizados, a cabeça prensada sob os anéis do maligno; debatia-se, conseguindo, às vezes, escapar o braço esquerdo, enquanto os músculos da perna se retesavam buscando apoio no solo que cedia. De repente, começou a gemer e a se entregar, demonstrando que as forças já se lhe esgotavam.

Não tendo em mãos nada com que pudesse fender aquela massa, Ypié desejou ir buscar socorro na oficina distante, mas o temor a paralisava. A mãe ia aos poucos cedendo; ainda gemia, quando os corpos resvalaram em direção à água. O maligno adquiriu súbita velocidade e, com inopinada violência, mergulhou com a presa, percebendo-se a brutalidade dos movimentos dos dois seres ainda se debatendo no lodo, revolucionando as águas que se abriam em círculos, até que estes se fecharam para sempre, ocultando o mistério nas profundezas da Lagoa das Almas.

O ser viscoso reintegrava-se à própria natureza e uma chuva fria voltou a cair. Vez por outra, afloravam bolhas e novos movimentos d'água irrompiam na superfície lamacenta. Pesado silêncio e forte viração procedente do lado do rio alimentaram o terror que calou a garganta enrouquecida. Ypié deixou-se ficar, pernas a tremer, enquanto a chuva se reforçava em bâtega, desatando o temporal.

O ocorrido só chegou ao conhecimento das cunhãs no dia seguinte, quando estas deram pela falta da pareci na roça. Não havendo outro remédio,

as crianças passaram-se aos cuidados de Inhalabê, indo morar na outra margem do rio Piracicaba, até que, em futura monção, o Capitão Salvador Barros de Almeida as levasse para a vila de Outu-guaçu.

Mestre Pascoal contratiou-se, mas, o que poderia fazer um homem sem esposa, com serraria, estaleiro e escravos para administrar? Passou a atravessar o rio, semanalmente, carregando na canoa algumas farinhas, umas poucas mãos de feijão, gordura e sal.

# 2

## Puçanguara

Inhalabê não plantava roça. Vivia tão somente da coleta da natureza, a manipular ervas, a temperar mezinhas, passando a maior parte do ano no interior da loca de pedras, junto ao Salto do Piracicaba, onde mantinha um fogo permanentemente aceso. O caudal deslizava ao lado, com violência, articulando sons assustadores, e, não raro, evoluindo forte neblina que se esgarçava em arco-íris. Um pouco acima, o estrado pedregoso e o barranco formavam uma bacia pouco profunda e mansa, onde se podia nadar e apanhar peixes com o tipiti ou com as próprias mãos.

A margem esquerda era mais abundante em caça e frutos silvestres, bastava colher o banquete da natureza. Possuía os seus mistérios e locais proibidos da tradição tupi. Adiante da loca ficava o cemitério indígena e, no alto do primeiro espigão, a caverna dos espíritos por onde Inhalabê afirmava que se podia chegar ao centro da terra, passando por baixo do rio Piracicaba e da Serra de Araraquara.

Inhalabê possuía hábitos estranhos. Apesar da idade, caminhava ágil pela mata, nadava e atravessava o leito do Piracicaba sobre a itaipava do Vaimém, apoiando-se nas pedras e saltando com vara sobre o canal. O rio não lhe tinha segredos, conhecia uma a uma as passagens do talvegue, o seus baixios, corredeiras, jupiás e o poção enfeitado. O prazer de brincar com as águas, de quem se dizia filha, ela comunicava a Ypié e a Tomás. Assustador para os demais, nas cheias ou nas estiagens, o Salto era-lhe brinquedo de criança, para ser amado, nunca reprimido; censurava-lhe as manhas, louvava-lhe a força, o misterioso véu da sua neblina e o formidável estrondo. Até, guardava-lhe o sono, porque o Salto costuma dormir, em absoluto silêncio, por alguns segundos, uma única vez ao dia. Coisas acontecem neste momento cósmico! Quem sabe desse mistério, aproveita-lhe o encantamento.

Ensinou Ypié a consolar-se com o rio Piracicaba, cujo destino era correr, eternamente, em busca da Mãe das Águas, distante muitas luas e perdida no Rio da Prata.

Em certas ocasiões, Inhabê caía em profunda letargia no interior da loca de pedras, noutras, proferia palavras estranhas, espumava pela boca e se debatia para, logo em seguida, atravessar o rio e atender aos necessitados. Os agonizantes esperavam que ela os acompanhasse em seus primeiros passos, além do mundo das trevas, enquanto os que tinham salvação, estes, conheciam o poder das suas ervas e das suas mágicas recitações.

Apesar de respeitada e temida, mestre Pascoal chamava-a de feiticeira caiapó e não lhe dava falas, perseverando na sua fé católica e na decisão de entregar as crianças ao verdadeiro pai, quando este retornasse pelos Campos de Araraquara. Estava convencido de que era chegada a hora de impedir que filhos de cristão crescessem como bichos do mato nas mãos de uma velha bruxa. Porém, a estação invernososa chegou e as crianças permaneceram do outro lado do rio.

Barbosa costumava aparecer no estaleiro, de tempos em tempos, proveniente da Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraitaguaba, para fechar negócio com os lenhos de ximbaúva e alguns batelões apetrechados com os quais empresariava a armação das expedições monçoneiras para Cuiabá. Era gente séria e estava nesta vilegiatura desde 1750, apesar da decadência da navegação no Anhembi e no Paraná. A corrida aurífera arrefecera, o caminho novo por Goiás levava vantagem sobre os rios, mas ainda se mantinha a comunicação com o Centro-Oeste. As expedições que armava, entre os meses de maio-junho, quase sempre chegavam intactas ao seu destino, a Vila do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, porque aprendera com os seus parentes a tratar a ferro do facão e a fogo do trabuco os atrevimentos do gentio, fossem os bilreiros do Pardo, os guaicurus do Taquari ou os bororos do Cuiabá. Fala mansa, só com os parecis. Não dando para enricar, logo trocou as viagens pelo estaleiro, mais os negócios naquele grande porto monçoneiro do Tietê.

Era moço inteligente e sacudido. Tinha a seu serviço gente conhecedora das artes da construção de todo o tipo de canoas para a singradura dos rios da bacia platina, especialmente, as naus ligeiras e compridas — os famosos canoões paulistas, práticos para o comércio no Centro-Oeste, e os batelões de carga pesada. Naqueles meados do século XVIII, começavam a rarear as madeiras preciosas da construção naval, bem como os troncos gigantescos da mata ciliar que se estendia ao longo dos rios afluentes do Tietê e do Capivari. O Piracicaba passava a ser procurado para a devastação ecológica e o pequeno estaleiro, mantido por mestre Pascoal na serraria arrendada aos herdeiros do Cardoso, passava a suprir as necessidades monçoneiras quanto às embarcações de grande porte. Voltava a ser procurado o porto do rio Piracicaba!



A visita do Barbosa era sinal de bons negócios. No final da entabulação, mestre Pascoal confiou-lhe uma pesquisa sobre o paradeiro de Salvador Barros de Almeida e uma embaixada junto ao Capitão-mor da vila de Itu a respeito da sorte dos filhos daquela linhagem em pleno sertão do Piracicaba. Havia pouca esperança, pois corria a notícia de que os Barros de Almeida engalfinharam-se com os castelhanos na disputa de um território mineiro na linha meridiana e deles muito pouco se ouviu falar em Camapuã onde, forçosamente, vinham ter as notícias trazidas pelos mais remotos comboios. Cobia esperar, até a virada da próxima estação monçoneira.

Corriam boatos alarmantes sobre o Sul dos Estados do Brasil e o Prata, achando-se os respectivos governos diretamente envolvidos nas disputas entre as duas Coroas Ibéricas, Portugal e Espanha.

Não satisfeito com os resultados da Guerra dos Sete Povos das Missões, Gomes Freire de Andrade, que já era tido por carrasco guarani e demolidor dos paulistas, contrariou definitivamente o Tratado de Madri (1750), deixando de entregar aos castelhanos a Colônia do Santíssimo Sacramento. Em contrapartida, o General Cevallos ocupou aquela praça, varrendo a dominação portuguesa do Continente do Rio Grande de São Pedro até o quartel do Rio Pardo. Perigaram fortemente o Viamão e as Vacarias gaúchas, temendo-se pelo planalto interior, acessado pela Serra de Lajes, pelo Sudeste e pelo grande porto do Rio de Janeiro.

Em 1764, Ypié completava dez anos de idade e o seu corpo começava a apresentar as primeiras transformações da adolescência. Sempre gostara de sonhar, mas, agora, ensaiava alguma crítica sobre o mundo a que pertencia, estranhando a dureza com que mestre Pascoal tratava os seus índios na oficina. Começava a entender o ar de felicidade com que Inhabê cerrava os olhos do gentio da terra e os cantos guerreiros caiapós que entoava ao costurar-lhes a rede junto ao corpo. Aprendeu cedo que raça vencida não tinha direito ao pranto.

A comunidade estabelecida junto ao porto de Piracicaba experimentava grandes dificuldades materiais, desde a partida de Felipe Cardoso, o sesmeiro. Mal administrada pelo sobrinho que, após algum tempo, também acabou se retirando, mergulhou em profunda decadência. As poucas famílias de caboclos e escravos índios teimavam em subsistir, porém, o feijão das secas e o das águas, plantados nas roças das terras altas, nem sempre garantiam fartura. Milho, farinhas e criação podiam proporcionar bons negócios na barra do Piracicaba com o Tietê, mas, arriscava-se a uma viagem fluvial penosa e a ficar dias inteiros à espera das expedições saídas de Araraitaguaba. As necessidades

assistenciais de pároco, ou de sal e pólvora, exigiam jornada mais dilatada, forçando a navegação contra-corrente no rio Tietê até aquele porto e, conforme a precisão, mais quatro léguas e meia terrestres para Itu.

A outrora florescente sesmaria estiolara-se nas mãos do sucessor, Francisco Cardoso de Campos. Naquele isolamento do porto de Piracicaba, os poucos cristãos ressentiam-se da falta da religião. Era raríssimo aparecer missionário nos sertões capacitado de altar portátil para rezar missa, fazer casamentos e batizados, só mesmo no tempo de nhô Felipe Cardoso. Muitas crianças nasciam e morriam pagãs. Certos caboclos assumiam hábitos inteiramente indígenas e diversas famílias descontentes haviam preferido abandonar todos os haveres, regressando com a roupa do corpo para Araraitaguaba ou Itu, onde acabaram sucumbindo à miséria e à degradação.

Em 1765, a decadência da terra paulista repercutia no mais íntimo do sertão. Ao longo do Tietê, até a sua barra no Paraná, podia-se encontrar quilombos, trânsfugas da lei, apóstatas e desertores vivendo em sítios volantes, nunca povoamentos estáveis. A outrora florescente sesmaria ao pé do Salto do Piracicaba arruinou-se em definitivo, sobrevivendo-lhe apenas os mais recalcitrantes.

Ypié jamais retornou ao tejupar da Lagoa das Almas. As cunhãs amaldiçoavam o local, toda a vez que o maligno arrastava bezerro ou cabra que se aproximavam d'água para se dessedentar. Mestre Pascoal e seus homens varejaram os seus rastros, desde o brejo até o rio, várias vezes, à procura do monstro, acabando por desistir depois que Inhababê os advertira que o mal podia ser inteligente e tomar outra forma, não raro, ser belo e fascinante.

Não aquele!

Os casos de magia e sedução da tradição oral dos tupis-guaranis particularizavam o homem branco que iludia as donzelas e os rapazes com promessas de falsa felicidade, selecionava os melhores, e, à noite, roubava-lhes a vida, sepultando os corpos sob a pedreira assombrada do Bongue. Inhababê assegurava que o maligno podia ser visto a qualquer hora do dia nas cercanias do morro do Enxofre, podendo aparecer à noite na primeira curva do rio, quando espreitava a gente da sesmaria de Felipe Cardoso. No passado, extinguiu as tribos tupis naturais do sertão piracicabano, e sentenciara a tragédia dos caiapós, quando estes tentaram descer a Serra de Araraquara para o vale do Piracicaba.

Ypié não temia o Bongue, o poço enfeitado ou as águas violentas do Salto, mas o Brejo da Lagoa das Almas alimentava-lhe o terror pânico daquela tarde. Vez por outra, escutava os gemidos da mãe pareci sob os anelos do

maligno, fechava os olhos e este deslizava a seus pés, molemente, viscoso e brilhante, ameaçando arrebatá-la. Naqueles momentos, Inhalabê servia-lhe a infusão aromática das favas de muirapaié com raiz de canjerana, em dose suficiente para que, dentro de alguns minutos, pudesse mergulhar na escuridão repassada de sombras, que rompia, alçando-se, em brilhantíssima claridade, até as vertentes da Jaquamimbava, onde fartas águas formavam os muitos rios. Estranha e deliciosa leveza permitia-lhe flunar para o poente, como os gaviões e as águias, sem constrangimentos de espaço ou barreiras temporais, permanecer na imponderabilidade e, muito lentamente, ir-se reintegrando à coerência dos próprios pensamentos. Despertava refeita, deixando-se atrair pelo canto dos passarinhos, pelo martelo do sapo ferrador e pelos odores das ervas medicinais. Se rebuscava a memória, tão longe quanto podia alcançar, acabava por confundir as imagens dos homens de Salvador Barros de Almeida com os bugres acorrentados, dentre os quais divisava a própria mãe pareci e rostos caiapós. Acordar era um ato diário de coragem para assumir o trágico sem se deixar sucumbir.

Naquele ano de 1765, a forte friagem de maio-junho antecipou a substituição da loca de pedra pela clareira aberta no topo da primeira colina. Do Pau de Açoita-cavalo, ereto na barranca do rio, ao Piracicamirim, pelo aclive do rumo norte-sul, persistiam alguns sinais remanescentes do Picadão de Mato Grosso que Inhalabê conservava, porque era local da sua eleição para a coleta de ervas preciosas. No alto da clareira, junto à trilha, no trecho compreendido entre o rio Piracicaba e o córrego Itapeva, construíra um tejupar com ceveiro de pássaros e, ali, passava dois a três meses do ano, os mais danosos do inverno, evitando a perigosa umidade à beira d'água.

Da farmacopéia do sertão, extraía pós e poções milagrosas para quase todas as enfermidades, a partir das centenas de plantas nativas, mediante a utilização das cascas das árvores, das raízes, das folhas, dos frutos, do látex ou dos rizomas. Era arte e conhecimento indígena da nação caiapó que Inhalabê assimilara e guardava ciosamente. A fase da coleta era precedida por abstinência rigorosa de alimentação carnívora, por ritual de purificação no rio e orações, estabelecendo-se a comunhão com os espíritos dos antepassados a partir do momento em que ela se instalava na clareira. Para o maior rendimento das plantas medicinais, a coleta devia acontecer nos meses sem R, entre maio e agosto, de preferência na mingunte. Ao recomeçar o verão, propiciatório das chuvas que abriam o seu dilúvio sobre o imenso vale, as mezinhas apareciam na loca de pedras para atender as sezões malignas, corrução ou maculo, as feridas bravas, os males do peito e, até, a apavorante morfêia trazida pelo branco.

A iniciação de Ypié nas artes mágicas e na prática curativa envolvia um longo aprendizado e uma eficaz diferenciação das espécies medicinais. O pouco que cura e o muito que mata, corriam parelhos, dependendo do critério do manipulador, do exercício da sua habilidade de herborista, em horas certas e em lua marcada. O poder da cura era a vingança sobre a morte em conluio com os espíritos benignos dos antepassados; a intervenção daqueles sacralizava o mediador, sem isentá-lo dos sofrimentos da vida terrestre. Fazer o bem e sofrer...

O exercício da arte de curar exigia pureza de coração. O maligno espregueitava eternamente: poucas gotinhas do perfumado extrato do muirapáié arrancavam a pior das dores físicas; um gole, paralisava os membros e o coração em poucos minutos. A predestinada puçanguara, aos poucos tornava-se a sacerdotisa das plantas medicinais para o dom da vida e para o bem. Ypié aprendia a reconhecer os preciosos espécimes da flora de Piracicaba, a utilizar-se corretamente das suas propriedades e a proferir as palavras sagradas em língua nativa, experimentando enorme satisfação em conhecer-lhes os segredos.

Os rizomas macerados do caiapiá cortavam os piores venenos, inclusive as picadas de cobras; na falta daqueles, serviam como alternativos o cipó de cassau e o urubu-caá. Para as doenças de pejo do homem e da mulher, tinham propósito as raízes da butuá e do buranhém. Das inocentes congonghas e salsaparilhas à gama cromática do urucum, decorria um meticuloso aprendizado. As rezas eram mais fáceis...

— As bruxas já nascem de miolo mole! — comentava mestre Pascoal em tom de assuada. — Pra que contrariar, se dá certo nos causos de mezinha curadeira?

A inocência guardava a virtude e Ypié bebia na fonte do bem e do mal, sem deixar-se tocar por este. O sertão do Piracicaba era o seu universo, deixava-se enlevar por ele, vivendo os seus dias em fértil aprendizado. Crescia em graça e inteligência, guardando as simbologias em seu coração de menina.

A clareira era espaço propiciatório para a coleta de riquíssima flora alimentada pelos numerosos veios d'água provenientes das duas vertentes do espigão. Na descida para o Itapeva, já se avistavam os enormes bandos de capivaras pastando nas duas margens ou ruminando sobre as imensas pedras, onde disputavam espaço com os anus e animais de pequeno porte. A caça abundante nas colinas ao redor mantinha os jaguares à distância da clareira, porém, o seu resfolegar era pressentido no cair da tarde pelos bugios e as baitacas que alardeavam. Inhalabê espalhava o pó nauseabundo de coifa do diabo nas imediações do tejuar e dormia sossegada, agasalhando-se com as crianças sob a pesada curucuxá.

Não era raro no inverno ocorrerem as noturnas tempestades da Serra acompanhadas de raios e trovoadas de incrível violência, causando forte enxurrada na trilha do Picadão, que se rompia em grotas e socavões, provocando estragos na galharada das árvores centenárias. Geralmente, o dia acordava límpido alimentando a vida que emergia da destruição da véspera, após a passagem da água pelos escoadouros naturais em direção à grande calha do rio Piracicaba.

O ribeirão Piracicamirim cortava autêntica floresta, viveiro de pássaros e de ofídios, desde a nascente, até o saltinho, quando mergulhava na mata ciliar do rio Piracicaba. O interflúvio do Piracicamirim e do córrego do Enxofre constituía a delimitação de um excelente *habitat* natural, atravessado bem ao centro pelo Itapeva. Um dia tudo aquilo fora chão de bugre; hoje, era mundo extinto. Inhalabê conhecia os seus cemitérios, os seus depósitos de material lítico e os misteriosos sinais deixados nas grutas da Serra, nos afloramentos diabásicos à beira rio e no interior da loca de pedras. Especulando-se as causas da hecatombe, a caiapó tergiversava entre duas cachimbadas, a garganta emudecia, o peito arfava. Da indiscrição das cunhãs, salvava-se o intrigante desafio:

— Foi o maligno, vestido de santo homem!

Nas estiagens de inverno, costumava-se facilmente vadear o rio Piracicaba sobre a grande itaipava do Vaivém, porém, naquele ano de 1765, chuvas prematuras, ocorridas nas cabeceiras, provocaram inundações junto ao porto. Ao baixar das águas, grassou a pestilência na margem direita entre os índios e os mamelucos da serraria, matando sem distinção, após sintomas galopantes. Pela primeira vez, mestre Pascoal reconheceu de público os méritos de Inhalabê, mandando-a buscar na clareira por intermédio do Curiango. Este atravessou o rio a contra-gosto, tenso, como se fosse entrevistar-se com o anti-Cristo. Subiu a rampa do Picadão, ligeiro e desconfiado, facão na cintura, prevenido contra as muitas versões correntes sobre a velha bruxa caiapó. Pés descalços, matreiro, aproximou-se do tejupar sem ser pressentido pelas crianças, mas, arregalou os olhos e escancarou a boca de poucos dentes ao receber a baforada narcótica que lhe fez bambejar as pernas.

— Valei-me, minha Nossa Senhora do Rosário!

Em pouco tempo puseram-se a caminho, pesadamente carregados de embornais, descendo para o rio. A canoinha de Curiango atravessou valentemente as águas, ora no remo, ora no varejão, desviando-se dos destroços puxados pela possante correnteza. Foi assim, até embicar no velho porto de Piracicaba.

Dava pena constatar tamanha consumição; até os animais que se aproximavam da água, caíam desfalecidos na rampa que acessava a serraria. Um

odor nauseabundo exalava dentre as moradas, misturando-se aos destinos daquilo que já fora um florescente estabelecimento em mãos do antigo sesmeiro, Felipe Cardoso.

Ao passarem pelo telheiro, deram com os corpos de diversos moradores em adiantado estado de decomposição e alguns agonizantes, aos quais as mezinhas nada puderam fazer. Mestre Pascoal e três bororos conseguiram escapar a duras penas.

— Ave Maria, cheia de graça!

As epidemias demolidoras que acometiam a beira-rio, após as enchentes, provocavam razias populacionais, desde os tempos da sesmaria. Contra o mal galopante sobre a morte, sem remédio, ninguém ousava investir. As crianças e os mais despreparados sucumbiam ao primeiro golpe, enquanto os mais entijecidos eram postos a servir de coveiros, uns dos outros, na mais atroz consumição.

A sezão maligna invernosa era tão rara quanto violenta. Uns eram postos a tremer, olhos esbugalhados, febre altíssima; nem todos, porquanto outros regorgitavam matéria pútrida e tinham as pupilas amarelecidas, sucumbindo após cinco ou seis dias. Os corpos se amontoavam nas covas sem que nenhum apóstolo subisse o rio para encomendar os moribundos e os mortos-vivos da hecatombe.

— ...agora e na hora da nossa morte...

Indiferente às emoções cristãs, Inhalabê ateou fogo nos tejupares e no capinzal, carregou os sobreviventes para a loca de pedras e serviu-lhes das suas poderosas congonhas. Homens saídos das presas da morte deixaram-se benzer com o tição fumegante, ainda aterrorizados. Observando a devastação do incêndio, que nulificava os despojos e as primitivas construções de Piracicaba, o caboclinho Curiango reconheceu-lhe a prudente sabedoria.

— Pelo Santo Lenho! O maligno carecia de purificação!

# 3

## A Mesopotâmia Paulista

— Desmancha na ré, solta o varejão, Traviru.

A cada sinal de embarço na expedição da diligência sobre as águas, coordenavam-se todos os esforços. Navegação fluvial pode ser traiçoeira, se os segredos do rio são mal interpretados.

— Puxa bem pro meio da corrente, mais... mais. Tá bom. Força nos remos, agora!

À primeira batida de mestre Pascoal com o calcanhar na madeira da proa, corresponderam uníssonos os remos n'água, repercutindo aquela sonoridade característica da maréação: bam... tchá, bam... tchá..., ininterruptamente, cadenciando o ritmo. O proeiro e os dois remadores aproveitaram a força do caudal em tempo das águas de dezembro, embicando na direitura do seu rumo como uma flecha, sem que houvesse tempo para as últimas despedidas. Ajoujada à popa, a canoa reserva seguia abarrotada de víveres e trens de viagens.

Ypié e Tomás iam bem acomodados entre os carregamentos, protegidos pela alta bordadura e pelo teto de algodão encerado. Enquanto lhes podia ver e falar, Inhalabê permaneceu no barranco, exorcizando os caprichos do rio, voz esganiçada varando a neblina com as últimas recomendações, até que o seu vulto sumiu na primeira curva.

Havia pouca luz, uma névoa espessa ocultava as duas margens. Naqueles tempos de cheia, advinha enorme perigo dos troncos que desciam boiando, enroscados a matos, bichos mortos e imundícies, causando estragos nas embarcações. Era risco calculado, porque mestre Pascoal escolhera partir em sigilo com o objetivo de evitar os transtornos do passo do Bongue, logo abaixo.

Naquela sinistra penedia, o canal se apertava, obrigando a navegar quase rente da margem esquerda. Vez por outra, rolavam descomunais blocos de pedra, pondo em risco o livre fluxo do rio. Era o fenômeno de que se aproveitavam os malfeitores, ali capitaneados por um tal de Tetegüera, criatura de tez acobreada, meio índio, meio negro, dotado de vastíssima cabeleira eriçada, de um crespo miudinho e avermelhado. Tratava-se de um sarassará dos

piores, prófugo das monções de Araraitaguaba e degredado por Itu, que ali se acoutara em companhia de outros facinorosos sobre os quais exercia cerebrina liderança.

A respeito daquele grupo corriam boatos sobre malfetorias e rituais de pesada magia. Costumavam atacar as embarcações que subiam o rio Piracicaba em busca do estaleiro construído junto ao porto, com o intuito de roubarem-lhes os carregamentos e matarem os tripulantes. Bastava um tiro de arcabuz para precipitar desmoronamentos da pedreira sobre o estreito barranco, à semelhança de um dia de juízo! Aproveitando-se do desarvoramento dos viajantes, atacavam, saídos em canoínhas que deixavam rebuçadas nas grotas da ribanceira destra.

Barbosa já se entreverara com eles em diversas oportunidades, dispensando-lhes o mesmo trato que reservava aos bilreiros caiapós do rio Pardo, ou seja, fogo de mosquetaria! Comeram deste manjar na última refrega, os estragos eram ainda visíveis nos orifícios do barranco. A pestilência com a solicitude das parcas ali também completara o seu officio. Não obstante, era de bom alvitre evitar qualquer aproximação.

Tetegüera já concertara negócios com mestre Pascoal e o tratamento fora de respeito. Acrescente-se que ficara lhe devendo pequeno favor, cuja cobrança podia postergar-se. No presente, convinha passar pelo Bongue a meio da neblina, ocultamente, confiando na sorte e na força dos remos. Salvo... Naquele mesmíssimo instante, violento puxão sacudiu a canoa, precipitando n'água os remadores, e, antes que viessem à tona, ajoujaram-se quatro canoínhas, tendo à frente o gigante acobreado.

Adiantava amostrar trabuco e chuços contra duas crianças ?

Transcorridos alguns segundos de tensa expectativa, mestre Pascoal emergiu d'água, facão na boca e furibundo. Num assomo, pulou para dentro da embarcação gritando, ao mesmo tempo para Traviru e Nhamburi que lhe vinham à esteira.

— Agarrem a canoa, mais pra riba, esforçados!

Escapados da força da corrente, os dois bugres se recolheram entanguidos de frio, mas, a postos junto à popa. Tomando ciência da completa segurança dos seus, ainda a escorrer água das vestes, mestre Pascoal aprumou-se no estrado da proa, encarando o Tetegüera.

— Homessa!

— Mecê podi passá, nos causo d'intregá as arma.

— Que armas, homem de Deus! Se tivesse fogo já me havera de sapecar os vossos buchos. É de tal sorte a paga de mecê?



— Passa co'as canoa e a vida, dexa os pau de fogo.

Mal concluiu a advertência, dois sanhudos tapanhunos pularam para dentro da embarcação e revistaram toda a carga. Mexeram na farinha, experimentaram a comida com as mãos imundas, tentaram artancar as curucuxás das crianças, e, só cederam ao imperativo do chefe.

— Só as arma.

Não houve como reagir, importava sair com vida desses desconcertos.

Assim que encontraram a velha lazarina, a pólvora e as ferramentas, acenaram para os comparsas, escapulindo-se provocadoramente.

— Quero de volta o que não faz parte do trato.

Sem esboçar a menor contrariedade ou satisfação, Tetegüera ordenou aos seus homens que encostassem no barranco, liberando-se o passo do Bongue. Pouco antes de desaparecer na penedia, ainda acenou aos assustados itinerantes.

— É o cuisarruim em pessoal!

— Homessa, perdi as ferramentas. Aquela lazarina já não servia pra mais nada.

Não lhes restou outro recurso, senão parar nas Ondinhas para se desvencilharem das roupas encharcadas, antes de retomar a navegação.

Bam... tchá.

Passado o susto do Bongue, a viagem voltou a render bastante naquela manhã. Rio cheio é sempre muito perigoso, mas, as canoas deslizavam com perfeição, provocando sono em Tomás que adormeceu profundamente. Ypié não podia acompanhá-lo; doíam-lhe a separação de Inhabê e a saudade de Piracicaba, onde nascera e vivera onze anos. Gostaria de partir para a nova vida sem levar o antigo presságio com relação ao pai, e, não era sem tristeza que se despedia daquela mata ciliar de altivos lenhos. Levava de Piracicaba os segredos das mezinhas e a pureza da alma, não podendo evitar de calcular, a cada curva do rio, as léguas da separação. Se fechava os olhos, perdia-se na fantástica visão do Salto, o cheiro das águas tresandava à saudade.

Caixão e Ondinhas, Guamium, Corumbataí, Canal das Ondas, Pedra Branca e Jatobá. Nas ilhas da Sepultura e das Flechas, logradouros da antiga tradição indígena, Traviru e Nhamburi evitaram sequer olhar os jacarés das praias. Dava azar!

— Sentido! Aí vem à frente a danação do Canal Torto, um pouco mais à destra, cuidado. Passar para o varejão, sem repicar nas pedras. Puxe! Soltar a canoa; outra vez. Arrel!

Confirmando o esforço, justapunham-se os zingueiros, fazendo a serenga do Arrel!Arrel! Mãe Maria...ân Ah!

Logo mais adiante, os bororos saltaram n'água, a fim de conduzir a canoa praticamente a braços, sirgando-se por um quarto de hora. Exaustos, embicaram num barranco do final do Torto, buscando o merecido pouso e a primeira refeição da viagem. — Ân ah! Jesu...

Daqui pra frente o rio Piracicaba é limpo e bem mais seguro.

Trabalhos esforçados derrubaram o bom humor de mestre Pascoal que passou a resmungar num canto a resenha dos dissabores da manhã. Como ouviisse o corre-corre e os gritos dos dois bororos no rastro da cascavel que lhes deslizara praticamente aos pés, arrematou:

— O sertão do Piracicaba é calmo, mas não é forante de perigo. Não sou eu quem houvera de ensinar a bugres como se roça um mato e se esfola cascavel.

Tudo o que pretendia era trabalhar na ponta da caxirenguengue a palha de pitá, enquanto a comida chiava gostosa sobre as tacuruvas. Qual! Estorvado pelo reboliço com que removiam a danação e o mato ao redor do pouso, enrugou a sobrancelha cobrando o silêncio definitivo.

— Homessa! Não me importo quantas jararacas ou cascavéis estejam alveitando, é carne peçonhenta. *-Ainda sofismando arrematou:* — Talvez devesse trazer Curiango em lugar destes bororos.

Ar de desdém, conquanto desejoso de espicaçar-lhes os brios, reco-lheu-se à preciosa quietude. Não deixou conciliar o sono: o cenho franzido e o jeito com que picava o fumo eram evidências de que estava a ponto de perder a paciência. Por um triz !

À tarde, começaram os trabalhos da navegação prosseguindo-se pelo Limoeiro, Pau d'Alho, Voçoroca e Araquá, até quando a luz já dava sinal de diminuir; ali, forçou-se um pouco o rumo pelas Samambaias, atingindo-se o limite da Volta Grande. Naquele primeiro dia percorreu-se quase a metade do caminho entre o Salto e a barra no Anhembi, por nove boas léguas divertidas em canais e jupiás, sortilégios e sustos.

Embicando no barranco, cuidou-se novamente de roçar o mato e preparar o pouso, queimando-se bastante folhagem para afugentar os animais, particularmente os ofidios e os mosquitos. A ceia foi rápida, o prêmio daquele longo dia era descansar os corpos nas redes e abrigar-se no interior dos mosquiteiros, por-se a salvo da sanha dos borrachudos e das mutucas. Perdia-se sangue de verdade.

Ypié estranhou os ruídos assustadores provenientes do mato, seguidos de estalos, acompanhados do odor sulfuroso da terra, coisa parecida com algum abantesma impenitente.

— Qui coisa? Qui é?

— S'assussegue, garanto que os estalos procedem das vagens que estouram e o cheiro vem da Serra de Araraquara. Mecê, não esqueça de que estamos arranchados à margem direita do rio Piracicaba, mais batida dos ventos, mais exposta à natureza.

Reeditando o antigo hábito dos sertanistas, o feijão varou a noite, cozinhando sobre a trempe. Na madrugada, já ia para pixé, quando Traviru lançou-lhe a toda a pressa um cântaro d'água fria. Era o que se comia, misturado à farinha de guerra com carne de anta ou de capivara, refrescado por uns goles de jacuba. No dia seguinte, mestre Pascoal não conseguia disfarçar o mau humor.

— Traviru continua useiro e vezeiro em pixelar o feijão. Valei-me meu Senhor Bom Jesus da Pedra!

A navegação assomou ligeira na direção da barra, consumindo em muita felicidade as dez léguas faltantes. Neste longo trecho, o rio se avolumava pela contribuição dos numerosos afluentes das duas margens e a mata se adensou. Em contrapartida, aumentavam os bandos de ariranhas ferozes nadando em direção da canoa, promovendo forte algaravia com o seu latido estridente. Muitas, amostrando as agudas presas, insistiam na perseguição e precisavam ser abatidas com violentos golpes de remos e porretes. Para surpresa, na foz do ribeirão Vermelho apareceram, bem próximos da linha d'água, alguns veados galheiros, espreitando a canoa.

— Suaçuapara!

— Fica para o torna-viagem, Nhamburi.

A descida do rio Piracicaba, em direção da sua barra, corria limpa de obstáculos. A canoa, deslizando como uma flexa, deixava para atrás os pontos referenciais da marcação: ribeirão Tanquã e córrego do Pinga, à esquerda; ribeirões da Barra e dos Tabaranas, à direita. Córrego do Roma, à esquerda; córregos de Maria Pires, Ribeirão Bonito e Serelepe à direita. Todos infestados de pássaros e com fatura de veados, de antas, de capivaras e de caça de pequeno porte. À tardinha, pelo cheiro e força da corrente, percebeu-se que algo importante estava prestes a acontecer. Satisfeito, Nhamburi apontou para o córrego da Pedra de Amolar, início da última légua até o ribeirão da Prata. Aquele logradouro se constituía no esconderijo predileto das araras vermelhas que infestavam a barra, logo adiante.

Eram quase as Ave-Marias, quando se alargou desmesuradamente o horizonte das águas, confluindo o Anhembi e o caudaloso Piracicaba. Cansados, mas, animosos, buscaram o barranco para o pouso da noite, após dez léguas de marcação. Os pássaros retardatários também buscavam ansiosos os seus ninhos.

Pelas determinações da natureza, o Anhembi vinha de longe, contrastando curiosamente com o Piracicaba: barrancos mais altos, menos caudaloso e mais estreito. Já este, parecia guardar a força da Jaguamimbava, chegando em ângulo agudo, como se fosse capturado, há pouco tempo. Não foi difícil encontrar um bom ancoradouro, onde já se divisavam fogos acesos por outros viajantes em vilegiatura pelo sertão, local de onde provinha belíssima melodia entoada por alegre comitiva.

Mestre Pascoal arranchou-se com a sua gente ao lado do que lhe pareceu ser uma alegre família e, só depois, veio a constatar com certo dissabor que se tratava de uma *troupe* de saltimbancos. Percebendo-lhe o constrangimento, o mais alto do grupo aproximou-se cerimonioso, porém, extremamente simpático. Descoibrindo-se, procedeu às apresentações de estilo com muito desembaraço.

— Senhor Capitão, o meu mui saudar.

Ao ver-se correspondido com ar de desconfiança, teve pressa em ressaltar a moral do grupo, enquanto acertava o chapéu:

— Para o vosso melhor resguardo, quero adiantar a Vossa Excelentíssima pessoa que não somos ciganos, tampouco aventureiros de beira de estrada, mas, artistas de picadeiro, de representação de autos sacros e menestréis de primeira grandeza. Vimos espargindo ilustração e saudável entretenimento aos povoados paulistas, desde Sorocaba até esta felicíssima Barra.

— Pascoal da Veiga, mestre carapina e vosso criado. Acabo de chegar do porto de Piracicaba com os meus bugres e os dois filhos do Capitão Salvador Barros de Almeida que conduzo para a vila de Itu.

— Vossa mercê há de acomodar as crianças em excelente segurança neste pouso, assucedendo ainda, poder apreciar a nossa função. Breve, daremos início às sortes.

Sem resistir à curiosidade, o interlocutor que se achava disposto a encerrar a conversa, perguntou secamente:— Que sortes?

Apesar do empenho em agradar, o palestrante não parecia inteiramente à vontade. Lançando o olhar meio desconfiado para os lados de Nhamburi e Traviru, acrescentou:— Vossa gente de mareação e equipagem também gostará de se divertir.

Como não obtivesse resposta, reapresentou-se aos bugres e às crianças com certa elegância de estilo, num gesto de quem é recém-chegado e ajeita com floreios o chapéu para o cumprimento.

— Em que pese a minha palavra de cavalheiro, eis-me a vosso dispor. Mestre Florindo Beltrão, mais conhecido por Pataca, há trinta anos no sagra-

do ofício das artes cênicas, promotor das emoções e a bem dos bons costumes desta terra. Quanto ao que se aproxima...este é Vintém.

Os forasteiros formavam interessante conjunto. O primeiro era alto e corpulento, o segundo, anão e franzino, dotado de cabeça grande, riso escancarado. Não se lhe negava um certo ar de bondade, apesar de falante e algo irreverente, pernas muito tortas enfiadas num costume de ganga amarela.

— Sim, meus amigos, o que vos parece? -Enquanto falava, se compuseram numa acrobacia, um sobre o outro. — Somos como a tampa e o balaíño. Pois, não?

— Ora, vejam só!

Ypié desatou a rir, Tomás e os bugres batiam palmas. Só mestre Pascoal ignorou a arrelia, empertigando-se para completar a mesura:

— Folgo em conhecer a vossas mercês, Senhor Beltrão, e Senhor Vintém.

— Percebo que a fama da minha *troupe* ainda não chegou ao porto de Piracicaba; podeis acreditar que sou mestre nas minhas artes e que haveis muito de vos regozijardes, com todo o respeito, neste excelente roçado do Anhemi em companhia da minha gente.

— Inté.

Era assim que mestre Pascoal cortava conversa fiada. Há várias horas, o seu único desejo era recolher-se a um canto, dar umas pitadas e consumir-se no sono dos justos. Sentiu-se bastante estorvado porque os bugres e as crianças devoraram rapidamente a ceia, mostrando-se animosos de assistir ao espetáculo. Coartado, acabou cedendo sob protesto.

— Homéssa!

Aquela barra do Piracicaba no Anhemi já fora muito procurada no passado pelos monçoneiros em demanda de Cuiabá nos tempos do auge da mineração. Porém, o caminho novo aberto para os Guaisés captou a preferência dos viajantes por estar desembaraçado dos caprichos da natureza da Bacia Platina, das enfermidades e dos ataques das nações indígenas. Com o desmembramento territorial de Goiás (1744) e Mato Grosso (1748), mais a anulação da Capitania de São Paulo (1748), decaiu bastante o movimento monçoneiro no porto de Araraitaguaba. Muito provavelmente, teria desaparecido não fossem os comboios oficiais de Mato Grosso ou a teima de alguns negociantes. No presente, reacesa a guerra na fronteira castelhana, as coisas iam se complicando, ceifando vidas dos dois lados, fazendo temer pelo futuro quanto à posse do próprio chão.

Esta mesma guerra responsabilizava-se pela restauração da Capitania de São Paulo e pela chegada ao porto do Rio de Janeiro, em dezoito de junho

Pelas determinações da natureza, o Anhembi vinha de longe, contrastando curiosamente com o Piracicaba: barrancos mais altos, menos caudaloso e mais estreito. Já este, parecia guardar a força da Jaguamimbava, chegando em ângulo agudo, como se fosse capturado, há pouco tempo. Não foi difícil encontrar um bom ancoradouro, onde já se divisavam fogos acesos por outros viajantes em vilegiatura pelo sertão, local de onde provinha belíssima melodia entoada por alegre comitiva.

Mestre Pascoal arranchou-se com a sua gente ao lado do que lhe pareceu ser uma alegre família e, só depois, veio a constatar com certo dissabor que se tratava de uma *troupe* de saltimbancos. Percebendo-lhe o constrangimento, o mais alto do grupo aproximou-se cerimonioso, porém, extremamente simpático. Descobrindo-se, procedeu às apresentações de estilo com muito desembaraço.

— Senhor Capitão, o meu mui saudar.

Ao ver-se correspondido com ar de desconfiança, teve pressa em ressaltar a moral do grupo, enquanto acertava o chapéu:

— Para o vosso melhor resguardo, quero adiantar a Vossa Excelentíssima pessoa que não somos ciganos, tampouco aventureiros de beira de estrada, mas, artistas de picadeiro, de representação de autos sacros e menestréis de primeira grandeza. Vimos espargindo ilustração e saudável entretenimento aos povoados paulistas, desde Sorocaba até esta felicíssima Barra.

— Pascoal da Veiga, mestre carapina e vosso criado. Acabo de chegar do porto de Piracicaba com os meus bugres e os dois filhos do Capitão Salvador Barros de Almeida que conduzo para a vila de Itu.

— Vossa mercê há de acomodar as crianças em excelente segurança neste pouso, assucedendo ainda, poder apreciar a nossa função. Breve, daremos início às sortes.

Sem resistir à curiosidade, o interlocutor que se achava disposto a encerrar a conversa, perguntou secamente:— Que sortes?

Apesar do empenho em agradar, o palestrante não parecia inteiramente à vontade. Lançando o olhar meio desconfiado para os lados de Nhamburi e Traviru, acrescentou:— Vossa gente de mareação e equipagem também gostará de se divertir.

Como não obtivesse resposta, reapresentou-se aos bugres e às crianças com certa elegância de estilo, num gesto de quem é recém-chegado e ajeita com floreios o chapéu para o cumprimento.

— Em que pese a minha palavra de cavalheiro, eis-me a vosso dispor. Mestre Florindo Beltrão, mais conhecido por Pataca, há trinta anos no sagra-

do officio das artes cênicas, promotor das emoções e a bem dos bons costumes desta terra. Quanto ao que se aproxima...este é Vintém.

Os forasteiros formavam interessante conjunto. O primeiro era alto e corpulento, o segundo, anão e franzino, dotado de cabeça grande, riso escancarado. Não se lhe negava um certo ar de bondade, apesar de falante e algo irreverente, pernas muito tortas enfiadas num costume de ganga amarela.

— Sim, meus amigos, o que vos parece? -Enquanto falava, se computaram numa acrobacia, um sobre o outro. — Somos como a tampa e o balãozinho. Pois, não?

— Ora, vejam só!

Ypié desatou a rir, Tomás e os bugres batiam palmas. Só mestre Pascoal ignorou a arrelia, empertigando-se para completar a mesura:

— Folgo em conhecer a vossas mercês, Senhor Beltrão, e Senhor Vintém.

— Percebo que a fama da minha *troupe* ainda não chegou ao porto de Piracicaba; podeis acreditar que sou mestre nas minhas artes e que haveis muito de vos regozijardes, com todo o respeito, neste excelente roçado do Anhembí em companhia da minha gente.

— Inté.

Era assim que mestre Pascoal cortava conversa fiada. Há várias horas, o seu único desejo era recolher-se a um canto, dar umas pitadas e consumir-se no sono dos justos. Sentiu-se bastante estorvado porque os bugres e as crianças devoraram rapidamente a ceia, mostrando-se animosos de assistir ao espetáculo. Coartado, acabou cedendo sob protesto.

— Homéssal!

Aquela barra do Piracicaba no Anhembí já fora muito procurada no passado pelos monçoneiros em demanda de Cuiabá nos tempos do auge da mineração. Porém, o caminho novo aberto para os Guaiques captou a preferência dos viajantes por estar desembaraçado dos caprichos da natureza da Bacia Platina, das enfermidades e dos ataques das nações indígenas. Com o desmembramento territorial de Goiás (1744) e Mato Grosso (1748), mais a anulação da Capitania de São Paulo (1748), decaiu bastante o movimento monçoneiro no porto de Araraitaguaba. Muito provavelmente, teria desaparecido não fossem os comboios oficiais de Mato Grosso ou a teima de alguns negociantes. No presente, reacesa a guerra na fronteira castelhana, as coisas iam se complicando, ceifando vidas dos dois lados, fazendo temer pelo futuro quanto à posse do próprio chão.

Esta mesma guerra responsabilizava-se pela restauração da Capitania de São Paulo e pela chegada ao porto do Rio de Janeiro, em dezoito de junho

A sua aparição causou impacto. Lola dançava com muita graça, movimentando os ombros e a cintura, deslizando os pés no chão batido do roçado, enquanto fazia soar os guizos da jarreteira. Quando parou de cantar a música da sua terra, alguém abriu as portas de um gradil de onde saíram, uma a uma, seis pombinhas brancas de peito encarnado, que, a princípio voejaram assustadas, depois, vieram, meigas e carinhosas, pousar em suas belas mãos. Nunca se vira daquelas graças no áspero Anhembi...

Dolores as afagava e as soltava, novamente, a voar. Sorria como deusa, arrancando suspiros da platéia, evoluindo sempre com uma delicadeza sem par, até o final da música. Por um momento pareceu que desejava continuar o número, mas retirou-se atirando beijos provocadores à platéia, as pombinhas catalãs descansadas nos seus ombros e braços.

Ypié deixou-se fascinar pela graça e beleza de Dolores.

Choviam palmas e elogios! Alguns, mais abusados, careciam de contenção. Era neste exato momento que intervinham Pataca e Vintém, oferecendo incríveis cambalhotas, atirando remoques e picuetas que levavam os assistentes a morrer de rir. A uma ou outra, mais maliciosa, os homens rebatiam com pesados chistes; houve até quem atirasse para o ar uns bagos de pedernal.

Pataca não se dava a perder. Requebrando os olhos, coçando a cabeça, contava a estória do Ouvidor que acabou trocando quatro chibarros por uma anta esfolada, só para ver-se a salvo dos ciúmes do Capitão Tibério. Regalando os bofes do poviléu, enquanto ele próprio gozava o efeito da hilariedade geral, esticava as pernas, rodava o picadeiro e, finalmente, dava por encerrada a insólita cavatina. Inchando o peito, anunciava com grande ênfase:

— Coisa nunca vista nestes sertões do Anhembi, a Mulher de barbas e o Homem que cospe fogo, juntos no picadeiro, para testemunha da honorável platéia!

Fazia pena observar aquela dama de longas e vetustas barbas, amarradas nas pontas com lacinhos carmezins, num retoque de explícita feminilidade. Com que *donaire* ela circulava, consentindo que os mais descrentes lhe tocassem e até puxassem a barba para, em seguida, estender-lhes um cornimboque, onde recolhia pequeninos cobres, que fazia retinir na concha da mão em sinal de agradecimento.

Aterradora, foi a apresentação do cospe-fogo, um tramontino de dorso nu e rabicho, braços tatuados em Macau com quimeras e dragões. Não houve bugre que não se aterrorizasse com o jacto de fogo que expelia da boca e com as evoluções que fazia no terreiro. Foi tamanho o realismo que acabou tirando mestre Pascoal do seu habitual recolhimento.

— Com este não há borrachudo que agüente!



Impacientado com o alvoroço da sua gente, usou energia para assossegá-los os bororos que ameaçavam atirar-se n'água do rio àquela hora da noite.

— Quietos! Aquele marmanjo pode sê tihoso, mas, de boca apagada, quero vê se pia de inhambu na ponta do meu facão.

O tramontino arrancou estrondosos aplausos. Os mais cautos apreciavam-no de longe, alguns apertando nas mãos o santo rosário. Os contínuos jactos de fogo, lançados em todas as direções pelo sanhudo artista, produziam efeito perturbador no meio da caboclada e dos monçomeiros; já tinha gente pronta para se meter nos matos, ao Deus dará.

— Tem parte c'ô demo.

— T' 'esconjuero, peste do inferno!

Intervindo bruscamente, Patata anunciava outra e mais bela função para breve, convidando a ínclita platéia a contribuir com a sua generosidade e grandeza de alma para o progresso das Artes em terras paulistas do mui amado Senhor, El Rei. D. José I de Portugal. Precisamente nesta hora o entusiasmo arrefeceu, sobejando umas poucas moedas de cobre que os saltimbancos recolhiam, após correr o chapéu, um a um, por todo o acampamento.

Esconjurando o mau gênio e a ganância do proprietário do Sítio do Roncador, Patata descontava as despesas, as propinas, repartia os ganhos, e, finalmente, capitalizava os lucros no fundo de um surrãozinho de couro. Olhando de soslaio para Vintém, sofismava.

— É bem melhor do que ficar a bugiar o velho rio.

Não era sempre que as coisas terminavam bem, Às vezes, dormia de cara pintada, vencido pelo cansaço e sem recolher jornal; noutras, a troupe era assaltada e posta a correr por malfeitores do caminho. Não era permitido representar às portas das igrejas dos povoados, onde havia mais segurança, e, nem sempre as autoridades consentiam, de bom grado, o exercício da profissão das artes cênicas. Era uma vida itinerante e dificultosa, à qual, extraindo-se a enorme dose de sacrifício, sobejava a oportunidade raríssima de expandir a criatividade em benefício das artes, do divertimento popular e da ilustração das pessoas.

Às vezes, tudo não passava de umas pobres troças, a liberdade criativa e a verve, justificando os bons e os fracos rendimentos. Para o bom gênio de Florindo Beltrão, convinha como estratégia de vida, prosseguir no desempenho do personagem Patata proporcionando aos povos desta terra parte da sagrada missão de fazê-los momentaneamente escapar da sua miséria existencial, de rir e alimentar sonhos.

Aqueles mesmos delirantes sonhos que adoçaram as agruras da jornada de quarenta e duas léguas, a partir da barra do rio Piracicaba no Anhembi até o porto de Araraitaguaba, destino de tantos viajantes que retornavam do sertão. Ninguém se lembraria de agradecer por eles, nem El Rei.

Navegar contra a corrente no Anhembi, mesmo com as águas de dezembro, é um castigo que flagela, desde a barra até o porto final. O estrado de pedras que forma o leito daquele grande rio paulista proporciona as desagradáveis surpresas que acometem ao mais exímio navegador, seja na forma dos numerosos jupiás, itaipavas, cachoeirinhas ou cachoeirões, de pedras tinosas e ciladas fatais. A cada passo, forçam a interrupção do rumo, a descida dos embarcados e o abandono da canoa só nas mãos da tripulação, ou ainda, o descarregamento completo e desvio das cargas com a tripulação caminhando pelos varadouros laterais, em pleno mato. Enorme desperdício de força, tempo e trabalho, arrastando-se as próprias canoas pelos corredores de paus torados à força das correntes, para, novamente, depositá-las rio acima, reapetrechá-las, retomar o rumo e seguir. Assim, por vários dias de esforçados trabalhos.

Os antigos monçoneiros de Cuiabá contavam em trinta dias, cerca de duzentas itaipavas e sessenta e tantas cachoeiras, entre Araraitaguaba e a barra do Anhembi no rio Grande (Paraná). Já a descida do Anhembi até a foz do Piracicaba se tornava bem mais prática, durante as águas de verão que nivelavam as corredeiras, excetuando-se quatro grandes itaipavas e a cachoeira de Pirapora. Não obstante, gastava-se quatro dias e meio para realizar o que se fazia, em condições normais, em apenas dois. A subida era muitíssimo penosa consumindo-se seis a sete dias de trabalhadeira descomunal com graves perdas de carregamentos, até, de vidas.

Não adiantava querer sair por aí rasgando mortalhas! Para vencer os rios havia de ser calmo e paciente, respeitar-lhes os caprichos, saber rezar na hora aprazada. O rio Piracicaba foi o determinante da natureza, antes que se rasgasse definitivamente o caminho terrestre para Iltu.

Desde que o dia amanheceu, as canoas começaram a ser abastecidas das cargas que dormiram no pouso, verdadeiro corre-corre de mareantes e viajantes. Não tardou que se adiantasse a nau Capitânea, e a imensa flotilha de quinze canoas se pusesse ao largo, proas embeçadas rio acima, tocadas por varejões a braços de caboclos e bugres.

A tradicional batida de calcanhares no madeiro era substituída pelo gutural do piloto sincronizando as zingas a cada três quartos de minuto: uôa... uôa... uôa... Exercício cansativo, coadjuvado pela habilidade do proeiro que vigiava a maré, desviava dos obstáculos, sondava a profundidade do canal, reforçava o impulso com o seu varejão ferrado.

O Anhembi é rio cheio de surpresas e mistérios; sofre para manter o seu curso no rumo noroeste, obrigando-se a voltas incontáveis, até vencer a resistência da morraria do Planalto Paulista. De Itu à barra no Paraná, rasga o seu leito entre elevações de mediana altitude, varando a imensidão dos campos do jeito que sabe, de degrau em degrau, em numerosas corredeiras; quando o chão é macio, aprofunda o leito e se acalma em belos remansos. No mais, é promessa e duro penar.

Até o século dezoito, todo o seu curso era acompanhado por densa mata sub-tropical, dotada das mais ricas espécies vegetais e animais de porte. As anhumas deixaram-lhe a nomenclatura, seja pela abundância, seja pelo sortilégio que as acompanha, porém as maiores e mais belas aves que a mãe natureza dotou o continente, os tuiuius, já eram vistas a partir da foz do rio Capivari. A devastação das comunidades indígenas, durante o século dezessete, antecipou a infiltração do “processo civilizatório ocidental”, irradiado a partir das matrizes de Serra-acima, São Paulo e Santana de Parnaíba. A História dos paulistas do Vale Médio do Anhembi foi sobrecarregada do sofrimento, que também assinalou os destinos de todos os outros seres nas águas e na floresta.

A flotilha subia o rio em bela formação, navegando-se toda a manhã, das sete às onze horas, até que se fez o pouso para roçar o mato e comer. Não havia o que comentar, perante os traçoeiros jupiás e os mosquitos. Os proeiros e os pilotos não davam queixa de nenhum transtorno, mas era visível a sua ansiedade em assistir a nova função da *troupe*. À tarde, navegou-se por mais seis horas, percorrendo-se um total diário de oito léguas e meia, até que os mareantes encostaram-se, mortos de cansaço, queixando-se das dores musculares e da enorme perda do tempo com as exaustivas curvas do rio.

À noite, ouviram-se apenas uns desafios, umas poucas modas de viola, a pungente cantiga entoada pelo mocinho integrante dos saltimbancos. Não foram vistas Dolores nem a mulher barbada; tampouco Pataca e Vintém, que preferiram um canto discreto para pitar assossegados. Pena! Eram muito tristes os pousos à beira d’água e os bororos não tinham histórias bonitas para contar. Os ruídos do mato e das águas, estes, sim, eram assustadores.

No segundo dia, navegou-se mais oito léguas e meia, entre o último pouso do Anhembi e a Ilha das Flores, conseguindo-se igual rendimento apesar da chuva fria. No terceiro dia, a maré caiu para sete léguas e meia, transtornada pelas itaipavas e os numerosos jupiás que cercavam o canal ao longo dos campos de Ibitiruna, até a foz do rio Sorocaba.

No quarto dia, desabou violento temporal no trecho compreendido entre os rios Sorocaba e Capivari, obrigando a flotilha a embicar no barranco

por quase duas horas. Foi um Deus nos acuda! Não deu para acender fogo e a comida teve de ser engolida fria, porém quem não estava prevenido contra estes transtornos foi dormir com os buchos a roncar.

Da foz do Capivari a Curuçá do Tietê, as curvas do rio ficam mais caprichosas, as itaipavas mais freqüentes, o leito mais raso, fazendo minguar o rendimento da maré. Os varadouros de Itapema exigiram tantos esforços, atrasaram de tal maneira a jornada, que houve quem aproveitasse melhor o tempo, como Vintém e as mulheres, a pescar belos corimbatás e pintados, enquanto se repetia, pela enésima vez, a operação descarrega-carrega, arrasta-se e monta-se.

Extenuados, os viajantes arrancharam-se mais cedo, sobrando algum tempo para descanso e ceia. Surpreendendo a todos, os saltimbanco declaravam-se animosos de armar função. Um dos monçoneiros confessava-se admirado por tamanha disposição.

— Num dá pra intendê esse pessoal... Nem nas cata di Guaporé!

Era freqüente, encontrarem-se pequenas monções naquele antigo pouso de Curuçá, gente que subia ou descia o Anhembi em qualquer época do ano. Naquela noite, passavam de cinquenta os espectadores! Perdeu-se uma excelente fêria, porque, lastimando súbita indisposição, Dolores não apresentou o seu número, desencadeando enorme abatimento ao moral da *troupe*.

Salvou novamente o espetáculo o mocinho cantor que também se revelou excelente aramista, arrancando aplausos e urras pelo arrojo de suas evoluções e sortes praticadas à altura de quase duas varas sobre o solo. Causava estranheza ser o mesmo cambaio de uma das pernas, mas, estas eram fortes e sustentavam bom equilíbrio, permitindo-lhe executar saltos, cambalhotas e correr sobre a corda.

O jovem chamava-se Tito e era filho adotivo do Pataca, desde o acidente que roubara a vida dos seus pais, funambulescos de renome da cidade de Buenos Aires, no Vice-Reino do Prata. Não falava com sotaque, apesar da origem, e era extremamente simpático, havendo por ser bastante vitoriado em todas as suas apresentações. Muito sorridente, já se aproximara das crianças por duas vezes para conversar. Em viagem, freqüentemente, acenava-lhes da sua canoa e era correspondido.

— Tiiiiiito, Tiiiiiito!

Gastou-se a manhã inteira e parte da tarde, nos varadouros de Bojuiquara e Pirapora, debaixo de uma chuvinha fina e persistente que levantava os protestos da cablocada.

— A marvada já tá incheno os sapicua.

Em Pirapora, toda a carga foi transportada às costas por estreito corredor do cumprimento de cem braças, aberto em plena mata. As canoas foram sirgadas e nesta operação saiu ferido gravemente o melhor cabloco zingador.

— Tava fartano só essa!

A proximidade dos Campos de Mandiçunga demonstrava que a viagem aproximava-se do seu término. A trabalhadeira repetiu-se por mais duas itaipavas e o quinto dia de maréação teve o rendimento de apenas cinco e meia léguas, o que não era pouco, dadas as penosas circunstâncias do roteiro. A chuva malhou impiedosa, estorvando os zingueiros e os tripulantes.

No sexto dia de viagem, atravessou-se em redobrados trabalhos os caprichosos meandros dos Campos de Xiririca, varando-se pelos lados as itaipavas de Itanhaém e Avaremanduava, atingindo-se o córrego da Chita. Pouco antes das treze horas, um tiro de arcabuz partiu da nau Capitânea avisando que se esgotara a última légua de distância do porto de Araraitaguaba.

Salvaram imediatamente as quatorze canoas em resposta. Em pouco tempo, para a alegria geral, modificou-se a paisagem. Ypié não podia conter a sua admiração pelo presépio que tinha diante dos olhos: em frente, a vasta penedia e, nos fundos, a cavaleiro da rampa, a cumeada em que alvejava a torrinha da Igreja de Nossa Senhora da Penha. No rés d'água, dezenas de canoas de todos os tamanhos, e, em terra, o inusitado perereco e o corre-corre da gente atarefada com mil negócios.

Até onde a vista alcançava, percebia-se as manifestações de vida e trabalho da sociedade, numa proporção como jamais se vira no porto de Piracicaba. Ypié voltou-se intimidada, buscando mestre Pascoal a tempo de constatar-lhe a euforia que também se comunicava a Nhamburi e a Traviru.

— Pelas chagas do Cristo, é o fim da zinga!

Atendendo a ordenação da nau Capitânea, as canoas foram se encostando na atracação do barranco. Braços fortes depositaram parte das cargas na praia onde comerciantes e curiosos buscavam os frutos do sertão. Houve quem vendesse de imediato todos os bugres trazidos do Camapuã, de permeio com as drogas, as peles e os couros dos animais.

— Chovam as patacas, que o negócio está a pedir urgência. Onde achareis melhores peças?

As crias de peito e de colo eram mantidas com as mães, separando-se os adolescentes e os homens adultos. Aquele mercado de escravos era clandestino, interdito por lei o negócio infame dos nativos, porém ocorria às barbas do Capitão-mór. Descontadas as comissões dos interessados, as peças tomavam o seu destino, repassadas para as mãos de outros traficantes. Deixava-se uma mo-

eda com o pároco e cada qual seguia em paz com a sua consciência. A mercadoraria? Ah, esta vinha por conta da sua própria desgraça.

Tirante umas poucas pedras de valor, o ouro extraído pelos paulistas tomava o caminho da Casa de Fundição para ser quintado, sobrando algumas onças ao seu legítimo minerador. Tão logo quanto possível, o capital era reaplicado em insumos e mercadorias, retornando aquele, ou o seu comitente, à Ararataguaba, onde preparava nova monção cuiabana, reencetando-se o ciclo.

# 5

## Tropeços

O porto de Ararataguaba ainda impressionava o visitante pela multiplicidade de canoas e batelões, cargas de todos os tamanhos, destroços de mareação, apetrechos, vozerio e tipos humanos em dobadoura. Cafuzos mal encarados, bugres de diversas etnias, seja em trabalhos ou postos à venda como peças: bororos, guaranis, caiapós, parecis e paiaguás; caboclos de pés descalços e faca na cintura, sertanistas interessados nos frutos do grande rio, monçoneiros aportando fatigados; mundanas, curumins, piás, mulatos, milicianos e até clérigos.

O aparecimento de uma flotilha de quinze canoas atraiu a atenção da comunidade explicando a verdadeira malta de curiosos que desceu a rampa do porto para assistir à chegada da última monção. O momento era propício para se entabular negócios com as peles de animais, drogas do sertão, madeiras de lei, bugres, algum ouro e as próprias canoas. Quanto a estas, Barbosa aparecia e, geralmente, arrematava todas.

— Os preços estão lá em baixo, mestre Pascoal.

— Não dou por menos de cinqüenta mil réis, aí, mecê leva.

— Seja, conheço a qualidade da vossa fatura.

Moço e decidido, Barbosa não arriscava duas vezes num bom negócio. Quanto às outras embarcações, pôs defeito, pechinhou e rejeitou, inclusive aquelas que Pataca necessitava vender para prosseguir viagem pela Capitania de São Paulo.

— Estas canoas não valem um vintém de mel coado.

— Ora! Que hei de fazer?

Pataca sentia-se enfiadíssimo, pois, no início da *tourné* artística adquirira duas boas canoas por noventa mil réis, descontando-se o jornal dos mareantes. Durante dois meses, elas foram a sua montaria pelos sertões, mas, agora, no torna-viagem, ofereciam-lhe a metade do seu valor. Pediu a mediação de mestre Pascoal e este ponderou-lhe que, diante do estado miserável em que as

mesmas se encontravam, convinha deixar todo o material em consignação no estaleiro do Barbosa e aproveitar a licença que lhe era concedida para montar o picadeiro em terreno anexo. Ficou no ar a promessa de fechar negócio, no dia seguinte, pelo valor declinado.

A expressão desolada do Pataca dispensava os comentários da *troupe*.

— Voaram-me os lucros, rio abaixo!

— É melhor assim, senhor Beltrão. O capital tá garantido, sobejando tempo pra negociar com calma, amanhã. Nhô Barbosa cede aqui, vossa mercê ali...

Um suspiro inconformado foi a resposta. O empresário sentia que não havia tempo a perder, pois a *troupe* devidamente enfatiotada, em alvoroço de música e foguetes, preparava-se para subir a rampa com a regência de Tito, coadjuvação de Vintém e grande acompanhamento. Recém-chegado e, já, a campo; tudo pela Arte! Ademais, competia-lhe conclamar o poviléu a prestigiar-lhe a função daquela noite, a colher os frutos adocicados da sua formidável fábrica de sonhos.

Pataca acabou varrendo o desânimo do coração; pôs-se à frente da comitiva com gestos largos e riso nos olhos. O jovem Tito vinha-lhe à retaguarda, coordenando a charanga, mais a coreografia, com ares de maestro e proficiência de mestraço. Toda a *troupe* era a encarnação da alegria que retornava dos sertões, a preço barato e, por irrisão, ao antigo porto monçoneiro de Araraitaguaba.

Nhamburi e Traviru escapuliram-se arrastando com eles Ypié e Tomás, muito tímidos, porém loucos para participarem do préstito. Nem se deram conta do trabalho que deviam executar no porto, enquanto mestre Pascoal entabulava negócios com Barbosa. Ouviriam poucas e boas em seu retorno!

Inusitada experiência! Era a primeira vez que pisavam em uma comunidade urbana e a Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraitaguaba lhes oferecia o inesperado em cada ângulo: casas telhadas, de alvenaria e fartas janelas, tabernas, igreja, animais exóticos, gente enfatiotada. Tomás se apavorara diante de uma enorme anta de chifres e sino no pescoço! Vintém desatara no riso, prometendo incluir esta picueta no próximo picadeiro. Não obstante, foi o primeiro a correr quando duas antas de chifres meteram-se numa taberna a quebrar botijas e a espalhar mantimentos.

A princípio, mestre Pascoal e a *troupe* acomodaram-se em pousos contíguos, mas o arranchamento dos saltimbancos se achava infecto pelos bichos de pé, desmantelado por cupins, fato que os levou a partilhar o mesmo teto com a gente de Piracicaba. Era a oportunidade que Ypié tanto desejava para



aproximar-se de Dolores; não é que não apreciasse a mulher barbada, apenas tinha-lhe um pouco de receio. Até que...

— Venha cá, menina.

Que delicadeza de alma ela deixou transparecer quando convidou Ypié e se aproximar e a servir-se da refeição do grupo. A mulher de barbas revelava em sua intimidade um temperamento terno e delicado, algo parecido com o que perdera para o maligno. Puxando Tomás pela mão, aproximou-se medrosa, sem resistir às lágrimas, no momento em que Donana lhe afagou a cabeça.

— Não chore... não chore, minha flor.

A Lola! Poderia existir neste mundo criatura mais bela e fascinante, mais digna de louvores? Foi assim que as duas se aproximaram:

— *Ven ayudarme, Ypié.*

Voz e sorriso foram suficientes para atraí-la ao interior de uma tenda montada com panos berrantes e cortinados de gaze, onde Dolores improvisara o seu requintado camarim. Devassar aqueles mistérios e maravilhas era prazer inesperado, demolidor de qualquer resistência premeditada: duas bruacas com roupas coloridas, caixas de enfeites com miçangas, potinhos de água de cheiro, unguentos perfumados, pós e carmim para a face.

Muito sedutora, Dolores, preparava-se para mergulhar na água do banho com muito sabão do reino, mostrando-se sem nenhum recato, cabelos desatados sobre as espáduas, corpo muito alvo, propósito definido.

— *Ven a frotarme la espalda, Ypié.*

— Mecê insina a sorte das pombinha?

— *Quieres ser artista? Mira que guapa!*

Apontando para a gaiola pediu que girasse a taramela, enquanto semeava pequenos grãos de milho nas bordas da tina. Não tardou que as aves viessem colher o alimento, muito dóceis, deixando-se afagar.

— *Abora su merced pone el maíz en los labios. No necessita tener miedo.*

Uma a uma, as pombinhas retiravam-lhe o alimento acompanhado de um beijo da doadora.

— *Ah... tan chiquititas. Ves?*

Ypié deixou-se levar pelo encantamento e as avezinhas brincaram em suas mãos, graciosas e delicadas. Tão diferentes das assustadiças rolinhas que vinham disputar os restos de comida na loca de pedras, ao pé do Salto do Piracicaba.

— Mi insina dançã?

— *Acá, en esta casucha no hay manera de bailar porque falta espacio y música. No habria caso de pedirle a Tito que venga su banda para tocar aqui dentro de la tina de baño!*

Lá fora a função estava prestes a começar, promovendo-se tamanha expectativa que, muito antes da hora aprazada, já choviam os cobres! Não havendo tempo para cercar o picadeiro nem arranjar boas acomodações para todos os espectadores, o povo foi se ajeitando como pôde, facilitado pela inclinação do terreno. Pataca esfregava as mãos de contente.

— Desta vez, tiramos a barriga da miséria.

Acenderam-se os fogos, espalharam-se os candeeiros e a função começou às dezenove horas em ponto, difundindo-se à beira d'água aquele ar de festa que precede os mais belos sonhos. Pataca e Vintém excederam-se nas sortes e nas picuetas que faziam a platéia explodir o riso. Tudo correndo às mil maravilhas, o número de Dolores ia sendo intencionalmente postergado para um final apoteótico, quando se esperava mais gente e mais cobres. Já se passara dois cornímboques que retornaram sortidos de pesadas moedas.

Sentindo que não havia mais razão para postergar o que vinha sendo ansiosamente aguardado, Pataca silvou um apito estridente, e, todo galante, introduziu a bela diva no picadeiro. Araraitaguaba fez silêncio absoluto.

Cônsua da sua sedução, Dolores deslizava na ponta dos pés, embalando-se na delicada cantiga, enquanto as pombinhas catalãs, uma a uma, pousavam-lhe nas mãos, nos braços, beijavam-lhe a boca carmezim, arrebatavam suspiros, sem o menor protesto. Deixavam-se seduzir até os mais empedernidos e renitentes corações daquele porto monçoneiro do Anhembi diante da sua fogosa apresentação.

Ypié não atinou com o ruído vindo de fora, acompanhado de furioso tropel de cavalo, muito vozerio e gritos. Sem que força alguma o detivesse, um cavaleiro encapuzado irrompeu na platéia, vencendo o chão até o picadeiro, e, com inopinada violência, arrebatou a artista nos braços, fugindo com ela a galope. Semeados o pânico e a confusão, ainda se detonaram uns tiros que só fizeram aumentar a desordem implantada.

Era um nunca acabar de gente ferida e pisoteada, de agressões e desacatos, verdadeiro dia de juízo! O pobre Vintém quase morreu esmagado e passava mal.

Quando a bulha serenou, Pataca pôs-se a contabilizar os estragos e a socorrer as necessidades da *troupe*, parecendo determinado a buscar providências junto às autoridades a fim de resgatar a Lola do malfeitor. Só lhe faltaram as forças, quando Donana se aproximou, lágrimas nos olhos, e lhe comunicou a perda irreparável.

— Foi tudo de caso pensado, ela fugiu com o Alferes Policeno de Sorocaba.

No camarim faltavam a tina e as bruacas de roupas. Dolores não deixara nenhuma palavra de despedida aos amigos ou a Pataca com quem fora casada por quatro anos. Dura paga a quem a recolheu numa beira de estrada, doente e abandonada! Sinal de que parecia disposta a trocar as Artes pelo novo amor era o gradil das pombinhas deixado num canto. Pobrezinhas...

Piscando duro e sem poder conciliar o sono, Ypié condoía-se das mazelas daquela boa gente; só não tomava o partido de condenar a fujona, justamente, por ser tão bela e sedutora. Em sua curta vida, aprendera a respeitar as vontades alheias e a aceitar as separações; a fuga e a beleza de Dolores pareciam-lhe inquestionáveis.

No dia seguinte, estava reservada nova decepção para o conturbado Pataca. O negócio das canoas fracassara definitivamente e a *troupe*, desfalcada de dinheiro e da sua maior estrela, via-se a braços com grandes dificuldades materiais. Mestre Pascoal encontrou-o inteiramente borracho, descrente do amor, vencido pela mágoa, fala enrolada.

— Barbosa mijô fora da pichorra!

Não houve jeito de concertar o negócio. Depois de muito parlamentar, mestre Pascoal conseguiu arrancar do armador a vaga promessa de voltar a pensar no caso, quem sabe, por uns cinqüenta mil réis.

— As duas canoas?

— Homéssa, seu Beltrão, foi tudo o que consegui. Vossa mercê obreia melhor se puder esperar uns dias, até o meu retorno de ltu.

— Como haveremos de comer?

Donana, que era um grande coração e gozava de salutar influência sobre ele, cuidou de afastar maiores preocupações.

— Já tivemos dias piores.

Ypié encontrou Tito em lágrimas. Não era apenas mágoa por Dolores; é que se abrira uma descomunal panela num dos seus molares e o coitado morria de consumição, só em pensar de cair nas mãos do cirurgião-barbeiro. Sentiu que podia utilizar-se dos seus préstimos em tamanho desvalimento, porque sempre trazia no seu embornal de mezinhas um remédio de pronto alívio para os dentes. Tinha mãos de anjo.

— Num vai duê!

Tito chorava até para abrir a boca, mas Ypié conseguiu aplicar-lhe com habilidade e rapidez uma mucilagem adocicada, altamente narcótica, da casca do angelim amargoso. Foi tiro e queda! Donana, que desconhecia estes métodos, mostrou-se apreensiva.

— Tem certeza de que ele não está morto?

— S'assussegue. Vai drumi inté minhã.

Na despedida, Donana desejou-lhe boa sorte, arrematando o abraço com a carinhosa recomendação:

— Não carece de aprender a ser artista, mecê é curandeira, das melhores que já vi.

No dia seguinte, bem cedo, mestre Pascoal cumpria as últimas recomendações aos dois bororos que ficavam em Araraitaguaba, assistidos no estaleiro do Barbosa, a fim de recompor os trens da próxima maré para Piracicaba. Pelo vinco de preocupação na testa, o caminho de Iту parecia-lhe sobrecarregado de incógnitas.

Desta vez seguiram montados em duas mulinhas, o melhor que fora possível alugar no porto das monções. Por recompensa, apresentava-se-lhes um estirão de terra, assinalado pelo interminável sobe e desce de pequenas colinas, a lhes exigir infinita paciência, no rumo do rio Itaim-Guaçu e, deste, aos campos de Caiapiá, até a jusante do córrego do Purunduna.

À saída de Araraitaguaba, toparam uma bizarra comitiva: pai e filho orando o rosário em voz alta, enquanto conduziam, à vara, um defunto acomodado no côncavo de uma rede. Eram caboclos procedentes do sítio da Casquinha, da outra banda do Anhembi, jornadeando a pé, descalços e penitentes, inteiramente dedicados à piedosa missão de conduzir genro e cunhado para o sepultamento cristão em Iту. Juntos, enfrentavam com rara velocidade e enorme disposição de espírito a extenuante caminhada.

As pessoas acolhiam os penitentes com muita contrição, descobrindo-se em sinal de respeito, persignando-se à sua passagem. — *Pelo Santo Lenho!* - Vez por outra, algum cirineu de beira de estrada os ajudava com o macabro fardo, sem agüentar muito tempo, porque o cadáver, além de corpulento, cheirava mal.

Aquele sol a pino, mesmo para quem viajava de cabeça protegida, sujeitava a muita consumição. Para efeito de poupar as crianças, acertou-se o passo das matungas numa andadura mais leve, parando-se aqui e ali para descansar nalguma fresca. Não raro, acabavam alcançados pelos incríveis andarilhos penitentes. Outras vezes, deixavam-nos para atrás, mas, logo, os mesmos apareciam numa curva do caminho, firmes e decididos, desfiando o santo rosário. Mestre Pascoal deixou-se verdadeiramente impressionar.

— Deus seja para sempre louvado, nunca vi tanta fé!

Ao meio dia, atingiram no Guatinga o ranchinho de um português conhecido por Gameleira, onde foram vistos os primeiros escravos africanos

de agricultura, dois angolas retacos com gargalheiras de ferro ao pescoço e poucos dentes na boca.

— São negros fujões, pertencentes ao sítio da Capuava. Estão começando a chegar dos quilombos rendidos no Avanhandava, valendo o seu peso em ouro, malgrado a aparência.

— Há canhemoras por aqui? Cruzes!

— Não creio, só muito abaixo da barra do Piracicaba no Anhembi, ainda dos tempos da mineração. Lá sim, existe bastante perigo.

Apesar das quatro léguas e meia que separam Araraitaguaba de Itu, a viagem é monótona e cansativa. A paisagem é triste e vai-se cortando o caminho por dentro, deixando-se o Anhembi à esquerda. Na etapa conclusiva, vai-se do córrego do Guatinga ao ribeirão Caiacatinga, deste aos campos de Maniçoba, até o Capim rasteiro; a última barreira é o rio Avecuia. Um pouco mais para a frente já se enxerga a bela vila de Itu, orgulho dos paulistas do Vale Médio do Tietê, desde o século XVII. Este era o itinerário que os antigos levavam de memória.

As coisas vinham correndo normalmente, quando na passagem do Caiacatinga a montaria das crianças empacou.

— O bicho tá aguado, homéssa!

Não houve outro jeito que não fosse retornar ao pouso do Gameleira, encostar o animal aos cuidados de um caboclo e retornar a pé, mastigando a poeira da estrada. Dentro em pouco, foram alcançados pelo defunto e o seu séquito, reencetando-se a antiga consumição.

Notando que o carregador mais idoso parecia prestes a cair de cangalhos, mestre Pascoal ofereceu-se para aliviar-lhe o peso da vara nos ombros, até o limiar dos campos de Maniçoba. Que não se deixasse perder pela boa intenção! A verdade é que se rendeu ao esforço, após meia légua de percurso.

— A cada passo, vosmecê me perdoe a má comparação, o defunto pesava como chumbo, ardia nos ombros e fedia nas ventas.

— Intê parece manha de cuisarruim!

— Digo a vosmecê, o diabo só é esperto porque é velho.

— Tá certo, meceis num perde pur isperá.

Sem procurar desculpar-se, o mais moço correu em direção de um faxinal de onde retornou com delgadas varas e alguns caraguatás. Vinha resmungando, fortemente decidido.

— Arranquemo os cuisarruim, gorinha mêmo

Mestre Pascoal parecia hesitante, porém sentiu que não podia esquivar-se àquela prática de solidariedade. Empunhando os marmelos e em coro

do “Pai Nosso” aplicaram violenta surra de varas no defunto, com força suficiente para expulsar todos os demônios que davam causa ao peso mortificante. Concluído o exorcismo o filho atirou com violência as varas e os caragatás, acompanhados de uns restos de comida, dentro de um valo. Benzeu-se para sentir segurança e só então desabafou:

— Pode comê inté rebentá, diabada vagabunda!

Finalmente, aliviados e contritos, acomodaram-se debaixo de uma fresca pra pitar e tirar urna pestana.

Não havia como discordar. No momento em que se repuseram a caminho de Iru, o falecido vinha bem mais leve das suas penas e da sobrecarga diabólica; foi até banhado nas águas lustrais do rio Avecuia para entrar condignamente no reino do céu. Os seus piedosos condutores, a passos ligeiros, acabaram deixando para atrás todos os demais caminhanes.

— Este mundo tem cada coisa!



## Doce Teriaga

Completava-se a jornada no final da tarde. Na descida do valadinho, Ypié bateu o olhar esperançoso no contorno dos sobrados e belas casas, das poderosas torres das igrejas e das ruas movimentadas de Itu. Mais um pouco, os fatigados viajantes ascendiam ao Largo de São Francisco com o seu conjunto barroco de igrejas, pátios, cruzeiro e colégio. Dali para o Pelourinho era um pulo.

Mestre Pascoal era extremamente religioso. Pressa alguma neste mundo iria impedi-lo de procurar a Igreja Matriz para agradecer à Nossa Senhora da Candelária e seu Filho Menino o sucesso da monção, praticada do longínquo porto de Piracicaba por caminhos de feras e insólitos perigos. Agradeceu comovido e suplicou êxito para a última grande demanda da sua vida, a de entregar aquelas duas crianças, sãs e salvas ao pai cristão.

Passava das Ave-Marias quando rumou para o Largo de Santa Rita, buscando a casa de morada de um antigo parente, o carapina Bento da Veiga, mais conhecido por Nhozinho. Fazia empenho de retornar no dia seguinte para Araraitaguaba, onde deixara importantes negócios para serem entavolados com o Barbosa. Correndo tudo bem, em quatro ou cinco dias, bateria em retirada para o sertão do Piracicaba, rio acima, com os seus bugres, pois lá deixara Curiango, o seu melhor falquejador, às turras com um lenho colossal que deveria converter em batelão guerreiro. Regressar de consciência leve, era do que mais carecia

Causou estranheza o fato de encontrar, inteiramente fechada, a casa de oficina e de morada de Nhozinho. Batendo reiteradas vezes, apareceu um moleque assustado, sujo e maltrapilho, que os introduziu num alpendre. A luz mortiça de um candeeiro denunciava alguma forma de vida no interior paupérrimo, desprovido de atrativos e mobiliário, onde foram recebidos, de pé, por amarga criatura, rodeada de crianças que se agarravam as suas saias.

— Então o primo está morto?

— Nhozinho já vinha achacoso do peito, desde novembro. Tamo vivo em estação difícil e num tenho coisa alguma pra oferecê de pasto.

— Posso conseguir alguma comida na taberna e pagar pelo pouso, Senhora Nhá Vita. Estamos há nove dias de jornada do porto de Piracicaba.

As sobras da magra refeição de uma broa de fubá com torresmos e leite de cabra foram disputadas pelas quatro crianças da família. Pelo jeito que comeram e depois dormiram, tão pesadamente, confirmavam-se as palavras da mãe. Há muito tempo não se ceava naquela casa.

O desconforto era completo, acompanhado das sevandijas que atacavam com fúria e irreverência. Para quem chega exausto de viagem, o sono pode se encarregar de anestesiá as picadas e as cocceiras, apesar das inconveniências de uma esteira lançada a um canto da alcova. Na falta de maior conforto, mestre Pascoal ajeitou-se no chão, como pôde, enrolado em seu velho e colossal poncho à prova de todas as intempéries.

Desde a partida de Piracicaba, achavam-se preocupados com a entrevista que iriam ter com Salvador Barros de Almeida; cada qual reagindo a sua maneira, evitando abordar diretamente o assunto. Há coisas que não podem ser evitadas. Percebendo a ansiedade das duas crianças, tentou sossegá-las:

— Amanhã cedo buscamos o sítio da Cachoeira, mais um pouco de paciência e chegam em vossa casa.

Mestre Pascoal, ainda se dispunha a proferir as orações da noite, em voz alta e em grupo, como costumava celebrar nos pousos do caminho, porém, Tomás virou-se a um canto, despedindo-se com um definitivo Amém. Percebendo a expectativa de Ypié, falou-lhe com brandura:

— Durma menina, Nosso Senhor Jesus Cristo já tem abençoado, suficientemente, os nossos passos.

Era impossível dormir sob aquele caleidoscópio de imagens que a floravam à memória, repassando a despedida de Inhabê, os bandidos do Bongue, as fartas águas do Salto do Piracicaba e as peripécias do Anhembi. Sentiu saudade de Donana e dos amigos que fizera entre os saltimbancos, penalizou-se por Tito com a sua terrível dor de dentes. Nada... nada se igualava ao sortilégio de graça e de beleza proporcionados por Dolores e suas pombinhas catalãs. Pataca...

Ypié entristecera-se com a expressão de fome e desamparo dos filhos de Nhá Vita. Já passara por muitos pesares em sua vida, desde que o maligno lhe arrebatara a mãe para o fundo da Lagoa das Almas, mas, Inhabê nunca deixara de proporcionar o suficiente, para ela e Tomás. O interior da loca de pedras, ao pé do Salto de Piracicaba, parecia-lhe bem mais acolhedor do que aquela morada, sem a frieza e o desamparo que transpareciam naquelas vidas.



A solidão ensinara-lhe a dosar sonho com realidade. Podia transformar-se em Dolores, posta a dançar num enorme roçado tendo por fundo musical o solo de um banjo ou o canto de Tito. Quis sonhar com a felicidade na casa do seu pai, porém, coartando a expressão serena, reapareceu a velha e persistente dúvida que sempre a assediava, implantando-se o desassossego e a insegurança sobre o amanhã.

Salvador Barros de Almeida enviara pelo Barbosa a palavra de que se dispunha a honrar a sua descendência naquele sertão do Piracicaba. Movido deste princípio, mestre Pascoal se empenhara na missão de chegar a Itu e entregar-lhe a custódia dos filhos, havendo por bem instruí-los de que no sítio da Cachoeira se integrariam à família cristã, partilhando o mesmo teto com a vasta irmandade.

Esta última certeza intranquilizara Inhabê, não era à toa que ela permanecera no barranco exorcizando o rio. Durante a viagem Ypié parecia escutar-lhe a voz.

— Podi vortá!

Ypié não queria voltar, mas aquele aperto no coração espicçou a saudade de Piracicaba. Estendeu os braços e desejou envolver-se no carinho acolhedor das pombinhas catalãs; como bálsamo e doce teriaga, quis dançar sobre as águas do Salto, recoberta pelo véu da sua neblina. Súbito, novo presságio: — pra que mar mi leva u riu de mia vida?

Ao clarear o dia, ainda estava de olhos secos e o estrado lhe martirizava o corpo. Mestre Pascoal avisou que era chegada a hora de se porem a caminho, e, não havendo o que comer, partiram em jejum, na direção do Pirapitingui, sobrecarregados de preocupações. Não podiam atender aos reclamos de Tomás, desejoso de dormir até mais tarde, que repetia não estar gostando de Itu e que desejava voltar a Piracicaba.

A sede do sítio de Cachoeira era uma construção bandeirante do século XVII, erguida ao pé de um morro para aproveitar a inclinação do terreno, dotada de fachada assobradada, senzala no térreo e paredes enegrecidas. Cercada por elevados muros de taipa pilada, isolava-se da área verde, formando com o engenho, recém construído, um complexo à parte, maciço, ostentando um aspecto de fortaleza que mais se acentuava pela presença de caboclos armados, mesmo em trabalhos de agropecuária.

Não era longe de Itu, coisa de meia légua, nem carecia de tamanha segurança. Há mais de um século, os guaianases estavam completamente extintos!

Mestre Pascoal foi abordado duas vezes, malgrado as apresentações de estilo acompanhadas de longas explicações, e, pareceu inteiramente desnor-

teado diante da informação perturbadora de que o Senhor proprietário se achava ausente, em viagem ao porto de Santos. Negou-se a tratar com quem quer que fosse, salvo a Senhora.

Ypié agarrou-se a Tomás e começou a tremer nas pernas, à medida que se confirmava o antigo presságio. Pareceu-lhe que o maligno deslizava aos seus pés e que vozes agourentas a chamavam de dentro da morada.

Enquanto subia os degraus que levavam ao pretório, mestre Pascoal passava a considerar que se metera na pior enrascada da sua vida. Erguendo os olhos para a enorme fachada, dotada de infindáveis janelões, sentiu de pronto que ali não havia espaço para os filhos bastardos de Piracicaba. Um diálogo curto e seco aumentou-lhe a ansiedade, frustrando-lhe as últimas pretensões.

— Mas, senhora dona Brígida, tenho a palavra do vosso marido e não disponho de tempo para a espera! Devo regressar hoje mesmo a Araraitaguaba.

— Não tenho ordem para este recolhimento.

O protesto morreu na garganta e foi bastante mortificado que tomou o caminho de volta com as crianças pelas mãos, movido da firme determinação de apresentar o caso à autoridade competente. Fora inteirado de que Salvador Barros de Almeida, encontrava-se, desde novembro, em viagem de negócios ao porto de Santos, em virtude da convocação do novo Capitão General de São Paulo, D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão. Não tardaria a regressar. Sabia que o sertanista ituano haveria de fazer justiça aos seus filhos, estes não podiam ser deixados sem tutor em terra estranha ou em poder de uma bruxa caiapó.

Por conselho de Nhá Vita, devia ser procurado em primeiro lugar o Padre Dr. Manuel da Costa Aranha, filho do Capitão Aranha, clérigo afidalgado e com grande ascendência sobre o Juiz de Órfãos. Este haveria de recomendar com precisão os passos a serem executados naquela vilegiatura do destino.

Varados de fome, tiveram que aguardar até às nove horas porque as personalidades estavam almoçando. Ypié e Tomás permaneceram em pé sobre o lajeado do passeio, a ansiedade aumentando por efeito da intimidação daquela terra estranha, enquanto mestre Pascoal e as autoridades mantinham a entrevista em que se decidia a sua sorte. Pareceu-lhes uma eternidade!

A uma certa altura, o Juiz assomou numa das janelas do sobrado para observá-los e, logo em seguida, mandou introduzi-los num alpendre onde comeram boa refeição. Alimentados, a vida lhes pareceu um pouco melhor, sem contudo, confirmar-se a esperança de que seriam recebidos em casa paterna.

Ypié sentia que aquela viagem não tinha volta e que era impossível desfazer o que estava sendo articulado. Temia as providências concertadas

sobre o seu destino, particularmente, porque receava ter de permanecer em casa de Nhá Vita à espera do pai. Às dez horas, já estava começando a botar os pensamentos em ordem, quando ouviu passos pesados na escada, e, pela cara de mestre Pascoal, sentiu aquele frio na espinha.

O juiz e o sacerdote aproximaram-se para examiná-los de perto parecendo não haver gostado da amostra que chegava de Piracicaba. Logo em seguida, sem a menor cerimônia, despediram-nos para a rua, inteiramente convictos do acerto da sua decisão. No caminho, longe das duas figuras intimidadoras, mestre Pascoal mostrou-se pesaroso e revoltado, impotente para concertar o caso. Foi dando as explicações, um pouco engasgado.

— Hómessas, vão ter que esperar. Vosso pai... breve, estará de volta da marinha.

O Padre Manuel da Costa Taques Goes e Aranha não podia esquivar-se a assumir a guarda dos filhos de Salvador Barros de Almeida, até o regresso deste da viagem ao porto de Santos. Em tal conjuntura, o Juiz designava Nhá Vita para hospedeira, mediante o depósito de vinte mil réis para o custeio das despesas alimentares. Mestre Pascoal seria reembolsado deste valor, no futuro, pelo próprio Capitão. Tudo escrito no papel, como se fora ordem d' Él Rei.

— Sorte, ter vendido aquela canoa para o Barbosa!

— Num fico, num quero! — protestava Tomás.

— Não existe outra saída, Ypié.

Ao meio dia, com a morte na alma, o mestre carapina retomava o caminho para Araraitaguaba, deixando para atrás os dois irmãos que o honorabilíssimo Juiz de Órfãos prometia entregar ao legítimo pai no tempo oportuno.

Nhá Vita não era má, ficara com o juízo perturbado após o falecimento do marido; por qualquer coisa atirava-se a um canto, olhos perdidos, sem atinar com o sustento dos filhos. No começo, estes chegavam a ficar dias inteiros sem alimentação regular, mas, logo, aprenderam o caminho da mendicância pelas ruas de Itu, excetuando o menorzinho que vivia endefluxado e com tosse pertinaz.

A filha mais velha da casa, Helena, era muito experiente naquele procedimento, sempre conseguia defender alguma coisa para si e seus irmãos, buscando os pontos de entrada e saída da vila, por onde passavam os viajantes. Advertia que era necessário evitar as portas das igrejas e as aglomerações no Largo da Matriz para não serem reconhecidos pelas autoridades, particularmente pelo Juiz de Órfãos.

Pedir dinheiro aos cavaleiros que subiam a rua da Boa Vista e desciam a rua Direita, era tudo questão de jeito: primeiramente, estendia o braço e,

depois, pedia a moeda que acabava sendo depositada na palma da mão. Se o doador viesse a lhe segurar a punho, não convinha mostrar medo. Bem segura a moeda, escorregava a mão e saía correndo.

Com dois ou três cobres estavam garantidos as quitandas e o bucho cheio, sobejando alguma coisa para levar para a casa. As necessidades a levaram a descobertas: chupar o dedo e sonhar com o céu dos ricos, onde nunca faltavam bons nacos de carne, muita farinha e feijão, era o remédio mais eficaz para a barriga vazia que roncava de fome à noite.

Para os recém-chegados foi extremamente penoso agüentar os primeiros dias, porque Tomás só chorava e pedia para voltar a Piracicaba. Arranjar comida, foi mais fácil, já haviam sido assimiladas as primeiras lições. A princípio, Ypié sentiu muito medo daquela gente desconhecida, mas aprendeu que bastava estender o braço, com certa graça, como fazia Dolores, e as moedas caíam, uma a uma, nas mãos, mormente se as acompanhavam um sorriso franco de agradecimento. Alguns cavaleiros mais pródigos lhe seguravam o pulso e ainda lhe perguntavam o nome. Não lhe pareciam gente má, razão pela qual oferecia pronta resposta:

— Ypié, Ypié das água di Priscicaba.

— De onde vens, mesmo, bela menina?

— Di Priscicaba, essi é meu ermão Tomais. Semo fio de Sarvadô Barros di Armeida.

A resposta era invariavelmente recebida com ar de incredulidade pelo interlocutor que fustigava a montaria e partia apressado.

A medida que os dias de dezembro se escoavam, Ypié parecia perder o medo das pessoas estranhas que defrontava nas ruas e becos da vila de Outu-guaçu, embora começasse a abandonar a esperança de que o pai viesse buscar, a si e ao irmão, para introduzi-los com honra na fortaleza do sítio da Cachoeira. Certa manhã, caminhando pelas ruas da vila, viu-se atraída pelo toque dos sinos e arriscou-se a penetrar no interior da Igreja de São Francisco, onde se encolheu a um canto, agarrada ao irmão. Ali acabaram tomando conhecimento de que era o dia festivo do nascimento do Senhor Jesus de Nazaré, aquele que morreu na cruz para a salvação das pessoas.

— Nóis tamem?

— Num sei, Tomais. Nóis, acho qui Ele num viu...

Retornando pelo Largo do Bom Jesus, acarearam-se com o Pe. Manuel Aranha que não os reconheceu, porque seguia muito apumado à frente de diversos coróinhas que conduziam em um nicho um recém-nascido, ou melhor, uma imagem de madeira policromada. Fitas azuis e brancas pendiam para

os lados, arrematando-se nas mãos de belíssimas meninas, vestidas de nacarado, portando coroas de flores nos cabelos e asas de pássaros, além de sapatinhos brancos nos pés. Uma maravilha nunca vista em Piracicaba.

— Minha nossa!

A música que cantavam tinha mais sonoridade do que as canções de Tito e sempre repetiam o mesmo refrão que combinava com o repique dos sinos: — em Belém, em Belém!

Tomás arregalou os olhos, extasiado. Quis participar do cortejo, mas foi impedido por duas damas, tão pressurosas quanto mal humoradas. Penalizou-lhe a expressão magoada, que Ypié prontamente entendeu.

— Tão falano do Sarvadô de tudo nóis?

No primeiro domingo depois do Natal, Ypié olhou-se no espelho e concluiu, com uma pontinha de vaidade, que se achava muito mais desenvolvida do que Helena. Os seios começavam a apontar, o rosto tinha uma pele macia e gostosa, os cabelos castanhos escuros chegavam-lhe às costas. Quall Nunca seria bela como Dolores.

Conformada, alisou os cabelos para atrás e ajeitou a roupa como pôde. Vinha de pés descalços, porque as alpargatas que trouxera de Piracicaba, puíram-se nas andanças. Arrastando Tomás, ainda meio tonto de sono, percebeu, na descida da rua da Boa Vista, uma numerosa comitiva integrada por cavaleiros de grandes chapéus e botas de canos altos.

Curiosa, aproximou-se daquele que lhe pareceu o comandante do grupo, e, sentindo que era observada, estendeu-lhe a mão à espera da moeda que não veio. Guardou o sorriso, sentiu medo. O cavaleiro reteve-lhe o pulso, alisou-lhe o braço, despertando velho presságio. Pareceu-lhe que o maligno rondava a seus pés, quis escapar, mas perdeu-se a olhá-lo nos olhos, cara de espanto diante da figura de antanho que se lhe reavivava na memória.

— Pai... bença.

# 7

## Cunhantã

A sede fortaleza do sítio da Cachoeira ocupava imensa área construída, sendo apetrechada de todas as conveniências de uma família paulista à antiga: quarto de rezar e de hóspede, voltados para o alpendre frontal, sala grande de seis janelas, numerosos quartos dormitórios e alcovas nas alas laterais e nos fundos. Na fachada principal assomava uma escadaria a pino concluindo em pretório elevado com três pares de colunas de madeira e um formidável alpendre.

Na lateral direita, de altíssima parede caiada, instalavam-se os alojamentos das mulheres, autêntico gineceu, onde as ocupantes se distribuíam por idade e condição social, as filhas do primeiro e do segundo casamento de Salvador Barros de Almeida e as demais descendências. Os homens solteiros ocupavam o lado oposto, dotado de comunicação interior, e os casais instalavam-se nos quartões dos fundos, acompanhados das crianças menores; porque a família já via despontar os primeiros netos, simultaneamente à descendência do segundo casamento.

Este formidável maciço fora construído no primeiro quartel do século XVIII. Na presente disposição das coisas, ficavam no térreo, propriamente dito, os depósitos de ferramentas e utensílios de lavoura, armamentos e munição, trens de viagem, instrumentos de mineração e preia, enquanto as instalações utilitárias estendiam-se até o Morro do Monjolo: puxado da cozinha, casa das farinhas, ferraria e, um pouco mais à esquerda, as novas senzalas com o seu característico pituim e caliaças enegrecidas.

A última novidade era a próxima instalação do mestre dos Algodões e seus teares, trazidos da vila de Santos e emprestados ao sítio da Cachoeira por doze meses, mediante cortesia de D.Luiz Antônio, o Morgado de Mateus, que desejava ver prosperar na Capitania de São Paulo a manufatura dos panos. Salvador Barros de Almeida acabava de chegar da entrevista que tivera no litoral com aquele Capitão General, o primeiro na Capitania restaurada. Ainda

era prematuro, mas, já contava que, dentro em breve, poderia dispor de moças tecelãs de inestimável serventia.

Causava espécie a forma atabalhoada como Salvador Barros de Almeida fora convocado, em outubro de 1765, ao porto de Santos pelo próprio Capitão General e Morgado de Mateus, recém-chegado de Portugal para soerguer a tão vilipendiada Capitania de São Paulo. El Rei voltava a necessitar dos paulistas e cobrava-lhes os seus antigos créditos de valentia e serviços na dilatação dos territórios, na expulsão dos holandeses e nas lutas da fronteira castelhana. Bem e Mal...

Enquanto tinha em mente preparar a estratégia da defesa do Sul e a militarização da Capitania, o Morgado de Mateus requisitava o serviço dos homens práticos do sertão; aqueles antigos capitães e cabos de esquadra paulista, detentores dos conhecimentos indispensáveis ao levantamento cartográfico das áreas em contestação, mas nem todas ameaçadas de invasão castelhana. Já naquela época, a memória confundia paulistas e bandeirantes.

Em nome d'El Rei, outorgara a Salvador Barros de Almeida uma missão sujeita a enormes sacrifícios financeiros e desgaste humano: a devassa dos sertões a sudoeste do Paranapanema e da Serra de Apucarana, para efeito do levantamento da sua cartografia. Simultaneamente, devia colher informações sobre os recursos minerais, as nações indígenas e as possibilidades de comunicação com o primeiro planalto interior onde se situavam os Campos de Curitiba. Por recompensa, acenava-lhe com proveitos materiais sobre minérios, apresamentos e o definitivo engrandecimentos da sua casa mediante a patente de Capitão.

Pouco otimista quanto ao futuro, Salvador Barros de Almeida confidenciara ao primogênito: — D. Luís Antônio verteu-me, goela abaixo, o Real Serviço a bem dos interesses da Capitania. Agora, vejo-me na iminência de armar, às minhas próprias custas e sem mais tardança, uma grande expedição àqueles sertões dos carijós. As necessidades da minha casa, quem as proverá?

Empenhara verdadeiramente a sua palavra junto a Morgado de Mateus, não sem, antes, conseguir o mestre tecelão por empréstimo e o apoio indispensável ao progresso das suas agências na lavoura. Porque o seu primogênito possuía visão de ganhos e acalentava planos com a nova cultura, malgrado a paralisação do porto de Santos e o sacrifício da Serra do Mar, por onde desciam os proprietários do planalto para se abastecer de sal e ferro.

Era difícil a um sertanista acreditar no êxito da agricultura comercial, Serra acima, tal como desejava o novo Capitão General. Francisco punha fé na produção de açúcar e aguardente das velhas engenhocas ituanas, no algodão e nos mantimentos, ficando ansioso para romper com os peri-

gos do Centro-Oeste. Não dispunha do espírito aventureiro dos irmãos mais jovens e o sítio do Carandá, dentro do Pantanal, o apavorava, desde a refrega com os guiacurus em 1760.

A muitos parecia dificultoso implantar no Vale Médio do Tietê o que já se configurava com êxito no Vale do Paraíba: lavouras de cana e de algodão. Não de imediato; porque o proprietário rural carecia de estímulos e oportunidades.

— O Morgado de Mateus chegou com idéias novas da Europa, senhor meu pai. É forçoso de acreditar.

— Qual! Aos treze anos entrei para a bandeira do meu velho pai, sou andejo. O sertão sempre foi o único remédio da pobreza dos paulistas. Este sim, alimenta.

— Um dia, vossa mercê haverá de reconhecer a necessidade de desenvolver agricultura, Serra acima, para ser mercadejada no Reino. Quiçá a cana-de-açúcar!

— Francisco, se tiver de ficar confinado no meu sítio, pode preparar-me a mortalha.

Os caminhos de Lisboa e o tratamento com as autoridades reinóis sempre pareceram perigosos e indefinidos aos paulistas. Salvador Barros de Almeida não lhes fazia exceção, particularmente, porque eram de recente memória a usurpação progressiva das legítimas áreas de mineirar e a injúria imposta pela extinção da Capitania (1748), desfigurando-se a grandeza territorial de São Paulo.

Apesar da decadência da mineração, preferia manter à revelia os antigos negócios no Centro-Oeste, mais o criatório e a lavoura de mantimentos no sítio da Cachoeira, indispensáveis as suas operações e ao uso da família. Entretanto, a guerra na fronteira castelhana vinha a lhe prejudicar os planos em Mato Grosso e em Guaporé.

A mina do Pitu-guaçu, que lhe rendera excelente capital, agora cambiava para franco esgotamento, indicando ser chegada a vez de desmontar aqueles arraiais e seguir adiante. Assaltavam-lhe dúvidas. Vivendo sempre em tão esforçados trabalhos e dilatados perigos, o corpo podia perrengar de uma hora para a outra. Não deixava de reconhecer a prudência de Francisco em sua pretensão de aderir ao modismo que D. Luís Antônio desejava introduzir em São Paulo, só não dispensava as próprias botas de sete léguas.

Jonas e Domingos, os seus filhos mais jovens, permaneciam ligados às operações do Centro-Oeste no que dizia respeito à mineração, comércio e preia. Pessoalmente, predispunha-se à última grande demanda da sua vida,



sem negar que sentia-se atraído pelas possibilidades apontadas a sudoeste do rio Paranapanema: ouro e inesgotáveis viveiros de indígenas nos sertões dos carijós. Homens dentro de casa ou na lavoura, durante o ano inteiro, parecia-lhe coisa de amolecer a disciplina doméstica.

Até abril do ano entrante de 1766, estaria a caminho do serviço da Coroa. Antes, carecia dar formalidade à palavra empenhada junto a mestre Pascoal do porto de Piracicaba. O seu tempo ainda não se cumprira, cabia-lhe dar destino a muita gente naquele sítio da Cachoeira, ordenando as coisas como verdadeiro patriarca.

Dispensando quaisquer explicações, logo à chegada, Ypié foi separada de Tomás e entregue aos cuidados da primogênita, Escolástica, que a recebeu sem o mínimo sinal de surpresa ou contrariedade. Intimidada e balbuciante, a menina acompanhou-lhe os passos pelo interior do casarão até a última alcova da lateral direita. Afligia-se, intimamente, com a sorte do irmão, porém, aquela cortou-lhe o fio dos pensamentos, indicando-lhe com palavras curtas e secas o catre junto à parede. Sempre ativa, entregou-lhe uma muda de roupa em razoáveis condições e um cordão apontado por um crucifixo.

— Nesta casa todos são cristãos.

A entrevista não se encerrou por aí. Tudo o que Ypié desejava era ficar a só para pensar na vida e chorar a saudade de Piracicaba, mas... no momento em que se abaixou para calçar as chinelas, Escolástica agarrou-a pelos cabelos e preparou a tesoura.

— Num quero!

Ypié estava disposta a resistir-lhe porque sentia-se vaidosa dos longos cabelos que mantinha escorridos sobre a espádua, às vezes, um pouco despenteados, porém, sempre limpos e brilhantes.

— Aqui não convivemos com sevandijas, quieta!

Ypié tinha brios e dispunha-se a recusar a tosa. Resistiu, tentou evadir-se, porém aquela era-lhe fisicamente mais forte. Tentou novamente, irritando sobremaneira a contendora. Esta obrigou-a a ajoelhar-se, firmando o pé direito sobre as suas espáduas, sem atender-lhe aos rogos e soluços, mantendo sempre os cabelos puxados para atrás, seguros em sua mão esquerda. Implacavelmente, foi-lhe tosando rentes ao couro cabeludo, ao mesmo tempo em que declinava instruções sobre os procedimentos rotineiros da casa: hora de levantar, trabalhos domésticos, asseio, refeições. Concluída a operação, atirou-lhe uma pequena mantilha para encobrir a cabeça, quando devesse apresentar-se perante os familiares.

— Agora, limpa o chão.

Pelas Ave-Marias, reunia-se a família na Capela doméstica para as orações do terço; filhos legítimos, noras, netos e demais descendências, sob a presidência do seu chefe e da senhora dona Brígida. Diante do oratório de Nossa Senhora da Candelária, distribuíam-se diversos genuflexórios que iam sendo gradativamente ocupados pelas mulheres da casa. As crianças acomodavam-se em esteiras ao lado das mães. Os filhos varões do primeiro casamento aguardavam junto à porta para reverenciar a entrada do chefe da família. Essa era a ordenação.

Salvador Barros de Almeida era o último a penetrar na Capela, acompanhado da esposa que se dirigia incontinenti para o oratório, a fim de iniciar o terço que era recitado em conjunto pelos presentes. O marido nunca permanecia ao lado dela, preferindo sentar-se numa cadeira de espaldar disposta sobre pequeno estrado; honrando-se com a corte dos filhos.

— Ypié disfarçava os soluços, apegando-se a sua coragem interior, alerta aos mínimos detalhes em virtude do seu interesse por Tomás. Custou achá-lo, encolhidinho no meio das diversas crianças da casa, e o coração saltou no momento em que os seus olhos se encontraram, porque percebeu que ele também chorara bastante; só não houve como falar-lhe, porque se sentia ao alcance do braço repressor de Escolástica.

As orações proferidas em tom monótono e repetitivo por aquela gente de expressão indefinida, soavam-lhe incompreensíveis, intermináveis. Concluído o terço com um peremptório “Amém”, proferido por Salvador Barros de Almeida, persignavam-se todos diante do oratório e preparavam-se para saudar o chefe da casa que já os recebia, em pé. Um a um, pediam-lhe a bênção e beijavam-lhe a mão, retirando-se circunspectos para a ceia que tomavam em separado, os homens, as mulheres e as crianças.

Ypié desejou pedir-lhe socorro, mas o pai parecia-lhe uma esfinge. Aquela sisudez inatingível cortou-lhe a respiração e a fala, mal compreendeu as suas palavras convencionais.

— Deus vos abençoe, Maria dos Anjos.

À hora da ceia, viu-se alvo indefeso da curiosidade, a alma ferida e as lágrimas teimosas a escorrerem pela face. O nó da garganta impedia-lhe deglutir os alimentos diante do desdém de Escolástica e da indiferença da senhora da casa, dona Brígida. Sentindo-se intrusa na casa do seu pai, compreendeu que o seu lugar verdadeiro ficava em Piracicaba, carecia voltar.

— Como te chamas, cunhantã?

— Yp... Ypié.

— Quero o teu nome cristão, criatura.

— Maria... Maria dos Anjos.

— Anjos de Piracicaba?

A zombaria lançada ao ímpio sertão atingia-lhe a própria imagem e só fazia aumentar-lhe o embaraço. Ypié policiava-se para que o nó da garganta não desatasse em altos soluços, atraindo novamente a ira da sua principal tutora.

— Lá em Piracicaba pode haver anjos, cunhantã?

A senhora dona Brígida encerrou o suplício no momento em que, erguendo-se até um pequeno oratório, cobrou a última oração da noite. Inexplicavelmente, Escolástica tomou-a pela mão e a conduziu, sempre tranqüila, até a porta da alcova onde havia de repartir espaço com mais duas mocinhas.

— Guarda os soluços e enxuga as lágrimas, Maria dos Anjos. Nesta casa não há lugar para fraquezas.

Ypié não lhe respondeu palavra. Olhos baixos, trêmula, deitou-se sobre a enxerga que cobria o velho catre e deixou-se ficar na perplexidade de quem sofria, por si mesma e por Tomás, não tendo outro recurso que apertar com as mãos a dor na boca do estômago. Os seus tenros anos impediam-na de formar um quadro apreciativo e crítico a respeito da nova condição, mas, sentia-se completamente perdida.

A organização feminina era responsável pela maior parte da produção doméstica do sítio da Cachoeira: alimentos, cerâmica, cestaria, fiação, roupas. Escolástica, a filha mais velha do primeiro casamento, era a instrumentadora da produção interna. A sua autoridade era praticamente ilimitada, estendendo-se à população feminina e aos piás, estes, até dez ou doze anos. Parecia incansável no seu afã de racionalizar a organização interna do trabalho e em vigiar a execução das tarefas que comandava.

À primeira vista, impressionava pela aparência esguia, passos ágeis e belo rosto, já nos seus trinta anos, porém, não despertava simpatia devido ao feitio autoritário e por ser quem aplicava os castigos. Era a filha predileta, a que detinha o verdadeiro poder dentro daquela casa, desde que falecera a mãe.

A senhora dona Brígida, esposa do segundo casamento, era-lhe um pouco mais jovem. O seu cetro parecia repousar mais no interior da Capela do que no exercício das funções domésticas. Também era figura poderosa, apesar de discreta, mais dedicada aos filhos pequenos, ao preparo das vestimentas e às coisas da religião.

Não havia como escapar ao domínio destas duas criaturas, salvo aqueles que trabalhavam na terra, ao lado dos bugres e suas mulheres, sob o guante do capataz Gravaia. Até aquele ano de 1766, com pouco mais de trinta bugres nos

trabalhos pesados da lavoura e do criatório, dinamizava-se todo o complexo rural e dava-se respaldo às expedições para Mato Grosso que eram da iniciativa de Salvador Barros de Almeida, seus filhos e sub-comandados. Daquele chão saíam arrobas e alqueires de alimentos, açúcaradas rapaduras e canadas de aguardente.

Depois da entrevista na vila de Santos com o Morgado de Mateus, as coisas pareciam querer mudar. Pela primeira vez, Francisco permaneceu junto à lavoura que desejava expandir em algodão e cana. Era visto, particularmente, dedicado à fatura dos açúcares e da aguardente, em seus dois velhos engenhos de bugio. O criatório não era grande coisa: potros e terneiros mantidos pelos mestiços jovens e piás porque lhes parecia tarefa mais agradável a movimentação com certa liberdade no interior do sítio, ainda lhes proporcionava adestramento às expedições monçoneiras para o Centro-Oeste.

A atividade em Mato Grosso manteve-se nas mãos de Jonas e Domingos, pois era das cercanias da mina do Pitu-guaçu que ainda se provisionavam de algum ouro e dos escravos com que abasteciam as lavouras da região. Salvador Barros de Almeida, ele próprio, devia partir com alguns dos seus melhores homens neste mesmo ano para o sudoeste do rio Paranapanema, e, já iniciara os preparativos para uma longa permanência a serviço d'EI Rei.

Durante a primeira semana, Ypié acompanhou os passos de Escolástica feito um cãozinho, reconhecendo que estava sendo testada nos mínimos desempenhos. Não houve como evitar a palmatória, porque tal morada era um nunca acabar de trabalhos e cuidados, e, às vezes, saía-se desastrada com os potes e os esfregões.

Chorar, só à noite, abrigada no seu catre, a salvo dos remoques. Extremamente observadora das reações dos servidores e das vozes do comando, apercebeu-se do duelo silencioso que se travava entre a madrasta e a enteada, da disputa corrente entre os filhos homens pela sucessão nos negócios da lavoura e do Centro-Oeste. Aprendeu depressa, recalcando o orgulho e engolido os soluços, convivendo com a dor da liberdade perdida no interior daquela casa fortaleza e com a saudade de Piracicaba.

Com grande frequência, a florava-lhe à memória o vulto de Inhabê postada à beira do rio. — Podi vortá! - Não raro, o maligno parecia-lhe escorrer aos pés, mole e viscoso, insinuando-se entre as pessoas, varando as alcovas, demandando as profundezas do sítio da Cachoeira. Pertencia-lhe a voz terrificante que ouvira pela primeira vez naquela casa.

— De onde vens? Como te chamas, cunhantã?

# **PARTE II**

## **BOCA DE SERTÃO**

# 1

## Flor das Águas

“— A dos Anjos!”

“— Anjos de Piracicaba?”

Ypié atravessou a semana com o refrão que lhe impuseram na casa do seu pai, reservando as forças para o encontro com Tomás no domingo à tarde, quando cessavam as atividades domésticas e se relaxava um pouco a vigilância. O irmão também se ressentia da separação, embora lhe fosse reservada melhor sorte. Tinha meninos da sua idade por companhia e falava com entusiasmo das novas experiências: o próprio Salvador Barros de Almeida estivera a lhe ensinar as artes da montaria, presenteando-lhe com um chapéu.

Os irmãos percorreram juntos e abraçados os arredores. Tirante a sua solidez maciça e o majestoso beiral, a sede do sítio da Cachoeira nada tinha de bonito. A poucos metros identificaram os enegrecidos tejupares dos escravos índios, gente de miserável aspecto e extrema sujidade, no meio da qual vegetavam crianças de olhos carníentos.

À enorme distância, observaram um capão residual de mato a ostentar as últimas amostras do que fora, outrora, uma luxuriante vegetação. Ypié guardou a esperança de poder suprir-se das suas plantas de mezinhas. No mais, a paisagem era desprovida de beleza natural, distanciada das águas do Anhembi, acabrunhante.

Entornar as águas servidas, assear os quartos, esfregar os pisos e trocar os jarros, eram algumas das suas tarefas diárias, até que, aos poucos, foi penetrando nas dependências anexas, onde se achavam estabelecidos os artesanatos das farinhas, das velas, das banhas e a tecelagem, cuja trama em teares começou a observar com muita atenção. Em tudo predominava um corre-corre incessante, debaixo de severa disciplina, mas sempre disponível às descobertas que acumulava e nem sempre entendia.

A oficina de mestre Carolino foi o seu refrigério frente à tirania de Escolástica e valeu-lhe a aproximação com a senhora dona Brígida. Esta não lhe

dirigia a palavra, mas, certamente, não desaprovava a forma calada com que costumava trabalhar, retraída por timidez e defesa natural, frente às investidas agressivas daquela gente.

A casa do seu pai exalava ar doentio. Os ventos frios que contornavam o Morro do Monjolo penetravam, até mesmo, no interior das alcovas, provocando males do peito e catarros crônicos. A filha mais nova da senhora dona Brígida apresentava uma febre inquietadora e, certa feita, aplicaram-lhe sinapismos às costas de que resultou profunda ferida que impedia a coitadinha de mexer-se na cama.

Ypié sentiu que poderia aliviar-lhe o sofrimento, caso encontrasse as ervas adequadas que Inhalabê lhe ensinara a manipular. Movida dos melhores propósitos apresentou o caso à Escolástica e recebeu-lhe um categórico não. À noite, durante o beija-mão, atreveu-se a encarar o pai pedindo-lhe com voz trêmula para tratar a menina Verônica.

— Tem a minha permissão, Maria dos Anjos.

Refortalecida, aproximou-se da senhora dona Brígida pela primeira vez:

— Minina Verônica podi ficá sarada.

Os olhos aflitos da mãe traduziam o consentimento imediato. — Mecê faz o que mais sabe da percisão das plantas.

Foi uma vitória a que não renunciou, debaixo dos olhares fuzilantes de Escolástica. Os ungüentos obtidos a partir do succo dos rizomas da erva pacová e das cascas do indaiçu, uma árvore frondosa que se erguia nos campos de criatório do sítio da Cachoeira, cicatrizaram a ferida das costas em dez dias. A tosse renitente levou mais de um mês, combatida pelas infusões espasmódicas do cordão de frade e das folhas de guaco-bravo, poderoso desongestionante e anticatarral. A criança pálida e fraquinha foi tomando algum viço e, já, brincava no colo da mãe no final do mês de junho. Tão coitadinha em sua fragilidade, mas empenhada em sobreviver!

Por recompensa aos serviços prestados, Ypié foi afastada do insalubre porão, onde, há seis meses, emendava fios numa velha roça e ajudava a tecer intermináveis corredores de pano de algodão. Os serviços de costura empreendidos na oficina doméstica da senhora dona Brígida eram mais leves; além destes, passou a prestar atendimentos de herborista, sempre chamada para tratar as feridas bravas, as picadas de cobras e as mazelas dos escravos. Agradavam-lhe os novos trabalhos, principalmente, porque era liberada para colher as suas ervas no capão de mato, onde se sentia à vontade para pensar na vida. Na casa, pesavam-lhe os olhos de Escolástica, sempre a sua espreita, em toda a parte.

A expedição que Salvador Barros de Almeida preparava com enormes dificuldades materiais já estava atrasada, quatro meses, devendo partir em agosto. Ypié via esta ausência com bastante apreensão, talvez, influenciada por maus presságios. Fazia muito frio naquele mês de julho, aumentando a necessidade da coleta das raízes, cascas e ervas indispensáveis para as mezinhas de inverno. Quando Tomás a acompanhava sentia-se inteiramente recompensada.

— Os home dava causo qui Pataca i seu povo s'incostaro no capoeirim, do Guarau, perto d'igreja de Santa Rita.

Ypié arregalou os olhos e não escondeu a satisfação, há muito não ouvia notícia tão esperançosa.

— Vamo lá, quero vê Donana i Tito.

Era quase impossível escapar daquela sede fortaleza, internamente vigiada pelos subservientes tagarelas do partido de Escolástica e, por fora, cercada de caboclos armados. Tomás possuía apenas seis anos, mas, parecia saber do que estava falando:

— Num dá.

Um suspiro inconformado de Ypié foi a resposta.

Em fins de agosto, a expedição da Salvador Barros de Almeida partiu com trinta homens para o sertão sudoeste do Paranapanema. Os gastos e as dificuldades materiais suavizavam-se diante da expectativa de poder carregar no torna-viagem, previsto dentro de um ano, muita presa e algumas onças de bom ouro.

O Morgado de Mateus acenara com um título de enobrecimento, pois era da sua convicção que o serviço d'EI Rei e o heroísmo pelas armas constituíam o meio mais eficaz de os homens se libertarem da vileza da sua condição social. Não sendo bem o caso dos velhos troncos paulistas, o Morgado preferia espicaçar-lhes os brios, relembrando as suas pretéritas façanhas.

Na véspera da partida, a família reuniu-se na Capela para a oração fervorosa que precedia as despedidas. Pela primeira vez, Ypié recebeu do seu pai um olhar complacente acompanhado de palavras mansas, com as quais prestigiava-lhe o conhecimento das ervas e recomendava a iniciação de Tomás nos segredos das manipulações. Súbito, um mau presságio e o maligno pareceu-lhe soltar-se das palavras de Salvador Barros de Almeida.

— Maria dos Anjos! — murmurando entre-dentes e, falando mais para si próprio, completou o pensamento arquitetado em família: — Mecê leva conhecimento que vai prometida em se casar no próximo ano, depois do meu regresso do sertão.



Ypié voltou-se imediatamente para Escolástica a tempo de flagrar-lhe o brilho dos olhos na face de esfinge. Tais eram os seus métodos de afastamento das bastardias indesejadas naquela casa. Percebendo-lhe a íntima satisfação, encheu-se de coragem e arriscou:

— Pra quem tô prometida, pai?

— Há que esperar, Maria dos Anjos..., há que esperar.

A senhora dona Brígida era outra esfinge, Ypié não se arriscava a abordar com ninguém as artimanhas de Escolástica. Triturando a raiva e o medo, resvalou para a dispensa, onde permaneceu auxiliando na fabricação das velas de sebo, à espera da oportunidade de correr para o capoeirão e colher graúdas raízes de purga de caiapó com as quais puçangou, à noitinha, a congonha servida para Escolástica.

Durante três dias, esta cobriu-se de ridículo, destemperando-se em público e sem aunar a razão. Houve verdadeiro corre-corre naquela casa, chegando-se a pensar que a mesma ia morrer. Alguém delatou, mas era impossível acertar com a puçanga comprovadora do malefício.

Uma semana após, pálida e desfigurada, Escolástica apareceu, repentinamente, no porão, olhar furibundo:

— Qual a puçanga que me deste, vaso de feitiço?

Ypié não respondeu; sentiu-se perdida, embora continuasse a verter o sebo derretido nas formas das velas. Qualquer coisa intimou-a a fugir, quis correr, não deu tempo.

Agarraram-lhe com violência a mão esquerda e nela Escolástica depositou uma brasa viva, pinçada do fogão, fechando-se-lhe em seguida os dedos, com total indiferença aos gritos lancinantes e aos pedidos de clemência. Braços possantes de duas caboclas sustinham-na com a mão fechada, o carvão chiando e corroendo-lhe os tecidos junto aos ossos, até que, por consentimento da ofendida, deixaram-na cair para morder o pó da terra.

Não houve como aplacar aquela tempestade. O fato só chegou ao conhecimento da senhora dona Brígida à hora da ceia, as informantes desconheciam o paradeiro da Dos Anjos; tinham-na por evadida para o mato à cata da suas ervas curandeiras.

— Deixem a cunhantã em paz.

Enlouquecida de dor, Ypié arrastou-se para o terreiro e ali conseguiu alento para fugir na direitura do capão, onde passou a noite, atormentada por desvairados pensamentos e pelo sofrimento que lhe desfigurava a mão. Para não morrer de dor, mastigou em desespero várias folhas de cangussu preto e caiu em letargia, até o amanhecer, quando rumou cambaleante na direção de Itu.

Não queria arriscar-se a ser descoberta, preferindo avançar pelas macegas e gravatazais, a chorar e a gemer. Assim que pôde, envolveu a mão em folhas novas de bananeira e tentou manter-se no caminho da capoeirinha, nas cercanias da Vila, onde chegou quase desfalecendo. Lá pelo meio dia, avistou o perfil da Igreja de Santa Rita e, não muito longe, as barraquinhas de algodão dos saltimbancos. Entrou cautelosa, implorando proteção.

Horrorizado, Pataca não sabia o que fazer, mas Donana foi senhora da situação.

— Venha, minha filha.

O seu grande coração de mulher encontrava expediente para tudo. Foi com infinito cuidado que aplicou-lhe unguento balsâmico e envolveu-lhe a mão em folha de bananeira pré-cozida.

— Mecê tá sarva, s'assussegue.

Algum dinheiro foi despendido na vila porque Tito retornou com potes e caldo de galinha, que Ypié mal engolia, afogando-se em soluços. Mais tarde, à luz mortiça de um candeeiro, ouviu os seus amigos e desabafou-lhes as mágoas, conseguindo atravessar esta segunda noite a meio de gemidos e estremecimentos, porém, em segurança.

— Tito, com'ê qui tá a panela do dente de mecê?

— Não dá para comer deste lado, vês?

Engolindo soluços, Ypié rematava:

— Quero vortá pra Priscicaba.

— A menina não deve julgar mal a família do Capitão Salvador Barros de Almeida. Certamente, há fatos que devem ser esclarecidos e punidos, porém o vosso pai acha-se ausente e não tem culpa nesses assucedidos.

— Quero vortá pra Priscicaba, Pataca.

— E deixar Tomás em casa paterna?

— Num vai dá pra í buscá Tomais...

Ypié recomeçava o pranto inconsolável, por si própria e por Tomás. Parecia não ter mais fim aquela consumição, era um eterno revolver de mágoas e reabrir feridas.

À medida que os dias foram passando, Donana com o seu coração de mãe e Tito, o grande amigo, contribuíram para o desfecho daquele episódio de incertezas. Tinham influência no grupo e foi com eles que arrematou Pataca, cheio de opinião:

— O que não tem remédio, remediado está.

Havia entre Donana e Pataca um clima de muito respeito diante das decisões tomadas em conjunto, e, uma vez assumidas as dificuldades, não voltavam

atrás. Malgrado esta disposição de espírito, a presença de Ypié lhes trazia desassossego, reforçava a insegurança das suas vidas, aumentando as preocupações pela sobrevivência da *troupe*. Coisa realmente perigosa, exporem-se à represália dos poderosos naqueles tempos. A princípio, Pataca ainda se sentia relutante em manter sob ocultamento a filha de uma casa tão cheia de prestígio e autoridade, num momento em que os seus agentes rondavam as cercanias. Passados os primeiros sustos, rendeu-se às evidências e decidiu dar guarida à menina, disfarçada com as vestes de Tito e bem preservada no interior da barraquinha de Donana.

A mão esquerda parecia inteiramente desfigurada, comprometendo-se o movimento até o punho; demorou, mas a inflamação foi cedendo e a dor experimentando alívio, à medida que se escoavam os últimos dias de agosto. Ypié recebeu por consolo e companhia as pombinhas catalãs, cuja gaiola Tito dispôs diante da sua esteira.

— Quedê as otra?

— Duas delas morreram... de saudade de Dolores.

— Canti pra elas, Tito.

Em noites de parca função, Ypié conformava-se em permanecer escondida a meio dos trastes, inteiramente no escuro, silenciosa e temente da invasão de algum inoportuno. Naqueles dias de tamanha insegurança e sofrimentos físicos, ralava-se de saudades de Tomás.

Às vezes, parecia manter-se com os olhos fixos nalgum perigo iminente, sempre a mesma espectadora aterrorizada do maligno que relacionava em todas as suas perdas. Só saía a custo desse estado.

Outubro estava chegando com o seu calor e suas águas. Pataca, que julgava estratégico afastar-se de Itu, revolveu aceitar o conselho ditado pela sabedoria de Donana. Foi com alívio que entregou a Deus o enorme problema e soltou o coração. A nova responsabilidade de salvar a *troupe* e devolver a menina ao porto de Piracicaba refortaleceu-lhe a decisão de voltar a ganhar a vida naqueles ásperos caminhos do Anhembi. Passou a mostrar-se mais comedido na bebida e nas expansões do seu mau humor.

Certa manhã, desceram a rua da Boa Vista, pesadamente carregados, buscando com muita prudência a saída para Ararataguaba. Ypié gemeu dolorido ao contemplar o perfil das torres e do casario daquela que era uma das mais importantes vilas paulistas, Outu-guaçu!

Tito compreendeu-lhe o sentimento:

— Cada um tem o seu lugar neste mundo Ypié, partimos sabendo que a vila de Itu não é lugar para nós. Mecê bate o pé das chinelas, assim que passarmos o valadinho.

— A vila num tem culpa, o má tá nas gente...

— Este lugar é terra de muita soberbia. Os senhores são cruéis, têm orgulho do seu poder e da barriga cheia; os escravos são arrogantes, até os mendigos nos desdenham.

— Pobri tem orguio, Tito, ismola tamém queima nas mão.

Conversando baixinho, trocando as mágoas, viram-se à frente do rio Avecuia, cujas águas ligeiras e brilhantes tomavam o rumo do Anhemi. Ypié sentiu-lhes o irresistível apelo, também era filha de outras águas... Pés mergulhados na corrente, coração mais aliviado, pôs-se a espargir água sobre os integrantes da *troupe*. A experiência valia por um banho lustral, purificador sobre as mazelas do sítio da Cachoeira, indispensável contra todos os ressentimentos e dores físicas.

— Mió, só no Sarto de Priscicaba!

Tito e Pataca observavam-na divertidos; era a primeira vez que Ypié demonstrava alguma satisfação frente ao mundo exterior. Mas, Donana intimamente se inquietava por sua sorte lançada naquela vida de tantos e perigosos descaminhos. Pouco ou quase nada poderia fazer por uma cunhantã evadida da casa dos Barros de Almeida da poderosa vila de Itu. Percebendo-lhe o olhar cauteloso, a menina atirou-lhe um beijo, olhos atçados, boca risonha.

— Góra sei pr'onde corri u rio de mia vida!

# 2

## Fel da Terra

A guerra luso-castelhana, que incendiava o sul dos Estados do Brasil, modificava o interior paulista. O que se via ao longo do caminho para Araraitaguaba era o fluxo intenso dos oficiais e sub-comandados do Capitão André Dias de Almeida, o responsável por uma grande monção prestes a partir. A julgar pela pressa e pelas escoltas de prisioneiros levados por oficiais fardados, era questão de muita relevância. Araraitaguaba parecia uma praça de guerra, os botequins estavam cheios e homens turbulentos faziam presença em toda a parte. Coisa para se acautelar!

A *troupe* procurou descer discretamente para o porto em busca do estaleiro, quase sem conseguir furar a aglomeração que ali se formava. Próximo do rés d'água, um pardo alcoolizado, mas ligeiro de facão, entregava-se a supliciar um bugre que o hostilizara, desferindo-lhe profundos talhos nos membros superiores e na face, sem que ninguém se atrevesse a deter o facinoroso. Era um pareci recém-chegado, pertencente ao lote das peças adquiridas para o estaleiro do Barbosa e seu cunhado, o Moraes. Os gritos lancinantes cortavam o coração.

Era certo que a presença de tanta gente exercia renovada estimulação sobre os violentos instintos do malfeitor. Indiferente aos brados, prosseguia sôfrego na tortura, até que alguém advertiu: — Aí vem o Moraes. - Foi o suficiente para que o pardo acelerasse o espetáculo, golpeando rápido o abdome do bugre, de maneira que, girando o punho, resgatou o facão que veio acompanhado de forte jacto de sangue e parte dos intestinos.

À queda da vítima, que se esvaía em apavorante sangueira, sucedeu violenta pranchada sobre as espáduas do pardo. Este vacilou, pendeu para a frente, mas, retesando-se, partiu com um sorriso felino sobre o atacante. Foi colhido a meio do pulo por outro impacto que lhe atingiu o antebraço e por mais outro que lhe fraturou a mão, arrancando-lhe a arma. Urrando de dor, prostrado, parecia saído do furor alcoólico e, já, meio arrependido.

Ledo engano, a quizzília só estava começando. Moraes lançou fora a prancha de que se servira para desarmar o adversário, convicto de poder conversar a sua moda:

— Vamo vê se mecê é valente de verdade!

A lâmina caxirenguengue foi riscando a face do pardo, debaixo dos pedidos de clemência, desceu para o peito em cortes profundos, e, para o ventre, a procura dos órgãos genitais.

— Gora mecê iscoie... qué continuá macho? Intão, come as tripa do bugre, pra todo mundo vê i contá do causo assucedido em Araraitaguaba. Come!

Vencido pela repugnância e suplicando o perdão com que pretendia safar-se, o pardo se ajoelhava aos pés do contendor, beijava-lhe as botas.

— Seu Moraes, Antonio Correa Barbosa está a lhe convocar; tem missiva do Morgado de Mateus.

— Qu' ispere, inda num compretei os acerto das conta.

Não ocorria a ninguém ajuntar o facão caído a poucos metros: a lâmina brilhava, deitando feitiço sobre o pardo que lançou-se sobre ela. Moraes deteve-lhe o pulo de gato, derrubando-o a tempo, pisando-lhe as botas sobre os braços, imobilizando-o. Escorreu a lâmina para o baixo ventre e, em dois curtos golpes, decepou-lhe a genitália.

Cenho fechado, lavou as mãos nas águas do Anhembí, retomou o cigarro de palha prensado no vão da orelha e chamou pelo escravo.

— Pode levá o lazarento pro Capitão André.

A *troupe* preferiu aguardar no porto, bem próximo da maior concentração de canoas que já se vira. Não dava para se aproximar do Barbosa naquelas circunstâncias, mas Pataca, de soslaio, observou-lhe a amassar na coroa da mão a missiva do Capitão General e atirá-la n'água. Sabia que Barbosa não era homem de torcer ou de dobrar, só pressentia que o destino de muita gente estava nas suas mãos, a partir daquele momento.

Pesadas belonaves de Espanha passavam ao largo da costa do Rio de Janeiro com destino ao porto de Buenos Aires, fortemente guarnecidas de baterias e trens de guerra. As tropas castelhanas haviam procedido à ocupação da Colônia do Santíssimo Sacramento e das fortalezas da costa sul brasileira, dos territórios das Missões, dos chãos confinantes das Vacarias e do Viamão, através dos quais poderiam intentar contra a Serra de Lajes e o Sudeste, inclusive a Capitania de São Paulo.

O General D. Pedro Cevallos lançava muito longe a sua ousadia de caudilho ao estabelecer quartel à margem direita do rio Pardo. Impaciente, mal

parecia esperar o momento oportuno de desferir o golpe definitivo sobre a América portuguesa, artilharia à vista!

O Rio de Janeiro se tornara recentemente a capital do Vice-Reino do Brasil, conquanto de longa data fosse o mais vasto empório colonial das Américas. O poderoso Ministro Conde de Oeiras reconhecia naquela cidade a função de chave-mestra para a interiorização dos Estados do Brasil, peça fundamental na estratégia da Coroa.

Não lhe faltavam razões, porém os diplomatas concluíam que, sendo o Rio de Janeiro a chave que abria as portas ao vasto império colonial português, não era menos verdade que a Capitania de São Paulo era a muralha anteposta à cobiça do inimigo invasor. Se a terra dos paulistas fosse alvo de uma invasão bem sucedida, cairiam inevitavelmente todo o Sul, o Sudeste e o Sudoeste, com as suas minas de ouro e vastos cabedais.

Em outubro de 1766, pareciam perdidos os dilatados territórios do continente do Rio Grande de São Pedro e dos Santos Mártires, onde o inimigo cometia as mais atrozes usurpações. As perspectivas eram péssimas para o ano vindouro, patente o desfavorecimento português.

Desde a sua chegada ao Brasil, em 1765, o Morgado de Mateus preparava na Capitania de São Paulo a estratégia da defesa por intermédio da militarização da sociedade e da fortificação do litoral sul. Concentrava todos os esforços numa colossal tentativa de contribuir para travar a expansão castelhana, ajudar na recuperação dos territórios e lançar uma nova política de fronteiras favorável aos portugueses.

Para conhecer os segredos dos sertões e acelerar a cartografia, convocou em Santos os principais comandantes paulistas, aqueles homens práticos nos caminhos, atribuindo-lhes missões secretas de exploração ao longo dos afluentes do rio Paraná. Com métodos brutais de recrutamento, preparou as Tropas Auxiliares aos Regimentos efetivos, e, sob levantamento estatístico de toda a população da Capitania, ordenou aos Capitães-mores das Vilas a organizarem as Companhias de Ordenanças em condição de ficarem prontas para marchar. A sociedade estremeceu, particularmente o Terceiro Estado.

A cada oportunidade, determinava-se a repetir que os paulistas tinham por crédito a fama de valentia dos seus antepassados. Cobrava-lhes, nas Vilas da marinha e nas de Serra acima, um esforço e uma participação muito além da sua capacidade; porque a Capitania de São Paulo se achava reduzida a maior decadência, conquanto aos paulistas parecessem odiosas tais práticas em benefício do mesmo Rei que lhes destruíra a grandeza material de outrora.

Parecia tornar-se consenso que, do Viamão e das Vacarias, os castelhanos poderiam irromper ao longo dos sertões do Paraná, marchar sobre o Vale Médio do Tietê até a sua capital e atacar o Rio de Janeiro pelas costas. Da Colônia do Santíssimo Sacramento poderiam assenhorear-se da Ilha de Santa Catarina, para, numa dupla investida, por mar e por terra, varrer a dominação portuguesa, desde o Prata até a Mantiqueira!

A guerra com os castelhanos era um sorvedouro de vidas. Em dezembro de 1765, os paulistas entregaram 2.640 praças, que, a partir de janeiro do ano seguinte, começaram a ser despejadas em Paranaguá e todo o litoral sul. O recrutamento permanecia insaciável. A verdade é que a gente incorporada às Tropas Auxiliares partia de São Paulo, sob o fortíssimo constrangimento de correntes nos pulsos e grilhões nas pernas, para o porto de Santos onde sentava praça e recebia algum treinamento, antes de ser posta a morrer na fronteira.

Ninguém se apresentava voluntariamente a este serviço d'EI Rei, só para receber a morte obscura e cruel na fronteira castelhana ao soldo de alguns tostões. O serviço militar repugnava aos piores bandidos e aos condenados das galés; os homens válidos, quando avisados, abandonavam todos os seus haveres internando-se precipitadamente aos sertões, perdiam-se as roças, desamparavam-se as famílias.

Tais métodos de aliciamento não eram utilizados apenas com a população masculina. Simultaneamente, arrebanhavam-se famílias inteiras para o povoamento das áreas distantes, ermas e perigosas, mas localizadas em posições estratégicas. Nestas operações de vulto, as vilas paulistas arcavam com pesados ônus, com todo o tipo de gêneros, provisões e socorros.

Eram tempos difíceis, marcados pelo horror do recrutamento, pela ameaça de invasão e pelas derramas de alimentos executadas pelos Capitães-mores das vilas em nome d'EI Rei. Aos pobres não restavam alternativas; era como se os amigos da Coroa lhes propusessem: — Paulistas, em que molho quereis ser cozidos? - Já os homens de qualidade e de bons mesteres tinham certas garantias, podendo alistar-se bairro a bairro nas Companhias de Ordenanças sediadas nas vilas.

Quando o recrutamento chegou a vila de Itu, Pataca sentiu que não havia mais condições de permanecer na capoeirinha, temendo particularmente pelo tramontino e por Tito, que amava como a um filho. A violência ainda não chegara ao acampamento do Guaraú, de onde os saltimbancos saíam apenas à noite para algumas raras funções. Temia-se até pela sorte de Vintém, uma vez que só se excetuavam os homens casados com filhos e profissão determinada; todos os demais, independentemente de idade e condições físicas, eram postos a ferros e despachados para São Paulo.



Araraitaguaba, por sua vez, parecia uma praça de guerra, tão acelerados andavam os boatos sobre a invasão. Era voz corrente que os castelhanos haviam sido avistados no Avanhandava e que uma frota de canoas armadas de guerra poderia atacar pelo Anhembi, a qualquer momento. Tais boatos fundamentavam-se na chegada do perigoso D. Maurício de Vilhalba, fidalgo da Vila de Coruguati no Paraguai, trazido prisioneiro, juntamente com os seus apaniguados, e posto sob severa vigilância na cadeia local. Muita gente em pânico desejava internar-se nos sertões de Wutucatu ou de Piracicaba, até passar o perigo.

— Mal posso crer no que vejo, quando será a batalha? - Por força do inusitado, o tramontino saía da sua sisudez e mutismo habituais: — Ó, Pataca, quem haverá de contestar o Senhor D. José, Rei de Portugal, nestas bandas do rio Anhembi?

Junto ao porto variegava a mesma aglomeração dos tipos humanos, mas não era difícil identificar Barbosa, figura por demais conhecida. Pataca aproximou-se com certa prudência:

— Então é verdade, senhor Barbosa?

Quem respondeu foi o próprio Capitão André Dias de Almeida, autoridade com grande responsabilidade na defesa daquele porto monçoneiro.

— Se os castelhanos vierem, só pode ser pela Barra. Não vejo necessidade de pânico porque a Freguesia de Araraitaguaba vem se preparando para esta eventualidade. Bastam duas baterias assentadas no morro da Penha e uma companhia de infantaria, aqui em baixo, para dar-se conta dos esforçados. A audácia desta gente não tem limites, já começamos a metê-los na cadeia.

— Chegaremos às vias de fato?

— Pode ser. Por hora, D. Maurício e uma bugrada estranha acham-se trancafiados na “pouca farinha”; o mais é pura especulação.

Barbosa já se retirava para atender aos seus clientes. Não vencia as encomendas, pois naqueles dias todos os carapinas da região andavam retirando dos matos embarcações de todos os tamanhos e serventias. Barbosa não era homem de perder detalhes, assim bastante intrigado, voltou-se para o interlocutor como a devassar-lhe o pensamento.

— O que o traz novamente para estas bandas, senhor Beltrão?

— Nada de especial, sigo com a minha *troupe* a serviço das artes cênicas em benefício da alegria do povo. É como vosmecê não ignora...

— Fugindo do recrutamento, no que faz muito bem! Não me parece direito a homem algum seguir para a fronteira sob o jornal de cem réis, um coco d'água e um prato de farinha. Morte barata...

Mesmo sentindo que se contrariava, o Capitão André concluiu-lhe o pensamento: — Quem foge, faz bem! Numa guerra deste tipo, os paulistas só têm a perder.

— Se vossa excelência assim entende, nada poderá me deter neste porto, salvo pequenos negócios.

— Bem falado, seu Beltrão. Piracicaba está à frente de quem se propõe a começar vida nova. A propósito, quero adiantar vinte mil réis sobre aquelas velhas canoas, o saldo fica para mais tarde.

Pataca obteve licença do Barbosa para estabelecer-se no antigo pasto, anexo ao estaleiro, mercê do pagamento de cento e sessenta réis mensais. Impunha-se tentar a sorte naquela Freguesia, antes de prosseguir na demanda de Piracicaba.

As coisas não iam tão mal assim! Caíra como providência divina aquele dinheiro próprio das canoas deixadas em consignação por tantos meses no estaleiro. O que mais podia desejar, além da acomodação dos fatigados saltimbancos naquele modestíssimo acampamento? Barbosa era osso duro de roer, pagava mal e do jeito que bem entendia, não havia outro em quem confiar.

Pouco depois de haver dado início ao roçado, Tito apareceu ofegante, olhos assustados:

— Tem um padre deitado debaixo do oco da canoa velha.

— Estás a variar com miragens, ó rapaz — retrucou-lhe o tramontino.

— Mecê vai ver para confirmar.

Realmente, ali estava um padre, deitado sobre o chão frio, mãos sobre o peito e olhos fechados; não podia estar morto porque os lábios murmuravam em latim e desfiava levemente as contas do rosário. A primeira vista era impossível visualizá-lo a meio do denso capinzal, porém, derrubado este, percebia-se claramente o seu perfil pelos vãos corroídos no lenho da velha canoa abandonada.

— Céus! O que estará pretendendo o dito padre em tal lugar?

Esfregando os olhos para confirmar a visão, Pataca deteve-se junto àquele corpo; tocou-lhe o braço com suavidade.

— Paternidade, acaso estareis necessitando de ajuda?

O interrogado apenas mexeu os olhos, parecendo não desejar comunicação. Pataca levantou a canoa e aproximou-se para melhor observá-lo à luz, dando-se conta de que aquela palidez de cera e a extrema magreza podiam denunciar morte próxima. Apressou-se.

— Tito, peça a Donana para esquentar umas congonhas, vamos retirá-lo daqui.

Em pouco menos de uma hora o tramontino armou uma barraquinha para a instalação adequada do moribundo. Envolveram-no em cobertas e levantaram a cabeceira do catre para facilitar-lhe a deglutição dos líquidos. Aos poucos, começou a reagir triturando em seu delírio as mesmas orações em latim.

— Essa agora!

Chamando Donana a um canto para parlamentar, confirmou o que suspeitava: — O nosso homem é jesuíta, reparaste na sotaina? Se o entregarmos às autoridades, morre em poucas horas; se morrer aqui dentro, aí de nós!

— Aceite o risco, pelo menos até amanhã. É mais fácil pensar de cabeça fresca.

Quando o mal é inevitável, não adianta sair por aí rasgando mortalhas. Pataca respirou fundo e aliviou o peso da consciência, reconhecendo com pessimismo que havia uma boca a mais para sustentar. A curto prazo montou o acampamento e Donana apressou-se com os víveres.

— Haja cobres! Nesta mesma noite armamos alguma função neste porto de Deus!

— Ora, Pataca, estamos a partilhar a tenda com um santo varão.

Passados dois dias, o estranho hóspede deu mostras de reanimar-se, sem, contudo, responder às perguntas ou dirigir-se a ninguém. Era indubitável que reconhecia os circundantes. A sua fisionomia impressionava pelas longas barbas e pelo olhar repassado de aflição; padecia delírios noturnos, e, certa feita, acordou a todos recitando em altos brados os salmos em espanhol.

Pela manhã, Tito aproximou-se do seu leito, tomou-lhe as mãos com delicadeza e falou-lhe no idioma dos seus pais, palavras de tanto carinho, que, por efeito milagroso do amor, o coração enfermo aqueceu-se e o sacerdote pôde cantar belíssimo hino inspirado no Salmo 137, cujo estribilho sensibilizou a todos os presentes: “penduramos as nossas harpas nos salgueiros, junto aos rios de Babilônia nos assentamos e choramos de saudade de Sião”.

— Ondi é que fica Babilônia e Sião, Tito?

— *No sabes, cunhantã?*

Saindo do habitual delírio, o homem santo olhou-os de frente e tentou reerguer-se. Pataca deu-lhe escora e, por alguns momentos, o sacerdote falou-lhes com grande paixão.

— *Señor, fortaleza de mi alma, tú me cercaste y pusiste tu mano sobre mí.*

Muito emocionada, Donana aproximou-se com o púcaro de congonha que ele aceitou, sorvendo até o fim. Satisfeito, impôs-lhe as mãos sobre a sua cabeça e com palavras evangélicas deu-lhe benção muito especial.

— *Hija, en la promessa de Nuestro Señor Jesucristo, habreis de recibir vuestro galardón, porque está escrito que los justos resplandecerán como el sol en el Reino de Dios.*

Ainda muito fraco, voz pausada e lúcida, concedeu as explicações necessárias. Era o padre Juan Garcia, estava há vinte anos servindo a Sociedade de Jesus na América, e desenvolvera na redução de São Miguel o seu trabalho missionário até a deflagração da guerra guarani, em 1756. Presenciara os seus horrores e partira com várias crianças órfãs para o Paraguai, ali vivendo durante algum tempo, até que o traíçoeiro D. Maurício da vila de Coruguati aprisionou os seus tapes, vendendo-os como escravos.

Dois adolescentes, Pablo e Inácio, ainda se encontravam em poder daquele régulo no momento em que as autoridades da América Portuguesa lhe deitaram as mãos. Os dois últimos jovens do seu colégio jaziam trancafiados na cadeia de Araraitaguaba e não podiam explicar-se fora da língua nativa.

Há dois meses, o padre Garcia viajava occultamente porque tomara conhecimento da perseguição movida no Brasil contra os jesuítas. Chegara até ali com grandes dificuldades, disposto a resgatar os seus dois tapes de qualquer maneira e reconhecia a graça divina recebida por intermédio dos saltimbancos que lhe haviam salvo a vida. Repetia-lhes a sua gratidão.

— *Dominus vobiscum.*



## Picueta Castelhana

A meio de tanta comoção, Pataca decidiu-se pela busca da alegria, mais benéfica e muito mais poderosa do que o pranto. Com aparatosa reverência, fazendo as honras de estilo, convidou ao Padre Garcia para se unir à *troupe* de saltimbancos porque tinha a convicção de que com a sua bela voz atenorada, mais acompanhamento de viola, poderia cantar os mais inspirados salmos aos caboclos zingueiros do porto de Araraitaguaba.

— *Gracias, siempre habrá algum fruto para Nuestro Señor Jesucristo.*

Percebia-se que, apesar de exausto, agradava-lhe utilizar-se das pobres vestimentas oferecidas por Pataca, bem como do enorme gorro português, indispensável para esconder-lhe a tonsura. Poucos conhecem, como os pobres, a alegria de partilhar os seus escassos bens. No interior da mísera barraquinha, havia muito desta luz no momento em que o Padre Juan Garcia manifestou a intenção de conceder aos presentes a sua benção sacerdotal, invocando as palavras do amado apóstolo Paulo:

— *La gracia de Nuestro Señor Jesucristo, el amor de Dios y la comunión del Espíritu Santo sean con vosotros.*

— Amém...

Ajoelhados naquele chão paulista, quase todos choravam. Sem compreender inteiramente o que ocorria, Ypié também comoveu-se em espírito, porque naquele exato momento lembrou-se de Tomás. Aí pareceu-lhe ouvir os pássaros de Piracicaba e o coração apertou-se-lhe de saudades das suas águas. Quis beijar as mãos do santo homem, mas, este deteve-lhe o gesto; quase num sussurro ordenou-lhe:

— *Mueve el brazo, cunbantã, abre la mano.*

Se as coisas acontecem, sem se poder evitá-las, não adianta fugir à responsabilidade. Antes de clarear o dia, Pataca abandonou o acampamento em direção do porto, onde nada se via devido à forte cerração. Trazia a cabeça fervilhante e necessitava colocar as idéias em ordem, razão pela qual decidiu-se

caminhar vagarosamente ao longo do rio. Ficou algum tempo a observar os arabescos inscritos, desde tempos imemoriais, na parede da penedia pelos bicos das aves que deram nome ao lugar, as araras, que ali ainda existiam em bandos. — Quall

No momento, tomava-se de grande ansiedade pelo futuro de grupo que capitaneava, e, também, sentia-se fortemente acuado ao perceber a pouca chance de safar-se em segurança e respeitabilidade. Não passava de um pobre pelotiqueiro de aldeia, a macerar sob as botas carcomidas a poeira de todos os caminhos do Oeste. Inesperadamente, a vida lhe colocava em mãos tremenda responsabilidade que ele mal podia acreditar.

Se ao menos tivesse amigos entre os poderosos...

Barbosa o chamava para uma entrevista particular, logo às primeiras horas da manhã e bem podia atinar com o assunto. Pela primeira vez, desde a fuga de Dolores, via-se a braços com uma questão seríssima, a que não estava absolutamente preparado para dar satisfação. Embasbacava-se consigo mesmo temendo prejudicar o justo, mais os inocentes.

— Chovam-me macacos!

Quem punha dúvidas ser o Brasil a mais rica jóia da Coroa Portuguesa, o preciosíssimo continente d'EI Rei?

Sebastião José de Carvalho e Mello (Conde de Oeiras), Ministro do Reino era hábil enxadrista no tabuleiro diplomático da Europa, porém os dias de fausto e grandeza de D. João V já eram passados e o seu sucessor, D. José I, obrigava-se a perigoso equilíbrio entre os polos conflitantes europeus. Num raríssimo momento de paz entre as nações ibéricas, foi possível obter da Espanha o compromisso de correção das fronteiras na América mediante o Tratado Preliminar de Madri, em 1750. Na sua gênese, eis a desgraça dos guaranis.

Os padres jesuítas haviam desenvolvido, nos férteis territórios que medeiam os rios Uruguai e Ibicuí, um estado guarani abaixo da organização da Companhia de Jesus. Entretanto, as duas partes conveniadas na ação demarcatória da nova fronteira moveram o jogo dos seus interesses, promovendo a troca da Colônia do Santíssimo Sacramento, de fundação portuguesa, pelo território indígena sob ocupação espanhola, conhecido por Sete Povos das Missões. Jesuítas e guaranis defenderam intransigentemente as suas posições, contrapondo-se à duas Coroas, acabando por ser derrotados pela ação conjunta dos dois exércitos ibéricos. Do genocídio organizado, sucedeu violenta perseguição aos jesuítas que culminou no alvará de três de setembro de 1759, expulsando-os de Portugal e do Brasil.

Agora ali estavam, guaranis e jesuíta, saídos de uma contenda internacional, para levar mais drama à mísera tenda plantada à margem do Anhembi! Não bastasse a cunhantã foragida da poderosa casa dos Barros de Almeida...

Pataca reconhecia o risco que assumira ao asilar o jesuíta Juan Garcia, pois recentemente assistira ao lançamento de um Bando Real na vila de Itu contra a Companhia de Jesus. Sabia que muitos padres da ordem seguiam prisioneiros a São Paulo, donde eram expulsos dos Estados do Brasil. Em todas as capitâneas dava-se caça aos jesuítas disfarçados de seculares ou metidos em hábitos de outras ordens religiosas. Naqueles tempos, um jesuíta, espanhol, como o Padre Garcia, corria o perigo iminente de ser aprisionado e não chegar com vida ao porto de Santos.

Lá pelas sete horas, cansado de ruminar o problema, concluiu que não adiantava ficar a bugiar o velho rio. Entrou no primeiro botequim, “matou o bicho”, dispondo-se a aceitar qualquer acordo com Barbosa, em todas as suas letras e tretas. Naquela altura da vida já andava farto de agressões e descatos, mas, pelo Padre Garcia, ainda se dispunha a arriscar o pescoço, até mesmo, a escutar a surrada cantilena de um sujeito de panela, porque era notório que o Capitão Salvador falava pela boca do Barbosa.

— Bons dias, senhor Barbosa, como passa a saúde de vossa mercê?

— Onde está o padre?

Pataca engoliu seco para conjurar o frio da espinha, pigarreou e encorrou o interlocutor: — Se vossa mercê já conhece o caso, não adianta arrodar, vim disposto a uma diligência pacífica e a defender o meu amigo. De antemão quero avisar que, se os vossos homens ameaçarem varejar a minha humilde morada, hei de opor resistência.

— Deixe de asneiras, seu Beltrão, só quero parlamentar com o sacerdote — trabalhando o cigarro de palha, Barbosa parecia convicto do que buscava. — Para estar tão bem apaniguado por vosmecê, só pode ter lábia de jesuíta; é o que vou conferir.

— Conferir por conferir, basta a minha palavra. Padre Garcia encontra-se enfermo e é um santo varão.

— Fez milagre na mão da cunhantã?

— Seu Barbosa mesmo constata, se se der ao respeito.

— S'assussegue, homem! Quero justamente evitar bulhas, porque ninguém ignora que neste lugar novidade corre mais depressa do que pensamento.

Pataca participou da entrevista, reservando-se de comentar com os demais membros da *troupe*, mas era inegável que saía satisfeito. Aquele Barbosa

não costumava dar ponto sem nó, gostava de ser raposa com toda a gente, só, que parlamentar com jesuíta era coisa do outro mundo. A verdade é que, por influência de Salvador Jorge Velho, Capitão-mor de Iту, fora nomeado em julho daquele ano de 1766 para o cargo de Diretor Povoador da futura Povoação de Piracicaba e comprometera-se a ajuntar as famílias indispensáveis àquele propósito.

O negócio devia ser interessante para todos os envolvidos: promessa de terras e cabedais para os povoadores, dinheiro e título enobrecedor para o Barbosa. Entretanto, as coisas não deslanchavam tão bem como previra. Por receio do recrutamento, a parte mais pobre e disponível da população internava-se espavorida pelos sertões. Barbosa procurava arrebanhar gente para o seu sítio, abrigando muitos prófugos e desertores, sem grandes resultados. Depois de gerais aborrecimentos, reconheceu que só conseguiria gente séria e interessada em partir para aquele fim de mundo se, além das vantagens materiais, pudesse oferecer assistência espiritual verdadeira, ministrada por qualquer sacerdote, nem que fosse um jesuíta incógnito ou excomungado.

— Esse é o nó da questão: quanto a mim, careço de padre e vossa paternidade quer salvar a pele.

Foi o que disse, rude e francamente ao interlocutor. Porém, depois de algum tempo, a conversa levou ao impasse.

— *Si me entregarem a las autoridades, pierden quien les es indispensable. No tengo miedo a la muerte.*

— Vossa paternidade me exige o impossível — retrucava Barbosa visivelmente perturbado. — Não sou autoridade fora do estaleiro.

Pataca admirou-se, afeito que estava às palavras de ordem e decisão, tomadas a seco e com tanta segurança pelo armador de Araraitaguaba. Preparou-se para a defesa, certo de que por aqueles canais viria mais chumbo, que devia engolir pelos seus protegidos, principalmente porque aqueles dois antagonistas não eram de desistir das suas demandas.

A certa altura o Padre Garcia encerrou o diálogo!

— *Si el precio es muy alto, vuestra empresa no tiene ningun valor; asi, habré hablado en vano con un representante del Reino de Portugal.*

Antes que Barbosa respondesse, virou-se tranquilamente no leito, dando-lhe as costas. — *Sigue en paz con tu mediocridad. Non me amobines más.*

— Por um chifarote! Cumpro o proposto e vossa paternidade segue amanhã mesmo para o sítio em roupeta de franciscano, ou de beneditino, ou de carmelita ou até do diabo. Mas, vai!

— *Sursum corda...*



Era de se admirar a braveza com que o Barbosa deixou o acampamento, a esbarrar em Vintém, quizilioso com todo o mundo, a mastigar o cigarro de palha. Olhou duro para os lados de Pataca e acrescentou:

— Mecê arma a função hoje de noite no Largo da Venda, providencio os archotes para o pouso.

— Vai haver barulho?

— Por Cristo, seu Beltrão, onde tem jesuíta, há guerra. Aguarde!

A troupe preparou-se para uma caprichada função, programada um tanto à desoras, no Largo da Venda, nas proximidades da Cadeia. Pretextando que diversos cavaleiros ituanos em trânsito ali se achavam concentrados, Pataca combinou com os saltimbancos, que, assim que serenasse a infernal bateria das cartas de bicha, a *troupe* entrasse em ação. Donana consentiu, desconfiada.

— Por que cargas d'água vamos ter função nas proximidades da Cadeia?

— Haverá fartos cornimboques. Fartos!

A cunhantã estreava naquela mesma noite o número das pombinhas. Tito a instruíra durante toda a tarde, parecendo bastante seguro do seu desempenho, embora a mesma não tivesse a desenvoltura ou a beleza de Dolores. A mão cicatrizada continuava feia, mas, movia-se, podendo ser escondida sob um lenço vermelho com certa graça; as quatro pombinhas restantes, uma vez iniciada a música, vinham-lhe colher o milho nos lábios, acabando por descansar em seus ombros. Bonito de se ver!

O número deu certo e houve até quem pedisse bis, porém, Ypié retirou-se discretamente para junto de Donana. Faltavam ainda as apresentações do burlantim, do engole-fogo e as cambalhotas de Vintém, pois naquela noite a platéia era exigente e Pataca revelava-se profundamente inspirado em suas picuetas. Intimamente, reconhecia que a função podia lhe custar caro, tinha de confiar na astúcia de Barbosa, e, estava empenhado em salvar o Padre Garcia.

Pouco antes das vinte horas, no momento culminante em que o tramontino completava os últimos jactos de fogo, ouviram-se tiros vindos da Cadeia, acompanhados do grito de alerta: — Os castelhanos! - Subitamente, apareceram outros cavaleiros atirando sob o comando de Barbosa e a bulha se degenerou pelos arredores com renovação de correrias e tiros.

Alguém gritava a plenos pulmões: — *Abajo los portugueses de San Pablo, viva Castilla!*

Foi a conta para alastrar-se o pânico a meio das ruas da Freguesia de Araraitaguaba, parcialmente adormecida. Mulheres fugiam para os matos com os filhos nos braços, gente em franco desespero caía de joelhos por não saber onde se abrigar da invasão, até que o pároco abriu a igreja de Nossa Senhora

Mãe dos Homens para o refúgio da população. Pataca ordenou aos saltimbanco que descessem a toda pressa para o acampamento junto ao rio, enquanto pretendia tomar as providências do trato que fizera com Barbosa.

Donana tinha as suas razões quando lhe deitava recriminação: — Sempre a nos meter em charivaris!

— Donana, já recebemos a nossa parte, creia-me.

Pouco antes da meia noite, dois pobres piás foram introduzidos na barraquinha onde pernoitava o Padre Garcia.

— *Mi padre Juan!*

A julgar pelo assomo com que ex-moribundo se ergueu do leito, ou os céus se abriram, ou o hades vomitava serpentes.

Sem dizer palavra, o Padre Garcia abraçou-se aos mocinhos, chorando convulsivamente, e só se desvencilhou deles por intervenção de Pataca.

— Padre Garcia, eles ainda não se alimentaram.

— *Gracias, Pataca.*

Antes de clarear o dia, partiram para o sítio do Riacho; o jesuíta seguia transportado numa rede, fazendo-se acompanhar pelos seus dois filhos adotivos, Pablo e Inácio. O assalto dos castelhanos à Cadeia de Araraitaguaba deu muito o que falar no meio da população, até que esta convenceu-se de que se tratava de mais uma das artimanhas de D. Maurício para evadir-se.

— Então foi tudo, rebate falso, ó Pataca?

— Agora só nos falta arrancar de Barbosa a promessa de reconduzir Ypié para Piracicaba.

Apertou-se o coração de Donana: — Nossa vida aqui em Araraitaguaba tem sido abençoada; este pastinho é de eleição.

— Enquanto houver com que pagar.

Infelizmente, Pataca voltava a afundar-se na bebida, sobejando todo o trabalho para Vintém e Títo que se esforçavam nas picuetas, porém, sem o mesmo espírito. Os cornimboques voltavam quase vazios e o remédio era percorrer as ruas da povoação para cantar debaixo das janelas ou ler a *buena dicha*, sorte em que Donana se saía bastante hábil, particularmente nos casos de predizer casamentos e bons negócios. Nem sempre Títo os acompanhava, porque não podia descuidar-se do Pataca, uma vez que nestas circunstâncias era vezeiro em meter-se em formidáveis encrencas nos botequins do porto.

— *Per Baccho!*

Ypié deixava o interior da barraquinha pela mão de Donana, a cabeça parcialmente coberta por pesada mantilha. Recuperara os movimentou da mão e o braço experimentava alguma destreza, mas a cicatriz era hedionda.

A timidez natural da cunhantã evoluía facilmente para o medo, bastava-lhe um pequeno susto, e o coração disparava; punha-se a tremer. O carvão ainda lhe queimava na alma, a dor associava-se à fisionomia sanhosa de Escolástica. Segurança, só em Piracicaba, pois sempre restava o perigo de ser identificada e reconduzida ao sítio da Cachoeira.

Os saltimbancos gozavam a reputação de ser gente alegre e sem futuro, vadios refinados ou vagadores das ruas, gente carcomida pela poeira dos caminhos; as suas mulheres eram tidas por bastardas e mal procedidas. Daquela *troupe* pouco se esperava, particularmente por ser orquestrada sob a batuta de um adepto fervoroso do capitoso deus Baco.

Desconsiderando a sua pouca valia, os saltimbancos proporcionavam as mágicas e os remoques de efeito, arrancavam gostosas gargalhadas do poviléu. Choviam palmas ao número das pombinhas. Era tudo o que de melhor podiam oferecer e colher naqueles tristes Estados do Brasil.

Ypié ligara-se a sua estranha família e já sofria por uma eventual separação. Naquelas margens do Anhemi, os pios melancólicos do inhambu casavam-se com as advertências do pássaro Sem fim. A aragem que subia do rio reavivava-lhe a lembrança da Lagoa das Almas, a visão do maligno provocava-lhe arrepios.

— Ai de mim...

— Mecê tem frio, cunhantã?

— Num é nada, Donana, já passô.

Naqueles momentos, Ypié reconhecia que era melhor alçar-se em vôo de pássaro às vertentes da Jaguamimbava, onde fartas águas formavam límpidos rios, ou perder-se nas mágicas de Inhabê, sem constrangimento do tempo ou do espaço. As puçangas de Piracicaba, temperadas no interior da loca de pedra, eram tão poderosas quanto as mágicas do Padre Garcia.

Era tempo de voltar.

Em novembro daquele ano da graça de 1766, o Morgado de Mateus lançara um Bando em Itu a respeito da formação de uma nova povoação na paragem de Piracicaba, tornando público e notório que o seu Diretor era Antônio Corrêa Barbosa, armador em Araraitaguaba e homem da influência do Capitão-mor de Itu, Salvador Jorge Velho. Este substancial reforço à autoridade do Barbosa era inviabilizado na prática pela intensificação do recrutamento, a partir de dezembro, e pelo recrudescimento da guerra na fronteira. Não obstante, reforçava a antiga ordem expedida no mês anterior de julho. Faxina, Piracicaba e Lajes tinham prioridade na ação povoadora a ser desenvolvida nas áreas de importância estratégica para a Capitania de São Paulo.

No primeiro domingo de dezembro, diversos oficiais portugueses chegaram a galope da vila de Itu, batendo o pó da estrada debaixo de fortes imprecações. O Sargento-mor apeou-se e foi logo dando ordens com aquela rompança de pelintra que comunga os favores do poder. Diante da indiferença da comunidade, irritou-se.

— O reverendo manda tocar o sino a rebate, já. O tempo que se perde é prejudicial à execução da minha diligência.

— Senhor, a população faz a sesta.

— Vossa reverendíssima cumpre a ordem.

Assim que pôde, Pataca subiu, trançando as pernas, em direção da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens da Freguesia de Araraitaguaba, onde já se perfilavam os oficiais ituanos para o lançamento de novo Bando, desta, vez com todo o estilo e efeito, a toque de caixas.

Empertigado no fardamento colorido à moda dos regimentos do Reino, patrona à cintura, o oficial deu início ao ato que precedia à leitura. Os tambores rufaram por cinco minutos, redobram os sinos e, após muita enenação, ouviram-se as providências.

— Povo de Araraitaguaba! Por ordem expressa do Capitão General de São Paulo, o Morgado de Mateus, D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, ficam convocados todos os homens livres desta Freguesia para servirem ao comando do Guarda-mor João Martins de Barros que parte para o Ivaí, em benefício dos descobrimentos dos referidos sertões e no serviço d'El Rei D. José I de Portugal. Todo aquele que desejar seguir em livre voluntariado, sujeito a soldo de Aventureiro, ficará inteiramente desembaraçado do recrutamento nas Tropas Auxiliares. Em nome do Rei!

Era novo recrutamento chegando a Araraitaguaba, disfarçado de voluntariado para os sertões dos catijós. A fronteira castelhana pedia mais paulistas e as vilas da Marinha e de Serra acima já não tinham mais recursos humanos com que atender tanta demanda. A produção interna ameaçava desorganizar-se, premoniciando a fome generalizada.

A caboclada reagia: — Mardição! Me afundo no mato, nem que tenha di passá a vida entera comeno os içá e os vacuril!

Em contrapartida, Barbosa via desarmados os seus esforços de formar a nova povoação de Piracicaba, como pedia o Capital General. Brava esparrela!

# 4

## Campo de Marte

A partir da leitura da Carta Régia de 22 de março de 1766, recrutava-se barbaramente em todas as Capitânicas sob a jurisdição dos Estados do Brasil. Em nenhuma delas, o processo foi tão violento como na recém-restaurada Capitania de São Paulo.

As Companhias das Tropas Auxiliares desciam de Santos para o porto de Paranaguá e, dali, começavam a ser redistribuídas para a Ilha de Santa Catarina e fronteiras do Continente do Rio Grande de São Pedro e dos Santos Mártires. Eram batalhões miseráveis, mal equipados, pessimamente alimentados, postos a caminho da morte por um soldo de três tostões diários.

As povoações e vilas paulistas forneciam estas desgraçadas milícias, enquanto iam se despovoando dos filhos e irmãos, homens em condição de servir na lavoura, mas que já partiam sentenciados à morte. Ao lado das munições, dos barris de pólvora e dos alqueires de sal, subsidiados com o suor do trabalho dos povos, lá iam ter os excedentes da produção agrícola, os alqueires de feijão e farinha, os terneiros e os capados, as medidas de azeite, as canadas de aguardente.

A esta intolerável rapina juntavam-se os novos propósitos da violência, através de contínuos e incessantes recrutamentos. Quando foi lançado o Bando para efeito da convocação de homens a serviço da grande bandeira do Ivaí, o desgosto das populações beirou ao pânico; era o sinal de que a guerra estava cada vez mais próxima de São Paulo, naquele mês de janeiro de 1767.

— Dois recrutamentos de uma só vez, para o Sul e para a nova bandeira? Estamos perdidos. Se me levam os homens, com que meios hei de formar a nova povoação de Piracicaba?

Barbosa cercava os oficiais ituanos, irritadíssimo, disposto a alteração. Empenhara a sua palavra ao Capitão General e assumira as responsabilidades de Diretor Povoador, tinha prazo a cumprir. Mas, tiravam-lhe os homens...

— O Capitão-mor de Itu manda recrutar urgentemente nesta Freguesia de Porto Feliz. Vossa mercê não ignora que Salvador Jorge Velho recebe ordens diretas de D. Luiz Antônio?

— Não escapa ninguém acima dos dezesseis anos?

Coloca-se sob recrutamento todo o homem válido, seja solteiro ou viúvo sem filhos; todos os vadios, os “habitadores” dos sítios volantes ou desarranchados, até mesmo, os malfeitores e os condenados às galés.

— Pelo jeito, só escapa, desta vez, quem é filho único de mãe viúva, inválido ou agonizante.

— Mesmo assim terá que provar. Apresentando-se voluntariamente para a expedição do Ivaí, qualquer sujeito fica desembaraçado do recrutamento para as Tropas Auxiliares.

— Até quando hei de suportar este fel?

A notícia caiu feito raio, à medida que o Bando era lido no pátio da igreja. Muitas pessoas válidas dispunham-se a abandonar bens e famílias, às pressas, porque de nada adiantava resistir a estas imposições vexatórias do Capitão General. Quem intentou subtrair-se e, foi apanhado com a trouxa às costas, terminou acorrentado e levado às pressas para São Paulo. Os recalitrantes receberam o trato de desertores e houve até gente que apareceu boiando no rio com um chuço atravessado na garganta. Só escapou quem foi remisso por doença grave ou morreu na véspera.

Pataca, Tito, o tramontino e Vintém apresentaram-se voluntariamente para a bandeira que, dentro em pouco, haveria de partir de Ararataguaba para os sertões do Ivaí. Valia como recurso protelatório. Podiam permanecer no mesmo local, sob a custódia do Capitão André Dias de Almeida e prestar serviços no estaleiro, porque a preparação das canoas para aquela diligência vinha a exigir esforço concentrado.

— Quem não quer trabalhar, fica na cadeia até a partida da expedição, é o que garante o Sargento-mor.

— Dos males, o menor! — desabafava Donana.

Barbosa rompeu o cerco, indo conciliar-se secretamente com o Capitão Salvador Jorge Velho em Itu. Perdia para o recrutamento a maior parte dos voluntários com os quais pretendia formar a povoação de Piracicaba, salvo aqueles aparentados e amigos que mantinha escondidos em seu sítio do Riacho. Não havia como escapar-lhe ao destempero verbal.

— Sobraram-me a família, algumas saias e uns velhos imprestáveis!

O testemunho dos antigos confirmava que a Capitania de São Paulo, outrora opulenta em terras e prestígio, arruinara-se por injúria e humilhação de Bobadela (Gomes Freire de Andrade), governador geral dos Estados do Brasil. Na presente conjuntura, os paulistas tinham por crédito unicamente a sua valentia; tudo o mais era retórica. Reinava tão grande penúria entre os povos dos

distritos das vilas, que extensas sesmarias acabaram valendo menos do que um alqueire de sal ou uma frasqueira de botica.

As dezoito vilas e a única cidade (São Paulo), distribuíam-se em duas áreas configuradas, uma na Marinha e outra em Serra acima. Na primeira, incluíam-se Ubatuba, São Sebastião, Santos, São Vicente, Itanhaém, Iguape, Cananéia e Paranaguá. Na segunda, classificavam-se em separado as vilas que integravam o sistema do Vale do Paraíba, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté e Jacaré; e aquelas que integravam o dilatado Centro-Oeste-Sudoeste Paulista: Mogi das Cruzes, Santana de Parnaíba, Jundiá, Itu, Sorocaba, Curitiba. Nesta última e imensa região incluía-se o Vale Médio do rio Tietê.

Ultrapassando a raia delimitadora da Capitania das Minas Gerais e descendo pelos contrafortes auríferos da Jaguambava, chegava-se ao planalto com os seus grandes vales e a Marinha escancarada para o Atlântico. Era o legítimo chão paulista, ou melhor o que dele restava.

O Vale do rio Moji ainda se achava em início de ocupação, servindo de balizamento ao caminho de Goiás. O Vale do Paraíba, não só era o caminho do Rio de Janeiro, como uma área de interesses definidos, dotado de grande rede fundiária, engenhos e sólida sociedade. Quanto à região Centro-Oeste-Sudoeste, eram tão amplos os seus horizontes que diziam ser possível divisar-se, a partir das abas de Araçoiaba da Serra, em Sorocaba, todo o sertão até Piracicaba e Wutucatu. O sol morria nas bandas do grande rio Paraná.

Da Serra do Mar para o litoral, voltava-se a descambar por cumeadas, pântanos e brejões numa vasta Marinha, desde as praias de Ubatuba até a grande baía de Paranaguá. Era o que restava da pretérita grandeza territorial, divisando-se a Capitania de São Paulo a vôo de pássaro, sobre o verde escuro da imensa floresta sub-tropical, sobre os seus grandes Vales e sua Marinha, sobre os Campos de Araraquara, ainda inexplorados, ou alongando-se sobre os Campos Gerais de Curitiba e os ínvios sertões do Paraná... Isto era São Paulo até os limites da Serra Geral em Lajes. Excluindo-se os integrantes dos sítios ermados, calculava-se a população residual em pouco mais do que cem mil habitantes, que a voragem do recrutamento e a guerra teimavam em ceifar.

A Vila de Santos, a mais importante de toda a Marinha, encontrava-se decaída em tão lamurienta pasmaceira, que só parecia despertar nos raros períodos em que chegava ao seu porto a sumaca do sal, ansiosamente aguardada pelos proprietários de Serra acima, que ali vinham se abastecer. A própria cidade de São Paulo perdera muito do seu porte, reduzindo-se a um miserável burgo administrativo, encarapitado na acrópole sobre o Tamandateí e o Anhangabaú. Ali viera ter o Morgado de Mateus, em 1766, dizendo-se dispos-

to a mudar o estado de coisas. Na prática, revelou-se um tiranete colonial empenhado em executar a política do seu superior, o Ministro Oeiras (Pombal), e a defender os interesses do seu Rei. Os paulistas logo o chamaram de fidalgo de meia tigela.

Não, que o novo Capitão General fosse dado a larguezas e a grandes investimentos, mas, os tempos eram tão carrancudos que reconhecia ser indispensável e urgente o desenvolvimento de alguma riqueza capaz de proporcionar lucros no mercado externo. Já constataria, pela sua experiência na Europa, que os povos civilizados se enriqueciam mediante a prática consentânea da agricultura e do comércio. Sentia-se disposto a tentar recuperar a terra dos paulistas, passados aqueles dezessete anos de completo abandono e anulação. Não fosse a guerra a sorver todos os recursos e as vidas!

O soerguimento de São Paulo parecera-lhe questão vital. No seu entender, os paulistas podiam ser reconduzidos a desenvolver novos e lucrativos cabedais, indispensáveis ao fornecimento das rendas à Coroa Portuguesa, à sustentação da grandeza do Trono e esplendor da Coroa Portuguesa. D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, ele próprio, lastimava os dezessete anos de abandono a que fora relegada a Capitania e também responsabilizava a Bobadela. O mordomo ouvia-lhe as continuadas queixas.

— Pena! Nestas Américas tudo é tão vasto, tão grandioso, mas reina enorme penúria entre os povos. A lavoura é uma ruína só; na cidade, homens e mulheres vivem do ócio, comprando fiado. Os filhos do Reino, por sua vez, querem enricar e partir, alguns até para Castela.

A pior objeção dizia respeito aos próprios paulistas, ao seu gênio áspero e desconfiado, a que opunha outras tantas restrições.

— O seu feito é impraticável, apraz-lhes a vida no mato! Os Capitães-mores, estes são lacônicos, não dá para advinhar-lhes o pensamento. Por El Rei e minha grei, até quanto hei de suportar este fel? Valha-me Nossa Senhora dos Prazeres, minha santa madrinha no céu e na terra!

Acreditando ser a melhor providência do governo libertar aqueles naturais da terra das condições da vileza colonial, inerentes ao seu próprio nascimento, o Morgado de Mateus intencionou criar uma pequena nobreza de serviço, mediante o heroísmo das armas e dos feitos militares, expediente para cooptar a heráldica de que careciam. Não faltaram promessas de menagens por títulos e escalonamentos militares!

Os paulistas reconheceram, desde o primeiro instante, que viera a serviço de Marte. O oferecimento de prestígio social a troco de prestação gratuita de serviços militares, não importa à custa de que sacrifícios, foi recurso que



nem sempre deu certo entre os comandantes de bandeiras. Também não contavam com as formas de coação a que se expuseram.

A verdade é que, após tanta decadência e pobreza, muitos paulistas viram-se compelidos a ilustrar as suas casas, mesmo sem o desejarem, porque não lhes restava alternativa. Na fronteira castelhana, nas arriscadas expedições de devassa aos sertões ou de amansar índios, na composição das Companhias Auxiliares ou na fundação dos povoados em áreas estratégicas, muitos perderam-se na desgraça e na morte, enquanto certos pelintras, favorecidos pela sorte, acabaram elevados a Capitães de mistura com os honrados representantes das casas de antanho. Houve protestos, mas foi o mesmo que ouvir o ladrar de cães vadios.

No Vale Médio do Tietê, os Capitães-mores das vilas de Santana de Parnaíba, Sorocaba e Itu passaram a arcar com seríssimas e impopulares providências, exigidas a toque de caixas pela nova administração. Tão esforçados já se encontravam a remeter recrutas e gêneros da terra, a preparar bandeiras, a organizar Ordenanças e a levantar estatísticas de população, eis que os seus trabalhos viram-se agravados com as tarefas povoadoras em Faxina, Piracicaba e Lajes, havendo outras programadas para breve. E, como tais denodos não bastassem, agora viam-se obrigados a sustentar a nova expedição monçoneira de João Martins de Barros aos sertões do Ivaí!

Durante os meses de janeiro e fevereiro de 1967, não se viu outra coisa que não fossem as derramas das farinhas, feijões e carnes curadas. Escoltas de militares recrutavam nas vilas e freguesias do Vale Médio do Tietê, comboiando prisioneiros que se destinavam a compor o “voluntariado” do Sargento-mor João Martins de Barros e do Capitão André Dias de Almeida. Este era natural de Araraitaguaba e fora designado para conduzir a expedição fluvial ao Ivaí, porque era o prático mais experimentado na navegação monçoneira do Tietê e Médio Paraná.

Quem dava verdadeiramente as cartas no Vale Médio do Tietê era o Capitão-mor de Itu, Salvador Jorge Velho, homem da mais irrestrita confiança do Morgado de Mateus, por ser bisneto respeitadíssimo do exterminador do quilombo de Palmares, em Alagoas, Domingos Jorge Velho. Já, o Sargento-mor João Martins de Barros pertencia ao velho clã de sertanistas que tanta fama adquirira para as Vilas de Itu e Sorocaba; era homem de rara valentia e habilidade no comando militar de bandeiras. Já exercera o cargo de Guarda-mor das terras minerais de São Paulo e no presente fora secretamente designado para ser o Guarda-mor e Regente da Colônia Militar de Yguatemi, seu Presídio e sua Praça-forte, os quais deviam ser construídos a vinte léguas da foz daquele rio no Paraná, num dos pontos mais controvertidos da fronteira luso-castelhana.

Os homens da propositura de Salvador Jorge Velho tinham inegável proficiência. A indicação do nome de Antônio Corrêa Barbosa, natural de Itu e armador em Ararataguaba, também partiu dele. Conhecia-lhe as habilidades e até as reticências; aprovava-o porque demonstrava tenacidade no que fazia. Era de família pobre, mas moço inteligente, enrijecido no trato das monções do Anhembi.

— Com que gente hei de povoar o porto de Piracicaba, se me sobram mulheres e uns inúteis? Quem há de suportar esta impostura? O Capitão há de convir que venho sendo duramente testado nestes últimos meses.

— Vossa mercê está sempre a ralhar contra o propósito de D. Luís Antônio e não se dá ao aceleração das obras no estaleiro.

— Ora! Também lavrei compromisso com o Morgado e, se fosse por mim, já teria mandado plantar o último feijão das águas para embarcar na direitura de Piracicaba, até maio.

— Vossa mercê ainda pode...

— Nem nas mãos do Moraes! Depois daquele maldito Bando, todo o meu esforço do ano anterior se reduziu a uma cambada de lambaris magros.

Certamente exagerava em sua impaciência por formar a nova povoação de Piracicaba. Além da numerosa família que lhe coube, após o falecimento do pai no ano anterior, Barbosa contava com alguns amigos pessoais e um lote de gente afamada. Era pessoal dotado de vários filhos em idade de grande perigo, motivados da disposição de partir imediatamente como extremo recurso contra a barbárie dos métodos do recrutamento e da guerra.

Francisco Rodrigues possuía onze filhos, um deles em plena idade de sentar praça. Domingos Gonçalves Ribeiro, este, era chefe de verdadeiro clã, havendo vários moços em iminência de servir. O mesmo ocorria com Bernardo Garcia, João Luís do Prado e Francisco Pires. Nhô Chico estava disposto a partir, porque tinha as suas dívidas e se indispusera com o Capitão de Ordenança de Ararataguaba. Para formar a nova povoação podia contar com seis cabeças de família, o que era pouco; desobrada uma delas, a de Domingos Gonçalves Ribeiro, chegaria a oito, que somada à do próprio Barbosa, elevaria a conta para nove. Outros atemorizados desejavam se engajar, mas era incerto.

Se o objetivo povoador não se concretizasse, a curto prazo, ficavam sujeitos ao recrutamento o próprio Barbosa e seu irmão, João, o futuro cunhado José Flores de Moraes e o compadre Antônio Coelho da Silva. Não havia como escapar. O Capitão General só liberava excedentes humanos para a ocupação das áreas estratégicas, e, quando intentou formar Piracicaba, movera-se por exclusivos interesses materiais ligados à guerra no Sul e Sudoeste da Amé-

rica. A ocupação dos sertões confinantes do Piracicaba e do Tietê fazia-se complementar á política de fronteiras luso-castelhanas, estabelecida após o Tratado de Madri (1750).

Casando-se Isabel com José Flores de Moraes, até a data da partida, ficavam prometidas Úrsula para o compadre Antônio Coelho da Silva e Ângela para Vicente Coelho, mais jovem que ela, mas em perigo de recrutamento. A doentia Rita e a prendada Gertrudes, estas não desejavam modificar as suas vidas. Que fazer? Tais planos de casamentos domésticos tinham a sua flagrante utilidade, porém, eram insuficientes para atender à demanda de casais formadores da nova povoação de Piracicaba. Doze casais, no máximo, era tudo o que poderia conseguir para fundar a povoação no porto do rio Piracicaba. Não dava.

Tais eram as justificadas razões da sua intolerância e mau humor naquela manhã, em que foi procurado pelo Capitão André Dias de Almeida. Acesa a discussão, entreveraram-se os interesses do armador com os de Antônio Corrêa Barbosa. Enfrentavam as mesmas necessidades urgentes de arrebanhar homens, víveres, ferramentas, alqueires de sal, barris de pólvora e munições que deveriam ser colocados nas quarenta canoas encomendadas à última hora.

Homérica façanha! Nunca se viu em Araraitaguaba a armação de três monções de grande porte, simultaneamente. Obrigado a atender às prioridades, Barbosa cedia os seus melhores homens e embarcações, tornando-se fulto de tudo o que lhe era indispensável para fundar Piracicaba. Esta empresa já se fazia tardonha e ninguém o arrancava do seu mau humor.

— A partir do instante em que o Sargento-mor João Martins de Barros completar a sua seleção dos duzentos homens válidos, vossa mercê ficará completamente liberado para arregimentar os povoadores de Piracicaba.

Fortíssima imposição! Piscando duro e sem deixar de dar rédeas à língua, Barbosa parecia prestes a explodir.

— Forante os duzentos homens desta eleição, mais a gente de serviço que deverá seguir em vossa companhia, e mais a gente que está ligada à monção que vai partir para o Cuiabá, posso saber o que me resta, além de uns mulatos vagadores de ruas, de uns pardos afundados no mato e algumas bastardias? E se me apurassem a toda a diligência, alguns representantes de valor nas outras vilas, quem haveria de querer seguir em tal comitiva?

— De quantos fogos carece vossa mercê para instalar a povoação?

— Entre vinte e cinqüenta famílias forma-se uma vila, a exemplo do que ocorreu em Sabaúna. O Capitão André há de convir que é muito número para as minhas parcas forças.

— Entre os desarranchados e os sítios volantes há muita gente, mais o contingente que tenta se evadir do recrutamento. É só formar os casais e, prontamente, terá os fogos ocupados.

— O Capitão bem conhece o nosso povo. Passado o perigo imediato, quem segura os homens numa boca de sertão?

— Aquilo é prisão de águas. Se vossa mercê obreia junto ao rio e controla a navegação, até a barra, não haverá valente que se lance a pé pela mata do Piracicaba e do Capivari. Só mesmo nos tempos do Cardoso.

— O picadão está trancado em definitivo?

— Depois de trinta anos de interdição, é caminho que o tempo apagou e a mata engoliu. É viveiro de serpentes e paraíso das pintadas.

— Não deixa de ser um trunfo a serviço do meu empreendimento.

# 5

## Sob a Proteção de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraitaguaba

Aquela arenga bem podia virtualizar-se em portas e janelas abertas para futuros temporais. Espicaçado, o Capitão André Dias de Almeida acabou deixando de lado o seu laconismo — justo ele que era inteiramente refratário a alterações.

— Quando chegar a hora, seu Barbosa, é bom que vossa mercê esteja prontificado com a vossa gente de mareação e equipagem, mais os povoadores. É do sigilo do Morgado de Mateus que a monção de Piracicaba saia na frente e se estabeleça na barra daquele rio no Anhembí para dar sustento à navegação que, doravante, vai se amiudar. Do acerto destas partes depende o êxito de cada um dos nossos empreendimentos. A vossa mercê cabe, tão somente, aligeirar-se e obedecer ordens.

Desatada a impaciência, Barbosa mastigava com raiva o cigarro de palha no canto da boca. Não gostava de dar o braço a torcer e achava que a sua vontade dentro do estaleiro tinha de ser reconhecida.

— Sou obrigado a concordar com as descabidas proposituras do Capitão General porque me vejo com braços e pernas atados. Quanto ao meu trabalho, aqui no estaleiro, mando eu. Se tenho que partir com a minha gente na vossa vanguarda, então o Capitão espera. O Guarda-mor João Martins de Barros também há de esperar, porque no meu chão, ninguém dá ordens. Além do mais, as canoas da minha fatura têm qualidade assegurada e trabalho que se apressa carece de perfeição. Tenho dito.

— Não vejo como convencer a vossa mercê da urgência desta prontificação.

— O Capitão entendeu; quem não concordar que vá reclamar em ltu ou em São Paulo, que apele para o Capitão General ou para o Bispo!

Em outros tempos, por muito menos, a mão do Capitão André já teria alcançado o punho da espada. Teve de contemporizar, porque conhecia o gê-

nio do Barbosa e necessitava do seu trabalho. Já era autoridade nomeada pelo Morgado de Mateus, carecia tolerar

Incontido, Barbosa desferiu valente braçada sobre o trançador. Reconhecia que, ultimamente, andava engolindo muitos sapos e lagartos por causa dos reclamos das expedições do Ivaí e do Cuiabá. Ouviram-no murmurar entre dentes: — O Bispo que vá para o inferno... acompanhe quem o desejar!

Era demasiado impertinente exigir paciência de dois homens que viviam em estado de prontidão e que tinham por princípio fazer rodar a colossal frota de canoas pelo Anhembi, cada um para o seu destino. O Capitão Salvador Machado e o Alferes Antônio Soares da Costa, ambos das Ordenanças de Araraitaguaba, intervieram apaziguadores:

— Ora, seu Barbosa! Tudo vai se acertar no momento propício, as coisas não caminham tão mal assim.

— Quer-me parecer que, tanto o Capitão André como seu Barbosa, têm as suas verdades e as suas razões, mas, quem é que manda nesta Capitania?

— O Rei, é claro! — responderam uníssonos.

Era bem verdade que não adiantava sair por aí, rasgando mortalias. Barbosa já cedera as melhores embarcações, os melhores homens. Nem tudo estava perdido, pois sabia que ainda podia contar com a sua gente afamalhada, alguns amigos e o Padre Garcia, que era trunfo certo.

Em março, aumentaram as exigências do recrutamento e o Guarda-mor João Martins de Barros foi obrigado a remeter para São Paulo grande parte dos integrantes da sua expedição ao Ivaí. Agora sim, o projeto se achava comprometido, tanto pela falta de gente como de canoas!

Foi quando se golpeou mortalmente a *troupe* de saltimbancos: tidos como inúteis. Pataca, por ser dado à embriaguez, e Tito, por ser franzino e cambaio, ambos foram designados para sentar praça nas Tropas Auxiliares da Marinha. Num abrir e fechar de olhos, estavam de partida!

Na véspera, Barbosa apareceu no acampamento e desobrigou Donana do futuro aluguel do pastinho. Também procurou ressarcir-se de quaisquer compromissos financeiros do passado, entregando a Pataca vinte mil réis pelo saldo restante das canoas ali deixadas em consignação.

— Daqui para a frente estamos quites, seu Beltrão.

— Chovam-me macacos!

Pataca repartiu fraternalmente o dinheiro entre os membros da *troupe*, rumando para o botequim onde entornou uma botija de aguardente e municiou-se de outra, que escondeu no gibão. Mais tarde, apareceu muito sem graça para as despedidas, falto do seu discurso fluente e dos chistes espirituosos. Limi-

tou-se a abraçar longamente aqueles que por vários anos constituíram a sua única família. A infinita tristeza traía-se pelo olhar, sem remissão.

Tito parecia mais feliz, decidido que estava em cuidar do pai adotivo, enquanto ambos seguissem o mesmo destino na fronteira. Aceitara de boa vontade o soldo de tambor, o mais ínfimo de qualquer regimento, por ser cambaio, desde que permanecessem juntos. Numa companhia tão desajeitada de recrutas, onde a maioria seguia para a morte, acorrentados ou em frangalhos, o pequeno burlantim nascido em Buenos Aires, recebera vistoso fardamento à moda do Reino. A casaca vermelha de canhões azuis caíra-lhe com muita graça e ele se portava com garbo e dignidade à frente das duas colunas dos pobres milicianos paulistas que deveriam marchar para a fronteira.

Às sete horas da manhã, como sinal da partida, ouviram-se três descargas de mosquetaria em homenagem a Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraitaguaba. Tito rufou orgulhosamente o tambor com que devia cadenciar os passos dos recrutas no rumo da estrada para Itu, acompanhando o séquito dos oficiais cavaleiros. Arrancado do seu torpor alcohólico, Pataca agitou-se a tempo de enviar as últimas recomendações a Vintém.

— Mecê capitaneia a *troupe* - Reconhecendo que o momento não era para brincadeira e, não podendo esquivar-se de consolar as lágrimas de Donana, gritou-lhe à distância: — Voltarei, minha bela, e pedirei a vossa mão em casamento.

O derradeiro chiste foi abafado pelas violentas imprecações dirigidas ao Rei, tanto da parte dos recrutas como da multidão que se ajuntara para observar a partida. A valentia dos paulistas era coisa séria, mas a ninguém aprazia abandonar a sua terra, por caprichos de Portugal, para morrer numa guerra que não era sua e pelo preço de trezentos réis de soldada.

— Tiiiiiito!

Ypié associava a figura do Rei, síntese de todos os poderes, ao maligno que conhecia de perto, sem deixar de personalizar as suas perdas e saudades no Anti-Cristo excomungado como lhe ensinara Donana. Neste particular, a mulher barbada assemelhava-se bastante com Inhabê, outra criatura dotada de muita sabedoria. — Síntese dos males! - diria Pataca, com a verve e o gestual dos picadeiros.

Santo, era o Padre Garcia que só sabia amar, porém os seus poderes pareciam distantes da terra, e, dificilmente, alcançariam Tito ou Pataca. Ypié reconheceu que, até ali, só constataria a vitória das potestades do mal sobre os homens e as forças da natureza. Partiu-se-lhe o coração, mais uma vez, e não se enganava quando divisou, a meio das colunas que seguiam para Itu, o vulto do maligno escorrendo sorrateiro para as profundezas da morte sem retorno.

— Tiiiiiiito!

A partida dos recrutas não aliviou a tensão social na Freguesia de Araraitaguaba, já, bastante agravada pelo atraso na armação das monções para o Ivaí e o Cuiabá. Barbosa continuava aliciando os seus povoadores entre os moradores dispersos em sítios volantes e desarranchados, transportando-os, mercê de muita lábia e promessas, para o seu sítio do Riacho. Frequentemente, vinham ter àquele porto bandidos e arruaceiros procedentes de São Paulo e das povoações do Médio Tietê, despachados pelas autoridades, a fim de servir ao comando do Capitão André Dias de Almeida. Chegavam postos a ferros e, logo, iam maldizendo Araraitaguaba, metendo-se em gravíssimos fuzos ou promovendo ajuntamentos alvoroçados nos becos e botequins. Quanto ao Rei e ao fidalgo de meia tigela, nem se repita a maldição que deitavam!

O Guarda-mor João Martins de Barros pretendia, em meados de abril, assumir o comando dos seus duzentos homens, selecionados a dedo, e partir imediatamente, mas frustrou-se no seu intento. Apenas trinta haviam-se apresentado como voluntários. O Capitão André Dias de Almeida sentia-se deveras embaraçado, porque não era homem de postergar as suas demandas nem de ouvir recriminações.

— O que estamos esperando? Carlos Morfe e os castelhanos se impacientam na raia do Rio Pardo, a Ilha de Santa Catarina pode cair de uma hora para outra. Vossa mercê carece de saber que os jesuítas e os índios já acenderam os seus fogos ao longo do rio Yapó, demonstrando que a invasão da Capitania de São Paulo está iminente.

— Falta pessoal, meu Capitão! Também o Barbosa vê-se impedido de formar a nova povoação de Piracicaba, indispensável à sustentação das monções do Anhembi. Eu, pessoalmente, ainda não consegui completar a minha equipagem de cento e vinte homens. Itú e Araraitaguaba esgotaram as suas possibilidades, nesta sangria interminável de gêneros e recrutas.

— Vossa mercê acelera o recolhimento de povoadores em toda a Capitania — retrucava agastado o Guarda-mor. — Para que servem os oficiais do recrutamento?

— Chegamos ao máximo do esforço. Já empreendemos duas derramas de farinhas e feijões com grandes sacrifícios das vilas de Parnaíba, Itu e Sorocaba, mas faltam-nos gente e canoas em número suficiente para as duas monções simultâneas, mais o povoamento de Piracicaba.

— O que podemos esperar diante das recomendadas medidas de efeito sobre o entusiasmo dos povoadores em disponibilidade nas vilas e freguesias da Capitania?



— Muito pouco, meu Capitão. O anunciado indulto para os criminosos e endividados faz aparecer os aproveitadores, os desordeiros, os desonestos e aqueles encalacrados. Acenar com tais vantagens é deitar apoquentação sobre os Diretores Povoadores.

— Vossa mercê não desconhece a insegurança que advém, para a expedição do Ivaí, o retardamento desta demanda. A cada dia os castelhanos ficam mais fortes.

— O Capitão Salvador Jorge Velho levou o caso ao conhecimento do Morgado de Mateus e este prometeu atender as nossas necessidades, até maio. Particularmente, ponho dúvida em que Barbosa consiga aprontar todas as canoas ou que as vilas entreguem todos os homens faltantes, até lá.

O mês de abril transcorreu em avultados trabalhos no estaleiro; até velhas canoas, tidas por imprestáveis, foram reparadas a custo da Real Provedoria. Só que não dava para conduzir os povoadores de Piracicaba em menos de doze grandes embarcações. Foi quando chegou de Itu o Ajudante de Ordens com o ultimato do Capitão-mor Salvador Jorge Velho.

— Vossa mercê vai incontinenti à paragem designada para a nova povoação de Piracicaba e planta o primeiro feijão de inverno.

— Só se for a nado.

O oficial ituano não se prontificou a escutar-lhe os impropérios, costumeiramente resmungados enquanto triturava o cigarro de palha. Três dias posteriormente, retornava ao porto com ordem expressa ao Guarda-mor João Marins de Barros para emprestar quatro das suas melhores canoas ao projeto de Piracicaba.

— Onde já se viu, armador emprestando canoas da própria fatura?

— Piracicaba agora sai.

Foi assim, a contragosto, que o Diretor Povoador de Piracicaba, Antônio Corrêa Barbosa, convocou os seus dois melhores homens, o futuro cunhado José Flores de Moraes e o compadre Antônio Coelho da Silva, para o grande mutirão das roças. Vintém, que se achava um tanto saudoso da vida aventureira, ofereceu-se para divertir o grupo.

A vinte e cinco de abril, partia a primeira monção de Piracicaba, conduzindo as farinhas, as sementes, diversos gêneros, alguns animais úteis, sal, instrumentos de lavoura, pólvora e chumbo. Em menos de oito dias, a bela flotilha, pesadamente carregada, passava pelo Bongue, sem esquecer de pespegar umas descargas de arcabuz contra a pedreira, provocativamente, a espicaçar o Tetegüera. Era o aviso, ansiosamente aguardado pelos remanescentes da velha sesmaria de Piracicaba.

Mestre Pascoal, os seus bororos, mais Curiango, interromperam a atividade na serraria e desceram para o barranco, a fim de receber os viajantes, cujas canoas já se apresentavam em formação na última curva do rio. À alegre trabucada de terra firme, Barbosa respondeu com vibrante saudação aos anfiriões e à magnífica paisagem que tinha pela frente: o majestoso Salto de Piracicaba com as suas pedras negras e as suas fartas águas, os seus pássaros e a exuberante mata ciliar.

— O pessoal tá chegando em definitivo?

— Não! Meus homens retornam, para resolver negócios ou constituir família, dentro de trinta dias. Desta vez, cuida-se de limpar o mato e dar princípio às roças do feijão da seca. Moraes fica no comando em meu lugar porque me aguarda um trabalho urgente em Araraitaguaba.

A sistemática povoadora implicava alguns critérios a que se submetiam os emissários do poder. Primeiramente escolhiam-se o Diretor Povoador e o local do assentamento dos moradores. Uma vez acertados estes pontos, procedia-se à divisão das terras, à organização dos trabalhos da roça, segundo o número de casais, e, finalmente, à formalização da povoação, o seu cordeamento, as construções indispensáveis, inclusive a Capela para o estabelecimento do pároco.

Os dois primeiros itens já vinham sendo considerados há quase um ano. Quanto ao local para sediar a povoação, o Morgado de Mateus recomendava a escolha de uma paragem fértil e aprazível para se acomodar com vantagem os novos habitantes, o que valia dizer: abundância de águas, de pesca e de caça. À oportunidade, acrescenta-se o fator utilitário: a povoação devia situar-se junto à barra do rio Piracicaba no Anhembí, objetivando-se, nesta estratégia, dar sustentação e respaldo às monções que deixavam Araraitaguaba com destino à Cuiabá ou aos sertões do Tibagi e do Ivaí. Mas a barra era maleitosa, malsã... Melhor ocultar a diligência, por causa do antigo sesmeiro local.

— Homéssa, já com a planta na mão?

— Só vim repartir as roças e ditar as ordens. Os homens hão de trabalhar em mutirão, uma roça de cada vez e o paiol. Por enquanto, este lugar fica guardado em segredo, até que...

— E o cordeamento de Piracicaba?

— Fica para agosto, no tempo da colheita. Garantido o sustento, eu e minha gente, entramos a povoar. As casas de morada hão de se levantar uma a uma, em cada ângulo de esquina, a Igreja ao centro.

— Vosmecê corre ligero...

— Só posso vencer esta partida se mestre Pascoal me providenciar um padre!

— Homéssa, a idéia me aperreia, só mesmo por obra do Capitão Salvador Jorge Velho.

Piracicaba ia povoar-se sem padre, inteiramente falta das coisas da religião e do espírito, para a inconformidade do Barbosa e desgosto dos seus sub-comandados. A impiedade daquele sertão constituía-se no maior obstáculo ao desenvolvimento da comunidade, pois era sabido que, faltando às desobrigas e às encomendas dos mortos, não havia como fixar as populações. A distância de quase oito dias de viagem por rios, até Araraitaguaba, submetia o porto de Piracicaba ao mais cruel dos isolamentos.

A tentativa de levar um padre jesuíta, independentemente da contração das ordens do governo, resultara em completo desastre. O Padre Garcia já se achava com a saúde seriamente abalada, quando a epidemia de trícias acometeu no sítio do Riacho. Desolados com a sua morte, os dois tapes afundaram-se no mato não havendo jeito de resgatá-los.

Intimamente, Barbosa temia pela sorte da experiência povoadora, só que não era homem de desistir dos seus compromissos.

Empenhara o seu nome e a sua dignidade, desfazendo-se dos negócios no estaleiro do porto de Araraitaguaba para levantar o capital indispensável aos primeiros tempos. Sabia de antemão que podia contar com pouquíssima ajuda das autoridades e que aquela viagem não tinha retorno. Os exemplos de Sabaúna, Guaratuba e Lajes estavam a demonstrar que os povoadores eram lançados à sorte e os assentamentos não podiam sobreviver apenas de promessas políticas.

Não se sentia um ferrabrás, mas reconhecia que da sua iniciativa e luta dependia a continuidade do empreendimento. Força alguma o demoveria do porto de Piracicaba, onde já encontrara a prontidão de um pequeno estaleiro e uma reserva inesgotável de mata rica da madeira especial para os seus canoões ligeiros. Há algum tempo, decidira secretamente que a nova povoação seria assentada ali, ao pé do Salto, mesmo que, desobedecendo ao Capitão General, pusesse o próprio pescoço a risco. Se bem que na última entrevista encetassem acordos sobre Piracicaba e, particularmente, empenhasse a palavra de que não se descuidaria da assistência na barra às monções do Anhembi.

Por outro lado, despedaçava-se a *troupe*. O que poderiam fazer Donana, Ypié e Vintém, se o tramontino também se achava de partida para o Ivaí? Além do mais, os tempos estavam difíceis, por toda a parte ocorrendo trãnsfugas, mulatos e caboclos em total desrespeito às Justiças da Lei. Não havia mais a quem dizer coisas galantes, nem espaço para saltimbancos que ousassem se

---

aventurar pelos caminhos do Vale Médio do Tietê, repletos de atoleiros e gente facinorosa. Se Vintém promovia algum ajuntamento patusco na esquina da Venda, mal Donana começava a tirar a *buena dicha*, lá sortiam chuços e pauladas entre cabras e bandidos, feito verdadeiro dia de juízo!

# 6

## Sob a Proteção de Nossa Senhora dos Prazeres de Piracicaba

A identificação do logradouro para efeito de se estabelecer a nova povoação de Piracicaba, dentro dos interesses da Coroa Portuguesa, nada tinha em comum com a velha sesmária ao pé do Salto. Ocorreu que o sítio eleito pelo Barbosa era justamente este último. Era sabido que, uma vez implantada uma povoação, caíam por terra os interesses pessoais, derrogando-se os direitos anteriores de eventuais sesmarias e datas de terra, de forma a desembaraçar da propriedade particular o local ocupado pelo representante da Coroa.

O episódio ocorrido em Itapetininga, naquele ano de 1767, repetiu-se em Piracicaba. — Mais uma povoação na Capitania de São Paulo! - Tal era o jactancioso depoimento do Morgado de Mateus, a se justapor no rol dos feitos com que preparava a sonhada nomeação para a carreira de Vice-Rei na Índia. Consumava-se a fundação de Piracicaba, passando a efeito derogatório os direitos de Francisco Cardoso de Campos (o herdeiro da sesmária de Felipe Cardoso), na margem direita do rio, embora o espaço sesmeiro da margem esquerda continuasse interdito, sob a antiga propriedade daquele.

Em fase precedente, costumava-se lançar portarias alertando aos eventuais proprietários apresentarem os seus títulos dentro de um certo prazo, porém decorrido este e implantada a povoação, aí, “Inês era morta”. A palavra do Morgado de Mateus era assaz concludente: — Não se deve atender a nenhuma razão particular, as sesmarias ficam derrogadas. - Ao professar desta maneira, confiava na justiça e no desinteresse dos seus Diretores Povoadores, encarregados do utilíssimo serviço de Deus, de Sua Majestade e das populações civis.

Em comunicado oficial a autoridade determinara a localização da nova comunidade na barra do rio Piracicaba com o Anhembi. Barbosa decidiu-se pelo porto junto ao Salto, local de antiga ocupação sesmeira, onde tradicionalmente eram construídas as excelentes embarcações

monçoneiras, a partir dos gigantescos lenhos abatidos na floresta; aqueles máximos canoões guerreiros, os batelões de carga pesada e as ágeis ubás monóxilas, sem os quais não havia a menor possibilidade de penetração nos sertões do sudoeste, nem chance de praticar o comércio ou a guerra na fronteira luso-castelhana. A comodidade dos interesses definiu a escolha daquele local que foi mantida em absoluto segredo. Oficialmente falou-se da barra para evitar contestação legal e protestos.

Campos só veio a saber algum tempo depois e só pôde manter os seus direitos sobre a margem esquerda do rio. — Foi tudo de causo pensado!

Barbosa tinha o seu justíssimo arrazoado. Não seria da exploração prevista da salsaparilha na barra, aquele local infecto e sujeito a inundações, ninho de malária e endemias, que iria depender o êxito da guerra, mas destas formidáveis embarcações piracicabanas.

— Sem canoas não há guerra, nem monções para o Centro-Oeste ou Sudoeste.

O projeto a ser executado em Piracicaba objetivava implantar uma rede fundiária baseada na pequena propriedade, outorgada a um número fixo de casais com vistas ao desenvolvimento agropecuário, capaz de produzir alimentos e gêneros para a própria comunidade sobejando algum excedente para o serviço monçoneiro. O abastecimento das canoas no porto de Araraitaguaba e o fornecimento dos gêneros suplementares às monções na barra do Piracicaba haveriam de garantir a sobrevivência da povoação nos primeiros tempos. A prosperidade viria do produto do estaleiro, bem como do efeito das roças. Na antevisão dos lucros e do próprio enobrecimento no serviço d'El Rei, Barbosa já se decidira por aquele lugar, discordante dos propósitos iniciais do Capitão General de São Paulo. Era muita ousadia, mas confiava na sorte e na feitoria da Boa Vista.

Zé Moraes e Tonico Coelho revelaram-se excelentes pilotos partidores de terras. Cada casal de povoadores, juntamente com seus filhos, agregados e escravos, haveria de ser fixado numa propriedade situada à distância máxima de três a quatro léguas do centro da comunidade, a fim de desfrutar da assistência do grupo e dos benefícios da religião. Ganhava ferramentas, uma roça de ante-mão plantada e pronta para ser colhida, com a capacidade de quarenta alqueires de milho e de feijão, além de ajuda na instalação na terra, sementes e mudas de mandioca, mamona, banana. Tudo isto, sem contar a oportunidade especial do real perdão oferecido aos crimes anteriormente cometidos ou a suspensão na cobrança das dívidas contraídas.

No calendário agrícola da época, o feijão era o agente controlador desta empreitada, precedendo de três meses ao cordeamento da povoação e ao

advento das famílias dos moradores. A gigantesca tarefa de derrubar o mato, esperar secá-lo, aprontar as roças e lançar as sementes, cumpria-se em regime de mutirão diário, em que se empenhavam todos os homens válidos, de sol a sol. Os poucos recursos alimentares trazidos de Araraitaguaba eram compensados pela abundância e qualidade dos peixes que justificavam a fama da piscosidade do rio Piracicaba.

No descanso da noite, ressoava com certa magia o imenso fragor do Salto, mormente, se por contraponto houvesse um repenicar de viola paulista que se curtia aos goles da boa caninha ituana. Para comer, uns petiscos do rio assados na brasa: mandi amarelo, pintado e curimatá, de mistura com umas lascas de inhame e um punhado de farinha de pau. Os chistes de Vintém provocavam hilaridade no remanso da noite. Vez por outra, alardeava-se uma mosquetaria, lá pelas bandas do Bongue, mas era provocação de pouca serventia. A hospitalidade de mestre Pascoal, as belezas naturais e as águas fartas, tão cheias de vida, adoçavam o mutirão. No final de junho, construiu-se o paiol para receber a futura colheita e quem veio, mesmo a contra gosto, declarou-se apto a ficar por inteira paixão à Piracicaba. A maioria dos homens cumpriu a tarefa e preparou-se para regressar; apenas alguns caboclos permaneceram no local, aguardando as suas famílias. O conjunto dos povoadores partiria de Araraitaguaba, no momento propício da colheita das roças e da construção das moradias, para a efetiva fixação em suas propriedades.

Ao comunicar a sua experiência piracicabana à Donana, Vintém parecia inteiramente seduzido.

— Mestre Pascoal confidenciou-me na despedida que todo aquele que pisa no chão sagrado e bebe da água do Salto do Piracicaba, sempre há de retornar. Se existe, um paraíso de paz e beleza sobre a face da terra, é lá. Ypié tem razão em querer voltar.

— Podemos tentar a sorte naquele porto, Vintém.

— Como povoadores? Mecê sabe que não tenho jeito para a lavoura.

— Se vamos reconduzir a menina, temos que sobreviver de algum modo ou mecê vai se unir aos ciganos?

— Voltemos para São Paulo, o nosso mundo é o do picadeiro.

— O grupo acabou pra mim.

Certamente Donana aludia a sua secreta paixão por Pataca, porque deitou a cismar, enfiadíssima, quando Vintém lhe retrucou:

— Espero que mecê esteja curada.

Ninguém podia supor que, debaixo daquelas longas barbas a lhe ocultar a metade do semblante, existisse uma bela mulher, relativamente jovem,

entre trinta e cinco e quarenta anos. A observar-lhe a face depilada, Ypié pensou tratar-se de outra mágica, porém o Padre Garcia se achava muito distante, no céu. Mal refeita da agradável surpresa em identificar-lhe o rosto, agora associado ao porte elegante, confidenciou-lhe:

— Mecê tá mai bunita qui Dolore, inda vai casá cum capitão.

Os dias estavam contados. No porto de Araraitaguaba, a celeuma interminável sobre os barcos, os gêneros e as tripulações antagonizava as lideranças das expedições do Cuiabá e do Ivaí, principalmente, depois que começaram a chegar, por despacho de São Paulo, os últimos lotes de gente arrebanhada à força na Capitania. Eram desertores, desarranchados e bandidos, sempre prontos para armar as maiores confusões. Capitão André Dias de Almeida contemplava estupefato o magote dos acorrentados que descia a rampa do embarcadouro, debaixo da velha orquestra de pesadas pragas atiradas contra o Rei e o Capitão General. Era com tais descontentes que deveria compor a sua equipagem de cento e vinte homens, aqueles da primeira monção ao Ivaí.

— Mandam-me geadá para cozer o leitão!

— Foi o melhor que pudemos arranjar, Capitão. Vossa mercê há de usar toda a energia no governo destes povos!

— Ocorre que o vosso amigo, senhor oficial, aquele excelentíssimo... pede-me que governe a estes... com suavidade e sem vexação.

A corrida contra o tempo parecia perdida! A tensão cresceu ao saber-se que o Coronel Francisco Pinto do Rego achava-se de partida para os Campos de Curitiba, disposto a fazer entrada nas Campanhas do Tibagi para alcançar a corrente do Rio do Registo (Iguaçu). Era operação preliminar à devassa dos Campos de Garapuava, secretamente conectada ao descobrimento e conquista dos sertões do Ivaí.

Na segunda quinzena de julho, finalmente chegaram os cento e vinte homens do Capitão-mor de Sorocaba, José de Almeida Leme, remetidos às presas, para inteirar a bandeira do Capitão João Martins de Barros.

Eram “voluntários” das Companhias de Ordenanças de Sorocaba, infelizes cujos pais, esposas ou parentes se achavam submetidos à incrível violência do cárcere privado, tremenda arbitrariedade perdurável até o momento em que chegasse o aviso de que a expedição havia passado a barra do rio Potunduva. Era a única garantia a impedir que desertassem. Feridos na sua civilidade, arrancados das famílias, das suas atividades pacíficas e produtivas na lavoura, chegavam a Araraitaguaba amaldiçoando o Rei, as autoridades das vilas e da Capitania, desconhecendo inteiramente os propósitos da grande expedição ao Ivaí.



Era assombrosa a multidão dos forçados. Nunca se vira dois Capitães, daquele porte, juntos numa mesma missão d'El Rei!

No dia seguinte, apontou o precioso lote de carijós, moços e mocinhas que se achavam em São Paulo na qualidade de administrados, mas que, na realidade, eram provenientes dos sertões devassados pelo Ajudante de Ordens Afonso Botelho de Sampaio e Sousa ao longo dos rios Tibagi e Ivaí. Eram destinados a Piracicaba e quem os trazia para Araraitaguaba advertia que os mesmos deviam ser educados na verdadeira doutrina e no respeito dos povos, uma vez que já haviam recebido os sacramentos da Igreja que Nosso Senhor Jesus Cristo instituiu para remédio e salvação das almas.

— Vossa mercê tranqüilize o Morgado de Mateus, serão tratados com toda a cristandade.

— D. Luís Antônio estima que o Diretor Povoador já se haja prontificado com toda a sua gente para estabelecer-se na povoação de Piracicaba.

— A que preço, senhor oficial!

Para aliviar a tensão social no porto, o Morgado de Mateus enviava naquele final de julho a ordem de partida ao Capitão João Martins de Barros. Seguiu-se, imediatamente, a conferência dos comandantes, decidindo-se pelo cronograma das expedições: a vinte e dois partia a monção do Cuiabá, a vinte e oito partia a bandeira do Ivaí. Mediando, estava a monção do Barbosa para Piracicaba.

— Quero o porto aliviado! — exigia o Capitão João Martins de Barros.

Barbosa subiu apressadamente a rampa em direção da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, em busca do pároco, enquanto ruminava as próprias idéias. Pela primeira vez, revelava algum otimismo.

— Vossa reverendíssima não desconhece o meu propósito de partir, dentro de alguns dias, para Piracicaba. O que me apura a paciência, é que careço de levar os casais acertados na lei de Deus, e isto é coisa que só a Igreja pode resolver.

— Já esperava a vossa visita. Façamos os casamentos que haverão de multiplicar os filhos de Deus na futura Piracicaba. Quantos pares são?

— Vinte... se todos se dispuserem ao sacramento.

Ao ter que reunir os futuros casais, Barbosa não contava com as dificuldades acarretadas pelo emocional. Ele que era moço, e se achava casado há pouquíssimo tempo, logo viu que não tinha o menor jeito para a coisa. Não, que pretendesse consultar a vontade das mulheres, é que havia disputas acirradas entre os que pretendiam escolher, enquanto certos solteirões empedernidos recusavam-se a dar o passo decisivo. Foi nesta premência que Vintém

revelou-se admirável agenciador matrimonial, assessorado por Donana. Frutos do seu trabalho pacífico e das artes de cupido, concertaram os casamentos de Piracicaba que houberam por ficar na lembrança do povo da Freguesia de Araraitaguaba.

No domingo, cedinho, debaixo de vibrantes sinos, começaram a passar pelos arcos de bambus embandeirados os pares que iam receber a bênção matrimonial. Ypié preferia posicionar-se na fila das que receberiam a primeira comunhão, mas impuseram-lhe a parceria de João da Fé como condição de voltar para Piracicaba.

Este caso sucedido foi considerado com muita prudência da parte dos responsáveis pelos dois jovens. João da Fé, ainda não completara os dezesseis anos e já se achava a um passo da convocação, motivo pelo qual fora entregue ao Barbosa por um pai desesperado com o recrutamento que se fazia em ltu.

Casos semelhantes contavam-se às dezenas, justificando o furor casamenteiro, às vésperas do recrutamento, entre os jovens em idade de servir. O casamento às pressas era apenas meia medida contra a morte certa na fronteira castelhana; a salvação advinha da partida para uma Freguesia distante ou para uma Povoação em fase de assentamento, a exemplo do que ia ocorrer no porto de Piracicaba.

Ypié ainda não completara treze anos. Era comum contratarem-se casamentos entre crianças, conquanto se devesse esperar pela consumação, fato que só ocorria após a menarca. O futuro caía nas malhas do imponderável. Permanecendo o moço junto à família do Barbosa, Ypié só veio a tomar conhecimento da parte que lhe cabia como ato de ajuda indispensável num momento de premência, em cima da hora.

— A menina volta à Piracicaba sem ninguém tocar nela — garantia Barbosa a Vintém, após sério entendimento.

Os casamentos de Piracicaba deviam ficar na lembrança daquela Freguesia. Por presente, enviado de São Paulo, ofertou-se aos nubentes uma bela bandeira votiva de Nossa Senhora dos Prazeres, tida por madrinha do Capitão General e futura padroeira da povoação onde deviam organizar as suas vidas. Foi nas palavras proferidas em *homilia* que os novos povoadores tomaram conhecimento da secular devoção dos portugueses à imagem da Mãe do Menino Deus, aparecida na Ribeira de Alcântara em Lisboa, na quinta dos Condes da Ilha, em dia que a Igreja celebrava os prazeres da Santa Mãe pela ressurreição do seu amado Filho.

Outro presente, muito vitoriado, veio da parte do Bispo de São Paulo: a gloriosa bandeira do Divino Espírito Santo, o Consolador prometido por Nosso

Senhor Jesus Cristo. O pano de seda carmezim sustentava os sete raios sobre a pomba branca pairando acima dos horizontes deste mundo e dos pecados dos homens. Na quadratura direita, mão de artista escrevera a palavra Piracicaba. A nova povoação ia nascer abençoada!

Concluídas as orações finais da missa, os casais perfilaram-se na nave da igreja para o casamento coletivo: Maria dos Anjos e João da Fé, Manoel e Isabel Bicuda, João Francisco e Malvina Pedrosa, Francisco de Lima e Ângela, Inácio e Leonarda, João e Francisca, Lourenço e Narcisa, Santiago e Helena, Cristovão e Luzia, Amadeu e Ana da Silva. Este último par, ainda na véspera, não se havia decidido aos propósitos matrimoniais, porém ao amanhecer, Amadeu, que era um solteirão inveterado, metido em fuzos de botequim e carteado, rendeu-se aos encantos de Donana, marchando juntos para a Igreja e dispostos a construir vida nova em Piracicaba. Vintém enxugava as lágrimas pelo romance da querida amiga, convicto de que podia partir em paz.

— Vamo também pra Prísicaba.

— Qual, tenho terra de picadeiro no sangue, Ypié.

Música e foguetório arremataram com perfeição a bela manhã, aquecendo os corações em pleno inverno paulista. Os planos do Barbosa começavam a dar certo. O único entrave corria por conta das bulhas provocados pelos homens do Capitão André Dias de Almeida e do Capitão João de Barros Martins, os quais deviam se concentrar no sítio do Araçá, mas faziam presença constante nos botequins e nos becos da Freguesia. Podiam, à última hora, estragar-lhe a festa.

A vinte e dois de julho, partiu a monção dos comerciantes de Cuiabá. No dia imediato, pesadíssimo comboio desceu a rampa do porto de Ararataguaba em busca do estaleiro. A julgar pela pressa e pela escolta dos oficiais portugueses, era coisa de enorme relevância, logo, confirmada pelo conciliábulo das autoridades. Finalmente, procedeu-se a urgente partilha da pólvora, dos armamentos, do sal e das ferramentas, impondo-se clima frugal de sacrifício e cooperação, dada a precariedade dos recursos de que dispunha o governo da Capitania.

As ferramentas! Aproximando-se o momento da colheita do feijão da seca, a chegada das ferramentas removia o último obstáculo à fundação de Piracicaba. Deste instrumental dependiam a construção das moradias dos povoadores e o desenvolvimento da comunidade, fatores que Barbosa sobrepuja às eventuais necessidades de pólvora e chumbo. Sacramentados os novos casais, arrolados todos os povoadores, restava apresentar-lhes as últimas responsabilidades.

Assim, a meio do foguetório, mandou parar a charamela para cumprir com grande satisfação a parte final da cerimônia. Os lotes de ferramentas, acompanhados de porungos sortidos de sementes, foram apresentados aos cabeças de casal. Já que a entrega definitiva se realizaria em Piracicaba, o que se impunha no presente é que fossem abençoados à porta da Igreja pelo sacerdote, a fim de partirem santificados.

Sobraram ainda as armas de fogo e o surrão de pólvora que deviam ficar a cargo do Diretor Povoador. Sem tardança, debaixo de alegre revoada de pombas, entregaram-se as bandeiras de Nossa Senhora dos Prazeres e do Divino Espírito Santo ao povo de Piracicaba, que prorrompeu em vivas. Era apenas o começo de algo mais extraordinário. Um pouco sem jeito, Barbosa tomou o filhinho nos braços e desceu com Ana de Lara, a sua jovem esposa, em direção do estaleiro.

À hora do almoço, Morais apareceu para relatar os detalhes das últimas providências com respeito ao sal, à pólvora, às ferramentas e à acomodação dos trens nas canoas.

— Farta poca coisa, nhô Barbosa, é só ajeitá os pessoar.

— Partimos amanhã ao meio dia. Por hora, mecê se afaste da gente dos capitães.

Preferindo andar pelo porto, Barbosa contemplava a maior concentração de canoas que Araraitaguaba já vira, desde os áureos tempos de mineração. Pareciam-lhe inteiramente fora da realidade as palavras encomendadas pelo Morgado de Mateus, expondo as razões e as vontades de um burocrata de carreira. Pois sim! Fundar Piracicaba naquele ninho de malária e prosperar com a salsaparilha! Pouco ligou às expressões lisonjeiras, tampouco ao *Deus guarde a Vossa mercê*, com tanta ênfase manuscrito pela autoridade. Com um muxoxo de escárnio, rasgou a missiva e atirou-a nas águas do Anhembí porque ninguém haveria demovê-lo dos seus propósitos. O destino de Piracicaba estava-lhe nas mãos.

Não era homem de faltar com a palavra. O controle da barra, a assistência às monções, o povoamento do rio Tietê ficavam para mais tarde. Agora, chegara a vez da sua Piracicaba. Iria estabelecê-la junto ao ponto distante, lá, onde via plantados os mais altivos lenhos da floresta, aos pés do formoso Salto, sob a dádiva das suas fartíssimas e piscosas águas.



## Auto da Nau Capitânea

Madrugada fria de vinte e quatro de julho de 1767. As fogueiras acesas, junto ao rés d'água, denunciavam a atividade febril da armação monçoineira em sua derradeira etapa. Toda a carga descansando embarcada, desde a véspera, a impaciência já começava a tomar conta dos esforçados caboclos zingueiros.

Ao meio dia, Barbosa acomodava pessoalmente as ferramentas e as sementes no interior dos batelões, determinando-se a dar o sinal da partida assim que o sacerdote concedesse ao seu povo a última benção. Naquele exato momento, viu-se convocado, às pressas, pelo Ajudante de Ordens Antônio Lopes de Azevedo para efeito de uma conferência extraordinária. — Mais essa!

Acuado pelo proeiro-mor que reclamava, mal humorado, do tempo que se fazia tardonho e do que se estava a perder em conversa fiada, Barbosa subiu decidido e apressadamente em direção da casa de morada do Alferes Tonico Duarte. — Cáspite! - Reconhecia haver chegado a hora do seu maior tributo: tinha que ler direitinho, na palma da mão do Ministro Oeiras (Pombal), diante dos homens do poder que o representavam. Pior do que nó nas tripas! Assim, tremeram-lhe as pernas ao escalar os primeiros degraus da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraitaguaba.

O oficial português, enviado do Capitão General, num misto de orgulho e jubilosa vaidade ofereceu-lhe o Santo Livro para a renovação do juramento de compromisso e lealdade, não, sem aditar-lhe a costumeira peroração:

— Faço saber a todos que Sua Majestade, que Deus guarde, foi servido ordenar ao seu vassalo, Antônio Corrêa Barbosa, Diretor Povoador de Piracicaba, promover o ajuntamento das gentes desta Capitania e índios, debaixo da sua autoridade, numa povoação civil, na esperança de que em futuro, não muito remoto, estes venham a se organizar nos cargos da República, da Justiça e da Proteção dos Estados do Brasil.

Um pouco ríspido, cigarro de palha mordiscado num canto da boca, Barbosa arrematou-lhe a peroração:

— Juro pelas conveniências do Real Serviço e por Santo Antônio, de Lisboa, meu padrinho!

Aquelas palavras nervosas caídas no respeitoso silêncio da sacristia foram prontamente sucedidas pela alegria geral traduzida em palmas e votos em favor de Piracicaba.

— Por Nossa Senhora da Candelária!

— Por Nossa Senhora Mãe dos Homens!

Passando das treze horas, as mulheres e as crianças cochilavam sob os toldos das embarcações, quando luzido cortejo apareceu no topo da rampa que dava acesso ao porto. Era ver para crer: Barbosa vinha ladeado pelas duas principais autoridades da Freguesia, o Capitão Sebastião Machado e o Alferes Antônio Soares da Costa, e já ostentava ares de certa fidalguia. — Ora, pois!

O moço ituano pobre, porém correto, o filho do casal humilde, mas de boa cepa, aquele que nem sempre era compreendido em razão dos extravasamentos da personalidade, aparecia conduzido em cortejo por parte das mais representativas figuras do poder colonial. Prestigiavam-no em nome d'EI Rei os Capitães João Martins de Barros e André Dias de Almeida que se faziam acompanhar dos seus oficiais, cabos de guerra e sub-comandados. O Capitão-mor de Iту, Salvador Jorge Velho, através do seu representante, enviava os votos de êxito na missão. Os oficiais portugueses, estes, vestiam-se em grande uniforme, cabeleira de massacrocos com rabicho e patrona à cinta.

Naquele brilho próprio das grandes ocasiões, Barbosa parecia satisfeito, embora algo constrangido. Percebendo a ansiedade estampada na fisionomia do seu povo, acenou-lhe à distância provocando, incontinenti, uma revoada de gorros e barretinas aos brados de: — Viva Piracicaba!

Disposto a partir sem mais dilação, despediu-se rapidamente das autoridades, a alguns metros da água, e, dominado pela ansiedade, saltou para a nau Capitânea. Transmitiu, ainda, algumas ordens expressas ao Moraes e ao Coelho, enquanto permanecia na proa, aguardando a bênção sacerdotal. Esta foi dispensada num momento de muita contrição, acompanhada de todas as honras que já se tributaram às mais importantes monções partidas do histórico porto de Araraitaguaba. Por sinal de bom presságio, um bando de araras azuis sobrevoou a penedia com grande alarido no céu, gritos ressonantes à longuíssima distância, também saudando Piracicaba.

Agudo silvo atravessou o último Amém, desatando os adeuses. Prontamente, os caboclos descruzaram os remos e os zingueiros fenderam as águas, buscando o talvegue do Anhembi. Uma a uma, as equipagens de mareação começaram a mover cautelosamente as canoas sobre a superfície, na esteira da

nau Capitânea, buscando o largo, a fim de operar a correta formação monçoneira. Quando o piloto-mor acertou o canal, silvou-se nervosamente, desta vez, sobre as águas profundas do grande rio dos paulistas.

No mesmo instante, irrompeu da praia a mosquetaria do Capitão André, acompanhada de hurras, brados e acenos. Os bugres do estaleiro e da alfândega também saudaram a sua maneira, desfechando para o céu as flechas artisticamente atadas com fitas azuis e vermelhas, em dupla homenagem à Nossa Senhora dos Prazeres e ao Divino Espírito Santo. Dentro das embarcações, os trabuqueiros e arcabuzeiros salvaram continuadas vezes, cumprindo-se as formalidades de estilo.

Um derradeiro olhar para a penedia das araras, um último aceno, e, prontamente, a magnífica flotilha deslizava ágil no Anhembi em direção à barra do Piracicaba.

Coração disparado não deixa chorar. Nas expressões dos pobres carijós percebia-se temor, ou, talvez, saudade dos outros tantos caudais de onde eram nativos, Paranapanema, Iguaçu, Tibagi. Ypié também ralava-se de saudades de Tomás e das águas do Salto de Piracicaba. Timidamente, aproximou-se de Donana, que se emocionava até as lágrimas, e esta, apontou-lhe para o que tinham à frente. Só então, percebeu a Bandeira do Consolador tremulando altaneira à proa da nau Capitânea, deixando-se levar ao sertão, desfraldada aos ventos do Anhembi.

— Vamo pra Priscicaba!

Se Padre Garcia estivesse de corpo presente, haveria de levantar a sua bela voz atenorada espargindo em notas musicais os mais belos salmos do Livro Sagrado. — *Cantai e celebrai com júbilo ao Senhor! dai brados de alegria, regosjjai-vos e cantai louvores! Os rios batam palmas, regosjjem-se também as montanhas.* - Aquele povo navegante certamente haveria de acompanhá-lo nos estribilhos: — Amém, *alegrai-vos, alegrai-vos no Senhor!*

— Ah, estão a me fazer falta os versos do rei Davi na boca do Padre Garcia, mormente agora.

Ao comentário do Barbosa, retrucou Moraes com certa admiração:

— Ué, pensei que o rei de Portugal fosse D. José...

Descer o Anhembi na direitura da barra que lhe faz o rio Piracicaba, em plena estiagem, é submeter os mareantes e a equipagem a trabalhos esforçados, durante quatro a cinco dias, sob muito frio e umidade. No sexto dia de navegação, faltando um quarto para as quinze horas, apontou a barra com o seu volume dilatado de águas barrentas lambendo os perigosos barrancos, revestidos por espessa mata ciliar. Bem à direita, em ângulo de cotovelo, aparecia

a embocadura do Piracicaba, muito mais largo e caudaloso do que o próprio Anhembi, parecendo água-mãe a verter do seu próprio sertão.

Quem nunca vira, logo repetia: — Parece um braço de mar!

Sim, o chamado Rio Povoadado dos paulistas, a partir da junção do Piracicaba, parecia o mar do grande sertão que se estendia até a colossal calha do rio Paraná. Naqueles tempos de antanho, a floresta sub-tropical e uma fauna espantosa completavam o acervo que a natureza pacientemente distribuía ao longo do vale fecundo. Era infinitamente belo, nativo e intocado.

A um sinal do piloto, a nau Capitânea pôs-se ao largo, e, sem que ninguém esperasse, os seus homens puseram-se vigilantes. Por intimação do Barbosa, uma a uma, as naus abandonaram a derrota do Anhembi, transferindo-se ao pé do rio Piracicaba que passaram a navegar contra a corrente. O expediente causou estranheza em alguns povoadores, mas estes se achavam distribuídos em batelões que seguiam à esteira, não havendo como estabelecer comunicação. Retornar pareceu impossível pois a nau culatreira vinha fortemente municuada. Só na hora do rancho o piloto silvou, avisando sobre a operação de encosto no barranco da esquerda, bem no local conhecido por cocho do guará. Ali os povoadores saltaram em terra sem se dar conta do pretendido.

Não seria na barra a formação da nova Povoação de Piracicaba, jamais naquele ninho de sezões malignas, garantia o Barbosa. Não houve resistência, porém, no entender de alguma gente inconformada, o porto de Piracicaba era demasiado distante; aquela boca de sertão prestava-se perfeitamente a degredo de malfeitores, a sítios volantes ou para a aventura de sesmeiros corajosos, nunca para uma povoação estável. Gastou-se o resto do dia em argumentação, pró e contra, sem se chegar a acordo definitivo.

Ao amanhecer do dia trinta de julho, João Luís do Prado e Francisco de Lima desejaram retornar, tinham filhos pequenos e se achavam receosos daquele bárbaro sertão. O compromisso anteriormente estabelecido com Barbosa dizia respeito à formação de um povoadado junto à barra do rio Piracicaba no Anhembi, com o propósito de oferecer sustentação às expedições monçoairas destinadas ao Centro-Oeste e ao Sudoeste. Não adiantou baterem o pé. A discussão acalorou-se, parte da manhã transcorreu em conciliábulo e não houve jeito de conseguirem permissão para o retorno a Araraitaguaba. Tentaram evadir-se, mas acabaram detidos e se sujeitaram.

No final do desencontro, serenados os ânimos, percebia-se pela cara de poucos amigos do Moraes, que passara a noite na ronda, arma embalada. Navegava-se dois dias à frente da expedição do Capitão João Martins de Bar-



ros e não havia instante a perder. No velho cocho do guará ficaram dois homens de confiança para montar as bases da feitoria da Boa Vista, de onde se podia assistir à navegação do Anhembi.

Naqueles tempos, subir o rio Piracicaba era uma aventura inigualável, graças à abundância de caça e belezas naturais. Sentindo-se renascer Ypié confessou à Donana: — Num jejo a hora di chegá.

A viagem recomeçava com muita determinação. Certamente chovera nas cabeceiras, porque o volume d'água se achava acima do nível habitual e muitos destroços desciam a corrente, obstaculizando a marcação. Depois de trabalhos esforçados e grande desgaste, chegou-se ao pouso da noite sem se obter bom rendimento. Chico-piloto desejava navegar até a última réstia de luz mas, a experiência demandava cautela. Naquela empresa havia mulheres e crianças, estava em jogo o futuro de uma comunidade inteira.

Posteriormente, Barbosa se lembraria que, na altura do Tabarana, pesado tronco retorcido lançou dois zingueiros em perigoso jupιά e que no pouso noturno, traíçoeira jararacuçu picou um mulato que veio a falecer no dia seguinte, depois de sofrimento atroz. Aquele logradouro passou a ser designado pelo nome deixado na cruz da sepultura, Pouso do Anacleto. Saído do último rancho noturno, Barbosa estava determinado a chegar a qualquer preço no porto de Piracicaba.

Uma flotilha pesadamente armada é coisa bonita de se ver. Não obstante, ail da equipagem de marcação. Mal despontando o dia primeiro de agosto, Mané Pintinha queixava-se do fraco rendimento da véspera e dos trans-tornos da madrugada. Como proeiro-mor, acabava prevendo o alongamento da jornada, provavelmente, mais um pernoite.

— Nem mais um dia. Chegamos hoje mesmo, em redobrados esforços, custe o que custar.

— Num havéra de sê, justo o úrtimo dia, percisado di bóia e di posol!

— Mecê ouviu. Excomungado o tempo que se perdeu na barra!

Na madrugada de primeiro de agosto, os navegantes puseram-se n'água sob pesada cerração, submetendo-se a homéricas dificuldades. Nas alturas da Volta Grande, ouviu-se o ameaçador alarido das arinhanhas nadando em bandos jusantes às canoas, os perigosos dentes buscando fender os remos, outras, reatacando com dobrado furor sob os golpes dos zigueiros.

O sol rompeu cedo, para alívio da equipagem e para deitar claridade nas belas praias das ilhas da Sepultura e das Flexas, povoadas de jacarés. Sobre os dorsos crispados daqueles enormes répteis, passarões escuros, descidos do arvoredado marginal, serviam-se para observar o rio como silenciosas testemunhas da monção e ali estivessem a preparar-lhe o Memorial.

A longa jornada sem pouso, distraída pobremente com bóia fria e água de cantil, aumentava a indisposição dos navegantes. Somente à tardinha, avistou-se a Pedra Branca, logo em seguida, as Ondas, o Corumbataí e o Guamium. Depois de um dia completo de sofrida maréação por águas profundas e traiçoeiros jupias, já a luz ameaçando declinar, a flotilha finalmente atingiu a penedia do Bongue.

— Três descargas a baixo fogo!

Não demorou muito e a resposta partiu dos trabuqueiros do porto de Piracicaba, arrematando a ansiedade daqueles oito e meio dias de intensos trabalhos. A recompensa se divisava a poucos metros; bastava deixar-se entregar à natureza para fruir o magnífico por do sol invernos, incendiando na última curva do rio, e, receber pela frente o espetáculo inesquecível das grandes águas despejando-se com escarcéu sobre as rochas negras do Salto e escorrendo pela itaipava do Vaivém.

Um tanto à desoras, repetia-se a fortíssima experiência de todos aqueles que subiam o rio Piracicaba até o porto, tido como a última baliza no sertão do velho Oeste Paulista. O avançar das canoas na direitura do Salto é sempre um crescente de emoções a ter como pano de fundo o verde escuro da pujante floresta, os bandos de aves se recolhendo, a visão das colossais espumas e o formidável estrondo, debaixo de um céu incendiado. Inigualável Piracicaba!

A curta distância do canal, destacava-se na margem direita a rampa de acesso ao estaleiro, utilizada a tempos imemoriais. Era por ali que se costumava tirar para o rio as canoas da fatura de mestre Pascoal, as mesmas que justa fama traziam àqueles sertões. Quase ao rés d'água, divisavam-se os vultos do homens a preparar nova atroadá de trabucos.

— É o fim da zinga! — gritava o proeiro-mor. — Preparar a atracação.

Precedendo a quaisquer formalidades, a bandeira do Divino Espírito Santo, que tremulara à proa da nau Capitânea, durante o longo percurso, passou sobre as cabeças de todos os desembarcados. Posta em terra, foi empunhada pelo Barbosa que seguiu em frente, a passos decididos, liderando o grupo de povoadores que escalava a rampa em respeitoso silêncio.

Junto ao rio, os homens da maréação e da equipagem começarem a descarregar as tralhas e os trens, antecipando-se ao escurecer. Subitamente, bateu o medo do desconhecido. Não era para menos; a premência do isolamento naquele porto afastado das matrizes da civilização fazia estremecer os mais incautos. A floresta, que revestia as majestosas colinas das duas margens, a fereza do Salto pela frente, e, à retaguarda, o sinistro Bongue, consolidavam aquela prisão de águas, apertando o círculo da solidão em Piracicaba.

— Barbosa tem parte com EI Rei e com o diabo, deste porto ninguém sai com vida!

Era tarde para tais inconveniências. Assomando à pequena clareira, junto ao ranhão de mestre Pascoal, Barbosa juntou o seu povo para a entrega das ferramentas e distribuição das tarefas imediatas, alertando que, no dia seguinte, daria início à colheita das roças e ao plantio das novas sementes. Guardando em seu poder as poucas armas de fogo e a pólvora, dirigiu rápida palavra aos inconformados, que cuidou de separar em pequenos grupos entre as suas principais lideranças, junto ao Moraes e ao Coelho. Foi assim, sem parvoíces ou frouxidão, no dia primeiro de agosto de 1767, em Piracicaba.

Valia como advertência àqueles de língua ferina ou que fossem dados à caturrice ou à perturbação da ordem. Breve, as novas roças estariam esponjando em flor e as canoas deslizando na direção da barra do Anhembi para abastecer as monções que desciam o rio. Todo o cabeça de cada fogo haveria de possuir por abrigo uma morada, por sustentação uma roça e alguns animais. Barbosa propunha-se a comandar a povoação sem basofeiros nem patuscos, assegurando que, dali para a frente, tudo corria debaixo da sua vontade e determinação.

Num momento em que os guaicurus engordavam as suas cavalcadas no lado paraguaio, saía benéfico o projeto de Piracicaba, porque isentava, providencialmente, aqueles povoadores das imposições vexatórias das derramas, do recrutamento e da morte inglória na fronteira castelhana. Quem buscou aquele refúgio com propósito de sobrevivência e segurança da prole, no íntimo, agradeceu a mediação salvadora de Barbosa.

O patriarca do grupo povoador, Domingos Ribeiro Gonçalves, a esposa dona Maria Dias, os filhos, netos e agregados, haviam-se arrancado de Araraitaguaba para implantar raízes naquela boca de sertão. Com grande alívio, dispunham-se a trocar as inquietações que experimentavam na Freguesia pelo trabalho mourejador na futura povoação, já sonhando com as roças de mantimentos, as arrobas de algodão alvejando no campo e a paz de espírito, inteiramente a salvo da guerra. Para estes povoadores, Piracicaba afigurava-se o paraíso debaixo da proteção do Consolador, o Divino Espírito Santo, prometido até o final dos tempos por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Antes que a noite se fechasse, um grito de Inhalabê varou da outra margem do rio, na altura do Vaivém. Poucos chegaram ao barranco a tempo de assistir ao seu vulto esqualido saltando sobre os afloramentos da grande itaipava como se estivesse exorcizando o rio. Era o sinal longamente aguardado.

Ypié disparou ao seu encontro, atirando-se às águas, quase rente ao poção. Respiração em suspenso, muitos observaram o seu tremendo esforço

na travessia do caudal e o empenho com que escalou o alto barranco da margem esquerda. Ainda acenou para tranquilizar Donana, antes de desaparecer na mata, reintegrando-se à natureza.

Em pouco tempo, já se aquecia junto ao fogo aceso no interior da loca de pedras, sorvia a preciosa puçanga, preparando-se para alçar o vôo de águia, acima das nuvens da Jaguamimbava, em busca das outras vertentes. Inexplicavelmente, deparou-se com o maligno, escorrendo molemente, à procura de alguma grota para encafuar-se, mas a margem esquerda era sagrada, as plantas de Inhalabê exalavam aromas mágicos e ninguém escapava do sortilégio das suas rezas. Bastou-lhe um gesto e o maligno retrocedeu com violência às entranhas da Lagoa das Almas, estava vencido.

— Priscicaba inda vai sê Vila qui nem Outul!

.....

# PARTE III

## Glossário

## A

*abajo* — abaixo, espanhol.

*abantesma* — assombração.

*acaricoba* — erva de propriedades medicinais.

*achacoso* — enfermo.

*açoita cavalo* — árvore à beira do rio Piracicaba.

*acrópole* — construção elevada (no caso específico).

*administrado* — índio aldeado, sob proteção do governo.

*adufó* — pandeiro.

*ajoujar* — prender o barco com corda ou corrente.

*alcova* — pequeno quarto sem janela.

*alpendre* — balcão corrido situado à frente ou nos fundos da casa.

*alveitar* — tratamento cirúrgico nos animais.

*amobines* — amofines, esp.

*andadura* — passo da montaria.

*angelim* — árvore dotada de propriedades medicinais.

*angola* — escravo africano.

*anhuma* — ave comum no Tietê.

*aperrear* — oprimir, apoquentar.

*apoucar* — reduzir.

*aramista* — equilibrista, o mesmo que funambulesco.

*arcabuz* — antiga arma de fogo.

*arraial* — acampamento.

*arroba* — medida de peso equivalente a 14,7Kg.

*asi* — assim, esp.

*assuada* — provocação.

*atabalhoar* — atrapalhar.

*Aventureiro* — integrante de Regimento, século XVIII.

*ayudarme* — ajudar-me, esp.

**B**

**baitaca** — ave.

**bandeira** — unidade de combate dos paulistas, dotada de estratégia própria.

**banjo** — instrumento musical.

**barretina** — antigo chapéu.

**batelão** — canoa enorme dos monçoneiros.

**beco** — rua sem saída.

**beiju** — massa assada de farinha de milho ou de mandioca.

**bilreiro** — índio Caiapó que usava borduna semelhante a bilro.

**bizarro** — extravagante.

**bordadura** — arremate lateral da canoa monçoneira.

**Bororo** — indígena de Mato Grosso.

**borrachudo** — inseto.

**botija** — garrafa.

*brazo* — braço, esp.

**bucho** — ventre.

**bulha** — briga.

**buranhém** — árvore dotada de propriedades medicinais.

**burgo** — povoação, neste caso específico.

**burlantim** — bolantim; andarilho, equilibrista.

**butuá** — abútua; planta de raízes medicinais.

**C**

**cabra** — sujeito mulato.

**cafuzo** — mestiço de índio e negro.

**canjerana** — raiz com propriedade narcótica.

**cangussu** — arbusto dotado de propriedades narcóticas.

**canhão** — punho da casaca, neste caso específico.

**caiapiá** — raiz dotada de propriedades medicinais.

**caitetu** — porco do mato.

- caliça — fragmento de argamassa, pó de parede ou construção.
- Camapuã — logradouro de Mato Grosso atravessado pelos monçoneiros.
- cambada — porção de coisas enfiadas, geralmente, peixes.
- cambaio — manco.
- canhembora — o mesmo que quilombola.
- cantil — recipiente d'água.
- capão — mata residual.
- carapina — carpinteiro.
- Carijó — indígena guarani habitante do rio Paranapanema para abaixo.
- casucha* — casebre, esp.
- cassau — trepadeira da qual se extrai contra veneno.
- Castela — Espanha.
- Castilla* — Castela, esp.
- cata — local de mineração.
- catalã — natural da Cataluña, Espanha.
- catanduva — campos difíceis, de mato rasteiro e espinhento.
- catre — cama rústica.
- caturrice — qualidade da pessoa teimosa.
- causo — caso.
- cavatina — área cantada, cantilena.
- caxambu — monte de terra empregado na mineração.
- caxirenguengue — faca de picar fumo.
- celeuma — vozeria, discussão.
- charivari — tumulto.
- charamela — antigo instrumento musical.
- chibarro — bode castrado.
- chifarote — espada curta.
- chiste — pilhéria.
- chiquitita* — pequenina, esp.
- chuço — vara com ponta de metal.



**cirineu** — aquele que ajuda, neste caso específico.

**cirurgião barbeiro** — tratador de animais, também dentista e prático de medicina.

**clã** — grupo de várias famílias constituídas a partir de uma ascendência comum.

**claque** — os que aplaudem por combinação.

**coifa do diabo** — planta trepadeira (cassau).

**Colônia do Sacramento** — hoje faz parte do Uruguai.

**comitente** — o que está encarregado dos negócios.

**comunión** — comunhão, esp.

**conciliábulo** — assembléia secreta.

**congonghas** — o mesmo que chá.

**côngrua** — pensão dos párocos.

**conluio** — combinação.

**cordão de frade** — planta dotada de propriedades medicinais.

**cordeamento** — alinhamento das ruas e das casas.

**cornimboque** — chifre utilizado para guardar ou receber coisas.

**corrução** — enfermidade intestinal.

**corruíra** — ave.

**côvado** — medida de 66 centímetros.

**crispar** — enrugar.

**cuité** — cuia.

**cunhã** — mulher.

**cunhantã** — adolescente, mocinha.

**curucuxá** — manta, coberta.

**curumim** — menino.

## D

**data** — lote de terra.

**deletério** — destruidor.

**derrama** — cobrança forçada, espécie de fisco colonial.

**descaminho** — contrabando do ouro.

**desarranchado** — sem eira nem beira.

**desobriga** — ato de cumprir os sacramentos.

**derrogatório** — anulatório.

**dobadoura** — azáfama.

**donaire** — garbo, elegância.

## E

**embicar** — ir em direção.

**empedermido** — endurecido.

**emprenhada** — grávida.

**endefluxado** — resfriado, gripado.

**endemia** — enfermidade crônica em certas regiões.

**engenheiro** — dono de engenho.

**entabulação** — negociação, entendimento.

**entreverar** — misturar, confundir.

**enxerga** — colchão rústico.

**ermado** — isolado.

**ermitão** — religioso.

**escarcéu** — barulho.

**escárnio** — menospreso.

**espalda** — costa.

**esparrela** — armadilha.

**estiolar** — entrar em decadência.

**exéquias** — cerimônia fúnebre.

## F

**facinoroso** — facinora, malfeitor.

**falquejador** — desbastador do tronco das árvores.

**fatura** — fabricação.

**faxina** — feixe de ramos ou paus entrelaçados com que se encobrem os para-  
peitos das baterias ( no caso específico).

**fel da terra** — planta amargosa.

**fereza** — perversidade.

**ferrabrás** — gigante brigão.

**fogos** — lares (no caso específico).

**frangalho** — coisa arruiada.

**frotar** — esfregar, esp.

**frouxidão** — moleza.

**funambulesco** — burlantim, aramista, equilibrista.

**fuzo** — barulho de brigas, confusão.

## G

**galardon** — galardão, esp.

**galé** — condenado a remar nas galés (embarcações).

**galhofa** — zombaria.

**ganga** — tecido rústico.

**gibão** — véstia, colete.

**gineceu** — lugar destinado às mulheres no interior da casa.

**gracias** — graças, esp.

**guaco** — planta medicinal.

**guante** — autoridade despótica, luvas de ferro.

**Guaiás** — o antigo Goiás.

**Guaianases** — indígenas da região de Itu.

**Guaicurus** — indígenas de Mato Grosso.

**guapa** — graciosa, esp.

**gravatazal** — coletânea de gravatás, ananazes (frutos).

**grota** — buraco aberto pelas enxurradas e enchentes.

## H

**habré** — terei, esp.

**habitat** — meio ambiente das espécies.

*hablado* — falado, esp.

*hades* — inferno.

*hecatombe* — sacrifício de cem bois, carnificina.

*herborista* — ervanário, indivíduo que conhece as virtudes das plantas.

*homérico* — relativo aos tempos de Homero, antigo e formidável.

*homilia* — pregação do Evangelho.

## I

*içá* — formiga.

*ímpio* — que não tem fé.

*incúria* — incapacidade.

*indaiçu* — árvore dotada de propriedades medicinais.

*invio* — intransitável, onde não há caminho.

*insumo* — o que é utilizado na produção de uma riqueza.

*irisão* — zombaria, mofa, caso que parece ironia do destino.

*itaipava* — corredeira de rio, cheia de pedras.

## J

*jacuba* — bebida não alcoólica, refresco.

*jaguamimbava* — a Serra da Mantiqueira.

*jarreteira* — liga.

*jupιά* — redemoínho.

## L

*lambari* — peixe miúdo.

*látex* — leite das plantas.

*lazarina* — espingarda de passarinhar.

*légua* — medida linear: 6.600 m. Já a légua de sesmaria mede 4.356 hectares.

*letargia* — sono patológico.

*lindeira* — fronteira.

**linhagem** — descendência, família.

**lítico** — material de pedra.

**loca** — gruta.

**lustral** — água que serve para purificar, banho purificador.

## M

**macabro** — assustador.

**macega** — capinzal alto e ordinário.

**macete** — instrumento de golpear.

**maculo** — enfermidade do intestino grosso.

**maiz** — milho.

**magote** — quantidade, coleção.

**malária** — maleita, febre maligna.

**mameluco** — mestiço de índio e branco.

*mano* — mão, esp.

**mareação** — relativo à navegação fluvial, neste caso específico.

**matunga** — mula mansa e lerdada.

**martineta** — campainha.

**massacrococos** — os rolos da peruca.

**medida** — padrão.

**menagem** — homenagem.

**menarca** — a primeira menstruação da mulher.

**mesteres** — afazeres, ofícios, misteres.

**miasma** — influência deletéria.

**monçoneiro** — relativo à navegação no Tietê e rios do Centro-Oeste.

**monóxila** — canoa de um só tronco de árvore.

**morféia** — lepra.

**mosquetaria** — tiros de mosquete, antiga arma de fogo.

**mourejar** — labutar.

**muchocho** — trejeito.

**mucilagem** — pasta gelatinosa.

**muirapaié** — planta de propriedades medicinais.

**mutirão** — execução de trabalho em grupo, para um fim social.

**mutuca** — inseto.

## N

**nacarado** — cor de rosa.

**narcótica** — propriedade que faz dormir.

**nó nas tripas** — enfermidade intestinal.

## O

**onça** — medida de peso, entre 28 e 32 gramas.

**Ordenança** — Companhia de Ordenança, parte de um Regimento.

**Outu guaçu** — a Vila colonial de Itu.

## P

**pacová** — erva da qual se extrai calmante.

**padre** — pai, sacerdote, esp.

**Pareci** — indígena de Mato Grosso.

**parvoíce** — asneira.

**pataca** — moeda no valor de 320 réis.

**patriarca** — idoso, chefe de família.

**patusco** — pândego, brincalhão.

**peça** — escravo, neste caso específico.

**penédia** — rochedo.

**peroração** — discurso em defesa.

**perrengue, perrengar** — mancar, capengar.

**preia** — índio aprisionado.

**piá** — menino, mocinho.

**picueta** — piada, anedota.

*pierden* — perdem, esp.

*piracema* — fenômeno em que os cardumes chegam ao pé do Salto de Piracicaba, buscando rio acima.

*pituim* — bodum, odor.

*pixelar* — dar cheiro e gosto de queimado.

*popa* — parte posterior de uma embarcação.

*poviléu* — ralé, povinho.

*postérvia* — a posterior.

*precio* — preço, esp.

*pretório* — a parte superior da escada, junto ao alpendre, neste caso específico.

*proeiro* — navegador que trabalha à frente da embarcação.

*proficiência* — competência.

*prôfuga* — fugitivo.

*puçanga* — mezinha, medicamento.

*puçanguara* — curandeira.

*púcaro* — caneca de barro.

*purga de caiapó* — trepadeira com fortes propriedades químicas.

## Q

*quilombo* — reduto de negros fugidos da escravidão.

*quilombola, canhembora* — integrante do quilombo.

*quimera* — monstro mitológico, também imaginário.

*quintado* — metal do qual se extraiu o quinto pertencente ao Rei.

*quizília* — desavença.

## R

*rebate* — convocação.

*recrutamento* — aliciamento militar.

*redução* — redução à fé católica, aldeamento jesuítico.

*ré* — a metade traseira da canoa.

**remisso** — compensado.

**remoque** — dito picante, provocação.

**república** — coisa pública, relacionada ao Homem cidadão.

**retaco** — indivíduo baixo e atarracado.

**rizoma** — caule radiforme, espécie de raiz.

**roca** — aparelho de fiar.

## S

**saltimbanco** — artista popular.

**sanhudo** — temível, valentão.

**salsaparrilha** — planta da qual se faz chá.

**sapicua** — espécie de sacola.

**sarassará** — mestiço de cabeleira avermelhada, também sarará.

**sesmaria** — área concedida pelo Rei para posse e exploração, geralmente com uma légua sesmeira em quadra.

**sesmeiro** — o que recebeu a sesmaria, geralmente por serviços prestados ou por solicitação pessoal.

**sezão** — febre.

**sevandija** — inseto, parasita, bicho nocivo.

**sinapismo** — cataplasma.

**sirgar** — manobrar a braços a canoa nas águas, em local de corredeira ou no raso.

**socavão** — cova funda.

**soldo** — remuneração militar.

**sotaina** — batina.

**suaçuapara** — veado galheiro.

**sumaca** — tipo de embarcação costeira.

**surrão** — saco de couro.

## T

**tacaruvás** — três pedras que guardam o fogo aceso e sobre as quais se assenta a panela.



**taipa** — parede feita de barro e armação de madeira.

**talvegue** — leito do rio.

**tapanhuno** — africano em geral.

**Tape** — indígena do Sul.

**taramela** — feixo.

**tejupar** — palhoça.

**tempena** — parede.

**tengo** — tenho, esp.

**teriaga** — triaga, bebida medicamentosa.

**terneiro** — bezerro

**tinhsosa** — ardilosa.

**tipiti** — cesto de palha, peneira.

**tonsura** — corte de cabelo.

**trabuco** — antiga arma de fogo.

**tramontino** — português de Trás os Montes.

**trançador** — instrumento de carpintaria.

**trícia** — icterícia.

**troupe** — trupe, grupo teatral.

**tugúrio** — abrigo, cabana.

**tuiuiu** — ave, jaburu.

## U

**ubá** — canoa.

**urucum** — arbusto que fornece corante vermelho.

**urubu-caá** — planta medicinal.

## V

**vacarias** — áreas livre de cratório.

**vacuri** — palmito

**vadear** — atravessar um rio pisando o talvegue.

**Vaivém** — itaipava junto ao Salto do Piracicaba.

**vano** — em vão, esp.

**vara** — medida linear (1,10m).

**varejão** — haste longa de bambu utilizada na navegação.

**vassalo** — súdito qualificado do Rei.

**verve** — o que dá entusiasmo ao orador.

**Viamão** — território ao norte de Porto Alegre, RS.

**vilegiatura** — temporada de viagem.

## W

**Wutucatu** — Ibicatu, Ubucatu, Votucatu, Botucatu.

## X

**ximbaúva** — ximbó, tamboril. Árvore de alto lenho, de madeira leve e adequada à construção de barcos.

## Y

**Ypié** — flor do rio.

## Z

**zingar** — navegar empunhando a zinga ou varejão.

**zingueiro** — o que empunha a zinga.

## EXPRESSÕES

**Às Aves Marias** — ao entardecer, cerca de 18 horas.

**À tripa forra** — comer em demasia, esbanjamento.

**bagos de pedernal** — tiros.

**bateria das cartas de bicha** — jogatina.

- buena dicha* — advinhação, leitura da sorte pela mão, esp.  
cabo de guerra — posto na bandeira.  
cacimba do desengano — local no Salto do Piracicaba.  
*Dominus vobiscum* — o Senhor esteja convosco, latim.  
engenho de bugio — engenhoca antiga.  
Inês é morta — causa perdida.  
Mãe das Águas — o rio da Prata, neste caso específico.  
matar o bicho — tomar um gole de pinga.  
mijar fora da pichorra — faltar com a palavra, neste caso específico.  
pra riba — para cima.  
pouca farinha — estar na prisão, neste caso específico.  
rio limpo — de fácil navegação.  
Serra de Araraquara — hoje, complexo da Serra de São Pedro.  
sítios volantes — aqueles que viviam no sertão sem paradeiro fixo.  
sujeito de panela — do mesmo partido, neste caso específico.  
*Sursum corda* — “corações ao alto, alegrai-vos corações”, latim.

**FIM DO PRIMEIRO VOLUME.**

.....

**MARLY THEREZINHA GERMANO PERECIN**

**SEGUNDO VOLUME**

**AS ÁGUAS DO ADEUS  
(1767-1777)**

## Prefácio

### — DEPOIS DE LER AS ÁGUAS DO ADEUS...

Alguns escrevem para seu agrado. Cultivam-se. Espelham-se e satisfazem-se com o escrito. Concedem, se tanto, que o leitor partilhe de sua intimidade. Uns quantos, escrevendo, falseiam-se, não se desvelam. Fazem só por agradar. Importam-se com as tiragens, a mídia, o balcão. De raro em raro surgem os poucos que se ocupam com os eventos, os tempos, as personagens. E, com amor, dedicação, profundidade, seriedade, respeito, capricho, fazem literatura e história. Postados no presente, exumam o passado preservando-o para o futuro.

Marly Therezinha Germano Percin é integrante deste último grupo. Tem militância antiga, festejada. Falou-se bastante — e bem — dessa piracicabana tão recatada quanto prendada quando, em 1990, surgiu o seu “Candeias em Espelho D’Água (1777-1845)”. Desde Paulo Setúbal um texto produzido em São Paulo não falava com tamanho empenho, conhecimento e méritos das coisas paulistas. Propositadamente remetidas para o arquivo a ser lacrado, essa história mais perturba do que excita. Ainda não é corretamente político tratar com simpatia as gestas paulistas. Marly o fez e o faz. “Candeias” relata — com o acento, o jeito, os aromas e o tempero da terra e da gente do velho São Paulo caipira — a crônica dos liberais revoltados em 1842. Depois veio “Ypié”, a chegando valores e acontecimentos às sagas delineadas para compor o novo romance “Encontro das Águas” — pois a trilogia é costurada com o fio sinuoso, turbulento e imprevisível do rio Tietê, rio voluntarioso que, no dizer de um poeta, não querendo ser senão um rio paulista, nascido perto do mar, recusou-se a ir para ele e correndo para o oeste cruza todo o território do seu Estado. Ao seu longo é que Marly faz escorrer o que ela mesma, perplexa (confessa) se “deu conta da natureza seqüencial do propósito de recontar a história pungente dos paulistas dos séculos XVIII e XIX”.

E como sabe dessa história e como alcança contá-la apazivelmente para o leitor que, na companhia da autora, fatigado, entanguido, mordido, esfomeado, sangrando, encolerizado, apaixonado pelos personagens, não consegue desertar a canoa monçoneira abandonando os míseros paulistas retirados do seu lar e expedidos para lutar no sul, para desvendar o sudoeste, para morrer no terraplano do Yguatemi.

Este é o personagem do terceiro romance de Marly: o Yguatemi. A tragédia encenada pelo Morgado de Mateus atraiu muitos autores. A viagem de Juzarte mereceu, recentemente, estudo completo, enfeitado em livro primoroso. Mas, o que se teve até agora foram sempre pedaços, parágrafos, no máximo capítulos de uma das mais prodigiosas epopéias da afirmação do povo brasileiro. Agora podemos conhecê-lo no seu todo: razões, localização, disposição estratégica, entorno povoador (quem, antes, havia cuidado disto?), a vizinhança ameaçadora do índio, do castelhano e da doença. E tantos itens mais. Falou-se, antes, do Yguatemi político, militar. Marly não poderia deixar de tratar desses ângulos, mas encima-os com o Yguatemi humano: amores, ódios, aventuras, desventuras, alguns nascimentos, muitíssimos sepultamentos. Como sucede quase sempre, suas heroínas traem a escritora: cada uma é uma Marly, toda ternura, vontade de bem fazer. Ouvir falar a Maria dos Anjos e a Maria Pituca é ouvir falar a Marly Therezinha.

Assim como entrar para as Conduas ou para a tropa desgraçada que corta o Paraná para ir morrendo e ficando marcos reais de Curitiba ao Yguatemi, é comer o que os homens comiam naqueles dias, é falar como falavam: — “Seja de modo a vossa mercê levar gosto”. As palavras cuidadosamente escolhidas ecoam os tempos em que estavam na boca do povo paulista: musicaria, forante, resmelengue, estúrdio, ximbeva. As mulheres vestem-se de belbutina, perpetuana, damasquilha, mantéu, sufulié e calçam chapins. Merece relevo especial a pesquisa que Marly realizou com dedicação igual dos soldados e dos povoadores recrutados abusivamente pelo Morgado de Mateus, viveu, dia a dia, as angústias e as misérias daquele verdadeiro “cemitério de paulistas”.

Sendo quem é, por sua conta Marly humanizou o viver, o lutar, o sofrer e o morrer, — homens e mulheres — no Yguatemi. Amores dão certo, amores não dão certo, a morte rompe alianças, as dedicações superam vilanias. E no meio de tudo, um poeta ameniza com versos românticos as agruras do rio e do sertão: “Ah! As vozes daquele cantar/ Em sendo alegre, soía chorar!”. — “Luz de minh’ alma/ Mulher das minhas saudades/ Como amar-te sem perder-te?/ Como ter-te sem morrer de amores?”

A tudo isso Marly acrescenta o seu escrever. Por exemplo e ao acaso: “Nos rebordos orientais da Serra da Esperança despede-se a mata que frondeia o Rio Tibagi”. Há muito, muitíssimo que aprender com Marly no campo da História. Ao longo do minucioso relato dos avanços portugueses — pela garrucha e o sangue dos paulistas — nos campos e matos disputados aos castelhanos, a professora ilustrada e a escritora caprichosa insinuam, sibilante-

mente, o surgir de um forte viés nacionalista, independendista no pensar e no agir dos que, apesar disso, servem e morrem pelo rei português. Eles sentem a diferença e — sigilosos como os conspiradores que têm o tempo a seu favor — plantam no cérebro, no coração e no punho, o sentimento da independência. Com a mesma acuidade a autora trata do relacionamento homem-mulher aclimado ao sertão, ao deserto, ao seu futuro que liberta os instintos.

Tudo isso no terceiro romance de Marly Therezinha Germano Percin. Só há desejar que o quarto prometido (Rosarinho) não demore muitos anos. Temos pressa e necessidade de livros como este.

### **Hernâni Donato.**

Romancista, Contista e Historiador

Academia Paulista de Letras.

Academia Paulista de História.

Presidente de Honra do Instituto Histórico  
e Geográfico de São Paulo

São Paulo, 2007

# **PARTE I**

**A MONÇÃO D'EL REI**

**OU**

**O CAMINHO DE CIMA**





## Conduta Paulista

Os gonzos da Cadeia velha acabavam de girar, rangendo as portas ao solavanco do carcereiro, vomitando-se os prisioneiros no chão batido do pátio, a liberar-se os povoadores do triste pernoite naquele antro de péssimos odores e desconfortos. Os vultos mal-dormidos começavam a tomar o caminho do Convento do Carmo, sob a fortíssima escolta da Terceira Companhia dos Auxiliares; as patas dos cavalos a puxar faíscas no calçamento de pedras, ponteavam sinistro corredor entre os populares curiosos, fato bastante raro naquela hora da manhã.

Despertando os últimos tresmalhados, gritava o carcereiro: — Para fora... fora! — Riso debochado na boca de alcoólatra, barba empapada e ventre cuspidado para fora da véstia, Dito Caveira, provinciano de Trás-os-Montes, por puro desfastio do Morgado de Mateus fora investido na categoria de verdugo, carrasco e carcereiro a serviço de Portugal. Não se eximia, até ele, de certa compaixão dos esforçados; mas, sem que lhe faltasse a antiga balda de casquinar, aproveitou ensanchas de atirar os últimos desafios.

— Andai, andai para o Carmo e para a morte! Pois! Estai a ficar, todos vós, com as mesmas caras de parvos, como se estivesseis a mandriar, abarregados nas chinelas do Rei. Vedel!

Naquele primeiro domingo de abril, do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1769, repetia-se, pela terceira vez, o envio de enorme conduta de oficiais, soldados, povoadores e prisioneiros à Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e São Francisco de Paula de Yguatemi, na distante fronteira paraguaia. Carretões tirados por três juntas de bois cada um, puxavam a parte mais substancial do trem do Estado, munição de boca e de guerra: gêneros alimentícios, boticas e panos, armamento leve e pesado, balas, pólvora, cunhetes, chumbo e zagalotes, morrões, pedreiros de bronze e outras peças de artilharia.

Pequena tropa arreada conduzia, paralelamente, nova carga de trens indispensáveis à viagem para o porto de Araraitaguaba, no distrito da Vila de

Outu-guaçu (Itu). Comboios semelhantes garantiam, há dois anos, a sobrevivência da comunidade estabelecida, precariamente, à margem esquerda do rio Yguatemi, vinte léguas acima da sua foz, no Rio Grande Paraná ou Rio Povoador, como os monçoneiros preferiam denominar, trezentas léguas da sede da Capitania, a cidade de São Paulo. Para a grande maioria daqueles que partiam, era viagem sem retorno ou passaporte adquirido para a morte desvalida no mais perigoso sertão dos Estados do Brasil.

A comunidade paulista via com extrema comiseração as despedidas destas levas de desafortunados para a Praça dos confins malditos. O achincalhe das suas liberdades chegara ao ponto de total desnorteamento diante da fereza autoritária de D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, Morgado de Mateus, nomeado Capitão General da restaurada Capitania de São Paulo, em 1765. Sofria-se de mãos e braços atados.

A sociedade, outrora altiva, não se atrevia a contestar tais insultos. Desta frouxidão, uns culpavam a guerra nas Gerais e a subsequente perda dos arraiais de minerar em mãos dos emboabas, protegidos pela Coroa. Outros incriminavam a Gomes Freire de Andrade, o Visconde de Bobadela, tido por destruidor da unidade da terra paulista, à medida que consumava as retaliações nas Gerais, no Continente do Rio Grande do Sul de São Pedro e dos Santos Mártires, no litoral de Santa Catarina, nos Guaiases e no Mato Grosso, entre 1719 e 1744. A maioria culpava o Rei de Portugal, o responsável, em última instância, pela anulação da própria Capitania, durante os anos de 1748 e 1765.

Colhendo os amargos frutos destas violências, os paulistas guardavam séria animadversão aos emboabas, generalizando os sentimentos aos portugueses e ao Rei. Pouco adiantava, estavam reduzidos a inexpressão, sobrevivendo a penúria quando se acharam faltos das suas legítimas áreas mineradoras. O sertanismo também fracassava com as leis de abolição do tráfico indígena em 1755. Vencidos e decadentes, os netos dos grandes sertanistas do passado viram-se indefesos contra a nova cainheza, a implantação do governo tirânico do Morgado de Mateus, no serviço do Conde de Oeiras, Ministro do Rei de Portugal, D. José I.

Em meio de tamanho desvalimento, ainda se alastrava a insidiosa guerra na fronteira do Sul, a pretexto da qual a Capitania de São Paulo fora restaurada em 1765, razão pela qual os paulistas eram levados aos magotes para morrer na fronteira castelhana. Hecatombe abatida sobre a sociedade, não poupava as famílias mais nobres, desrespeitando o próprio sagrado do lar entre os humildes, arrancando-lhes os filhos imberbes dos braços das mães a preço do crudelíssimo recrutamento. Mal doloroso e sem remédio o de servir nas Com-

panhias de Tropas Auxiliares e de Sertanejos, aquelas despreparadas milícias paulistas despejadas no Viamão para combater as tropas de elite do General Cevallos e seus índios egressos das Missões.

Não era tudo. A qualquer republicano, adornado de alguma civilidade, repugnavam os métodos administrativos do Capitão General. Populações inteiras eram deslocadas da Marinha, do Vale do Paraíba e do Vale do Tietê, contra vontade, sob forte coação, para povoar longínquos rincões, tidos por estratégicos, e ali mantidos a braço-de-ferro pelos representantes do poder colonial.

A gente humilde do Terceiro Estado era submetida às mais cruéis vexações; sequer escapavam os criminosos mais violentos, as mais reles marafonas, os doentes mentais e todo tipo de desajustados. A fúria administrativa se desencadeava através da servilidade dos Capitães-mores e Sargentos-mores, tidos por olhos e ouvidos do Rei. Àqueles jamais ocorreu assossegado o coração das mães, amparar as viúvas, os anciãos ou a orfandade que grassava entre os paulistas.

As altivas Câmaras Municipais de outrora recolhiam-se em prudente reserva, indiferentes ao aulicismo, frias em relação ao poder, derrotadas pela cupidez da Coroa perante os impostos, cerceadas em sua vontade republicana. O clero era uma esfinge: resistia e cedia, criticava à socapa e incensava. E o Terceiro Estado?

O que dizer daqueles caboclos, mulatos, bugres amansados e administrados, dos habitadores dos sítios volantes, dos mecânicos, dos brancos miseráveis e dos negros forros, dos mendigos e dos facinorosos, das viúvas, das quitadeiras e artesãs, das mulheres perdidas e das bastardas? Ora, sem os grandes comandantes do passado, aqueles potentados em arcos, que tanta fama trouxeram a São Paulo, bem como os seus valentes Cabos de Guerra nas bandeiras, o povo não passava de mera ficção jurídica. Só lhe restava sofrer e gemer debaixo daquela praga que se abatera sobre a Capitania, acobertando todas as desgraças do imperialismo colonialista.

Ninguém tirava da boca do Terceiro Estado a desaprovação consensual à máxima autoridade da Capitania de São Paulo. A experiência podia generalizar-se aos escalões do governo dos Estados do Brasil e muito desagradar ao poderoso Sebastião José de Carvalho e Melo, o braço direito d'El Rei.

— É boi carreiro! - Uma cólica ventosa... é o que ele vale.

— Não passa de um fidalgo de meia-tigela!

Uma importante diligência de puxar as gentes, em marcha pelo interior da Capitania até o porto de Araraitaguaba, acabava de prontificar-se, depois de insanos esforços, sobrecarregada das mais sérias responsabilidades. Os des-

pachos diplomáticos dirigidos a Carlos Morfe, governador do Paraguai, e o cofre do dinheiro, correspondente aos seis meses de soldo atrasado da guarnição da Praça, estavam liberados. Chegara o momento de expedir mais uma Conduta ao Yguatemi.

Aproveitando o domingo santificado, o Capitão General desejou imprimir certo brilho àquela partida, fosse para homenagear o Regimento de Dragões que pessoalmente comandava, fosse para proporcionar uma marcha triunfal, alvoroçadora da população, suficiente para sacudi-la da habitual indiferença para com a sua pessoa. Era do seu feito e gozo oferecer espetáculos de civilidade aos caneludos de São Paulo, pois inconformava-se, desde o primeiro dia em que pusera os pés na marinha de Santos, com o atraso daquela gente avessa às formalidades fidalgas, mesmo às maneiras discretas e respeitosas de que não se abstinha o mais rústico minhoto.

Manhãzinha, corpos de militares de pé bordavam o circuito urbano a partir do Palácio do Governo até o Convento do Carmo. O expediente também se prestava à revista das Tropas Auxiliares, organizadas com gente da terra em Companhias de pé e de cavalo, aptas para engrossar, a qualquer momento, as Tropas Pagas Regulares e portuguesas nas eventuais linhas de combate, no Quartel do Rio Pardo, na campanha do Viamão ou na Ilha de Santa Catarina. Bem a gosto daquele que um dia fora rígido discípulo do Marechal de Campo, o senhor Conde de Lippe!

Fidalgo de nascimento e militar de carreira, bem-sucedido na campanha de 1762, quando da invasão franco-espanhola em Portugal, D. Luís Antônio recebera, de muito bom grado, uma sinecura no Brasil, achando-se disposto a desfrutá-la e a mostrar serviço aos superiores. Restaurador da Capitania de São Paulo e agente da militarização, figura acabada de tiranete colonial, ambicioso e com rasgos de megalomania, parecia pouco propenso a tornar para o seio da família que deixara em Portugal. Ei-lo num dos seus dias de maior triunfo, êmulo arquiperfeito do Ministro Oeiras (Sebastião José de Carvalho e Melo), na terra dos paulistas.

— Homem forte e no vigor dos anos, se não for mais um daqueles peralvilhos janotas e maneirosos que nos chegam a toda a hora de Portugal, deve ser casado com mulher muito feia!

— Quall! Pode não ser uma nem outra coisa, mas é homem de muitos títulos e largas ambições. O que se há de fazer?

Forante a fausta resolução de comemorar com musicaria de Regimento, foguetes, oratória e atos jubilosos no pátio do Carmo, tal despedida haveria de culminar no interior do templo, após a Missa solene, com o ato de

juramento do oficial responsável pelo sucesso da Conduta. A oportunidade se prestava a uma forçada demonstração da mais fiel vassalagem por parte daquela áspera e resistente sociedade, que se fora altiva e próspera no passado, agora, no dizer irônico do seu Capitão General, não passava de uma farândula de pobretões e vadios.

A concentração de curiosos e gente da Conduta, oficiais e soldados, povoadores e prisioneiros, tocadores com suas alimárias e carros, diante do Carmo, já estava a tensionar o afluxo das personalidades de gabarito naquele mesmíssimo pátio. Índios cargueiros não tinham braços a medir para o transporte das redes concavadas pelos mais ilustres fardos: clérigos de diversas ordens e seculares, senadores camaristas, sisudos fidalgos enroupados, obesos burocratas. Algumas figuras de prestígio chegavam em cadeiras de arruar, balouçantes, ao lombo de gemedores escravos negros. Uma azáfama!

As mulheres preferiam os bangüês e se apresentavam elegantes, apesar de não andarem no chifre da moda. Nada de merinaques ou cabeleiras acrobáticas; tão somente umas vasquinhas de belbutina ou perpetuana, uns pesados saios do melhor damasquillo, a vasta mantilha a cobrir a cabeça e o busto, a escorrer até as pontas dos chapins. As mais jovens ostentavam algumas pequenas vaidades, mas, a cobrir-lhes os encantos, portavam o indefectível capotinho vermelho ou azul dotado de capuz ou largo mantéu. Veludos, sedas e adamascados, só para algumas casas fidalgas ou mulheres de burocratas, porque a sociedade era discretíssima, avessa a extravasamentos. Luxo verdadeiro, como na Bahia ou em Pernambuco, nunca houve entre os paulistas, nem nos bons tempos da mineração.

Às sete horas em ponto, ressoaram no adro as vozes dos integrantes da comitiva do Capitão General, os seus Ajudantes de Ordem, Secretário, mordomo e lacaios. Dentro em pouco apareceu na subida do Carmo, à frente do seu Regimento de Dragões, D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, Morgado de Mateus, em grande estilo, acompanhado do seu Estado-maior e oficiais. Dois anos de Brasil tornaram-no pesadão e desgracioso, sem aquela garridice dos primeiros tempos. Chegou mui ancho e foi logo acenando ao Prior dos Carmelitas, descobrindo-se, reverentemente, salvando no seu sotaque nortenho.

— Viva El Rei Nosso Senhor, o preclaro D. José I de Portugal, que Deus guarde! Viva para sempre El Rei nesta terra consagrada ao apóstolo dos gentios, São Paulo!

Não importa se foi pouco vitoriado. A musicaria do Regimento e algumas palmas isoladas abriram a cerimônia, emprestando-lhe certo ar festivo.

Movido de grande entusiasmo, o Capitão General apeou-se e marchou sob o pátio que lhe era oferecido pelos bons frades. No íntimo, regozijava-se por observar que aquele clero arrogante da cidade aprendera a tratá-lo condignamente, começando por praticar de acordo com a sua heraldia de fidalgo e legítima procedência. Junto ao altar-mor plantara-se um trono e o sacerdote do Evangelho já se achava a postos para incensá-lo, a exemplo dos cerimoniais do Reino toda vez em que se fazia representar Sua Majestade ou sua embaixada. Nada havendo a questionar, adentrou o templo, expressivamente adornado com bandeiras, galhardetes coloridos e imensos círios acesos em honra à data religiosa.

Celebrando-se a Missa com circumspecta *homilia*, em meio de discretas demonstrações oficiais de regozijo, pareciam reconciliados os representantes do colonialismo e a sociedade da terra paulista. Os últimos incidentes relativos ao pasquim, afixado na porta da Igreja de Santa Teresa e em logradouros públicos, as cartas e os protestos contra o Capitão General, acrescidos da estranha fuga dos criados do palácio, não deitaram maiores represálias, conquanto alguns implicados gemessem na fortaleza da Barra Grande de Santos.

Salvara-se do cárcere com a proteção de amigos o Padre Francisco Xavier Garcia, selando-se em lúgubre silêncio o episódio das pesadas sátiras e diatribes atiradas ao governo. Ferira-se, mais uma vez, o orgulho dos velhos troncos paulistas. Às provocações e ameaças, atiradas por D. Luís Antônio, buscava-se reagir com desprezo e indiferença, mas era pouco. Qualquer tentativa de reconciliação tinha efeito paliativo; era meramente aparente, reconheciam as partes.

— Osso duro de roer este fidalgote transmontano!

— Vossa Paternidade conhece melhor do que os Santos as virtudes da paciência e do perdão.

— Falo por vós, Capitão Aleixo. Tenho a Santa Ordem por guardida e o Padre Xavier se encontra a salvo nas Gerais. Penso na segurança do vosso Veríssimo e do Cândido, caídos, sem remissão, nas malhas do militarado.

— Foi sacrifício que forçamos verter pela goela. Vossa Paternidade não ignora que tivemos de proteger outros moços prestes a casar, as famílias não podiam se esquivar à tradição de valentia e lealdade paulista no Serviço d'El Rei.

— Tradição de que o fidalgote se prevalece!

— De que o mesmo não perde por esperar... haveremos de chegar à forra. Mais dia, menos dia!

— A coragem e a vergonha, por crédito dos paulistas. Valha-nos o Pai Eterno!

A entrada dos oficiais da Terceira Companhia do Regimento de Auxiliares de São Paulo encerrou o reservado diálogo. Aqueles jovens paulistas, recrutados entre o que havia de promissor na sociedade, acabavam de chegar do Viamão, onde combateram, em linha de fogo nos atoleiros do Sul, os espanhóis e os índios do General Cevallos. Nem todos os que haviam partido em 1767 retornaram. Contrariando a esperança das famílias, o regresso a São Paulo não significava dispensa do Real Serviço, mas novos compromissos pela frente, em outras áreas da fronteira.

O jovem Alferes Veríssimo Xavier do Prado acabava de ser designado para a Condução da munição de boca e de guerra, dos soldos da guarnição da Praça, dos prisioneiros e povoadores ao porto de Araraitaguaba, onde grande monção se achava prestes a partir ao Yguatemi. Era moço de valor e se destacara ao lado do primo, o Sargento Cândido Xavier de Almeida, em linha de combate. A licença para visitar a família em São Paulo, se diluía nesta diligência para Araraitaguaba. Não fosse o sobrenome, teria permanecido na cidade, tranquilamente, ao lado dos velhos pais e dos irmãos. Por birra e perseguição, o Capitão General parecia determinado a manter afastados os representantes dos troncos dos Almeida e dos Prado, quando vinculados aos Xavier.

A missa transcorreu com pompa litúrgica e coro de neófitos, causando estranheza o pouco brilho da oratória do Prior dos Carmelitas. Celebrava-se, palidamente, a ressurreição do Cristo em clima de discreta rejeição ao Morgado de Mateus, pois a nenhum paulista agradava, em sã consciência, aquela interposta companhia. Na intenção de muitos bastava prestigiar o juramento protocolar de Veríssimo, abreviando-se as despedidas das famílias no adro da Igreja, e dar-se por encerradas as comemorações.

A chamado do cerimonial, adiantou-se o Alferes, pondo-se de joelhos com as mãos juntas entre as próprias mãos do Morgado de Mateus, ambas sobre o Missal dos Santos Evangelhos. Com tranquilidade e firmeza, diante do público presente, proferiu as palavras rituais que lhe eram oferecidas pelo Secretário do Governo, Tomás Pinto da Silva:

— “Eu, Veríssimo Xavier do Prado, Alferes de Cavalaria da Terceira Companhia de Tropas Auxiliares de São Paulo, de que é Comandante do Regimento D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, Morgado de Mateus, faço preito e menagem a Sua Majestade, que Deus guarde, e a Vossa Excelência, Governador e Capitão General desta Capitania, pelo comando da Condução que segue ao porto de Araraitaguaba. Em virtude deste juramento, prometo guardar toda a gente, apetrechos e gêneros, a qualquer hora e tempo que seja, com poucos e muitos, e deles farei pelos caminhos até as partes do Capitão

André Dias de Almeida, segundo me foi mandado pelas vontades de Sua Majestade e de Vossa Excelência, meu Capitão General. Só Deus pode me desobrigar deste preito e menagem que ora faço nas mãos de Vossa Excelência, uma, duas e três vezes, segundo o uso e costume dos Reinos de Portugal. Prometo e me obrigo, que tenha e mantenha, cumpra e guarde, inteiramente, o que juro aos Santos Evangelhos, em que ponho as mãos, de bem e verdadeiramente guardar o Serviço de Sua Majestade como o seu mais leal vassalo. Tudo prometo cumprir, sem diminuição alguma, a menos que a vergonha caia sobre a minha casa e a maldição sobre a minha cabeça”.

Sob pesado silêncio, o Capitão General de São Paulo lhe tomou o preito e a menagem em nome de Sua Majestade, diante das testemunhas do seu governo e da presença dos Três Estados, selando-se o compromisso do Alferes de, fiel e obedientemente, empreender o Real Serviço. Não carecia tantos formalismos, os paulistas sempre foram leais a El Rei de Portugal, malgrado as injustiças e os ressentimentos. Naquela circunstância, evidenciava-se prevalecer o autoritarismo e a intenção de dobrar os da terra e, sob coação, arrancar-lhes comprometimentos indesejados, humilhantes.

— Verdadeiramente não carecia!

— O Capitão Aleixo há de convir que o vosso filho agiu com prudência. Afinal, teve por receber o tratamento correto de fidalgo e não há demérito no Serviço d’El Rei.

— Vossa Paternidade sabe que não carecia.

Reabrindo-se a musicaria do Regimento, formou-se luzido cortejo de autoridades, o Capitão General ombreando com o Alferes Veríssimo Xavier do Prado, seguido pelo Estado Maior. Clero, Nobreza e Povo formaram o acompanhamento, até a porta do Carmo, enquanto lá fora estouravam foguetes, cavalos se impacientavam, escravos já cometiam arruaças e desatinos. Bem na hora!

Encerradas as calorosas despedidas, nada mais se permitia fazer, ressaltando-se uns lances de curiosidade, trocados entre a gente mais jovem, com disposição para amar e sonhar se lhes fosse concedida a sorte. Foi assim que a bela Ana Carolina Pompeu de Camargo deparou-se com o Alferes. Pena serem de famílias em velho antagonismo! Aqueles molhados olhos castanhos e a formosura como jamais vira acompanharam-no na campanha do Sul, como doce saudade, sempre presente, até aquela nave do Carmo. Cruzaram olhares, faltos de palavras, plenos de vibração e doçura.

Não havia tempo a perder, a Conduta retardava-se. Veríssimo acenou aos familiares, fez a cortesia protocolar ao governo e, montado, determinou ao



tambor que prontificasse a marcha. De relance, um último olhar, sem esconder a tristeza, correspondido por suspiro e arfar de coração pressentidos a distância. O que poderia fazer? Aprisionar aquele momento, conjurar o tempo e impedi-lo que se esvaísse, como faz a água nas mãos?

Infelizmente, os ruídos no interior da nave e os berros do Sargento do Número, perfilando o comboio no terreiro do Carmo, quebraram o encantamento. Com grande séquito e a honrosa Companhia dos Regulares, Veríssimo tomou a direção dos Pinheiros, onde se despediram os últimos amigos, sob a forte atroada da mosquetaria, como nas Vacarias do Sul. Dali para a frente, a Conduta prosseguiu com os seus próprios homens, quase não se podia contar com as Ordenanças das Vilas.

Quem esperava aproximar-se do portal do Carmo para observar, pela última vez, D. Luís Antônio, todo casquilho, a despedir-se dos convidados, decepcionou-se. É que da mais inusitada experiência, ocorrida no interior do templo, partiam gritos e desacatos audíveis em pleno adro. Junto aos Carmelitas e seu Prior, presos do maior constrangimento, o Capitão General extravasava um dos seus típicos rompantes:

— Coisa de jesuítas! Só pode ser coisa destes inimigos da humanidade, sicários acobertados e amantes da guerra.— Ao destempero verbal adjudicava: — Meirinhos, onde estão os meirinhos? Este insulto ao Senhor Ressurrecto e a Sua Majestade não há de ficar impune!

— Este insucesso me afigura incompreensível — retrucava o Secretário, aviando-se, apressado, para o palácio, à cata dos oficiais da Polícia.

— Onde se achará o promotor deste pesado insulto à casa de Deus e ao representante de Sua Majestade?

— Se as claras luzes do vosso entendimento...

— Basta, meu Ouvidor! Frente à tibieza dos juízes desta terra, nada mais me admira. Querem é me ver a estalar aquela castanha quente na boca, bem o sabes — Gesticulando, furibundo, o Morgado de Mateus arregaçava os punhos em plena nave, prometendo as iras de Marte e do Olimpo às vilanias paulistas.

Verdadeiramente estarrecedor! Uma adaga toledana, encabada de taquaruçu, atravessara, lado a lado, o pescoço de Dito Caveira e o mesmo jazia em plena nave, caído, esvaindo-se a bom sangrar. Enquanto os frades piedosos ministravam-lhe os últimos sacramentos, a consternação era geral, pois o fato inusitado podia degenerar o pânico diante da perspectiva de represálias da parte do Capitão General.

— Pelas chinelas d'El Rei, ninguém se apercebera? Morrera assim, sem um ai?

# 2

## Sob Juramento

— Meu Alferes, demos pela falta do Marcelino.

— Desde quando?

— Não se apresentou para a marmita, inda há pouco.

— Os escoteiros e Cabo Vicente varejem os morros à direita, João de Deus e do Diabo, vosmecê adentre o capão. Retarde-se por algum tempo o rancho que o mandrião não pode andar muito longe daqui.

O fugitivo não podia estar muito avançado, pois a chuva que caíra insistente, durante toda a noite, só começara a amainar madrugada. Era verdade que seguia desimpedido, pernas de bugre varejam as campanhas como raposa no paiol.

Uma conduta, pesadamente armada, não conseguia percorrer mais do que quatro léguas diárias através daquelas veredas coloniais. À medida que os escoteiros e os enxadistas abriam as passagens para os viandantes, os carros forçavam novos atoleiros e contratemplos, tensionando-se a marcha, protelando a vilegiatura. De antemão, haviam sido notificados os Capitães-mores das Vilas de Santana de Parnaíba e Itu para exercitarem os moradores das testadas na prontificação do caminho, mas naqueles dias ninguém parecia colaborar de boa mente, só forçado.

Trabalhando no limite da resistência física, os homens da Conduta fizeram o rancho da tarde anterior, já no final dos campos, entre as Cotias e o Araçariguama, na expectativa de arranjar um bom encosto para o gado carreiro e as cavalgadas que precisavam de um pasto resguardado de boas águas. Instalados os povoadores, os índios cargueiros e suas famílias, postos os prisioneiros sob observação, assossegados os militares, pensou-se na bóia, cujo preparo também exigia cuidados. Distribuídas as marmitas, cada qual foi se aviando como podia, sem o estardalhaço das acaloradas prosas, cantares e repinicos de violas.

O Alferes Veríssimo Xavier do Prado, que não punha em dúvida a dedicação dos seus comandados, estranhou o comportamento do grupo na-

quela véspera: muitos pareciam aperrengados quando a noite se abatera sobre o pouso. Precariamente abrigados sob um telheiro de beira de estrada, a chuva não impediu o sono profundo de ninguém, nem mesmo do soldado Félix Elói, que se gabava de escutar o cair de uma folha da árvore quando dormia.

— Foi servida alguma bebida nas congonhas, desconfiei daquele carijó desde o primeiro pouso. Estavam todos a demonstrar algum quebranto após a ceia, é inegável. Cáspite!

— A comida pesou demasiado nos buchos.

— Não a que vos serviu Félix Elói, troco a farda por uma anta mal-esfolada. — Era o que tinha a replicar o cozinheiro, espicaçado nos brios, resmelengue.

— O tempo que se perde é prejudicial à execução da diligência — observava, a propósito, o Alferes.

— A campo! — berrava o Cabo de Esquadra Vicente Peixoto. — Há muito chão para cobrir até aquele safardana.

Empresa difícil era negacear bugre, até em campo aberto confundia-se com a natureza. Imagine-se em meio de capões e catanduvras, numa manhã úmida e gelada! Por sorte, naquela diligência as coisas se facilitaram porque, varrido o caminho entre o córrego e a capoeirinha, conferidos certos detalhes, o Cabo acabou por descobrir vestígio de passadas frescas, indiciadoras

— É dele! Vou buscar a presa, inda agora.

Quem o visse operar naquele chão, da maneira como aprendera a fazer na fronteira castelhana, podia até se iludir — alguém desocupado, passarinhando, nunca um Auxiliar. Não demorou muito e Félix Elói ouviu-o gritar:

— Tá qui a caça, agora mecê leva pra cozinhar.

Era o sangue índio a lhe agudizar o faro instintivo, ninguém lhe escondia pegadas na várzea ou no mato. A tarefa menos nobre correu por conta do subcomandado, Tertuliano, que manietou o evadido. Dado o aviso à distância, o rancho começou a mexer-se, evidenciando-se que a Conduta seria posta a caminho com duas horas de atraso.

— Este vaso de feitiço haveria de me corromper o feijão.

Foi com certo constrangimento que Vicente chamou o Alferes para ter com ele uma dessas conversas cheias de reservas. Tomara ciência de que Marcelino cumpria um trato com Arrudão, praça de São Paulo a serviço da Conduta. Barganhara a cunhantã, uma mocinha de dezesseis anos, a troco da facilitação da sua fuga, porque lhe repudiava servir como povoador na Praça do Yguatemi. Só não entendia por que o traidor silenciava a respeito do estra-

nho corte que trazia na altura do pescoço. Entrementes, a bulha estava montada para os próximos minutos: Arrudão ainda respondia pela segurança da Conduta, viajava armado e, mesmo ferido, demonstrava agressividade.

Era necessário dar-lhe voz de prisão. No momento em que o índio, preso por colar de argola à corrente do seu captor, aproximou-se do comboio, armou-se a bulha. Arrudão preparou-lhe forte aleivosia, avançando de punhal em riste.

Na iminência de consumir-se tal insulto, perante a autoridade da Conduta, Félix Elói não titubeou. Num átimo, serviu-se da possante trempe do seu caldeirão de cozidos, ainda quente, partindo-se-lhe para cima a desferir golpes a torto e a direito, prostrando-o em terra, impondo-lhe algemas. Arrastado a um canto, Arrudão espumava de ódio prometendo vingança, mas era passado o perigo. Dando por encerrado o episódio, o cozinheiro ainda assossegou a inquietação dos companheiros de viagem ajeitando, rápido, os seus trens.

— Esta corja de quiziliosos se trata à bala e à paulada! Esse aí é macho castrado, não vale uma cólica ventosa.

O transtorno ameaçava retardar o comboio. Elemento facinoroso como aquele, só mandando a ferros para São Paulo, porém tal expediente desfalcaria a Conduta de dois militares. O único dos povoadores a merecer confiança numa emergência era Sizenando Corrêa, soldado da Praça do Yguatemi, o qual obtivera a permissão para ir buscar esposa na Vila de Mogi das Cruzes, sob a condição de retornar como morador e agricultor. Era somente desta forma que um alistado podia se livrar de servir como praça sem que os Capitães-mores das Vilas lhe saíssem ao encaço como criminoso desertor ou metessem no calabouço os velhos pais, irmãos e parentes, até que o considerado retornasse pelos próprios pés. Contrariado, aceitou coadjuvar, mas só até a Vila mais próxima, porque não lhe agradava servir de instrumento de vexação na Conduta aos desgraçados do Yguatemi.

Vadeado o ribeirão do Tuim, penetrava-se na região montanhosa de Itaquera, forrada de densa mata, cuja estrada vai se distanciando um pouco do Tietê. Era área repleta de caça, paraíso dos pássaros, papagaios, socós, macucos, inhambus, guarataiacus, tucanos, colhereiros, gaviões e alojamento preferido do macaco ronçador, cujo efeito intimidatório se ouvia à distância. Félix Elói deitou olhos cobiçosos, na antevisão da apetitosa ceia de troncados inhambus e perdiszes que estava impedido de aviar. Este prazer ele postergava, por ordem superior, para uma caçada formidável durante o torna-viagem.

Veríssimo passou o comando da Conduta ao Cabo, debaixo de apertadas recomendações, seguindo desacompanhado para a Vila de Santana de Parnaíba,

onde pretendia passar revista na Companhia de Ordenanças local e trazer reforço de, pelo menos, dois homens. Caro lhe custou! Somente à tarde, apareceu no pouso acompanhado do Sargento-mor Caetano José da Silva, o qual não cessava de arquitetar explicações para o súbito esvaziamento da Vila. Salvando os velhos reumáticos e os encatarrados crônicos, os achacosos contumazes, incompatibilizados com a friagem daqueles tempos, não restava ninguém para coadjuvar na Conduta.

— O Alferes há de convir que o nome do Gatimi não agrada a quem quer que seja. Santana de Parnaíba tem sido sobejamente sacrificada em fortes derramas de alimentos e recrutamentos anteriores. A nenhuma família apraz expor os seus homens válidos ao alistamento numa praça que é tida por cemitério dos paulistas.

— Esta evasão às ordens superiores é intolerável. Vossa mercê haverá de empenhar-se na tarefa em lugar dos dois voluntários que me refugam.

— Sigo contrariado sob as vossas ordens até a Freguesia de Araraitaguaba, tenho isenção de qualquer tipo de recrutamento, sou oficial superior das Ordenanças.

Frustrando-se a tentativa de buscar ajuda na Vila mais próxima, Arrudão teve de ser levado para a Cadeia de Itu. A Capitania de São Paulo se achava exangue das suas parcas reservas humanas e financeiras por força das medidas de impacto provocadas pelo Morgado de Mateus. A militarização imposta, a partir de 1765, para atender às necessidades da guerra na fronteira castelhana ao Sul, se convertia num voraz sorvedouro de vidas. Não obstante, tal fato era apenas um dos lados hediondos da mesma moeda.

Os forçados deslocamentos populacionais, objetivando ocupar as áreas estratégicas, a exemplo do que ocorreu na direção do Sudoeste, em Lajes, Itapeva da Faxina, Itapetininga, no litoral Sul, em Guaratuba, Sabaúna e Ararapira ou localidades da bacia do Tietê, em Piracicaba, Avanhandava, promoviam verdadeiras razias demográficas. O pior dizia respeito ao Forte, Presídio e Povoação, conhecidos genericamente por Yguatemi ou Gatimi, conquanto fossem designados nos documentos da Capitania ou na correspondência do Rei, eufemisticamente, por Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e de São Francisco de Paula de Yguatemi. Verdadeiro e apavorante cemitério dos paulistas.

— O Alferes há de convir, aquilo é o inferno em vida. Levas de recrutados, povoadores e soldados das Tropas Pagas vêm perecendo, desde a sua fundação, nas mãos do gentio que ali comete os maiores insultos ou vêm tombando vitimados da peste. Nem os condenados das galés aceitam a cominação das próprias penas. Quem segue para lá vai de forçado prisioneiro em disfarce de povoador voluntário ou de praça sabendo que marcha para a morte, sem remissão.

— Desabusada cantilena... tenho ordens a cumprir, meu Sargento-mor. A Conduta de oficiais e povoadores mais o trem de artilharia de Sua Majestade serão postos no porto de Araraitaguaba até sexta-feira. O resto é com os Ajudantes de Ordens Antônio Lopes de Azevedo e Theotônio José Juzarte, que lá se acham aguardando, danem-se os demais.

— Vossa mercê há de reconhecer que toda a sociedade sofre, mormente o Terceiro Estado. É um tal de afundar-se nos matos, passar a viver de carás e palmitos como nunca se viu. Não tem serventia a implicância do Capitão General com os sítios volantes e sua rejeição à ordem. De que vale morar em ajuntamentos civis e estar sujeito ao alistamento? A quem apetece frequentar as Vilas, as Freguesias, os Povoados, nos dias de desobrigas ou festas da Igreja, só para cair nas malhas do recrutamento e acabar por perder a vida, o único bem que lhes resta?

— É, se tirarmos os pardos, os índios administrados, os mulattos e os negros forros da gente de melhor qualidade, o que resta do Terceiro Estado? Quem é povo nesta Capitania?

— Separados aqueles, ficamos sem povo. Estou cansado de ver esta gente deixando as povoações de origem, mãos algemadas, calcetas nos pés, pescoço acorrentado, a exemplo de como se procede com os piores criminosos, para ser posta a morrer nalgum ponto obscuro da fronteira castelhana ou levada a povoar sertões remotos e faltos de toda a providência. Haja vista o que acontece em Piracicaba e na Freguesia de Lajes.

— Vossa mercê não julgue a cabeça a salvo nas Ordenanças, pois se a guerra esquentar, há de seguir muita gente de qualidade e de notório luzimento. Tenho visto todo o tipo de oficiais em trânsito, vive-se em estado de prontidão na dilatada fronteira sulina.

— É por esta violência inaudita que famílias inteiras deixaram de frequentar as Vilas, mesmo para as desobrigas da Páscoa. Ninguém se entrega por um coco d'água, um prato de farinha e um tostão de soldada para franquear guerra alheia.

— Preferem viver como hereges e excomungados?

— Muitos republicos se evadem, outros roubam mulheres e vivem por aí, amancebados, atirando-se pelos matos, como sítios volantes ou refugiando-se nas bocas de sertão disfarçados de povoadores. Outros já se tornaram feras, prefiro não cruzar os meus passos com tais caneludos.

Considerando que a situação da Capitania de São Paulo era calamitosa e que a restauração saíra um tiro pela culatra, Veríssimo tinha por perdida a esperança de melhores dias, pelo menos enquanto a administração estivesse

sob o guante do Morgado de Mateus. A reflexão podia esperar, o dever mandava retornar à Conduta e colocá-la no caminho de Itu.

Cabo Peixoto saía-se bem naquela diligência. Sendo um pouco tardonho de pensamento compensava com disciplina, não tolerava bulhas nem assuadas, puxava logo o facão. Enquanto capitaneou o comboio, deu ordens terminantes para que Sizenando pusesse os desordeiros debaixo da mira da sua espingarda clavina, especialmente Arrudão. Por motivo desta emergência acelerou-se a marcha, a comida foi servida fria e durante o primeiro pouso, quase não houve descanso.

Restabelecido o comando do Alferes, o cozinheiro recuperava o bom humor rejubilando-se com a saborosa paz dos caldeirões, esmerando-se nos temperos do santo feijão. Ademais, divisara uma dona eleita entre as mulheres fadistas que seguiam avulsas no grupo. Eram as damas que o Morgado de Mateus enviava ao Yguatemi para encontrarem maridos e ali constituírem prole. Invariavelmente, eram pobres meretrizes expulsas das vilas de origem, postas a caminho da tardia regeneração no último dos infernos engendrado pelos burocratas de Lisboa.

Maria da Babilônia, Das Dores e Abadia eram pardas forras que vinham sendo transferidas de comunidade em comunidade, pelo Vale do Paraíba, até São Paulo. Andreza e Maria da Visitação eram caboclas procedentes das Freguesias do Oeste Paulista. Andreza destacava-se das demais pela beleza amorenada do porte, pelos olhos verdes cheios de feitiço e imposturas, busto arredondado, ancas delineadas. Assim que a viu, Félix Elói partiu de boquinhas sobre ela, mas foi rejeitado com fria indiferença. Agora inclinava-se a tentar séria conquista, a experimentar os novos temperos da paixão que se insinuava, e, como antigo soldado de cavalaria, sentia-se espicaçado a picar as esporas nas ilhargas daquela égua gateada e fugidia.

— É de esquentar os caldeirões — confidenciava para João de Deus e do Diabo, solteirão convicto, embora interessado na mesma. — Começo a ferver!

— A bela não se apraz a dar-vos qualquer trela nem se deixa levar pelos vossos temperos. Ai, que me valho!

Aquelas mulheres caminhavam passivas pela estrada da vida, sem se revoltar contra o destino que lhes era reservado. Das Dores se comprazia em imaginar que ia ganhar marido e respeitabilidade por graça da Coroa. — Quall

Dor de cabeça das maiores, era Maria Farinha, conhecida, desde o Rio de Janeiro por Maria Farinha de Guerra ou, mais impropriamente, Maria Farinha de Pau. Mulata lasciva e debochada, tinha as suas virtudes embutidas, mas nas rodas de homens era mesmo de sarapantar! O melhor da festa ainda estava por vir.

O rancho tomado num campo limpo, nos arredores de uma boa aguada, foi providencial. Uns fartos goles de aluá ou de capilé, após a ceia, uma pouca d'água fria na cabeça era tudo o que desejava Veríssimo antes de se enrolar no capote e dormir. Não poderia prever que Félix Elói, consumindo-se de paixão, viesse encomendar ao soldado João de Deus e do Diabo dedilhasse no capricho a viola temperada do melhor pinho do Reino.

Ai! Como já se disse, o melhor estava para acontecer. Aquele soldado troçador muito pouco se melava com as paixões alheias, o seu forte era o picaresco. Assim, enquanto o diabo, distraído, esfregava o olho... aproveitou ensanchas de atirar provocações para diversos lados perigosos.

Não perdoava o frade apóstata, Hildebrando, expulso da Ordem de São Bento, na Vila de Santos, e de todos conhecido por suas colubrinas tramóias familiares. Quem o visse, cismarento, a caminho do Yguatemí, por determinação expressa do Vice-Rei e Conde de Azambuja, D. Antônio Rolim de Moura Tavares, sequer faria menção do apimentado caso da sua mancebia, em Taubaté, anos atrás.

Roda de homens, num pouso de beira de estrada, sempre move imprevistos. Veríssimo não gostava daquelas inconveniências, deixassem o ex-frade em paz! A ninguém reconhecia o direito de apedrejar o sol no ocaso; já estava pressentindo que aqueles versos tinham vários endereços e intenções inconcessáveis, mas sendo a voz acalorada, acabou por ceder.

— “No saio de São Francisco toca o sino o dia inteiro/ Quem manda tocar o sino? / Da parte do frade matreiro, manda-se tocar o sino/ Ele não deixa a casa do sineiro”. - A algazarra dos soldados, esquentando-se ao fogo, estimulava o artista que tinha língua ferina e velhas mágoas. Extraída a veia, no segundo ato soltava o melhor canto nuns versos de xiba ao repasse de um bom parati. Acabava sempre bastante vitoriado. — “Eu bebo à tarde, já pressinto a madrugada...” - Atirando provocação, carregava no sentimento: — “Fiz a guerra, atravessei campanhas por El Rei/ Aqueles lábios, que saudade!/ Aqueles lábios, sei o gosto que eles têm”.

— Vais recomeçar a eterna ciranda dos amores contrariados, ó artista? Falas sempre dos alheios, e os teus?

— Já não tenho amores, Cabo Peixoto, na última paixão desenganada atirei o meu coração no Tietê. As mulheres da minha vida nunca sentaram praça na cavalaria.

Não tardou a reação. O viajante forçado para Yguatemí, por causa de uma demanda literária com o Ouvidor, D. Brás de Carvalho, que preferia esconder-se sob um velho chapéu bicórnio, acoroçado junto ao trem de artilharia,



ergueu-se em prumo. Causou surpresa ao acender os olhos muito vivos na face trigueira; sabia-se que era dado a casquilho, mas não tinha nada a ver com aquela súcia de marotos e peralvilhos, vindos do Reino. Lembrando a origem fidalga, portava delibado das dobras do capotão a espada que gostava de puxar na hora do perigo ou para não deixar desaforo à postérvia.

— Queres trovar, meu soldado? Então, cala o teu prosaico instrumento porque os versos do maior dos vates se ouvem em silencioso respeito. — dirigindo-se aos demais prosseguiu: — Que vos sirvam de alento e consolação, nestes rudes caminhos paulistas, a voz do grande luso Parnaso.

Por trás daquela complicada personalidade havia algo surpreendente e original. Com afetada elegância, apurou a *mise-en-scène*, desembrulhando-se do capote, pôs-se a pisar, todo animoso, aquele chão-caminho; a gravata ramalhada, realçando-lhe o semblante, combinava com a última claridade das ave-marias a iluminar-lhe o sorriso. Veríssimo voltou-se para escutá-lo, impressionado pela impositação e pela desenvoltura de bacharel.

— “Depois de procelosa tempestade, / Noturna sombra e sibilante vento, / Traz a manhã serena claridade, / Esperança de porto e salvamento; / Aparta o sol a negra escuridão, / Removendo o temor ao pensamento”.

Não pôde continuar, uma atroada de palmas interrompeu-lhe a voz. Vitoriavam-no soldados e mulheres, bugies e crianças daquela platéia itinerante pelo Médio Tietê, rendidos de emoção camoniana.

— As musas sejam louvadas! É muita nobreza o que me concede vossa mercê — exclamava João de Deus e do Diabo, trêmulo de emoção. Era de se admirar o aprumo do soldado, todo cheio de medidas, honradíssimo, como antes nunca se vira, pela deferência de D. Brás.

— Entre vates e líricos, bem versados, nunca se opõem argumentos — respondia o declamador com notável brandura, ao mesmo tempo que lhe estendia a mão.

— João de Deus e do Diabo, para o vosso eterno serviço!

— Brás de Carvalho, fidalgo da Casa de Sua Majestade, a vos reconhecer por amigo.

Se a marcha de uma Conduta não era isenta de penosos contratemplos, o inusitado soía acontecer. Versos podem ser ótimo derivativo para quem não traz sob a mira viajantes forçados, índios cargueiros transportando nos macerados ombros os pesadíssimos fardos, meretrizes estouvadas, gente descontente a caminho da morte, bandidos e arruaceiros, capazes de provocar fuzuês e desacatos.

Insone e acabrunhado, Veríssimo partiu para a ronda, esperando o pior. Eram comuns os assaltos a comboios em horas perdidas, geralmente no

cair da noite. Seis homens armados pouco poderiam fazer mais do que confiar na Divina Providência. Latidos distantes de cães, resfolegar de cavalos, pequenos ruídos eram-lhes apercebidos como estranhos códigos de uma linguagem assustadora naquele chão de poucos amigos.

No interior do pouso inquietavam, sobremaneira, os criminosos degredados por ordem do Capitão General: o jogador de carteador de Mogi-Mirim, Bausá; o assassino das Minas do Desemboque, Treme-terra; o soldado desertor, João Pimenta, do bairro de Piruleiras na Vila de Jacaré. Por contrapeso, alguns bêbados desordeiros do quilate de Gonçalo da Cruz, Baltazar Minhoto e o excomungado Guaçu de Jundiá. Ora, pois!

Indiferentes ao improvisado sarau que prometia avançar pela noite, os índios cargueiros e suas famílias encostaram-se a um canto, ocupados em pitar, as mulheres a cuidar dos filhos. Chamou-lhe a atenção a mocinha, promotora indireta do distúrbio da manhã. Ela e a mãe arrematavam, com grande habilidade, figurinhas de barro representativas dos integrantes do grupo. Surpreso, ao perceber os próprios traços fisionômicos no personagem modelado em montaria, à testa da Conduta, aproximou-se.

— Como te chamas?

— Iacri – respondeu-lhe a mãe.

— E a cunhantã?

A interrogada não se moveu, abaixou os olhos, deixando que a outra falasse por ela.

— É mia fia, Maria Pituca.

Veríssimo já estava a se retirar quando sentiu um leve toque em sua mão, deparando-se com a figurinha de barro que lhe era oferecida pela criadora, pessoalmente. Sorriu-lhe e foi timidamente correspondido. Sem haver tempo para agradecer o presente, tentou prender-lhe o pulso, mas a mocinha escapuliu-se para o lado da mãe.

Desaparecida a visão, Veríssimo repetia para si próprio:— Maria Pituca... Pituca figureira.

# 3

## *Gloria Patri*

Havia três dias que a Condução marchava pelo maciço acidentado da Serra arrastando gente, munição e os pesados trens de artilharia. Entre Araçariguama e Apotribu, os ombros macerados dos índios cargueiros começaram a sangrar e as juntas dos bois estalavam, aparecendo nos pedestres os primeiros sinais de esgotamento diante daquela jornada penosa e infinita pelos espigões, costeando o Tietê.

Félix Elói se antecipava a montar no próximo rancho os apetrechos de cozinha e a bater os espeques para as cavalgadas quando os soldados reclamaram da retaguarda, a dificultar o avanço dos carros de bois. O Cabo de Esquadra, aos berros, tentava apressar a marcha, porém o comandante reconheceu que se estava a puxar demasiado pelos índios e pelas mulheres com crianças.

Veríssimo retardou a andadura do tordilho e, aguardando a passagem dos pedestres, deitou olhos sobre o conjunto, percebendo a fragilidade de Pituca que se apoiava nos braços da mãe. Agiu com galantaria, como faziam em outros tempos os seus antepassados. Carregando no galope, veio até ela, arrebatou-lhe o corpo delicado, acomodando-o na garupa, e pelo jeito que a moça descansou a cabeça em seu peito, sentiu que agradava.

— As mulheres seguem na culatreira, retarde-se Peixoto. Os batedores têm por franqueado o caminho até o pouso.

Lá pelas ave-marias, o rancho assosseitava, não fosse a afoiteza de alguns imprudentes. Assejando os utensílios de cozinha no riacho, Félix Elói cometia a indiscrição de observar as mulheres em seu precaríssimo alojamento, sem desistir de atirar-lhes provocações e picuetas. Andreza parecia amuada, recusando todas as propostas do desabusado, enquanto Maria Farinha, por indesejada, lhe assacara pesados refrões e manguitos a bem valer.

— Melhor fazes se te encostares a um canto — aconselhava João de Deus e do Diabo. — A noite é curta e amanhã prossegue o nosso fadário por estas morrarias, valham-nos todas as santas musas!

— Nada de ficar a bugiar. Estou a ferver nos caldeirões e aquela égua ressabiada insiste em refugar a carga.

— Deixa de basófiás, meu pelintra. Antes de meter-lhe as esporas, convém atarracar os cravos à ferradura. Aquieta-te.

Adiantando-se a noite nos pios do inhambu, fechava-se o ciclo das tarefas no pouso. Era nas horas perdidas que a tentação subia-lhe à cabeça. Félix Elói se inconformava de dormir no encosto, sonhando com a mulher desejada, tal como no tempo em que era bandeiro solitário nas lidas de gado no Viamão. A vida de soldado cavalariano, apesar dos desatinos, aguçara-lhe a sensibilidade para o social, estava sempre apto para as parcerias femininas. Caminhando para o seu canto, suspirava pelos fartos peitos de Andreza, a antecipar maiores gozos, quando forte assuada lhe sacudiu os brios.

— Premero quero di sabê se mecê num passa dum pé fresco, atrivido i alevantado.

O inusitado soía espantoso ante a fala provocante da mulher. Cara de desafio, olhos injetados de malícia, atirou-se, ávido, sobre a interlocutora. Esta era exímia contendora: afastou-se sorrateira, e o corpo do soldado estatelou-se em meio das panelas e caldeirões. Alvorçado o acampamento, não lhe restou outra alternativa que submeter-se às regras do silêncio e acomodar-se no capote, enfiadíssimo, ruminando vingança. Ouviu pesadas galhofas e, de permeio, identificou a voz que lhe era endereçada em baixo tom: — “Mecê aprovi qui meu nome é Andreza Tomba-Home”. — Pensou em saltar-lhe ao pescoço, atirá-la por terra e espicaçar-lhe as esporas, mas aquele vaso de feitiço escapulírase, num átimo. Desapontado, Félix Elói abraçou o vazio.

— Ainda esfolo aquela égua gateada!

— Conformate, o favo de mel não é para o teu bico, contenta-te com as outras farinhas.

— É' cainheza de vossa parte. Aquela não perde por esperar, ou não me chamo o que minha santa mãe desejou ao pôr-me no mundo.

Deixando a morraria do Apotribu para trás, penetrava-se na região dos campos amenos do Pirapitingui, o Tietê fluindo a curta distância. As últimas duas léguas, a Conduta percorria na manhã do seu quinto dia, consumando-se, a duríssimas penas, o que se fazia normalmente em três. Coube ao Sargento-mor da Vila de Santana de Parnaíba avistar a comitiva do Capitão-mor da Vila de Itu, Salvador Jorge Velho, neto do legendário Domingos, o exterminador do quilombo das Alagoas, em Palmares.

Paulista à antiga, aquele não se perdeu em cortesias e apresentações, restringiu-se ao indispensável. Contrafeito, servia ao Morgado de Mateus en-

tregando-lhe os seus homens de maior confiança: João Martins de Barros se achava na regência da Praça dos Prazeres, Antônio Corrêa Barbosa andava a povoar Piracicaba, André Dias de Almeida, o armador do Tietê, comandando as monções abastecedoras do Yguatemi. Preparava-se para deixar sucessor à testa da política ituana, o indicado Antônio Pacheco Silva, não escondendo que partiria, breve, para o seu próprio arraial minerador em Mato Grosso. Em boa hora esquivava-se da consumição no Real Serviço, primeiro a sua casa.

Acolheu com reservada simpatia ao Alferes, de quem era aparentado por velhos laços de família, e acenou-lhe com o enorme chapéu desabado, apontando para a direção da mais famosa das vilas paulistas do Vale Médio do Tietê, a bela Outu-guaçu.

— O moço Veríssimo é bem-vindo a minha casa, em nome do Capitão General e dos antepassados comuns, que Deus os tenha em Sua santa glória.

— Seja de modo a vossa mercê levar gosto — retribuiu-lhe na mesma medida o comandante da Conduta.

Os oficiais da Ordenança de Itu encarregaram-se de alojar e suprir de marmitas os integrantes da Conduta durante a sua passagem pela comunidade, mas ninguém se apresentou nas ruas para saudar o cortejo dos trens de guerra e dos povoadores encaminhados ao Yguatemi. Portas e janelas trancadas, becos vazios, exteriorizavam a justa rejeição, o pavor infundido pelo recrutamento forçado, pelos transtornos subseqüentes à passagem dos párias e dos turbulentos. Ao meio-dia, seis de abril, instalavam-se, provisoriamente, na Casa da Cadeia os povoadores e suas famílias, as mulheres fadistas e os prisioneiros.

A soldadesca evadira-se para a Igreja Matriz; edifício construído no meio de um Largo onde se amarravam os animais, que já vinha ameaçado de demolição, porque a vila crescia e estava a exigir um templo maior, mais suntuoso. Então o pároco decidiu-se a fechar as portas, interditando a casa de Deus aos desgraçados do Yguatemi. Os Ordenanças de Itu temiam pelas arruaças e as insolências praticadas em tais circunstâncias, pois estava prevista a chegada dos alistados sorocabanos até o final da tarde. Não escondendo a preocupação, o Capitão-mor convocou Veríssimo para uma conferência.

— O Alferes responde pela disciplina dos vossos homens e pela reclusão dos prisioneiros, o Sargento-mor pela segurança da Vila, mas, chegando os sorocabanos, não há como evitar distúrbios. Vossa mercê esteja preparado para o que der e vier.

— Não há como oferecer aposentadoria a tanta gente — reclamava o pároco, sem disfarçar a inconformação.

— Diante dos vossos argumentos, convoque-se urgente as Companhias de Ordenanças para passar revista. Trago ordens expressas do Capitão General para buscar reforço em qualquer vila, levarei daqui todos os homens necessários à segurança da Conduta.

— Sendo vosso direito tirar gente ao Real Serviço, saiba que o propósito vai gerar protesto entre os meus oficiais.

— Vossa mercê convoca, eu decido. Haja prontificação!

— Outro detalhe a acertar diz respeito ao pagamento dos fornecedores dos gêneros, em atraso há cerca de um ano.

Cara de poucos amigos, Salvador Jorge Velho acobertava-se de razão. Por um bilhete assinado entregava-se parte substancial da safra, a preço irrisório, enquanto esperava-se o pagamento em prazo indefinido. Desde o ano de 1767, as Vilas de Itu, Parnaíba e Sorocaba, mais as Freguesias do Vale Médio do Tietê, eram submetidas às derramas de alimentos e ao recrutamento de homens com que abasteciam a voracidade da Praça do Yguatemi, sem outra justificativa que não fossem as necessidades do Real Serviço. Prestavam-se a tais violências sob coação política e ameaças de castigo, fato de que se prevalecia o Capitão General de São Paulo.

— As dívidas contraídas e os pagamentos em atraso são questão liquidada, trago o dinheiro. O resgate pode ser feito em Araraitaguaba, junto ao Ajudante de Ordens Antônio Lopes Azevedo, hoje passo novos bilhetes. Não desconheço que vossa mercê vem procedendo a sucessivas derramas de alimentos e que há protestos generalizados, porém estas ordens carecem de prontificar-se.

— Neste ano, a produção é insatisfatória, as carnes curadas mal chegam para o consumo dos proprietários e o preço do sal vai pela hora da morte. O feijão das águas traz muito caruncho e grande parte das farinhas se corrompeu...

— Dispensó a ladaínha, carrego o que houver na despensa e sem maiores desconcertos.

— Foram tantas as quebras na safra que inexistente excedente de lavoura para ser negociado, ainda mais, considerando estes bilhetes passados, fiado, pelo governo.

— O Capitão não desconhece que trago as mais apertadas ordens. Desta comida, que vossa mercê tanto encarece no próprio dos sitiados, dependem o abastecimento da monção de socorros e a sobrevivência da Praça dos Prazeres do Yguatemi.

— A coisa tá braba, só se for arrancado à força. Quem sabe, vossa mercê melhora os preços?

— É o que se vai tentar fazer, até o cair da noite.

— Alferes, a Capitania está a esvaziar-se nas algibeiras, os paulistas estão à míngua. De que valeu a nossa esperança na restauração?

— Vossa mercê observa da janela o traslado dos paulistas, constrangidos por grilhões e calcetas, para a Praça do Yguatemi. Cabe aos sitiantes deste Vale abastecerem-lhes os buchos, bem ou mal pagos. Quanto a mim, tendo feito a guerra na fronteira castelhana, sei o que é combater com lama e sangue até a cintura. Eu vos digo que a face do terror naquele local não é menos insuportável do que as vexações imputadas a esta Vila.

— A restauração da Capitania de São Paulo saiu-nos tiro pela culatra. O Alferes quer saber? A partir do ano entrante, me afundo nos caxambus mato-grossenses, ao inferno com os socorros do Yguatemi.

— As peças de artilharia que arrasto, desde São Paulo, estão prontas a dar fogo e lavar a campanha do inimigo na fronteira, à custa das vidas que lá operam. Parece muito cômodo ao Capitão Salvador Jorge Velho, que tanto honra o nome de paulista, evadir-se das Justiças de Sua Majestade em nome dos seus próprios interesses...

Não deu para concluir o pensamento. Face alterada, voz de poucos amigos, o Capitão-mor cortou-lhe a frase, abruptamente.

— O Alferes não perde a língua, junto com a cabeça, porque está a serviço de Sua Majestade, é meu parente. Pelos trabalhos que venho prestando ao Capitão General, que em terra paulista representa o Rei, não devo merecer tão pífia avaliação.

— Com todo o respeito, o Capitão não deve entrar no mérito dos argumentos desta natureza, porque ambos somos paulistas e sofremos na carne as consequências da restauração. Nesta Vila poucos vêm a saber do significado de se combater no Sul ou no Yguatemi numa guerra que não é paulista, assistindo à morte dos companheiros debaixo dos gritos de “Viva El Rei de Portugal”. Eu sei e vosmecê há de entender.

— Vossa mercê fede a cueiros e desconhece o que os paulistas antigos têm feito para honrar os nomes dos seus antepassados. Já destruímos missões castelhanas e quilombos, expulsamos holandeses, enfrentamos nos peitos os emboabas e toda a sua corja de galegos.

— Capitão, nada haverá de retardar a marcha da Conduta. Amanhã vosmecê segue para os caxambus e eu para o Sul. Presentemente, a minha missão cumpre-se neste Vale, quero os vossos homens e os fornecedores no prazo de duas horas.

Cansado daquela argumentação, reconhecidamente protelatória, Veríssimo retirou-se da conferência, a mão no punho da espada. No Largo da Matriz, aguardavam-no vários comerciantes cuiabanos desejosos de incorporar-se à Conduta... e novos transtornos. Desta vez, por parte da inusitada comitiva sorocabana que descia sob forte escolta a rua dos Carmelitas. Às clamorosas pragas assacadas contra o Rei e sua Corte de Ministros, às piores invectivas contra os detentores do poder colonial, inclusive os Capitães-mores, somava-se o desespero dos parentes e amigos que acompanhavam os recrutados, buscando interceder por eles, a qualquer preço.

— Que não se ponham em argumentos comigo, porque hão de tirar muita má consequência dos seus discursos. Ninguém vai me peitar ou pôr-me a engodo.

— Desgraçados! — desabafava Vicente Peixoto. — Parti para o alistamento por meus próprios pés, sobrevivo dos meus parcos soldos, aqueles... estão perdidos.

— Este paulista que vos fala também já partiu, em outros tempos, por única e particular vontade para o desconhecido. É coisa muito indigna de se ver, os nossos moços acorrentados feito criminosos, a pretexto de um recrutamento promovido por aqueles que preferem servir ao poder, enquanto protegem a si mesmos e aos seus parentes.

Elias Monteiro era antigo sorocabano, homem de bem, advogando pelo neto, Dudão, que se achava incluso no lote dos alistados. O moço fora tocado enquanto retornava da zona rural para as sobrigas da Páscoa e, agora, marchava sem esperança para aquele forte, erguido numa das áreas mais insalubres do planeta, fruto dos desvarios de um tiranete investido de Capitão General de São Paulo.

— Mais um a caminho da hecatombel — reforçava-lhe as angústias, Vicente Peixoto: — Meu sorocabano, nada posso fazer, a última palavra cabe ao Alferes Veríssimo.

O recrutamento dos jovens poupava os já alistados nas Companhias de Ordenanças, os menores de idade, os filhos únicos de mãe viúva, os viúvos com filhos menores, os deficientes físicos, recaindo, brutalmente, sobre os homens do Terceiro Estado. Era difícilimo escapar das malhas dos agentes dos Capitães-mores locais, responsáveis por esta conscrição. As populações reagiam apavoradas, internando-se nos matos, vivendo em sítios volantes ou buscando proteção nas bocas de Sertão, onde se organizavam as novas povoações com gente submetida a forçados deslocamentos, contrariando o direito natural à liberdade.

— Sei que amigos dos recrutados me fazem rodeios com que intentam me enganar. O vosso neto é moço válido e em idade de servir, nada posso fazer.



— O Alferes não ignora que muitos destes foram caçados a laço, em meio das estradas, outros foram aprisionados às portas das Igrejas ou no sagrado dos lares. Os paulistas não deveriam compactuar com esta iniquidade, mas para que não se incorra em desobediência, sugiro a vossa mercê a troca do meu neto, Dudão, por este seu avô. Não se trata de carpidura de mulheres...

— O serviço no Gatimi vos parece assim tão hediondo?

— Raríssimos retornam com vida. Aproveitando-se das breves dispensas para casar ou buscar a família, eles contam o que é aquilo. No Gatimi o alistamento torna-se permanente, mesmo com o desligamento dos Auxiliares, porque o vínculo se estende à família, à descendência. Os parentes do Tenente Felipe Fogaça, que nos conduziu desde Sorocaba, já estão se afamilhando por lá. Não há jeito de escapar, salvo entregando a vida num pontão de azagaia índia ou nas carneiradas que sucedem às enchentes.

— Se é viagem sem volta, por que razão vossa mercê se presta a tão desfavorável barganha?

— O Alferes saberá no dia em que constituir família. Por mim, já vivi a maior parte desta vida, o que vier daqui para a frente é ganho. Dudão é filho inteligente, já tem moça prometida no Vale do Paraíba e um bom sítio para cuidar.

Um único e exclusivo argumento demoveu Veríssimo do propósito de impedir a troca do avô pelo neto. Félix Elói confidenciou-lhe, a mando não se sabe de quem, que Elias Monteiro possuía inteligência em agulha, já fora piloto de rumos do sertão no distrito da Vila de Sorocaba

— Vossa mercê pode provar que entende do que me foi comunicado? Sim? Acordo fechado.

João de Deus e do Diabo tentava estabelecer ordem na velha e desmantelada Casa da Cadeia, regorgitante de povoadores, índios e prisioneiros. Não havendo segura acomodação para os sorocabanos, por ordem superior os mesmos foram trancafiados na Igreja Matriz, debaixo dos mais violentos protestos do pároco. Tais eram, em breves palavras, os desconfortos a amofinar os caminhantes que no dia seguinte seriam lançados na estrada de Araraitaguaba, última etapa terrestre da jornada para o Yguatemi.

Entardecendo, Veríssimo não escondia a intenção nem disfarçava o projeto guardado para aquela noite. Ao se aproximar da cela das mulheres, percebeu, à distância, Maria Pituca recostada à mãe. Pensou chamá-la, mas foi buscado por Iacri que se achegou à porta trazendo nos braços uma canastrinha.

— É pra mecê, sarve mia fia dos abuso, inté o Gatimi.

— O que me pedes é impossível, mulher.

— Tem dote, mecê casa cum ela.

— Desejo a vossa filha, sem barganha...

— Ansim mecê num deita co'ela, lê premero us papé qui tá iscrito qui drento.

João de Deus e do Diabo ficou sem entender o que se passara. Fora encarregado de devolver, pessoalmente, a canastrinha e ninguém mais viu o Alferes, salvo a desoras, sob o sereno e mal abrigado no capote, em meio da guarnição que pernoitava no Largo da Matriz. Antes do amanhecer, já ordenava, rezingueiro, os preparativos para a última marcha da Conduta. O mau humor explodiu ao ser constatado que, na cela próxima das mulheres, o índio Marcelino amanhecera de garganta rasgada, de orelha a orelha. A arma do crime, um punhal encabado de taquaruçu, jazia ao lado do corpo...

— A guarda deu causo do assucedido, há pouco. Ninguém ouviu nada, o pessoal dormiu a noite toda, sem qualquer distúrbio.

— Foi servida alguma puçanga nas celas?

— As congonhas de sempre, meu Alferes.

Na manhã de sexta-feira, os sorocabanos deram tanto trabalho, as despedidas ocorreram de tal maneira alvoroçadas, que por pouco não se buscou reforço em Santana de Parnaíba. Lágrimas e ódio! Quase à hora da partida, chegava ordem para reter a Conduta na Vila até o dia dez, por questões de desafogar o porto de Araraitaguaba onde as autoridades se achavam a braços com todo o tipo de problemas. Foram mais quatro dias de perturbação, pois o expediente acarretou novos transtornos e ameaças de fugas.

O Alferes não via como livrar-se das carpaduras das mulheres, dos parentes e das ameaças de insubordinação dos alistados. Afinal, quando a Conduta desceu a rua Direita, em onze de abril, não pôde evitar que os sinos da Igreja Matriz dobrassem a finados ou que, do interior das moradas ituanas, partissem maldições avassaladoras para o Capitão General e seus asseclas. As ruas desertas, mesmo de cães vagabundos, sem nenhum adeus, testemunharam a passagem do cortejo dos mortos e vivos do Yguatemi. Tão somente no Cruzeiro dos franciscanos aguardavam uns frades piedosos para a unção dos miseráveis e absolvição dos outros penitentes.

O Sargento-mor Antônio Pacheco e Silva seguiu com os Ordenanças da Vila, cheio de cuidados, enquanto Veríssimo só relaxou a vigilância no dia seguinte, na proximidade de Araraitaguaba, quando recebeu o reforço do destacamento dos Sertanejos. A Conduta percorreu em marcha esforçada aquelas cinco léguas, sob fortíssima tensão, cenas de desespero e ameaças de fuga, num crescendo exasperante. O último pouso varou insone para os militares.

Na entrada da povoação Veríssimo era aguardado pelo Ajudante de Ordens Antônio Lopes de Azevedo para uma conferência imediata, tendo em vista as disposições do embarque e os acertos das contas. Desde a véspera, para evitar maiores comoções, achavam-se transferidas para a margem fronteira do porto as populações que já vinham sendo remanejadas para Araraitaguaba, onde ficavam aguardando a partida da monção. Era gente que não acabava mais! De presente, somava-se-lhes a Conduta do Alferes, trazendo mais povoadores, prisioneiros, alistados e pesados trens de artilharia.

— É um nunca acabar de providências, balanço de contas, cálculos sobre a lotação das canoas, disposições de segurança. O Alferes haverá de compreender as nossas dificuldades.

— Quando será a partida do Ajudante de Ordens Theotônio José Juzarte?

— Dentro das próximas trinta e seis horas, sem mais! Estamos no aguardo da Conduta do Sargento-mor de Cavalaria D. José de Macedo para amanhã.

A doze de abril de 1769, pelas ave-marias, Veríssimo percorria as imediações do velho porto monçoneiro. Do alto da penedia, onde, pacífica e milenarmente, as araras vinham afiar o bico, reconheceu que aquele chão era praça de guerra, tamanho o ajuntamento dos povos que, no dia imediato, seriam postos a navegar para o Yguatemi: pardos, mulatos, bugres, capitães, famílias de povoadores, soldados e prisioneiros, aquela farândula dos paulistas a caminho do sofrimento e da morte. Certo grupo lhe chamou a atenção e foi para o seu logradouro que orientou os passos do cavalo até quedar-se enternecido na contemplação da personagem que tanto o atraía.

Sentada sobre a canastrinha, ao lado das suas figurinhas prediletas, Maria Pituca aparecia muito admirada pelas mulheres que a escutavam. Rosto delicado, longos cabelos escorridos nos ombros e corpo de menina, possuía uma voz acalorada que enchia de emoção a pequena platéia. Levava ao fundo o Anhembí, coalhado de embarcações, e enquanto a mãe modelava potes de barro, vinha por distribuir alegria consoladora, mercê da própria graça, entoando numa bela melodia os antigos versos de Portugal.

— A Mãe do céu tece meias/ com fios de pura luz/ O novelo é lua cheia/ as meias são pra Jesus.

# 4

## — Marchem as Canoas!

Véspera. Porto de Araraitaguaba no rio Anhembi, ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1769, doze de abril. Em visível ansiedade, o Cabo de Esquadra Vicente Peixoto repassava, pela segunda vez, a lista dos povoadores, recrutas e prisioneiros.

— Não falta ninguém. É por causa destes atrasos que o Capitão André Dias de Almeida se decidiu a partir com quinze dias de dianteira sobre a monção do Juzarte.

— Não foi só pela aglomeração de gente alvorotada e tihosa — retrucava João de Deus e do Diabo. — O Capitão André negou-se a fazer marchar as canoas, tardiamente, em abril, muito embora tivesse por Guia da navegação o mais experimentado dos pilotos nestas águas traiçoeiras do Anhembi, Paraná e Gatimi.

— Sei que o França é ferrabrás, mas é o único que desce o Anhembi entre quinze e vinte dias, conseguindo atingir o Gatimi em menos de dois meses. Diz-se que nas águas de janeiro, faz a descida em treze dias, tendo rio limpo de cachoeiras.

— Arre, pra que tanta pressa? - admirava-se Veríssimo.

— Graças àquele Guia, o demônio do Antônio da Silva França, eu também o quero à distância, o Capitão André regressa a tempo de repetir a façanha no segundo semestre. - Era o que vinha a acrescentar o Ajudante de Ordens Antônio Lopes de Azevedo, enviado diplomático do Morgado de Mateus ao Yguatemi e seu irrestrito admirador

— É por causa dele que a monção se dividiu?

— O capitão André Dias de Almeida, havendo sido nomeado Governador desta grande marcha para o Yguatemi, recusou-se a esperar pela vossa artilharia, Alferes Veríssimo. Partiu em vinte e oito de março, por instigação do França, à frente do comboio de alimentos e sem dar muita satisfação, como é do seu feitio. Para nós, representantes do Capitão General, alegou que aprendera a respeitar as regras da natureza e que só navegava com os rios cheios ou à média.

— Vossa mercê haverá de logo compreender — contemporizava Juzarte que se acercara do grupo. — O Anhemi na estiagem é uma cachoeira só, demanda o triplo do tempo e atenção.

O rio estava abaixando e o Capitão André vinha cheio de apreensões, não pela turbulência dos militares e dos povoadores assistidos no porto, mas pela urgência dos socorros em todo o tipo de gêneros que bandeava a cada semestre para a Praça. Era carga pouca, coisa suficiente para onze canoas e dois batelões, como foi provado, mas sem estes não havia sobrevivência possível. O perigo estava na carga explosiva que tinha de entregar, pessoalmente, na Praça do Gatimi, fora as outras naus com os povoadores.

— A que perigo se refere vossa mercê? Vimos chegando de São Paulo com vasta munição e todo o tipo de explosivos para o vosso próprio transporte, rio abaixo. Ainda agora acaba de nos chegar o Sargento-mor D. José de Macedo com os remanescentes da Conduta e o reforço de artilharia. Qual é o mistério?

— Certamente, o Alferes desconhece que D. Maurício de Vilhalba e seus comparsas, mantidos prisioneiros em Araraitaguaba, por ordem do Morgado de Mateus, estão retornando a Coruguati no Paraguai. Aquilo é que é carga explosiva!

A segunda parte da expedição, posta ao comando do Ajudante de Ordens Theotônio José Juzarte, estava prestes a zarpar, conduzindo cerca de setecentas pessoas, inclusive enorme grupo de povoadores, mais os militares, pesado trem de guerra e os socorros de alimentos. As embarcações já estavam rigorosamente perfiladas no barranco, aguardando o sinal.

— Não dá para recuperar o atraso em relação à primeira sortida, mas se as águas e os homens permitirem, haveremos de chegar em justa monção — prometia o Tenente dos Sertanejos, Bento Cardoso da Siqueira.

— Esta é uma das maiores expedições que vejo partir de Araraitaguaba. Nunca o Anhemi esteve assim, tão afogado de canoas e batelões! A prontificação das canoas era trabalho que o Barbosa se desincumbia com rara proficiência, mas ei-lo a povoar Piracicaba, fazendo-nos muita falta neste porto.

— Os melhores homens são postos a servir, em quaisquer condições, na serra de Lajes, na dilatada fronteira do Gatimi ou em Piracicaba. Qual será o fim destes desígnios?

— A dilatação dos domínios de Sua Majestade, que Deus guarde, mediante o Real Serviço, constitui a felicidade dos seus vassalos. — O Ajudante de Ordens, Antônio Lopes de Azevedo, não pôde continuar o inflamado dis-

curso lusófilo, diante do interesse que despertava no grupo a chegada do capelão Frei Antônio do Rosário.

— Nem todos passam bem da saúde, já devíamos estar a caminho. Perdemos muito tempo no traslado das vossas ovelhas para a outra margem, tantos os fuzos e distúrbios praticados na Freguesia — desabafava Juzarte para o clérigo.

— Paciência, meu bom amigo. Retardam, ainda mais, a vossa partida as confissões e os atos penitenciais, bem sei, porque ninguém se atreve a rodar o Anhemi sem estar confesso e sacramentado. A outra vida pode começar na primeira curva do rio!

Félix Elói vinha, desde algum tempo, se preocupando com a outra vida, talvez por desengano de ser soldado. Experimentara o combate e a valentia dos castelhanos, dera-lhes o troco de paulista, mas temia encontrar a morte a cada passo na fronteira. Estava nesta consumição quando, inesperadamente, a cabocla faceira lhe atravessou o caminho. Muita gente especulava a respeito das façanhas e imposturas de Andreza, que lhe deram tanta fama nas comunidades do Vale Médio do Tietê; pouco sabiam de concreto, salvo que homens de posição haviam perdido a cabeça por ela.

As palavras fortes que trocaram não lhe saíam do pensamento. Sentira-se rejeitado e espicaçado por aquela potranca de olhos gateados, sempre a lhe ferir os brios de homem. Os trejeitos da moça bela e altiva estavam, continuamente, a lhe provocar. Não sabia como livrar-se daquele feitiço que lhe fazia ferver nos caldeirões. Muito diferente das mulheres da fronteira... Depois da ceia partiu em sua busca, resingando.

— Tá mi negaceano? Nunca vi cuzinhero mai pé fresco.

Andreza aparecia-lhe toda cheia de atrevimentos, peitos arfantes sob o colete, olhos de formosura.

— Vem para os meus braços, minha bela, quero fazer-te chorar. Hás de levar saudade para o Gatimi.

— Vamo vê quem chora prémero, mercê podi arrependê.

Félix Elói, a ferver nos caldeirões, não estava disposto a protelar aquele caso. Prendeu-lhe as ancas, com força, atarracou-lhe os peitos e rolaram na macega, aos beijos e às dentadas, aos urros e aos gemidos. A cabocla era ligeira e forte. Deu-lhe um tranco e escapuliu-se na direção da penedia, denunciando-se pelo riso provocador, sempre a prometer novas imposturas. Desta batalha não sairia vencido nem vencedor, tampouco os contendores aspiravam à paz, mas é sabido que lá pela madrugada o cozinheiro entregou os pontos.

Nesta mesma hora, a gente da equipagem e da mareação se fez a postos. Na longa espera, muitos viajantes preferiram dormir no interior das em-

barcações, sobre as cargas. Às cinco horas, os pesados canoões, de doze a dezesseis metros de comprimento por um metro e meio a dois de boca, estavam totalmente ocupados pelos seus passageiros, famílias com numerosas crianças, prisioneiros, soldados, animais. Findara-se a última madrugada em que se marcaram as horas pelos cantares do galo; dali para a frente, restavam por vir os pios sinistros do urutau, cerca da meia-noite, o resfolegar das onças caçadoras dos incautos e os sustos dos abantesmas do Tietê.

As despedidas oficiais se realizaram às sete horas, no interior da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraitaguaba, após a missa. Aguardaram no porto as embarcações monçoneiras, abastecidas e perfiladas, enquanto a nau Capitânia toldada de vermelho ostentava a bandeira larga das armas do Rei de Portugal, assinalando a natureza da missão a que seguia.

A convite do Sargento-mor de Cavalaria D. José de Macedo, que representava o Morgado de Mateus, os interessados desceram, sob forte emoção, a rampa do porto: o clérigo e seu acompanhamento, as autoridades, os oficiais militares e seus subordinados imediatos, alguma musicaria. Era junto ao Anhembi, sobre o barranco, que se formalizava toda partida monçoneira, cumprindo-se a ladainha de Nossa Senhora, debaixo de grande fervor, ajoelhados os viajantes, súplices pela graça misericordiosa da própria vida.

Havendo sacramentados, cada um per si aceitava o desafio do desconhecido, resgatando a própria natureza, fervorizando ainda mais a despedida do último fulcro de civilização da América portuguesa, nos limites da terra paulista. Ao benzer, uma a uma, todas as embarcações, o sacerdote enfatizava: — Senhor Deus, cumpra-se a Vossa vontade dentro da Vossa misericórdia! — Ao insólito alarido das araras, uma única voz ecoava acima da penedia: — Amém! Amém! Amém!

Em cada nau, a gente da maréação e da equipagem mantinha-se ajoelhada, as pás dos remos arvoradas para a linha de oração, até o sinal definitivo do proeiro. Postos em pé os mareantes cruzaram e descruzaram os remos, como mandava a tradição, até que às oito e trinta horas, o Guia obedeceu ao aceno do comandante, procedendo à largada da Capitânia para o meio do rio em busca do canal. Salvou-se da água, repetidas vezes, havendo correspondência em terra com ronqueiras e trabucadas.

Dos três portos conhecidos na bacia fluvial do Tietê, em Sorocaba, em Piracicaba e em Araraitaguaba, apenas neste costumava-se festejar com muito brilho a partida das monções para o Centro-Oeste e Sudoeste. Era sempre assim. Em terra ouviam-se uns arrepios de viola afogados pelo pipocar das espingardas, enquanto o povo das naus orava fervorosamente. No derradeiro adeus, salvava-se por três vezes a Nossa Senhora Mãe dos

Homens, a Nossa Senhora da Penha, ambas de Araraitaguaba e a Nossa Senhora da Candelária de Outu-guaçu. Depois, as naus se moviam...

Guardada a necessária e cautelar distância de cinqüenta braças, uma a uma, sucessivamente, largaram as trinta e seis embarcações, todas bastante vitorizadas do barranco. Em pouco tempo, operava-se a correta formação monçoneira, dispondo-se o dilatado cortejo ao longo do rio, havendo a nau Capitânia por conduzir a marinha em seu destino incerto na fronteira sul americana. A vôo do pássaro que esgarça a cerração da manhã, ver-se-ia belíssima frota a deslizar o Anhembi no rumo da barra do Piracicaba.

Naquela partida, um piedoso caboclo ao rés d'água, houve por vitoriar ao Divino Espírito Santo, o Consolador prometido por Nosso Senhor Jesus Cristo em suas andanças por este mundo de lágrimas. O acompanhamento da viola caipira ao seu cantar em falsete como fora ensinado, dois séculos antes, pelos jesuítas do Colégio de São Paulo de Piratiranga aos curumins e piás do planalto, arrebatou os corações emocionados. Ninguém ficou sem chorar ou de repetir o refrão: *Ãhé, ãhé, ãhé ê ê ê ah, Consoladô bendito/Cumpridô das promessa di Jesu Cristo/ ãhé, ãhé, ãhé ê ê ê ah...*

Furtando-se ao arrependimento, o Alferes Veríssimo tomou a decisão que vinha protelando: — Chegou a nossa vez de retornar a São Paulo, teremos vinte e duas léguas a bom marchar, inda agora. Levante-se o acampamento, a postos Cabo Vicente.

— Menos um para escoltar o Arrudão, evadiu-se Félix Elói. Já se nos é dado por desertor, quem diria?

— Quiçá haveremos de encontrá-lo metido nalgum fuzo de botequim. Não dá para acreditar que um exemplar soldado de Cavalaria esteja se evadindo para um cemitério daqueles, feito criminoso.

João de Deus e do Diabo, que já andava nervoso à espera do amigo, intrometeu-se na conversa: — Ele saiu por aí, atrás d'algum rabo de saia, vai aparecer.

— Conformar-se soldado, esta madrugada o feijão já ia a pixé, quando deitei fartos cântaros d'água fria. Quem serviu o almoço, senão vosmecê?

— Deixasse ao menos os condimentos de cozinha! — ruminando a indignação pelo companheiro de tantos anos, o soldado inconformava-se com a atitude leviana de Félix Elói.

— Já tenho visto muita cabeçada na vida por coisas do coração. Vossa mercê, que é dado a menestrel, deixe de ser resmelengue. Ora, pois! Abaixo as carpiduras, entoe uns versinhos alambicados em honra da paixão do cozinheiro da Conduta por Andreza Tomba-Homem, é o que de melhor se pode fazer.



— É só um transtorno passageiro, inda pode retornar...

— Quall! — O Cabo de Esquadra Vicente Peixoto era homem vivido, tinha idade suficiente para servir de pai de todos aqueles moços, preocupava-se com eles. Ninguém lhe faltava com o respeito, mesmo nas suas observações mais indiscretas. Olhando para Veríssimo, que cavalgava ao seu lado, cismarento: — Vossa mercê desconsidere a aleivosia, já era causo previsto. — Como não obteve resposta, perguntou-lhe a baixa voz: — Acaso o meu Alferes também não perdeu o coração numa daquelas canoas, rio abaixo?

— Não poderia, Peixoto. O meu coração já não o tenho, atirei-o no mais profundo do Tietê.

Denunciando-se, Veríssimo lançou um último olhar para o espelho d'água do Anhembí, ao fundo do vale, a imagem de Pituca figureira lhe queimava na lembrança daqueles dias. A síntese das suas carências afetivas, pela paixão que não gozou e o amor que perdeu, doía-lhe na alma, mas a decisão fora tomada a frio como convinha a um soldado de S. Majestade de Portugal.

Continuamente repassava os primeiros encontros e o jeito gostoso com que ela descansara a cabeça em seu peito, quando a arrebatou para a cela do seu cavalo no caminho de Outu-guaçu, e lhe segredou: — Eu a quero, minha flor! — Deixara-se levar pelo sentimento que aguçou os desejos, intencionou coisas. Fez projeto que se desconcertou. Rápido e cruelmente, quebrara-se o encantamento. Malgrado a bastardia, o manuscrito dava-lhe por filha de um representante d'El Rei, valia por escudo, que Iacri sacava da canastrinha quando indispensável. Ambas as mulheres haviam se juntado à Conduta, fora seu guia o renegado Marcelino.

Na última tarde, em que observava Pituca a cantar os versos junto das suas figurinhas de barro, os olhos de ambos sorriram a distância. Veríssimo não resistiu, enlaçou-a pela cintura outra vez e a trouxe para junto de si, como quem colhe precioso fruto. Sentira a correspondência afetiva pelo toque caloroso das mãos, pela vibração dos corpos a promessa de que havia entre ambos um mundo por descobrir. Não bastava percorrer os arredores do porto, até onde levassem as patas do seu cavalo ou trocar palavras doces... Era muito pouco diante do muito que se podia fazer antes da despedida.

Há momentos em que cedem as intenções ao dever imperativo, não há como resistir. Um beijo amoroso na face, correspondido por meigo sorriso, foi o que restou para iluminar os corações e crucificar a saudade. — Devolvo a filha, como é do vosso gosto — dissera à Iacri, que aguardava em tensa expectativa. Separados por um universo cultural, Veríssimo seguiu para São Paulo e Pituca para o Yguatemi, perdidos um para o outro. Naqueles e em outros tempos, pouco valia o amor de um homem por uma mulher.

No mês de abril, com o rio ainda cheio, navegava-se as quarenta e duas léguas, que medeavam o porto de Araraitaguaba e a barra do Piracicaba, em quatro dias e meio, enfrentando-se com galhardia diversas itaipavas e jupiás, algumas cachoeiras de pouca monta, salvo em Pirapora de Curuçá. A jornada variegava entre nove e onze léguas diárias, excetuando-se no segundo dia, quando o rendimento caía pela metade devido aos percalços do mofino varadouro. Aí desembarcava-se o pessoal que passava a marchar por terra, aliviava-se de meia carga as naus e os mais hábeis práticos da navegação atiravam-se com elas sobre o canal e as ondas.

Foi justamente neste segundo dia, que se descobriu o clandestino encafuado junto ao trem de Sua Majestade. O Ajudante de Ordens Theotônio José Juzarte que lhe deu trato de desertor, pensando em recambiá-lo para São Paulo no dia seguinte, condeou-se das lágrimas de Andreza. Esta somente assossegou quando o comandante mudou de idéia, após a ceia. É que Félix Elói apegara-se com a Santa Providência que lhe forneceu das águas esplêndidas do Anhemi troncados pacus e pintados, que assou na brasa sobre as telhas de argila, por inspiração de São Benedito, o seu protetor.

A ceia inigualável, servida debaixo de monumental jequitibá, teve efeito surpreendente: bocados da delicadíssima iguaria, distribuídos com muito humor beneficiaram os enfermos, deliciaram as crianças, dobraram a vontade do bom Juzarte, que, mesmo atribulado com o insucesso de um soldado que se perdera na mata, não resistiu à gula. Naquela noite o casal foi dormir sacramentado por Frei Antônio do Rosário, porque o Morgado de Mateus queria tudo às direitas, mesmo naquele longínquo varadouro da cachoeira de Pirapora. Vasos de eleição, foram postos em segurança e respeitabilidade no caminho da Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e São Francisco de Paula de Yguatemi!

A barra do Piracicaba era lugar paradisíaco, parada obrigatória para descanso e preparo da etapa decisiva no rumo do Paraná. Confundido com água-mãe, o afluente entrava com solenidade geométrica pela margem direita, havendo por efeito uma vasta baía interior, onde não faltavam diversões, porque o local era repleto de caça e excelentes pesqueiros. A partir daquele ponto o Tietê tomava foro de grande rio, de gigante paulista desafiador dos sertões interiores. Se a mata ciliar, parcialmente, velava o relevo avantajado dos morros de Araraquara e Ubutucatu, cujos pontais se avistavam a distância, a agulha substituída o faro dos extintos tupis, não permitia dolo em assinalar os rumos Leste, Les-Nordeste e Sul.

As monções que desciam o Anhembi nunca deixavam de encontrar no local o Diretor Povoador Antônio Corrêa Barbosa e seus homens, habitantes de uma povoação situada rio-acima, ao pé do formoso Salto de Piracicaba. Mediante a hospitalidade daqueles piracicabanos, podiam abastecer-se de muitos gêneros do sertão: canoas, farinhas, feijão e triagas milagrosas preparadas na loca de pedras por Ypié, a puçanguara. Ali concertavam negócios, trocavam informações e, não raro, algum cantador de viola fincava-se a atirar desafios, outro dedilhava a louvação do Divino Espírito Santo.

Barbosa já provara ser bastante animoso na instalação daquele povoado, dois anos atrás, e muito competente na fatura das melhores canoas que se tinha notícia na navegação do Anhembi. Era voluntarioso, ninguém lhe mudava as idéias. Aparentando obediência às ordens superiores, fundou para a sua conveniência a povoação próximo do Salto do Piracicaba desprezando a indicação da barra. Havendo de assistir e povoar o Anhembi, preferiu instalar uma feitoria na Boa Vista, a partir da qual policiava os dois rios, assistia às monções, navegava dezenas de léguas, numa incrível atividade, coadjuvado pelos seus caboclos e carijós. Era sabido que não tinha papas na língua e que muita gente já sentira a força do seu braço. Guardava o mérito por saldo e, não havendo como dobrá-lo, tornou-se homem da inteira confiança do Capitão General.

— Não troco o porto do Piracicaba pela barra! Aqueles janotas e peralvilhos de palácio, o que entendem do sertão? A povoação deve existir onde há madeira e estaleiro, é com estas canoas que pago os empréstimos dos capitalistas mancomunados com o poder e abasteço as monções de Araraitaguaba. Milagres desse quilate, nem o meu padrinho Santo Antônio!

Observando as magníficas embarcações trazidas de Piracicaba, Juzarte não resistiu à exclamação: — Nunca vi melhores! Dize-me, Barbosa, quanto custa uma destas?

— Depende. Nua, saída do estaleiro, vale setenta mil réis. Apetrechada, na arte e no capricho, dobra.

— Desces o rio com a minha expedição?

— Não posso, sigo a negócios para Araraitaguaba. Para vosso conhecimento, conduzo as três canoas faltantes.

— Finalmente, o acerto das antigas contas! Passei apertado constrangimento junto aos vossos credores. Eram sete as canoas indispensáveis para o uso do Capitão André que prometeste entregar em outubro do ano findo.

— O amigo há de convir que prontificar tantas canoas no prazo de seis meses é pesado sacrifício para minha pouca gente.

— Iam tão mal-interpretados os desconcertos deste negócio que o Morgado de Mateus me forçou a intimar-te para o fim de abreviares aquela fatura.

— Valha-me, meu santo padrinho. O que mais hei de fazer? Policiar o rio, ter de assentar aquelas famílias de vagabundos, prisioneiros e degredados em locais estratégicos da barra, em Avanhanda, em Itapura. Assistir às monções, tocar o progresso de Piracicaba... tudo às custas de canoas é...

— Os teus credores em Itu e Araraitaguaba reclamaram...

— Encalacrei-me de dívidas para satisfazer as exigências do Morgado de Mateus, os gananciosos que esperem. Estou a saldar os malditos empréstimos, o que me queima o juízo é que todos acabam por recheiar as algibeiras com os trocados do produto de Piracicaba. E a mim, quem me paga?

— Eu te pago, Barbosa. Aqui estão os quarenta mil réis pelos gêneros e puçangas.

— Arre, ao menos o amigo do Rei!

Deixando o porto de Araraitaguaba para trás há uma semana, incluindo-se o dia e meio de quebra na barra, a monção avançou, decididamente, pelo Anhembi. Largados às onze da manhã, percorreram-se sete léguas de rio até às dezessete e um quarto, depois de um dia calmo de perfeita navegação.

Félix Elói entregava-se de peito aberto à aventura que jamais sonhara, a inimaginável experiência de partilhar numa rede, sob cortinado, os fogachos da sua mulher e de colher as bem-aventuranças dos seus próprios dons junto aos temperos culinários e aos petiscos extraídos do rio ou da mata. Comunicativo, simpático, fazia amigos, servia aos necessitados. Acabou aceito, sem reservas, pela comunidade monçoneira, que marchava, como os filhos de Abrahão, para um destino de sofrimento no rumo da sua terra prometida.

O Tenente de Aventureiros Bento Cardoso de Siqueira e o sertanista Francisco Paes eram personalidades interessantes, que não refugavam conversa ao pé do fogo. Prosa vai, prosa vem, Félix Elói pressentiu a ansiedade de ambos pela descida do Anhembi.

— Indo as canoas bem remadas, em vinte e cinco dias de jornada haveremos de topar com o Rio Grande Paraná. São quarenta e seis cachoeiras e itaipavas, juntando-se os saltos de Araracanguara, Avanhanda e Itapura. Vossa mercê há de conferir.

— O que se pode fazer diante deste perigo, meu Tenente? Já tenho o sangue a gelar-me nas veias.

— O Guia Paes já contou cento e trinta léguas entre o porto de Araraitaguaba e a barra do Anhembi no Paraná, coisa fácil em estirão de rio

limpo. Só que estas águas escoam por um estrado pedregoso que a cada momento aflora em canais fragorosíssimos, pondo a perigo a sorte da monção, arrebatando o fundo das canoas ou despedaçando tudo o que encontra nas itaipavas, nos bariris e nos outus.

— Mecê sabe rezá? — interpelava Francisco Paes. — Num tem otro jeito, é confiá nos home da mareação, nos piloto, nos proeiro, na força dos braço da bugrada í s'integrá pros santo da vossa devoção.

No amanhecer de vinte de abril, levantando-se o pouso para o segundo dia de viagem, após a barra do Piracicaba, Félix Elói observou que se retiravam as algemas dos recrutas da praça do Yguatemi, desamarravam os braços e retiravam as calcetas dos condenados. — Por quê?

— Num tem mai prá donde fugi, depois de Potunduva. Fugi prá quê? Só se fô prá caí nas goela das sucuri ô nos bucho darguma pintada.



## Os Rumos do Sertão

— A última praia de atracação em Rio Povoado!

Olhando o Anhembi e a mata ciliar, a perscrutar-lhes a intimidade, o Tenente de Aventureiros Bento Cardoso da Siqueira falava mais para consigo mesmo: — Vai ser dificultoso sustentar a dilatada raia do Gatemi naquela grandíssima distância.

Desabafos de oficiais em trânsito sempre desandam em política e nunca terminam sem resposta, principalmente da parte de um interlocutor como Theotônio José Juzarte. — El Rei, D. José I, que Deus guarde, sabe o que faz.

— Vossa mercê não ignora o quanto estes homens da Corte, fofos de tola vaidade e arrogância, se ensandecem de inveja dos nossos paulistas.

— Estás a te referires ao Morgado de Mateus, ou ao Conde de Oeiras? A ambos, ou ao finado Gomes Freire, que barrou os paulistas? Sei que o velho ódio não cansa, mas a Capitania está restaurada.

— A todos aqueles que têm as suas prepotências nestes Brasis Meridionais. O Conde de Azambuja recebeu notícias frescas da Colônia do Sacramento e não esconde a preocupação porque em Buenos Aires se montam grandes preparativos de apoio a Carlos Morfe, que assumiu o governo do Paraguai.

— Sei que a coisa vai esquentar no futuro. Haverá maior evidência que o pesadíssimo trem de artilharia de Sua Majestade disfarçado a meio dessa multidão, que estamos a conduzir à Praça dos Prazeres?

— Algo nesta marcha me avisa que as malditas parcas vão dar início à colheita... A Capitania foi restaurada com sinistros propósitos, a ninguém é novidade.

— Com tantos partindo em artigo de morte, mercê daquela corrupção apanhada em Araraitaguaba, não me espanta se, dentro em pouco, começarem as consumições.

— É cedo para começar a contar os mortos... sabeis que devemos nos consolar com a Santíssima Vontade. - A um resolutivo sinal liberou a ordem que foi repetida em estribilho por todos os pilotos da monção:— Marchem as canoas!

O Ajudante de Ordens, Theotônio José Juzarte, seguia na nau Capitânia, acompanhado do seu pequeno Estado-maior. Levava por Guia da Monção a Bugre Velho, o segundo Proeiro-mor do Capitão André Dias de Almeida, navegador tão respeitado quanto o França, talvez mais severo na disciplina da navegação, poucos lhe desconheciam o timbre da voz. Era um mestre na sua arte e um especialista nos rumos da Bacia Platina.

O Guia era a personalidade que mais se arriscava ao perigo. Da proa da nau Capitânia, mantinha em segurança toda a monção, porque pilotos e proeiros lhe obedeciam cegamente. Tinha lá a sua chibança, porque a sua voz era lei, porque guardava em seu poder as chaves dos caixotes das carnes curadas, das frisqueiras e dos espíritos. A intimidade do sangue índio e a própria fealdade física valeram-lhe o apelido, pelo qual atendia, reservadamente, aos que lhe assistiam de perto — Bugrinho, Taçuira e Araçaí, mestiços do gentio caiapó, também excelentes práticos do sertão.

Ao todo trinta e seis naus, apartadas umas das outras, cerca de cinquenta braças, desciam o Anhembí no rumo do Rio Grande Paraná. Com boa linha de flutuação, um palmo abaixo da bordadura, as cargas dos batelões não excediam a trezentas arrobas. As canoas eram mais ligeiras. Naquelas concavidades abertas nos grandes lenhos monóxilos da floresta seguiam, dispostos em grupos de dezoito a vinte, todos os matices do Terceiro Estado: famílias de povoadores, sítios volantes, bandidos, recrutas, soldados das tropas pagas, marafonas e párias, acomodados sobre as cargas. Na proa e na popa perfilavam-se os homens da navegação e da equipagem.

— Escravo tem língua comprida, D. Brás. Considere vossa mercê que o Adão, metendo-se lá com as fadistas, nos tem a dizer coisa que valha, antes que se monte em pedra do escândalo.

— Pois quê? Ó Adão, onde te enfiastes ontem à noite? Fala ou lhe atiro aos restolhos, inda agora.

Adão parecia amuado, espremido entre as bruacas do sal, ficou branco, quando o senhor lhe pespegou o cangote. A muito custo abriu a boca, só, por haver sido denunciado.

— Maria Farinha tá dizeno qui suncê num tem outra coisa debaxo do capote, é tudo ropeta verdosa...

Sem disfarçar o riso, Hildebrando procurou ajeitar. — Desolante estopada! Deves completar o que foi dito, criatura.

Não podendo atirar-se n'água, Adão afundava-se mais e mais, entre as cargas, ao repetir o baldão: — Tá membeca.

— Aquela fadista depravada... ainda, empalpou-me uns vinténs! Ah... como por aqui tudo é diferente de Portugal!

Tinhoso era aquele rio dos paulistas. Com oito homens de marcação e equipagem por canoa, reservava-se um espaço maior, junto à proa, para ali posicionarem-se o proeiro e os remadores, alojando-se o piloto na popa. Lotada a nau, conjugando-se todo o tipo de esforços, auxiliados por remo ou varejão ferrado, associando rara habilidade a faro instintivo do perigo, metiam-se pela madre do rio, rompiam os outus e os bariris, sirgavam. Persistindo os tropeços, atiravam-se como flechas sobre as itaipavas. Só retiravam as embarcações das águas para os varadouros terrestres, diante dos monumentos intransponíveis da natureza, os Saltos de Avanhandava, Araracanguara e Itapura.

O piloto na ré, com o grande remo para efeito de leme, mantinha a direção, olhos fixos no rio, desviava os destroços, afastava-se das pedras, sondava a profundidade das águas, o proeiro sincronizava as remadas com as batidas do calcanhar. Tudo com rara proficiência. Tirante alguns caboclos livres, os escravos negros e índios compunham o corpo dos remadores, de pé, sincronizados, debaixo da férrea disciplina. A menor novidade pela frente, o Guia repassava, de nau em nau, aos seus homens da marcação e da equipagem. As monções de Bugre Velho sempre chegavam a bom termo.

Indo bem remadas as Canoas, desatavam as serengas em falsete. com o seu lúgubre melódico, seus versos ininteligíveis num dialeto estranho, monotonicamente repetidos. Adoçavam as agruras da marcação. Os monçoneiros tinham à vista a impressionante floresta subtropical do Médio Tietê, com os seus colossais padrões e as suas margens sazonáticas. Para rebater as febres, congionhava-se a bordo, mas as sevandijas eram mal sem remédio.

— Por uma cólica ventosa! Antes que nos chovam aranhas em lugar dos escorpiões, acautela-te, Andreza.

D. Brás de Carvalho e seu escravo Adão, o ex-frade Hildebrando, dona Brígida Anhaia e seus filhos, Maria Pituca e Iacri, Andreza e Félix Elói seguiam na velha canoa ximbaúva, ao comando de Taçuira. Pequeno toldo de lona sombreava as mulheres, deixando o sol negacear, dentre as franças do arvoredo, as cabeças descobertas. A desgraça de tantos era felicidade para o desertor da Cavalaria, tinha a mulher amada e a aventura em seu destino.

— Deixa a luz me lamber, sou filho da natureza.

Mal pronunciara o idílico rompante, violento impulso, em pleno estirão do rio, jogava a canoa contra os escolhos. Era de estranhar que as primeiras naus houvessem passado incólumes. Fosse pelo nevoeiro da manhã, fosse por algum tropeço da marcação, Taçuira perdeu-se nas manhas do rio, a tripulação



assustou-se e a ximbaúva adernou um pouco para a direita, falseando o prumo. Ao segundo tranco, atirou uns sobre os outros. Piorejando estas inconveniências, sucedeu a batida, de frente, contra o rochedo aflorante do talvegue, lançando-se um corpo à beira do canal.

Félix Elói mal se apercebera do que ocorria. Em segundos fatais, viu-se lançado sobre as pedras, resvalava por elas sem se agarrar a coisa que valesse, acabando por ser arrastado ao canal que puxava muita água. Entre golfadas e tensa respiração, lutava, tenazmente, sem se dar conta do tempo nem das circunstâncias, acoutado pelas miseráveis parcas, que sempre costumam agir de mão encoberta. Já experimentava certo alentecimento, quando braço de ferro o enlaçou, à altura do tronco, puxando-o para a superfície, em sobre-humano esforço.

Por concurso da Divina Providência, outros punhos o retiraram das águas, resgatando-o para a nau, a meio do torvelinho de espumas e pedras, dos gritos de Andreza e geral perturbação. Botando muita água pela boca, afogando-se e tossindo, respiração embargada, foi recuperando a consciência debaixo do par de olhos verdes. Apegou-se a eles como se fora chegado o dia do Juízo Final.

— Por poco mecê m'iscapa. Num fosse Tote, mió nadadô que Taçuíra, mecê tava co' as mãe d'água que viero a percurá home.

— Ai, minha bela, quase me perco naquele torvelinho, o que seria de ti? — tomando-lhe as mãos, pôs-se a beijá-las, entre copiosas lágrimas. — Pelos mistérios do Sagrado Lenho!

Aquele insucesso, mal iniciada a marcha, colocava à prova os nervos do inexperiente nauta, improvisado em apaixonado noivo, sem deixar de ser entretenimento aos integrantes da monção. Arrepiado, até a alma, conjurando o frio que avassalava a pacuera, vertendo pela espinha, Félix Elói aconchegou-se a sua Andreza, agarrou-se a ela, sob pena dos comentários. Quando uma mulher, que sempre buscara a sua paixão, acaba cedendo à escolha definitiva, não há o que não faça ou deixe por fazer, lutar e viver têm novo sentido. Por aquele homem Andreza estava disposta a tudo.

Prontificadas as canoas, uma a uma, foram passando debaixo da sujeição de Bugre Velho, pelo fragosíssimo canal. Do jeito que Taçuíra recebera a sua parte na responsabilidade do acidente, Félix Elói esperava por uma drástica advertência.

— S'aquiete o amarro mecê de cambota nos trem do Rei.

— Ó meu proeiro, não se trata de frouxidão, o Anhemi é por demais tihoso, não se parece em nada com o Mondego. — Percebendo que a intervenção conciliadora era de pouca valia, D. Braz apelava à sensibilidade do caboclo.

— O Anhembi é via celerata que haveremos de perlustrar com nosso ânimo e sofrimento de injustiças.

A indiferença do Guia dava a medida da irrelevância da observação. Surdo, também ficou ao apelo de Hildebrando, sequer dispensou-lhe o recorrente ahé dialetal.

— D. Brás disse convenientemente. Parece que do nosso sofrimento outros vêm a fervorizar no Real Serviço de Sua Majestade. O companheiro acidentado carece de se refazer, mestre proeiro.

Sensibilizado pela explícita solidariedade, Félix Elói resignava-se: — Lastimo que Vossa Paternidade e D. Brás tenham lá as suas quizílias na vida e as mais fortes razões nesta demanda do Guatimi. Eu não vejo como me consolar com a sorte, vim por meus próprios pés... e por amor a uma mulher.

Não havia clima para autopiedade nem para questionamentos íntimos. A um efetivo sinal de Taçuira, retesaram-se as zingas em substituição aos remos; outro canal fragoso deitava súbita velocidade, ondas bravas e balanços ameaçadores, em plena correnteza, faziam arremessar os corpos de uns contra os outros. O Anhembi retornava aos seus velhos caprichos, sem prévia advertência, sem-cerimônia.

— Agarra-te, Andreza!

A cada impacto no estrado pedregoso a canoa ameaçava espatifar-se, expelindo os tripulantes em plena cachoeira de Potunduva. A violência inaudita, pelo muito que puxavam as águas para as pedras soltas, ora abaixava a nau, estremecendo-lhe a estrutura, ora jogava os companheiros de destino para todos os quadrantes. Era fechar os olhos e apegar-se ao Santo Lenho.

— É rio sujo de pedras, todo ele. Valha-nos a sorte!

Ruído atemorizante das águas, aqueles ressolhos característicos combinavam-se aos gritos dos monçoneiros, agudos como sinos, numa estranha musicaria de acompanhamento ao precário equilíbrio dos remeiros! Proeiros e pilotos, em trabalhos esforçados, desviavam aqui e ali das pedras, dos rebojos, dos destroços flutuantes, vazavam ondas, resvalavam potentes funis.

Da fúria apavorante da cachoeira de Potunduva, Félix Elói safou-se com o coração aos saltos, suando frio. A cada forte impacto a vista se lhe escurecia, o coração disparava, já se antevendo em artigo de morte no fundo do leito pedregoso, pressentindo a massa líquida a engolfar-lhe os pulmões. Debatia-se em pavorosa expectativa, da qual Andreza se incumbia de trazê-lo à realidade mediante branda advertência: — Seje forte, nhô Félix, tamo avançano.

— Pelos mistérios do Sagrado Lenho!

— Só quem passa por Potunduva sabe o que é medo — convinha Hildebrando. — Prossigamos em oração a Nossa Senhora do Carmo, muita fé, companheiros.

O Anhembí era incorrigível; nem bem se vencía um obstáculo, outro perigo se lhe acometia. Tendo à vista nova cachoeira, faltando pouco para as onze horas, a um sinal de Bugre Velho as naus foram embicando na margem esquerda. Vinham bem remadas, justificando o pouso do jantar. Quem as visse assim aprestadas, perfilando-se tranqüilamente na praia de atracação, podia descrever que a próxima passagem, Ibauru-guaçu, era tida como verdadeiro dia de juízo.

Mal acreditando que chegava a salvo, D. Brás comentava para o amigo: — Entendo pouco deste riscado, mas pela cara do Taçuira, estivemos por um triz em Potunduva. De nada vale maltratar o Anhembí com palavras injuriosas, como fazem Treme-Terra e Gonçalo da Cruz, castigam-me os ouvidos as suas blasfêmias.

— Redimir-se sem vexação e libertar a fé de cada um, parece o que melhor nos convém em meio dessa penitência.

— Melhor seria acabar a guerra e resgatar do perigo castelhano a Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Gatimi.

— Aquilo é grandimania de um furioso — assoprava baixinho o Tenente Bento Cardoso da Siqueira. — Dói-me a consciência conduzir esta gente para a morte...

Os monçoneiros chegavam tão alquebrados, que a preço do mais sério esforço saltavam em terra, alguns mal podendo apear-se, outros passados a braços tombavam em seguida. Nem bem se refaziam, eram coagidos a roçar o mato, jusante ao barranco, a fim de montar o pouso, pois carecia de acender o fogo e preparar a janta. As mulheres lá se aviavam como podiam — choro de criança não deixa esperar!

Dona Maria Inocência do Céu, a bela esposa de Sizenando Corrêa se achava grávida, as coisas não corriam bem. Havia muita gente enfermada, desde Araraitaguaba, alguns em artigo de morte. Mulheres emprenhadas, outras prestes a parir... Todos traziam as roupas encharcadas, chegando famintos e mal-humorados.

Agarrada ao caboclinho Mandi, preparando para se abarrancar, Maria Farinha ajeitava a chinela e a saia encarnada de sufulié. Refazia-se dos próprios sustos, até que bateu os olhos na multidão faminta e enfermada, a ralé do Terceiro Estado que lhe vinha pedir o que comer: — Mi valha, Santo Onofre!

— Dizes bem, mulher, ao apelares para o santo viajeiro, tenho contas a acertar contigo.

— S'arredí pra Portugá, cunheço as ladainha.

— A dizer coisas galantes, prefiro lhe arreentar as fuças, pelo que me caluniastes...

A intenção ficou no ar. Babilônia acenou para Zico Chorão e este desceu ao barranco com a faca alumando entre os dentes, sanhoso. Mostraram as caras Clemente e Bicudo...

— Mecê num passa dum pé fresco alevantado... s'arredí, tenho genti inocenti pra assustentá.

Mulata fusca e bem empernada, Maria Farinha costumava exhibir, nos momentos de bazófia, a cicatriz de um P que lhe haviam plantado no traseiro. Era caso corrido de boca em boca, porque numa monção cada nau é uma oficina de novidades. Por haver castrado o autor da façanha, em certa noite malsã, carregava a fama de Maria Farinha de Pau ou de Guerra. Pois foi o que exhibiu, à luz do dia, entre safados e soldadesca, debaixo de geral aprovação. — Peiú!

— Neste sertão falto de justiça e qualquer provimento, ainda hei de suportar tão horrorosos insultos. Ah... como no Brasil se desrespeita, impunemente, um fidalgo de Portugall!

— Por uma cólica ventosa... é mesmo de sarapantar! — Mal se sustentando nas pernas, Félix Elói abraçou-se à Andreza e nem protestou quando ela o deteve junto ao fogo, saindo para atender outros doentes.

Quem podia comprava em Araraitaguaba alimento especial a preço altíssimo: gordura, carnes curadas, farinha. A refeição parecia-lhe convidativa, só não conseguia deglutir os bocados presos na garganta. Doía-lhe o corpo, tinha por estômago um colossal vazio, tremores da alma ameaçavam gelar-lhe o sangue nas veias.

Emplastro de linhaça canforada no peito e um bom escaldapé com raízes de conabi, puseram-no a suar quente, aos bagos. Para estabelecer a disposição e afugentar o defluxo Andreza serviu-lhe umas congonghas brandas de salsaparrilha, um pouco de urucum e catuaba. Tamanha solicitude recuperava-lhe o corpo, mas sem afastar o desânimo.

— Mecê bebe a mezinha... de um gole.

— Se acaso, Deus for servido a me levar desta vida, por me fiar tanto n' Ele, deixo a vosmecê o meu nome, com todo o afeto que um homem jamais sentiu por uma mulher.

— Eh! Mecê tá pareceno macho castrado, nhô Félix. — Mas já arrependida, por ferir-lhe a sensibilidade, Andreza mudou de estratégia. Olhou-o na alma, afagou-lhe a têmpora para, em seguida, deitar aquele belo sorriso

enfeitado, que o maninha cativo, desde o primeiro dia. Cheia de imposturas, escorreu a mão pelo pescoço, estendeu-se na esteira e trançou os dedos nos pêlos do peito do marido. Achevou-se mais, descansando a cabeça no ombro e, meiga como criança, sussurrou-lhe ao pé do ouvido: — Mecê seja forte, inda temo muito que navegá. — Transbordando em carinhos, encostou-lhe a face para dizer coisas da sua intimidade, palavras que não se perdem porque prenunciam o que está por acontecer.

Se Maria Farinha pedia aos caboclos que buscassem, a toda a diligência, munição de boca, partiam, sem falência, atrás dos recursos da mata. Em tais circunstâncias, eram useiros e vezeiros em trazer especiarias pouco recomendáveis, içás, lagartos, arumatiás de pinta e corós de pau podre, cobras, porém, sempre acertavam um picador para caça mais nobre, reservada aos enfermos. Era gente que sabia tirar partido das suas próprias agências.

— Liger co'as munição de boca, só num quero porcaria do mato. Basta os grude di nhô Rei.

— Taçuira mandô cuzinhá os cará e os vacuri.

— Premero as carne dos duente. Quem tá cum saúde ispera as variedade.

A determinação de viver montava expectativas quanto ao grupo. Após a refeição, sempre acontecia sobrar algum tempo para se tirar uma pestana ou ensaiar uma querência. Se ocorria disputa pela mesma mulher, sortiam brilhos de facas ou pauladas, mormente se fosse entre bugres e negros, entre cabras insolentes e caboclos mal humorados. Em quaisquer entreveros, sinal de Taçuira ou de Bugrinho valia como água na fervura.

Aquela janta não teve o merecido descanso porque, mal clareava o dia seguinte, Bugre Velho determinava a todos os homens válidos a abertura do corredor no barranco para se proceder à varação. Às quatorze horas descarregaram-se as canoas e foi tudo transportado cem braços abaixo. Era operação desgastante a que ninguém escapava. Desciam as cargas por terra, arrastavam-se os enfermos, levavam a braços as crianças, vencendo os matacões e os atoleiros, esquivando-se dos bichos, das raízes, da galharia. Gritos lancinantes denunciavam as ferradas das aranhas ou dos marimbondos, gente se despia e se atirava n'água por causa dos carrapatos, era corriqueiro.

— Babilônia já tá metida no taiobá. Fartano gente na conferência dos nome!

— É mió do que ficá mandriano i a falá da vida aieia, come suncê — retrucava Maria Farinha, sempre dona da última palavra

— Pra quem gosta di passarinhá im campo de perdiz é muita inconvenença, mecê s'aquiete, qui já ando escanzinado di percurá as de vossa laia. A mareação num pode isperá.

Maria Farinha não deixava por menos. — S'aquiete suncê qui tamo farto d' intrumetimento. Mecê assiste lá cum seus sordado.

Valentim, que não deixava desaforo à postérvia, avançou com a mão em riste, boca desatando palavrões. Por contra-resposta, obtinha gritos e outros pesados insultos. Para fuzuês e charivaris daquela natureza, o Tenente Bento Cardoso se valia da antiga receita: — Homens de um lado, mulheres de outro. A propósito, quem estava a procura de Babilônia? Então não se pode nem prosear?

Sobre as águas, o espetáculo máximo da função dos práticos do Anhembi. Perigosamente equilibrado numa pedra, Bugre Velho orientava a passagem das naus, uma a uma. Homens nus, dobrando-se o número dos pilotos, o proeiro manobrava, desviando-se dos escolhos e das rochas, guiando-se pelo instinto e pelos sinais do Guia, um pouco à esquerda, um pouco à direita, até lançarem-se a meio da corrente, canoa e mareantes, precipitando-se como flecha em busca do trecho remansoso.

Embicava-se no barranco, de novo recarregava-se as naus e embarcavam os monçoneiros, reassumindo-se as fúrias do Anhembi. Paz, jamais. Meia légua abaixo, apontava à vista a cachoeira do Ibauru-mirim, tão arriscada quanto Potunduva. De nada valeram os apelos do Ajudante de Ordens Theotônio José Juzarte para efeito de se desembarcar os passageiros. Quase todos se viram pela hora da morte quando Bugre Velho decidiu-se a passar com tudo. Amém...

— Perigar vidas sobre o abismo das águas, ninguém barra aquele celerado? Agarra-te, Andreza, vamos embarcar... Valha-nos o Santo Lenho!

Outras cachoeiras estavam por aparecer, piores e mais medonhas. Em abril o Anhembi começava a perder volume d'água, não havia o que protelar. Taçuíra fazia ouvidos moucos às súplicas, metia a ximbaúva no canal e zarpava fazendo água por todos os lados, exemplando aos demais proeiros que lhe seguiam afoitos, sem dar trelas às carpiduras.

— Sempre penso haver chegado a nossa derradeira hora, D. Brás — confidenciava Hildebrando, rosário em mãos e a tremer nas juntas.

— É quando mais oro pela santa mãezinha que está a chorar por mim em Portugal.



## Bimbarras e Estivas

Agüentando os mil demônios e as fortíssimas pancadas no estrado pedregoso do Anhembi, chegou-se às dez horas do sexto dia de navegação, depois da barra do Piracicaba e doze dias de Araraitaguaba, a uma praia situada cem braças acima do grande Salto do Avanhandava. O estabelecimento daquele pouso exigia seriíssimos cuidados.

Bugre Velho mandava embicar e ajoujar, fortemente, as naus apartadas do despenhadeiro, porque as águas do canal puxavam com incrível violência. Descarregou-se tudo, inclusive o pesadíssimo trem de artilharia de Sua Majestade, para, no dia seguinte, varar-se por terra quatrocentas braças, num trabalho estafante a que ninguém era poupado, salvo as mulheres, as crianças e os caçadores em serviço.

Era a lei da Monção. Mas havia tantos enfermos em artigo de morte, outros tão prostrados, que o trabalho caía de rendimento e o pouso mais parecia uma enfermaria. Naquela sociedade de párias, escravos e livres precários, índios, negros, caboclos, brancos, soldados, famílias de povoadores e mulheres fadistas, desenvolvia-se estranha solidariedade grupal. Maria Farinha e suas companheiras assumiram positiva liderança, fosse pela paixão que despertavam nos homens, fosse pela prática de cozinhar os alimentos e de preparar as mezinhas para os doentes. Serviam as congonghas e as puçangas, assistiam sem receio da morte, indo de nau em nau oferecer os seus préstimos. A relutância e o preconceito foram vencidos quando delas se aproximaram as primeiras crianças necessitadas.

El Rei garantia uma dieta racionada de farinhas, feijões, gordura e alguma proteína animal, porém era o mínimo diante daquelas setecentas bocas para alimentar. Fruto das execradas derramas sobre as vilas e freguesias do Médio Tietê, as boas farinhas, as carnes curadas, as mantas de capados e os grãos eram distribuídos com enorme parcimônia, a exemplo do que se fazia com o sal e a pólvora, as frasqueiras de boticas e de aguardente.

Munição de boca também se provinha com os recursos da caça e da pesca, quando possíveis, havendo sempre prioridade para com os enfermos. Os índios e os caboclos se aviavam com as suas içás, acompanhadas dos vacuris, inhames e arumatiás, bastava sair a sua procura. Deliciosa iguaria eram estas larvas, de sabor acri-doce, gelatinosas e moventes, encontradiças nos velhos troncos apodrecidos, as quais se comia sobre folha de vegetais, *in natura*.

Os caboclos também degustavam estes petiscos da mata, particularmente quando aspergidos de vinagre e sal. Das Dores foi a primeira a se servir dos arumatiás; gostou da novidade a ponto de acrescentar variações à receita: temperou-os com mel de pau e uma pouca de farinha de milho, obtendo extravagantes e buliçosos beijus, que comia com sofreguidão, acompanhados de alguma jacuba. Era de se ver a hilaridade e a gulodice que provocavam nas crianças.

Todos os destroços da cozinha eram transformados em paçoca de carne, que se distribuía nos embornais para se remediar a fome durante a navegação, porque à medida que se aprofundava no sertão do Tietê, rareavam os caitetus, a boa caça se fazia presa dos especialistas, salvo quanto às catinguentas capivaras e as aves de pequeno porte. Em dias de carência, os caboclos não hesitavam em servir-se de animais exóticos: jacarés, lagartos, tatus e cobras. Estas nunca faltavam, bastava roçar o mato na hora de assentar o pouso.

As avantajadas sucuris não eram peçonhentas, mas davam enorme trabalho para abater. Turíbio e Neco Beato, exímios nesta coleta proteica, evitavam enfrentar o monstro em luta à beira d'água, preferindo abatê-lo quando se achava modorrando, com veado ou anta na barriga. Num jogo de astúcia e agilidade, atacavam-no a golpes de foice, azagaia ou enxada, decepando-lhe as extremidades do corpo, dois palmos para a cabeça e mais dois para a cauda, esvaziando-lhe as entranhas. Com cascavéis e jararacas, rasgavam-lhes os ventres num corte longitudinal que se prestava para arregaçar o couro, que se puxava pelo avesso, fazendo saltar um lombo nacarado, fremente, feito chicote. Com avidez, desfaziam-no em postas para serem levadas ao fogo direto, salpicadas de algum sal. Os piás lambiam os beijos!

Puxados as cargas e o trem de artilharia de Sua Majestade para a praia, Félix Elói ansiava por merecido descanso na rede, ao lado da sua Andreza. O que mais poderia desejar um desertor da Cavalaria? Já se aproximava a relaxar, quando viu-se distinguido com irrecusável convite da parte do sorocabano Francisco Paes: — Mecê vem?

D. Brás também fora aceito no grupo, desdobrando-se com plausíveis demonstrações de gosto e as mais distintas cerimônias. Mantendo a adaga por adereço na cinta, serviu-se de boa espingarda clavina. Partiram.



Não faltavam, junto ao poço do Avanhadava, os mais formidáveis pacus, dourados e surubis; bastavam alguns minutos de alegre divertimento de pesca, em pleno esplendor daquela natureza, para satisfazer qualquer mortal. Não era de se admirar que todos os homens válidos da monção, as mulheres e crianças se entregassem àquela atividade tão prazerosa. Andreza juntou-se, satisfeita, às suas companheiras e lá se foi de parceria com Babilônia, Das Dores e Maria Farinha, antevendo uma fabulosa ceia de assados na brasa.

A caça era atividade mais nobre e se prestava ao abastecimento das carnes vermelhas, indispensáveis ao consumo da monção. Francisco Paes era mestre caçador, figura indispensável naquelas expedições, ele, seus caboclos e seus mastins. Seguiu embarcado para o Paraná, porque a reputao de grande mateiro valeu-lhe importante missão por encomenda do Capitão-mor de Sorocaba, qual seja a de ajustar um picador que saísse do rio em direo  aquela vila, passando pelos campos da Faxina ou de Wutucatu. Buscava-se, ansiosamente, estabelecer a ligao terrestre com a Praça dos Prazeres de Yguatemi, por ordem do Morgado de Mateus.

Tais mateiros eram inexcedveis caçadores. De primeira linha eram os caboclos Venâncio, Tnico e o mais hábil deles, o qual pela sua forma exótica de calçar era chamado por Zeca Sapatranca de Pestana. Os demais eram quase bugres, ps nus, tez acobreada, cabelos escorridos. Guandu era o cachorroiro, tarefa difícil de desempenhar a bordo de uma mono dilatada pelo Anhemi. Os seus cães terra eram farejadores  distância e exímios perseguidores de caça grossa, acuadores e combatentes que não se arredavam em nenhum terreno, nem refugavam o perigo das pintadas.

— Para o caçador o ladrar dos cães  orquestra desafinada mas alvoroadora. Tenho saudade dos meus tempos de juventude, não se caa mais nos arredores de São Paulo, só na Serra do Japi.

— Nh Felix vai v. Nessi fundo di mundo num carece nem di t sorte.

Riso felino nos lábios, olhar aguçado, Francisco Paes estimulava aos gritos os seus cães, invocando-os pelos nomes: — Cativo, Colim, Gavião... uh, uh......eh! Eram sons de comando que obtinham a mais pronta resposta, decodificando-se os latidos em preciosas informaçoes sobre a distância em que se achava a caça ou o seu porte. Podiam denotar anta acuada nos barreiros, veados no cerrado, capivaras  beira d'gua. Eram ótimos cães, useiros e vezeiros na especialidade do seu senhor.

Naquela tarde, fosse pela pressa ou azar, a caçada não rendia. Nenhum veado levantou da sua querência, apenas umas poucas jacutingas, uns inhambues e alguns araguaris. Causou estranheza quando os cães se puse-

ram a ladrar diferente e Colim estacou no brejo, rabo encolhido, choroso, a fuçar as próprias patas.

— Eh! Tá na hora, sorta o Pombinho... avante Tónico, sem confusão c'os otro da frente! Óia a cachorrada, Guandu...pra riba, isforçado!

À primeira vista, Pombinho era um cão estúrdio e ximbeva, pouco farejador, amestiçado, porém tão indispensável quanto poupado das correrias inúteis e da negaça. Detectada a caça perigosa, primeiro chorava, depois investia. Em qualquer enfrentamento era sempre o mais valente.

— Tem onça tocaiada no capãozinho, às direita – cochichou Francisco Paes. — Vê o rabo murcho de Colim? Mecê mi acumpanhi, queto, mai embalado.

Alguns passos e lhes aparecia Zeca Sapatranca de Pestana, com ar de pouca novidade: — Si a braba alevantô di su querença, foi poco. Já devi di tá trepada prá iscapá dus dente de Pombinho. Si fugiu, num dianta cansá a cachorrada.

— Carma... inda é cedo pra sabê. Farta Pombinho dá aviso.

Em poucos instantes, o ganido choroso que precedia o ladrar enfurecido foi o prenúncio da luta que se travaria, em breve, num local determinado. Era o sinal definitivo. Chegando ao capão, via-se a cachorrada em coro diante de uma bela pintada que se acoutava no alto de um tronco. Os caboclos ataçavam, porque fazia parte do jogo encurralar a fera, cobrar-lhe a única resposta.

— Vicenço, pega a zagaia, sim pressa. - Quanto a Félix Elói, num ato de cavalheirismo e apreço, Francisco Paes concedeu-lhe a primícia. — Mecê atira.

Coronha fincada no ombro, olho na mira, atirou. Incontinenti, a pintada veio-lhe na fumaça, sem dar tempo para outro assucedido deflagrar, mas foi atingida, em meio do pulo, pelo azagaieiro solerte e pelo segundo tiro procedente do Paes. Triplamente ferida, estatelou o corpanzil, olhos latejando, sangue a verter do coração, da cabeça e do ventre.

— Bicho valenti morri lutano! – Olhando de soslaio para Félix Elói, como a conferir-lhe o sangue frio, completou: — Nassis causo num podi di tê erro de pontaria, se mecê refuga e tremi nas mão, tava eu aqui!

A caçada teria sido um sucesso não fosse o inesperado artifício que moveu o cozinheiro a abandonar o divertimento e retornar a toda a pressa para o pouso. Andreza viu-o chegar, em extrema aflição, prestes a se descontrolar.

— Ponho-me nu em porta de Igreja, venha me valer, ó mulher, em nome de Deus!

Já ameaçara atirar-se n'água, mascara fumo e cuspira na genitália, tudo em vão, diante do furor com que o atacavam os carrapatinhos caídos em colô-

nia sobre o seu corpo. Tirante as aranhas, os escorpiões e os marimbondos, as bolas de carrapatos eram um inferno demolidor de toda a paciência e composição. Até as mulheres se desnudavam, em desespero!

— Já vô, nhô Félix.

Pacientemente, Andreza pressionava-lhe o corpo com uma bola de cera, extraindo-lhe os incômodos visitantes, que às dezenas se instalavam junto às axilas, virilhas, abdome e genitália. A operação não era indolor. Atendendo aos gemidos, Maria Farinha apareceu com um tição fumegante e duas rezadeiras para ultimar a simpatia de fechar-lhe o corpo contra estes incômodos hospedeiros. O marido protestou, mas não houve como resistir. Lá ficou nu em posição de estátua a submeter-se à operação exorcizadora dos carrapatos e ao capricho das mulheres.

— Tá cum medo di quê? Já vi home tremê facir, mai cumu esse... é raro.

— Andreza, segure a mão desta louca... cuidado mulher!

Refeito da experiência desagradável, emocionalmente em frangalhos, o que mais aspirava era estender o cortinado sobre a rede, aconchegar-se a sua amada e dormir. Podia desejar mais depois de um dia daqueles?

— Mecê num careci di durmí, perdeu u gosto dus tempero?

Lá vinham aqueles olhos verdes, tão cheios de imposturas e feitiços, a lhe provocar. Félix Elói capitulou, parecia determinado a enfiar-se na rede, sem delongas nem entreveros, a assumir o risco de decepcionar a sua Andreza. Pois foi o que decidiu, em má hora. Tivesse descalçado as botas e seria a desgraça completa, pois ao tocar no mosquitoeiro acudiram-lhe o temido chacoalhar dos gizos e o impacto do ataque desferido no couro da perneira.

— Andreza, passe-me a foice! — Num átimo, fendeu ao meio o corpo da fera, enquanto, lívido de susto, desistiu de todo e qualquer projeto. Acercou-se do fogo, cismarento, um tanto alheado à sociabilidade do pouso. É que, satisfeitos os buchos, medicados os enfermos, ainda sobejava algum tempo para cavaquear, buscar namoro ou ensaiar algum bate-pé entre os caboclos. Nada o demovia de poupar-se, a medida do seu desinteresse estava no frio boa noite que endereçou à Andreza.

— Mecê num vem deitá?

— Não dá, minha bela, fico por aqui.

— S'apropinquano mai u quê?

Divertimento pouco agradável, a cobrar inesgotável paciência e força física era o exercício de varar as cargas e o trem de artilharia de Sua Majestade pelo corredor de quatrocentas braças aberto no barranco, a contornar o Salto de Avanhandava num desnível de mais de cinco braças. Colocadas as estivas, puxava-se a carga à força de músculos, sob a coordenação dos prepostos de

Bugre Velho e severa disciplina. Gastou-se a manhã inteira para ajeitar todo o carregamento da monção na margem de baixo.

— Tenho as espaldas a me ralar, imagine-se o que nos aguarda na varação das naus. Haverá coisa mais estuprificante do que isto, ó Hildebrando?

— Conforma-te, D. Brás, convém poupar os vossos esforços para a jornada da tarde. Até o comandante da monção tem participado, pois, como foi dado ao conhecimento de vossa senhoria, Bugre Velho não excetua a ninguém.

Os sorocabanos, sempre alevantados e dados ao protesto, desta vez se submeteram calados. O governo militar da monção endossava a autoridade de Bugre Velho e esta era implacável, podendo estalar o chicote sobre lombos livres ou escravos. Em sã consciência nenhum galé ou o pior dos réprobos se arriscavam, por recalctrância, a uma sessão dobrada em açoites. Muito menos em uma varação, onde o castigo chegava a três sessões de trinta açoites pelas mãos de Araçáí.

Normalmente, os homens iam puxando com cordas e correntes cada embarcação sobre a superfície de um corredor estivado de paus torados, que se justapunham conforme a momentânea necessidade. Tratava-se de uma operação perigosíssima, que se processava até a praia de baixo, onde a nau era recolocada n'água para ser recarregada e partir.

Violentíssimo era o emprego das bimbarras, exclusivo dos especialistas, porque se a alavanca apanha um homem por baixo, rasga-lhe o ventre ou lhe atira em pedaços sobre a copa das árvores. Os práticos do sertão sabiam como proceder e a caboclada era muito habilidosa. Subiam-se ladeiras, desciam-se rampas com batelões e canoas mediante tal prática, mas a verdade indifarsável é que pilotos e proeiros de Araraitaguaba iam se consumindo aos poucos naqueles esforçados trabalhos de maração e varação, nas descidas e subidas do Anhembí.

— O mais inacreditável é que ainda escanzinados, estes homens continuam fervorizando, a puxar as naus nesta trilha danificada por matações e atoleiros. Vede as minhas mãos!

— Nos devemos consolar com a Divina Providência, D. Brás.

— Nestes momentos, meu bom Hildebrando, sinto que pensas e ages como um verdadeiro sacerdote. Deverei chamar-vos de Paternidade?

— Sem excessos, meu amigo. Saiba que sempre serei um beneditino. Enquanto a Justiça dos homens me apedrejar pouco devo esperar da minha Ordem, sei perseverar na fé e na paciência. “Tudo posso n' Aquele que me fortalece”, é o que manda dizer o Apóstolo São Paulo aos seus amigos filipenses, bem como aos sobrecarregados de provações de todos os tempos.

— Eu, por mim e por Maria Inocência do Céu, tento me consolar, porque não adianta revoltar-nos contra Deus ou contra os homens. Dois anos atrás, em minha primeira viagem, houve resistência da parte de uns alevantados de Sant'Ana das Cruzes de Boygi. Foi o diabo! Depois dos açoites, Taçuira mandou servir-lhes uma triaga de venéia, na calada da noite, alguma tisana de parreira brava, porque amanheceram esticados, rosto cor de chumbo, desfigurados.

— O que me dizes é aterrador, Sizenando. Porém, a autoridade oficial da monção o que fez?

— O Capitão André? Ora, ele sabe que estes arrenegados são facinorosos e perturbadores da república. Via de regra são soldados que sofreram despojamento militar, desertores ou criminosos fugindo das galés, excomungados vivendo em sítios volantes.

— A ordem é marchar sob pena de todos os castigos em que se poderão consumir num inferno em vida — completou o soldado. — Para quase todos, é viagem sem volta, não adianta iludir. Fui licenciado, sob palavra honrada de ir buscar a minha mulher e tenho garantida a minha lavoura de mantimentos no Gatimi, sei que não há retorno.

D. Brás engoliu seco. Félix Elói, que escutava, apertou a sua medalha de Nossa Senhora do Rosário, enquanto as canoas continuavam a ser varadas à força de braços, até que se fez tarde. Bugre Velho, a contragosto, mandou suspender a operação para o dia seguinte. Para o ex-soldado, mal deu para esfolar alguma caça, engolir com esforço e atirar-se de bruços no chão batido, longe da mulher amada.

Madrugando-se naquele terceiro dia, ao pé do Avanhandava, medicaram-se os enfermos, serviram-se as congonhas, enquanto o almoço crepitava nas trempes e nas tacuruvas. Mal as trevas se encafuaram nos umbrais da mata, recomeçou o movimento da varação das canoas. A ninguém se poupava, aos recalitrantes oferecia-se o chicote, até recarregar-se tudo, completando-se a operação cerca das quinze horas. Foi com verdadeiro alívio que Félix Elói contemplou pela última vez o brutal despenhadeiro das águas do Anhembí. Tinha os músculos martirizados, a alma angustiada pela iminência de outras tantas cachoeiras, rebojos e itaipavas que o faziam estremecer debaixo do olhar complacente de Andreza.

Foi assim, num suceder interminável de perigos: Bracaié, Itupanema, Icaroara-guaçu, Funil, Vacurituba, Araçatuba, Araracanguara-mirim. Em Araracanguara-guaçu, noutra Salto que a natureza pôs no Anhembí, repetiu-se o drama de Avanhandava, recolocando-se tudo em terra e removendo, à força de braços, correntes e bimbarras, para a margem de baixo. Sujeitava-se a topar sucuris, jacarés, mortíferas cascavéis, urutus, jararacas e corais, ataques

de formigas e marimbondos, sem contar os perigos desconhecidos daquele sertão imenso, cheio de intrigantes mistérios para a razão humana, abantesmas que rondavam à noite, penitentes, e teimavam subir o rio, eternamente, em sua nau catarineta.

Raramente desfrutava-se um estirão de rio limpo porque o Anhembi é caprichoso demais. A cada passo reapareciam as tremendas cachoeiras: Itupeva, Itupeva-mirim, Itupiru, Itaipiranga, Itapura-mirim, que se atravessava com o sangue a gelar, em mortal perigo. Até o Guaçu, aquele excomungado da vila de Jundiá se pôs em pânico diante da enorme bulha que se ia presentindo a distância do portentoso Salto do Itapura-guaçu.

— Deus me acuda na hora derradeira... Jesus, Maria e José.

Condoído do sofrimento que lhe resgatava a perdida fé, Hildebrando atirou-lhe palavras de conforto: — Sem perda de ânimo, homem. É sabido que o Itapura é o último grande obstáculo do Anhembi.

Félix Elói estava aprendendo a exconjurur a frio que lhe percorria a espinha e apertava a garganta, só não conseguia afugentar a infinita tristeza que lhe acometia, impedindo-o de animar-se pelo amor da sua fogosa Andreza. Não fosse a fé...

Quem chega ao Salto do Itapura logo presente o perigo: apesar de ser mais baixo em altura do que o Avanhandava, é mais vertical, o canal é mais violento. O varadouro sem ser tão extenso é muito mais acidentado. A paisagem é atemorizante, apesar do eterno arco-íris que emoldura o despenhadeiro. Em contrapartida pode-se pescar abundantemente no poço das três pirâmides erguidas das suas misteriosas profundezas. Como era de esperar, pouca gente sentiu disposição para este divertimento porque a varação fora esgotante e perigos inesperados ainda podiam surpreender os incautos.

Gastou-se um dia inteiro no descarregar e varar o chão estivado. Na manhã seguinte, recarregou-se tudo pela milésima vez. As exaustivas operações do descarrega-carrega, do abrir varadouros debaixo do ataque de mosquitos, as serpentes resvalando aos pés nus dos caboclos, submetiam à duríssima prova a comunidade monçoeneira. Homens e mulheres traziam os nervos à flor da pele, porque acidentes gravíssimos se repetiam. Com efeito, o índio Potiú teve a mão esmagalhada sob as estivas num momento de precipitação e Gonçalo da Cruz estrebuchou sob a forte pancada conseqüente ao rompimento do cordame.

Após dois dias de trabalhos intensos, vencido o tremendo desconforto do varadouro do Itapura, a monção se mexeu. À tarde, cerca das quatorze horas, após duas longas curvas de rio, avistou-se a ilha de Pernambuco e, atrás dela, o portentoso Rio Grande Paraná, o verdadeiro mar do sertão.

— Perdi a noção do tempo, D. Brás. Esses três Saltos do Anhembi me atropelaram os dias, não fosse o santo rosário...

— Se não me falha a memória, estamos há vinte e cinco dias em monção pelo Anhembi e dezenove contados a partir da barra do Piracicaba. — D. Brás tinha em seu diário de bordo a exclusiva distração; era coisa que anotava cuidadosamente, ao lado dos versos de Camões. Nada o demovia da idéia do sucesso literário quando retornasse, um dia, ao seu Mondego. — Aquele sim, era rio civilizado!

Verdadeiramente encerrava-se o curso de cento e trinta léguas divertidas por Araraitaguaba, varando-se quarenta e seis cachoeiras, bariris, itaipavas, escaramuçãs e funis, além dos três prodigiosos Saltos. Homens e mulheres demonstravam sério desgaste, as crianças feneciam a olhos vistos e os negros já apresentavam os primeiros sintomas do maculo. Bugres e caboclos demonstravam-se mal-humorados com a aproximação do Rio Grande Paraná, particularmente Taçuira, que não andava satisfeito com a sua tripulação, porque os remeiros reclamavam demais, esquivavam-se aos esforços puxados, invocando a Divina Providência ou maldizendo o Rei, apelando ao trabalho coletivo dos viajantes, como se não fossem servidores do Capitão André. Ah, Bugre Velho é que sabia tratar com eles, na ponta do chicote e no lenho do varejão. Para ser respeitado já apelara a quase todos os recursos, sentia que os tempos estavam mudando e a disciplina na maré se afrouxava, havendo muitos que se evadiam para os matos, juntando-se aos canhemboras ou formando malocas de bandidos, prontos para assaltar os viajantes que desciam o Anhembi.

Um indesejável mistério reforçava as mazelas; é que já se começava a contar os falecidos da peste, porque as abomináveis parcas permaneciam de sobreaviso, aguardando a vez e a hora, no impressionante silêncio e na mortal ansiedade que se abateram sobre o último pouso no Anhembi. Observando o terror pânico de uns e a contrastante apatia do marido, Andreza ergueu-se da rede em busca de alguma congonha, só encontrando Babilônia desacoroçoada, à beira do fogo, olhar perdido e cismarenta.

— Cadê as otra?

— Num sei, inté Maria Farinha já foi si deitá... suzinha.



## Dobres de Sinos

A febre desintérica que assolava a monção era combatida com triagas, puçangas e clisteres. Andreza assoberbava-se na assistência aos enfermos da sua canoa porque Félix Elói, caído em depressão, não lhe tinha serventia para coisa alguma. Passavam mal Maria Pituca, as crianças de dona Brígida Ailhaia e o fidalgo português D. Brás de Carvalho.

— Si num valê vossas reza, tamos tudo perdido nhô Hirdebrando. Qui posso di fazê à custa dos cará e vacuri, sim as carne fresca? Mecê careci de falá cum nhô Félix im caso de tar percisão.

Os negros remadores padeciam de outro mal, o maculo, cujo tratamento, pela aplicação dos sacatrapos inviabilizava quaisquer atividades. A sua substituição pelos povoadores e soldados fazia aumentar as queixas e a severidade sobre a disciplina na marcação. Bugre Velho contava com duas vantagens: no Rio Grande Paraná inexistia local para se evadir, tão peçonhentas eram as suas margens e os caiapós, espreitando os movimentos da monção, punham a todos em guarda permanente, tão temidos eram os seus bilros e os ataques de surpresa.

Na madrugada de vinte e três de maio do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1769, o pouso amanheceu debaixo da fatalidade. Acompanhando de perto os agravados sofrimentos físicos de D. Brás, Hildebrando constatara séria anormalidade na sua respiração e mal tivera tempo de ministrar-lhe os últimos sacramentos.

— Tá morto — concluíra Taçúfra. — Interre ligero i bem fundo, pra longi du rio qui dá azá.

Atendendo a rogos, Bugre Velho consentiu no sepultamento cristão e foi sob forte desânimo que o pouso se mexeu, às dez horas, para a retomada do seu caminho. Hildebrando manteve o escravo Adão para a sua serventia e distribuiu entre os necessitados os pertences do falecido. Ocultando o intento, aproximou-se de Félix Elói para entregar-lhe os dois mais caros objetos pessoais do amigo, o diário das confidências e a espada de fidalgo.



— Sezões malignas ou bilreiros... Não importa como as parcas decidirem, Hildebrando, ela virá com toda a sua crueza.

— Faço herdeiro a vossa mercê, para que leia em caminho e nunca deixe de agradecer a Deus pela oportunidade da vida.

O presente foi recebido com desânimo, por ser um homem ferido na alma, mais parecia um moribundo apoiado em Andreza. Trêmulo e humilhado, mal pôde observar o movimento de embarque das naus, tomando o seu destino na última das praias de atracação do Rio Grande Paraná.

— Sei que marcham para a morte... neste sertão falto de qualquer justiça e providência; ai dos inocentes.

— Mecê careci di tomá corage, nhô Félix.

— Ah, minha bela. Nunca pensei ver tanto sofrimento lançado sobre gente indefesa. Meu pai era português, que Deus o tenha, mas onde está aquele Rei excomungado que atira tanta abominação sobre os paulistas? Se lhe deito estas mãos...

— Nas hora de morrê é tudo iguar, nhô Rei e nós. U marvado num perdi pur isperá. —Acercando-se do marido, tomou-lhe a face entre as mãos, enxugou-lhe as lágrimas, assossejou-o junto ao peito. — Mecê seja forte, inda temo muito qui navegá.

— Se acaso Deus for servido de me levar... — Fortes soluços impediram-no de continuar o pensamento. Agarrou-se à Andreza, indiferente ao julgamento das pessoas. Aquela pousou os dedos sobre os seus lábios, impedindo que extravasasse por mais tempo a infinita tristeza do seu coração e, docemente, como uma mãe toma a sua criança nos braços, conduziu-o à beira d'água, até a nau, ajudando-o a se acomodar. Nunca lhe pareceu tão bela a sua Andreza, aqueles olhos gateados a brilhar, a boca a sorrir com deliciosa impostura, um pouco de mãe, muito de mulher.

— Vem vê, os tuiuíús tão pescano...vem nhô Félix.

Embarcado, entregue à sorte e ao desânimo, Félix Elói pôs-se a paginar o diário, constatando que a última anotação datava de vinte e dois de maio, véspera. Apesar de gravemente enfermo, D. Brás mantivera o seu propósito com as Letras! Não pôde seguir em frente com a leitura, a despeito da formosa caligrafia. É que a visão se anuviou, as lágrimas verteram incontidas, malgrado a manifesta desaprovação de Taçuíra, que se impacientava na proa. Valeu-lhe o olhar de Hildebrando, que parecia confirmar: — Vosmecê chore, que faz bem! — Pois, foi o que fez, lavando a alma, a derramar as mais amargas lágrimas sobre aquele rio de consumição.

Nesta noite o coração lhe pareceu mais aliviado. Aproximou-se da beira do fogo e, aos poucos, foi-se entregando à leitura dos textos finais do fidalgo português, tão mal sucedido nos Estados do Brasil, a despeito da sua heráldica filiação e elevadas expectativas.

O longo depoimento sobre a descida do Tietê não continha novidades, mas Félix Elói se impressionou com a narrativa das desventuras vividas sobre o Rio Grande Paraná. Vinham descritas com o realismo de quem já percorrera muitos caminhos do mundo, e que, malgrado a adversidade, mantinha-se apegado às preciosas Letras, como um verdadeiro bacharel coimbrão.

“Não descreverei as agruras passadas nos últimos dezesseis dias, desde que entramos no Rio Grande Paraná, porque, depois da terceira noite nestas plagas malsãs, caí num extravagante torpor de que me resultou sério quebranto. Pude observar que a monstruosa caudal não possui cachoeiras ou saltos, como o Anhembi, porém, o mal assume proporções espantosas e indescritíveis. Como no mar da Índia, ondas alevantadas em grande altura pelo soprar de um vento misterioso, sacodem as naus como se fossem gravetos num rebojo. Existe outro perigo terrificante, o grande Jupιά que engole monções inteiras para os subterrâneos do hades. Um estranho Leviatã de goela insaciável, costuma devorar embarcações com tripulantes e cargas, da maneira mais espantosa, chupando tudo para o centro. Apenas os nautas mais experimentados sabem safar-se desse monstro, postado quase à entrada do Paraná. Bugre Velho, sempre tão experiente, quase foi pego de surpresa. A salvação veio das mãos de Taçuira, que sentindo o fremir da caudal, deu o alerta para que as naus embicassem, rapidamente. Por pouco a monção esteve a ponto de perder-se. Entreguei minh’alma ao Criador e não descreverei mais o episódio que me apavorou em respeito ao mal acometido sobre um dos mais estimados companheiros de viagem, o cavalariano Félix Elói, porque o mesmo caiu presa do mais sério estupor. Desde aquele dia, permanece agarrado às saias da sua mulher, não atende ao comando de ninguém, põe-se a tremer facilmente e vive arrastado por amigos, da nau para a rede do pouso e vice-versa. Não se demoveu deste estado de espírito nem para despedir-se do companheiro de caçadas, Francisco Paes, que se retirou da monção com toda a sua gente à altura da barra do rio Pardo, em cumprimento da arriscadíssima missão de subir pelo rio de Santo Anastácio e ajustar picador em busca das campanhas de Sorocaba. Senti que apertei a mão desse valente caçador pela última vez. Os temporais por estas bandas do fim do mundo são apavorantes, não só fazem aumentar o perigo como o número de doentes e dos mortos. Há falta de alimentos, não há pesca, nem se pode caçar, porque os mateiros não se atrevem a buscá-la por

mais de meia légua, em constante temor ao gentio bilreiro que mata sem piedade. A situação agravada me faz crescer a piedade pelo bom amigo, que segue entre os mortos e vivos desta desolante avança. Depois da última tempestade sobre as águas, parece haver perdido a fala e o pejo. Foi preciso dois homens para arrastá-lo até a nau, onde a mulher, temerosa de que viesse a se afogar, o amarrou junto ao corpo. Creio ser preferível morrer a viver em tão lamentável vexação e escárnio.”

Tomando iniciativa pela vez primeira, Félix Elói anotou no diário o que julgava indispensável para complementar o relato do falecido: “Em 24 de maio do ano da graça de nosso Senhor Jesus Cristo de 1769, após quatro horas de navegação, apontou a barra do rio Yguatemi. Por mais de setenta léguas, no Rio Grande Paraná, foram consumidos dezessete dias inteiros da mais sinistra maréação desde a saída de Araraitaguaba. Chegou-se ao procurado afluente, que é dotado de águas limpas e profundas, exatamente onde o colocaram as mãos do Criador, a quarenta e dois dias do porto da Freguesia de Nossa Senhora Mães dos Homens de Araraitaguaba, da Vila de Outu-guaçu. Deus seja para sempre louvado”.

— Não olhe para atrás, minha bela, aquele inferno é passado. — Seguindo-lhe as mãos, beijou-as comovido, motivado pela firme intenção de arrancar-se ao sofrimento, porque se apercebendo da inutilidade, descobriu-se a si próprio, num tempo presente, onde podia fazer-se construtivo e necessário. Despertado para os novos propósitos da vida, rendeu-se mais uma vez aos olhos verdes, ao carinho e à fortaleza da mulher. — Perdoa-me, Andreza.

O indisfarçado alívio experimentado pelos mareantes ao se aperceberem livres da turbulência e pestilência do Rio Grande Paraná logo foi dissipado pelas dificuldades do Yguatemi. A paisagem era mais alegre, havia grande abundância de vacuris e de caça, mas o gentio rondava, oferecendo sinais da sua hostilidade.

Permaneciam as enfermidades. À exaustão, chegando todos aos seus limites de humana resistência, multiplicavam-se as substituições entre os mareantes e a equipagem porque o maior flagelo do Yguatemi é navegar contracorrente, à força de braços, no remo ou no varejão ferrado. Qualquer corredeira, que se desliza como flecha no Tietê, a meia carga, exigia horas de intenso trabalho para ser sirgada, homens n'água levantando nos braços a nau, outros pelos barrancos, puxando com corda e correntes, rio acima.

Se desabava temporal, a única saída era apelar, de joelhos, para a ladinha de Nossa Senhora. Havendo por ceia feijão frio e farinha molhada, os corpos tiritantes, à falta de fogo, varava-se a noite esperando o pior no ama-

nhecer: a contagem dos enfermos e dos mortos. Quase às portas da Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e Povoação de São Francisco de Paula de Yguatemi, salvavam-se duas a três pessoas por nau, as demais eram peso morto, imprestáveis. O rio permaneceu quase limpo de cachoeiras até o sexto dia de navegação, metade do caminho. Passada a Forquilha, dava início à *via crucis* acidentada por treze cachoeiras sirgadas a braço, de baixo para cima.

— Começam os preparativos de que nos devemos acautelar — advertia Félix Elói. — Se Taçuira avisa que temos à vista a cachoeira dos Três Irmãos, significa que dentro de cinco ou seis dias haveremos de chegar à Praça dos Prazeres.

— Havendo tantos em artigo de morte e outros sem forças para deixar as naus, seria de grande prudência deixar a varação para amanhã — reforçava o Tenente Cardoso.

— Creio que Bugre Velho vai ordenar o pouso.

Félix Elói acertara. A cachoeira dos Três Irmãos é um acidente rochoso constante de três monumentais degraus eriçados por itaipavas alongadas por cem braços; as duas primeiras cachoeiras são sucessivas, a terceira lhes dista cinquenta braços. No amanhecer do sétimo dia, rasgou-se a picada no barranco para a passagem dos tripulantes e da meia carga. Ajeitados os doentes, varavam-se o trem de artilharia e as cargas pesadas.

— A cunhantã num tá boa, nhô Félix, e Iacri num deu pra alevantá. Babilônia tá cum elas mai num sabe u qui fazê.

— Sirva-lhes da nossa ração de carne, Andreza, não podemos remediar o mal, salvo fazer o que nos diz a consciência.

A um sinal de Taçuira, foram convocados Félix Elói e Hildebrando para assumirem as correntes do puxador. Era a vez de arrastar os quatro pedreiros de ferro e os dois de bronze, as peças de amiudar, as respectivas palamentas, os caixões de cartuchos, os barris de pólvora e as tralhas menores.

— Prova infernal, Félix Elói. Vossa mercê veio arrastando este trem de artilharia de Sua Majestade desde São Paulo até Araraitaguaba.

— Pior será fazê-lo funcionar contra os castelhanos e sua bugrada, meu amigo. Como se haverá de sustentar a raia do Gatimi, nos aleivosos sertões que lhe são confinantes?

— Juzarte se omite, mas por que motivo se instala na Capitânia o enviado diplomático do Morgado de Mateus, o Ajudante de Ordens Antônio Lopes de Azevedo?

— É bom sinal, não creio que haverá guerra declarada, esta não me parece a intenção do Morgado de Mateus.

— Se ocorrerem escaramuças que poderemos fazer?

— Vender bem caro a pouca vida que nos resta, para maior glória de Sua Majestade. Nas fronteiras da América, morre-se em nome das duas excelentíssimas... Majestades Ibéricas.

— Mais vale concertar antes que nos ouçam: Sua Majestade Fidelíssima de Portugal e Sua Majestade Católica da Espanha, encenam as duas nobres Casas ibéricas, guardiãs das Américas. — Quase em sussurro acrescentou: — Cá entre nós, banqueteiavam-se os embaixadores n'El Pardo, enquanto sacrificavam-se os paulistas nas tropas de Linha e nos Auxiliares, desde a Colonia do Sacramento até o Gatimi, pulhas coroa, é o que são.

— Justo - respondeu-lhe no mesmo tom. — A propósito, cabe reparo a este ex-soldado Auxiliar que vos fala. Quer saber? Uma cólica ventosa é o que valem a guerra e os seus soberanos. Guardo mais proveito ajudando a minha Andreza do que carregando na Cavalaria.

— Bom pensares desta maneira, por enquanto. Não fosse pela Divina Providência, não estaríamos vivos, agüentamos o desafio. É preciso acalentar a esperança, amigo, de voltares um dia para São Paulo.

Voltar era projeto inconcebível para Félix Elói, dera por encerrado o seu período na Cavalaria Auxiliar de São Paulo. Bastava-lhe a sua Andreza, amorosa e saudável, a socorrer os enfermos, a ajudar nos trabalhos pesados. Nervoso, abandonou a varação dos trens de artilharia para acudir aos caboclos, que à força de braços encetavam a arrancada das naus, cachoeira acima. — Arre, arre, eh! Volta a puxá! Ahé!

Dentro d'água, Bugre Velho e seus homens se punham a sirgar, erguendo nos braços cada nau, em ritmo compassado ao esforço de Bugrinho e Taçuíra, que acionavam as bimbaras entre as pedras, aos solavancos, pelo puxar dos cabos, tirados do barranco. Revezando-se os mais extenuados, uma a uma, passavam as naus, duas cachoeiras acima, para serem colocadas, no primeiro remanso, situado cinqüenta braças à frente, bem aos pés da terceira cachoeira do complexo dos Três Irmãos.

— Os homens não se agüentam, Hildebrando, conseguimos avançar apenas cinqüenta braças em nove horas de varação. Maria Farinha não tem o que oferecer à ceia.

— Pelo jeito, amanhã, mulheres e crianças serão postas nas cordas, mas o que fazer com tantos acidentados?

Varou-se, no dia seguinte, a derradeira cachoeira, após sete horas de trabalho intenso. Quem pensava não resistir, agüentou, pelo chamado aos brios ou pelo chicote de Taçuíra. Prontificadas as canoas a navegar, indo com

bom rendimento, às dezesseis horas, apareceu à vista a cachoeira da Caveira, reconhecendo Bugre Velho, que, por absoluta falta de condições físicas, deixava-se o novo sacrifício para o dia seguinte.

O nono dia da escalada no rio Yguatemi, duzentas léguas distantes de Araraitaguaba, foi de redobrados trabalhos de varação por terra e por água, debaixo de chuva atormentadora. Completada a operação, após nove horas das mais penosas, ainda se navegou até o final da tarde, embicando-se no baranco para o providencial pouso da noite.

Na manhã de dois de junho, quase não havia quem se habilitasse à mareação, todos os homens se achavam enfermos, acidentados ou caídos por exaustão.

— É deixar-se ficar nas mãos dos canhoãs. Não há esperança de socorro da parte da Praça — foi o que esclareceu Bugre Velho ao Tenente Bento Cardoso.

— Sem carpidura... se a morte é certa, prefiro lutar.

Tomando resolutamente da zinga, Félix Elói juntou-se a Taçuira, encorajou a Hildebrando e, juntos, puseram-se a subir a correnteza, lenta, mas decididamente. Uns poucos povoadores se animaram, reforçando os caboclos que ainda se sustinham em pé. Às nove horas, Bugre Velho fez repassar o sinal de embicar as naus, porque, chegando-se diante de forte corredeira, não havia mais um cristão com forças para navegar. Parecendo haver chegado ao fim, abandonaram-se nas mãos de Deus.

Fato estranhíssimo aconteceu, pouco depois do meio-dia. Dado o alarme de ataque inimigo, num ímpeto Félix Elói organizou os poucos soldados válidos e desceu com eles para a praia em formação de combate, desembainhada a espada. Pensando em sua Andreza e nos inocentes, nem esperou pelo comando superior do Tenente Bento Cardoso. Surpresa, diante do antigo morto e vivo da descida do rio Paraná, acudiu-lhe a caboclada ao apelo, facões em riste, negros e bugres azagaiados. Taçuira indicou-lhes a curva do rio, enquanto por gestos lhes pedia cautela e silêncio absoluto.

Ora, os canhoãs, sempre jogando com o inesperado, já teriam posto fogo no mato, a menos que os castelhanos estivessem a descer o Yguatemi, numa sortida contra os moçoqueiros. Sem tempo de desatrelar os canhões ou de levantar uma tranqueira, havendo poucos atiradores de pé, o combate ia ser decidido na praia à arma branca, especialidade paulista. Sim, ainda havia gente disposta para uma justa com os castelhanos, estes não perdiam por esperar.

Diante da forte mareação que se aproximava, notou-se qualquer expressão divertida em Bugre Velho, no mesmo instante em que um silvo agudo

perfurou o ar. Antes que arremessassem as azagaias, avistaram o Regente, em pessoa, na sua Capitânia, comandando duas canoas e alguns homens. Em boa hora, descido da Praça de Nossa Senhora dos Prazeres de Yguatemi, aparecia-lhes o Capitão João Martins de Barros, ilustre varão d' El Rei e legendária figura dos paulistas, para ser aclamado feito anjo salvador.

Extremamente correto e atencioso, sem negligenciar as autoridades e os miseráveis, caídos de joelhos na praia, varejou o pouso, apressado. Enquanto providenciava ajuda, parecia empenhado na procura de algum enviado muito especial. Uma expedição de socorro era obra da Divina Providência, mareantes e enfermos entregavam-se a beijar as mãos dos seus salvadores aos gritos de desespero, empenhados em suas próprias aflições, mas sem deixar de causar estranheza o momento em que o Regente, delegando poderes aos seus prepostos, retirou-se para a nau, carregando nos braços a mocinha ceramista. Zarpava com mãe e filha, rio acima, sem dar explicações.

Recolhidos os monçoneiros, deu-se falta do Treme-Terra, o assassino das Minas do Desemboque, que até a véspera parecia dono das suas próprias forças. Após alguma demanda, Taçuira levou ao conhecimento do Tenente Bento Cardoso que o mesmo fora encontrado morto nas imediações do pouso, garganta estranhamente rasgada de lado a lado, esvaíndo-se. Trabalho de especialista!

Estava-se a três dias da Praça dos Prazeres, bastava um último mutirão! Já se antevia as roças do primeiro povoado, mas a varação de pequena cachoeira lançou a todos por terra, malgrado a ajuda do Forte. Naquela noite, em pleno mato, a esposa de Sizenando Corrêa pariu um menino, destinado a chamar-se Cristóvão, como mensagem daquele ínvio presépio e promessa de melhores auspícios.

Há cinquenta e dois dias distantes de Araraitaguaba e onze dias sobre o Yguatemi, prosseguia a navegação rio acima no rumo da fortíssima cachoeira do Urubu. Vencida esta, debaixo de chuvas e trovoadas, após oito horas de trabalhos intensos, aportou-se à povoação das roças, os monçoneiros encharcados até a medula. Pela primeira vez tinham um teto para abrigo das suas cabeças, porém, este pensamento passava com indiferença; não havia forças sequer para acender o fogo e preparar a ceia. Amanhecendo, constatou-se a impossibilidade de prosseguir viagem por falta absoluta de condições físicas. Estava-se, tão somente, há dois dias da Praça!

Perderam-se oito dias na povoação das roças e quando se intentou levantar o pouso, metade dos monçoneiros ainda não se achava com forças de

prosseguir, carecendo descer o Regente, outra vez, com a substancial ajuda que lhes faltava. Finalmente, há sessenta e um dias de viagem!

Durante a navegação, Theotônio José Juzarte observava pelo óculo as circunvizinhanças da Praça dos Prazeres, que reconhecia ser franqueada demais, insuficiente para oferecer bons padraços em direção aos pontos cardiais. O Regente explicou-lhe que a Praça ali fora implantada por ser próxima de uma bocaina e do Passo dos Castelhanos; praticamente interditava o território português ao Passo da Serra de Maracaju e ao Passo dos Índios Cavaleiros na Serra de Amambaí que dava continuação do relevo a noroeste.

— Vossa Excelência compreenderá que a própria natureza fez o cerco. Após receber um ribeirão, o rio do Escopil engrossa e deságua no sítio a que se dá o nome de Forquilha. Dali para cima, os campos se elevam em direção ao ribeirão dos Fogaça, fechando-se o rio com a Praça, desde a Forquilha, até o Passo dos Castelhanos; resta a bocaina que orienta para a Serra de Amambaí, sem saída. Bloqueia-se a raia do sudoeste da América portuguesa.

— Quer-me parecer que valendo a pouca defesa militar prevalece a estratégia da natureza com os seus caprichos.

— Justamente, foi tudo o que conseguimos montar. Vossa Excelência constatará os resultados *in loco*.

— O Regente omitiu-me o sul. Porventura, ali não estará alojado o perigo espanhol?

— Não só o castelhano, como o seu maior aliado, o gentio de diversas nações. Contornando o Passo dos Índios Cavaleiros da nação guaicurú, chega-se ao último Passo da Serra de Maracaju, que se estende a sudoeste e ao sul da várzea do Gatimi em sua margem direita. Varando-se a serra encontra-se a Vila de Coruguati, domínio castelhano a dezesseis léguas do Forte. À leste não há temor: chega-se ao Rio Grande Paraná e às Quedas de Guaíra.

Pouco antes das dezenove horas, avistou-se a Praça dos Prazeres e o seu sinistro contorno de construções no sistema de terra batida e estacada. O traçado geométrico irregular lhe dava a imagem de uma estrela heptagonal, dotada de três pórticos nas direções norte, oeste e sul. As maiores tenalhas apontadas para o sul e o sueste, atingiam o rio com pouquíssima defesa, prevalecendo-se da altura do barranco. Observada externamente, a Praça não podia oferecer mais do que duzentas braças no sentido leste-oeste e pouco mais do que duzentas braças no sentido sul-norte. O que deveria ser imponente de Portugal pelos quase cinquenta mil metros quadrados, não passava de uma triste configuração exposta aos perigos de toda a natureza.



Todavia, assegurava o Regente que no seu interior havia bom arruamento, cerca de quinze quadras de diversos tamanhos, suficientes para conter uma Praça militar e os seus edifícios. Desembarcando, pela rampa do rio que acessava à fortaleza pela Porta do Sul, logo se pisava a rua do mesmo nome, que se dobrava à esquerda para a rua da Cruz, avistando-se em primeiro plano os espaços reservados ao Senado e à Igreja. Concluídos se achavam os edifícios do Quartel das Tropas com a Casa da Pólvora e o Campo da Guarda, o Quartel do Governador e a Casa da Fazenda Real com o Armazém. Todas as construções se comunicavam diretamente com a praça central e a fonte, estas com as ruas interiores dos quadrantes norte e leste, onde se erguiam as pequenas casas de morada. Transparecia o provisório, havendo tudo por concluir, saltava aos olhos a impressão de obra inacabada, lúgubre e desoladora, naquela fortaleza alavancada à margem esquerda do rio Yguatemi.

— Quá, nhô Félix...

— Viagem deveras impertinente, minha bela, não mais te amofines.

# **PARTE II**

**CAMPOS DE REFREGAS**

**OU**

**O CAMINHO DE BAIXO**



## Destroços do Viamão

— Deter as devastações do General Cevallos no Continente do Rio Grande de São Pedro e dos Santos Mártires, por meio do enfrentamento direto das milícias de paulistas, foi a maior das desconveniências que já vi fazerem os portugueses.

— Se foi arte do demo ou sanidice que nos obrigam a verter goela abaixo, não me conformo. Quem não morreu nas refregas está por aí, no mais triste desvalimento, cheio de perlesias, a se consumir em priorizes e espinhela caída.

— Das Tropas Auxiliares expedidas do porto de Santos por aquele excelentíssimo, restamos apequenados, somos paulistas desacoroçoados, quase no fim.

— A que preço! Um prato de farinha, um coco d'água fria e três tostões de soldada... quando nos pagam.

— Se os paulistas têm a seu crédito o fato de haverem os seus antepassados por terror dos castelhanos, eu vos digo que viver de orgulho não paga a conta.

— O que não me dá para engolir é a aleivosia do Real Serviço a bem da sustentação do trono e da grandeza do Senhor D. José I de Portugal.

— Emboabas e galegos... sempre por toda a parte. Quem levava a sua vidinha no remanso de uma vila paulista, mesmo numa perdida freguesia ou nalguma boca de sertão, acabou colhido durante as desobrigas pelos ferrabrases do recrutamento, sem tempo de se despedir dos pais e dos irmãos, para atirar-se ao lamaçal da raia castelhana... esse conhece o sacrifício de sustentar a coroa daquele...

— Amaro... quando me bate o frio na pacuera, aquele que vosmecê não desconhece, quero vender caro a minha vida. Mas ao depois, quando raspo o sangue da baioneta e a bóia é curta, o rancho desacomodado, fico a desejar que a morte sobrevenha rápida, nem que seja na ponta de uma azagaia índia.

— Basta de carpadura, há que viver... viver e retornar a São Paulo.

Conversas de soldados ao longo das Vacarias do Viamão, no rumo do Quartel do Rio Pardo, sempre eram proferidas entre dentes, a baixo tom, porque, em campanha, qualquer tenente se arvora em tribunal do juízo, a vida de um inconfidente ou de um alevantado nada vale. Amaro Soares e Chico da Silva chegavam ao pouso, onde se fez o rancho a frio para não atrair o inimigo que também campeava. Não se acendeu o fogo nem para as congonghas, não se fez uma caieirazinha para aquecer os pés. Era de convir que um magote de soldados mal-nutridos, mal-municiados e esfarrapados pouca resistência pudesse oferecer aos enfrentamentos com os castelhanos e seus índios missioneiros.

Das Praças de Buenos Aires, Montevideú e Maldonado passavam tropas e artilharia, fazendo temer a segurança dos Estados do Brasil e a posse portuguesa no sul da América. Das campanhas do Viamão à Capitania de São Paulo distavam mais de trezentas léguas de ásperos caminhos e ínvios sertões com terrenos impraticáveis para arrastar peças de artilharia. Pensava-se deter o avanço castelhano, uma vez dominado o território daquelas dilatadas vacarias, por conquista e obra do Quartel do Rio Pardo. Aos estrategistas parecia vital barrar as cavalladas do inimigo e seus aliados índios lá embaixo, impedi-los de atentar no Passo do rio das Pelotas, fechando-se, em definitivo, os Campos de Lajes, nos confins meridionais da Capitania de São Paulo.

O Morgado de Mateus estabelecera, a partir de 1766, povoações estratégicas, ao longo da Estrada do Sul em direção aos Campos Curitibanos, Itapetininga e Itapeva da Faxina, e daqueles para a Serra de Lajes e o Viamão. Conquanto ninguém apostasse no futuro diante da superioridade das armas castelhanas, impôs-se algum respeito depois da chegada ao Brasil do General Böhn, enviado pelos ingleses, que intentavam ver D. José I ancorado nas pernas e com armas nas mãos. Afinal, o que poderia fazer um punhado de paulistas incorporados às tropas portuguesas naquelas fronteiras?

As provações da guerra surtiam efeito deletério no ânimo dos soldados. Impedidos de pitar, deitavam olhares cismarentos, revolviam as idéias, porque a mente em noite de solidão é oficina de maus pensamentos; até a lua acaba por ser má conselheira. Cerca do amanhecer, Chico da Silva enrolado no seu poncho, até as pestanas, observou ao companheiro acerca do pesado silêncio que acudia a várzea do rio Pardo.

— Não ouço cantar de pássaros, haverá coisa braba pela frente — revidou-lhe Amaro em tensa expectativa, arma na mão.

A confirmar-lhe, o alarme era soado pelo trombeteiro.

— É chegado o tempo, amigo, não adianta ficar às turras com o mundo.

— O que me repugna é avançar terreno adversário com água pelos peitos, a deslizar, parelhos, víboras e animais peçonhentos, com todo este frio nos gorgomilhos. Cáspite!

— Chico, está decidida a ação. Os Cabos de Esquadra já se preparam para puxar os gritos de Viva El Rei, como é do gosto do Capitão Custódio. Mova-se, homem, sem resingar.

— Se o Tenente guarda a cavalaria para atacar pelos flancos é melhor começar a jogar com as baterias, o quanto antes. Do contrário, os castelhanos podem nos cair por cima, aí logo haverá mortos.

— Aqui d' El Rei, berrava o Sargento, assumindo o comando do ataque.

— Por El Rei, rebatia o Cabo de Esquadra. Formar a marcha, apertado, à direita.

— Falou no diabo, apontou o rabo. Aquele...

Os castelhanos lavavam a campanha, em meio dos pesados estrondos, a semear mortos e feridos. Os paulistas avançavam movidos daquela fúria incompreendida dos portugueses, mas sempre respeitada nos dois lados adversários. O valor daquela gente de São Paulo não se media pela coragem com que sempre enfrentara os perigos do sertão, mas pelo medo da morte em campo inimigo, numa guerra que não era sua e que não podia compreender.

— Avançai... filhos de um cão. Avante por El Rei!

— Não dá, meu Tenente, atalhavam os sargentos uníssonos. Recuemos enquanto é tempo de salvar a Companhia.

— Que o Alferes arrie a bandeira e o Tambor bata a recuo. Castelhanos do demo...

— Pelo menos escapamos por hora daquele inferno. Estás inteiro, ó ituano?

Ao reconhecimento de que a infantaria necessitava reparo, uma coluna de Dragões movimentou-se em grande velocidade, saída da retaguarda para interceptar a porta norte do reduto castelhano. Reservando-se para nova tentativa as duas Companhias de Auxiliares, uma de pé e outra de cavalos, os soldados se viram poupados

— Trégua provisória. Aguarde-se a hora de enterrar os mortos; já se me embulha a pacuera. Ahé...corno real por que não o faz?

— Quem morreu descansa, a terra não lhe será pesada. Aqui, nestas campanhas do rio Pardo, o pior é para quem ficou ferido... Os dois cornos reais... por que não dormem juntos?

— Descampados em meio deste sítio pantanoso, sem rancho e sem mulher...

— A quanto tempo não tens mulher, Amaro?

— Já perdi a conta. Ando sonhando com as ancas e os peitos de qualquer vagabunda, mas por ora me regalo com a marmitta fria e duas baforadas, desde que possa olhar a Nordeste. É de São Paulo que o sol levanta... pode ser o último.

Trabalhou-se à socapa o resto do dia, negaceados pelas sortidas do inimigo que, em vão, os buscava pela várzea. Sem os seus índios missioneiros os castelhanos não pisavam nos pauis infectos do rio Pardo. Era coisa para bugres ou paulistas.

Pela madrugada reservou-se o ataque surpresa ao reduto de San Izidro. As peças de amiudar e os pedreiros de bronze, assentados com toda a sua palamenta pela engenharia portuguesa sobre uma lombra de vergel, já se achavam preparados para ruir a estacada castelhana. Foi trabalho de varar a noite. Malgrado o frio, as tropas de linha começaram a atravessar o pântano com água pelo pescoço, embuçadas pela cerração, enquanto um grupo escoteiro escalava o muro de faxina, saltando com arrojo pelo flanco esquerdo da tenalha, a tempo de rasgar a facão as gargantas dos sentinelas inimigos. — Morte ao real corno de Castela!

Alguns paulistas completaram a escalada e emudeceram as baterias daquela posição. A um sinal do comandante, os canhões portugueses, calibre doze, se puseram a martelar a primeira estacada e a ruir-lhe os contrafortes, estabelecendo-se o pânico entre o inimigo, colhido em seu próprio reduto. Já se lutava homem a homem no interior da Praça e a canhoeira de fora anulava qualquer defesa, as peças de amiudar varriam o campo, impedindo as sortidas do inimigo. Quando cessou a varredura, a cavalaria abriu brechas para o avanço definitivo dos pedestres

— Sargento Bento calou as baterias inimigas em tempo hábil. Nunca vi tanta pressa, deve ser a geada.

— Aquele emboaba sabe jogar com as baterias. Já ouviste dizer que o diabo é esperto porque é velho?

Não deu para completar o pensamento. Quem marcha na linha de frente sabe que o estimulante natural vem do medo da morte, que faz avançar matando. Não há escolha; principalmente se não se foi consultado quanto aos destinos do mundo, repartido pelos interesses ingleses ou pelas vontades dos reis de França, Espanha e Portugal! Não se questione sobre o mau humor de quem chega, debaixo de forte mosquetaria, à beira dos destroços de uma estacada e vai calar baioneta, como mandava a moda lançada pelo senhor Rei da Prússia. Aos gritos da sargentaria: — Por El Rei — rebatia, meio tresloucado, Chico da Silva: — Merda para El Rei e para o anticristo de Castela!

— Por El Rei, Viva El Rei, que Deus guarde – gritava a plenos pulmões o Cabo de Esquadra.

— Merda para El Rei, que o demo leve. – Fazendo coro e avançando, respondia uníssona a Companhia de Pedestres Auxiliares de São Paulo: — Morra o José! Morra o corno!

— Que o último tiro seja no... do frescalhão – revidava Chico da Silva.

— Por José, o peralvilho – completava Amaro.

Sargento algum, Capitão ou Tenente, dobrados, conseguiam regrar a fala daquela ralé paulista. Ou se lhes metia uns bagos de chumbo nas goelas, calando os endemoninhados, perdendo-se todo o esforço do ataque, ou se lhes fazia ouvidos moucos, porque os danados brigavam como feras. Quem não calava a baioneta, completava a facção! Duríssimo para um oficial português era ter de agüentar-lhes os desbragados impropérios com que se estimulavam em combate e o seu desdém pelas vitórias das armas de Portugal. De Cabo de Esquadra para cima, fosse galego, levava deboche e aporrinhão.

— Viva El Rei, o Senhor D. José I de Portugal! – ainda tentavam os sargentos.

— Morra o frescalhão!

Os castelhanos evadiram-se de San Ízidro. Ainda tentaram umas fuscas de cavalaria e um fraco contra-ataque, à tardinha, parecendo convencidos de uma reação posterior. Que fossem a Buenos Aires dar parte ao seu General, Dom Pedro de Cevallos!

— Desta enfiada não sei como valer-me – desafogava o Sargento Bento Gouvea para o seu Capitão. — Se caio em desgraça pela inconfidência de algum oficial aos nossos superiores ou se passo a fio de espada aqueles exco-mungados paulistas.

— Deles não podemos livrar-nos nestas fronteiras. Que não os ouça a officialidade, se lhe apraz. Deixa-os gritar a sua alegria malsã, castiga-lhes a basófia mais tarde.

Cercado por dez paulistas, a bom berrar, reclamando pelo rancho e marmita, o Sargento não teve outro recurso que aplacar-lhes as exigências. — Só depois de enterrar os mortos! – Na malfadada operação, que se cumpriu debaixo de goles fartos de parati, ainda teve de suportar-lhes os rescaldos.

— Morra o José, por Sant'Ana de Bogi e Outu-guaçu!

— Por São Paulo e Taubaté! Que o demo leve o frescalhão!

Até das miseráveis bocas de sertão, dormidas com as feras, teve de agüentar o revide: — Por Priscicaba e Wutucatu!

— Vede que ainda perco a cabeça, é sina dos portugueses agüentar a ralé desses Estados do Brasil... essa raça de mestiços indiáticos e mamelucos.

— Sem dúvida, é para que se faça mais brilho na coroa de Sua Majestade, que Deus guarde.

Identificando os amigos dentre os mortos, gente dos dois Vales e da Marinha, Tião cabeludo de Guaratinguetá, Zé Porcena de Mogi das Cruzes, Chico da Silva de Parnaíba, Pedro Gonçalves de Sorocaba, Honório e Malaquias, ituanos, Vicente de Iguape, Amaro Soares cerrava os dentes e excomungava todos os reis ibéricos, algozes desta pobre América. Fechou para sempre os olhos do Chico parnaibano, com infinito desvelo, sepultando-o numa lomba batida por todos os minuanos daquele Continente do Rio Grande do Sul de São Pedro e dos Santos Mártires, em nome da Santíssima Trindade.

Do punhado de paulistas sobreviventes, sem exceção, todos se achavam feridos, muitos agonizantes. A fisgada que respondia na perna esquerda de Amaro era efeito de uma bala alojada nos tecidos moles, que ele próprio extraiu, após chegar a faca na chama e derramar pinga sobre o ferimento. Recontando os companheiros, atormentados em leito de dor, deu-se por feliz ao receber a paga devida a São Paulo: o General Böhm mandava retornar os imprestáveis da fronteira às suas matrizes de origem. O acalentado sonho de retornar à Vila de Itu se esgarçava, agulhoado pela dor da perda do melhor amigo, a cabeça a ferver nos mais contraditórios sentimentos. A leve esperança se desfez...

— O soldado Aventureiro das Tropas Auxiliares de São Paulo, Amaro Soares, deve apresentar-se ao Alferes Veríssimo Xavier do Prado na vila de Curitiba.

Forte praga selou a despedida do Quartel do Rio Pardo. Juntadas as suas poucas tralhas, partiu no primeiro comboio para proceder à varação das vacarias do Viamão e do Passo do Rio das Pelotas no rumo da Serra de Lajes. Quinze dias de perlustrada travessia, mal abrigado no ralo poncho, que lhe deram por especial atenção aos serviços prestados em combate, pés descalços, cabeça descoberta, porque aos remanescentes despojavam-se das botas, capote, chapéu e armas de campanha para repassá-las aos demais.

Desafiando o frio cortante dos contrafortes da serra, inconformava-se com o destino dos prófugos paulistas que encontrava pelo caminho: aleijados, enfermos com hediondas feridas a mendigar a caridade dos outros pobres. Acompanhavam-nos os míseros sobreviventes das margens orientais do rio das Pelotas e da área missioneira, gente que havia perdido todos os haveres na guerra e cuja última esperança era encontrar abrigo junto a povoação de Lajes, fundada no topo da serra por um paulista, o Capitão Antonio Corrêa Pinto, em 1767.



Era difícil, quase impossível, encontrar casa onde se aposentar, mesmo portando o salvo-conduto do comando do Viamão, porque naquele reduto das montanhas ninguém se dava por perdido; era cada um por si. Viu mulheres agonizando com filhos recém-nascidos junto ao corpo, contou inenarráveis tragédias entre os idosos postos em abandono para morrer ao longo do caminho, flagrou crianças curumins vendidas como escravos a troco de uns púcaros de congonha e umas moedas de cobre. Sentiu-se verme sob o tacão da tirania.

Clamou a Deus e ao Diabo pela justiça que reconhecia inexistir entre os homens; só o poncho lhe impedia de morrer de frio. Quem o viu chorar, sem nenhum constrangimento ou prostrado, depois de intentar contra a própria vida, não compreendeu que ali se achava um paulista de verdade. No preciso momento, o Sargento Bento Gouvea arrancou-lhe, solerte, a arma das mãos e houve por caridade manietá-lo com a correia da própria sela para evitar mal maior. — O soldado considere-se preso até a Vila de Curitiba! — Como se não bastasse a interferência salvadora, deu-lhe guarda até o fim da viagem e reiteiradas vezes lhe chegou a comida à boca. Sempre que se defrontavam Amaro repetia-lhe a velha balda: — Emboaba excomungado!

Mais tarde, Amaro Soares haveria de reconhecer que um emboaba lhe impedira de tirar a própria vida na Serra de Lajes, em momento de desatino. Não teve jeito de agradecer, respeitosa e dignamente, porque chegados aos Campos Curitibaos o Sargento Bento recebera ordens superiores de não entrar com aqueles destroços do Viamão no rossio da Vila. Assim, passou-lhe, em pessoa, a responsabilidade de cortar caminho na direção do Bairro do Carrapato, onde se aquartelavam as forças procedentes de Paranaguá, porque na tropilha de retirantes Amaro era o único homem inteiro, em condições de escoltar os feridos.

— Amaro Soares haverás de puxar o comboio com toda a segurança, a bem dos interesses de Sua Majestade, que Deus guarde.

— Lá vem a tal da Majestade! Sargento, podemos ser amigos, que eu vos guardo o meu agradecimento particular, mas o corno do José carece ser deixado de lado, ao menos na hora da despedida.

— Paulista ingrato e malcriado, põe-te no lugar de soldado ou te envio a ferros para as galés. Sem volteios, a caminho! — Já serenado, o oficial português refletiu sobre a inutilidade da admoestação. Cedeu por impulso da sua natureza, abrindo-lhe o melhor sorriso antes de desejar boa sorte.

Recebendo a conduta dos miseráveis, Amaro viu-se na obrigação de responder por aqueles. Para sempre haveria de continuar implicado com a Real Majestade, só que, doravante, oporia ressalvas à intolerância devotada a certos

oficiais portugueses. Assim, triturando as velhas mágoas, aproximou-se do arraial estabelecido no Bairro do Carrapato, à frente do seu cortejo dos aleijados e abantesmas do Viamão.

O bom senso alertava que não podia se apresentar à autoridade superior naqueles andrajos, ia ser barrado. Tomando coragem, por razão do seu desprezo a Marte, foi abrindo caminho, fazendo-se de ousado entre aquelas tropas frescas, janotas e bem alimentadas. Prometia não se autocensurar, quando advertido, nem se humilhar diante dos galegos, mas acabou por comover-se no silêncio respeitoso daqueles homens, que abriam alas à passagem dos sobreviventes do Quartel do Rio Pardo. Deteve-o a saudação amável que lhe apresentou o oficial.

Feitas as apresentações de estilo, reconheceu verdadeiro o que se dizia a respeito daquela figura de grande militar, o Capitão Cândido Xavier de Almeida, em pessoa. Intimamente, deu graças a Deus, estava entre paulistas.

— Vossa mercê veio para ficar. Descanse os homens e aguarde a instrução para partir aos Campos Novos do Tibaji.

— Com vossa vênia, Capitão Cândido, somos chegados da raia castelhana e tudo o que mais desejamos, eu e meus homens, é pedir passagem para a cidade de São Paulo.

— Aguarde ordens, soldado. Desmobilizados se acham apenas os vossos feridos; estes seguem para São Paulo, vosmecê há de ficar.

Súbito, o seu faro de soldado lhe identificou perigo iminente. Aquelas Tropas Auxiliares chegadas de Paranaguá e a presença do Capitão Cândido estavam a lhe indicar recrudescência da atividade bélica na fronteira. Ora, força alguma deste mundo o retornaria àquele inferno que deixara para atrás. Sobressaltou-se, pensou desertar e ser dado morto ali mesmo, ameaçou espicaçar a cavaladura, no justo momento em que foi abordado por antigo companheiro de armas, o Alferes Veríssimo Xavier do Prado, cuja mão direita deteve-lhe as rédeas.

— Amaro... finalmente, te recuperamos da fronteira.

— Veja vosmecê o que nos sobrou da bela Companhia de Aventureiros, que formamos há três anos. Não chegamos a dez, estes destroçados que se apresentam. Ainda no caminho destes Campos Curitibanos acabamos por perder o valente Tônico das Chagas, de vosso conhecimento, morto pelas desgraças abatidas sobre os paulistas, sem dar causa da guerra que não é nossa. Vimos, por derradeiro, prestar contas do Real Serviço daquele excelentíssimo...

Impedido de proferir as últimas palavras, teve ordem de apaar-se e acabou estreitado em forte abraço por Veríssimo, que não se cansava de pedir-lhe calma. — Primeiro vamos cuidar dos vossos homens, Amaro, depois conversaremos. Assussega, as notícias são boas.

Sob forte pressão dos sofrimentos, Amaro não tinha papas na língua: — Boa notícia é assegurar-me que o recrutamento é findo e que estes paulistas vão retornar para a casa, que vão receber os soldos atrasados e que aquele excomungado do Capitão General foi recolhido ao ventre do seu amado José.

— Infelizmente não posso comunicar o que desejas, meu amigo. Somos paulistas, compreendemos os vossos sentimentos. Trago apertadas ordens de Afonso Botelho de Sampaio e Sousa, de Paranaguá, para serem cumpridas em diligência nos sertões do Tibaji e Serra da Esperança. Meu primo, o Capitão Cândido, seguirá para o rio do Registo, noutra demanda, em direitura dos Campos de Garapuava. Quanto a nós, amigo, dentro de algum tempo prestaremos conta ao cartógrafo geral em São Paulo. É esperar para ver!

— Aprendi a não confiar em nenhum Botelho. Pergunte vosmecê àqueles aleijados do Viamão se eles não têm a mesma gana de calar a baioneta nos buchos desta corja de emboabas e galegos que infestam a Capitania de São Paulo.

— Amaro, não há outro jeito de retornares com dignidade a São Paulo, asseguro que nesta expedição o amigo estará a salvo das fronteiras, dos Botelhos e dos castelhanos. O Jaraguá pode esperar mais um pouco — completava sorridente. — Sei que é hora de dar algum refresco aos vossos homens, só não posso desmobilizar aquele que me chega são e salvo do Viamão.

Não adiantava querer sair por aí rasgando mortalhas, o ano 1769 estava no meio. Ademais, a remota possibilidade de retornar um dia a São Paulo despertou Amaro Soares da inconformação. Resignado, bateu no próprio peito, era o único soldado em condições de marchar, tirante um velho tape das missões que lhe servia de escoteiro. Constrangidíssimo, perfilou-se e apresentou armas, em retribuição a quem lhe deferia trato assaz respeitoso. Sob a névoa das lágrimas sentiu-se na obrigação de arriscar:

— Quando partimos, meu Alferes?

## 2

### Servindo a Deus e a Sua Majestade

Havia quem apostasse na riqueza mineral dos sertões do Tibaji. A expressão genérica confundia os confins a sudoeste da Capitania de São Paulo, tirantes a Marinha e o primeiro planalto interior, onde situavam-se os Campos Gerais de Curitiba. Houve tempo em que as vastidões continentais, situadas abaixo do Paranapanema, compunham a Província de Guaíra, antiga área de penetração dos padres jesuítas, mantenedores de milhares de índios aldeados em cumprimento dos seus propósitos missionários. Destruídas as cidades castelhanas e as missões, no começo do século XVIII, o Paraná interior permaneceu um viveiro de populações indígenas, expostas à cobiça dos predadores que o designavam, simplesmente, por Sertão dos Carijós.

Ajustada por São Paulo, a Estrada Geral em direção à Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais dos Campos de Curitiba não tardou a se estender para o extremo sul do planalto de Santa Catarina. Já no começo do século XVIII, buscava-se a conexão com o Rio Grande do Sul de São Pedro e dos Santos Mártires, onde situavam-se as fazendas de criatório das bestas e cavalgaduras, indispensáveis ao abastecimento das Gerais e à circulação das riquezas nos Estados do Brasil. Apenas duas vilas paulistas se circunscreviam naqueles chãos do Paraná: Paranaguá na marinha e Curitiba no interior.

O desconhecimento cartográfico a respeito do que havia a oeste de Curitiba generalizou a expressão de Sertão do Tibaji. Davam-no por confinante aos Campos de Garapuava, aos Campos Gerais de Curitiba e aos pantanais do Rio Grande Paraná, de forma a englobar um vasto sistema hidrográfico constituído pelos rios Tibaji, Ivaí e Pequiri, com a sua rede de afluentes, os pântanos e os alagados. Não era tudo: a mamutaria da Serra da Esperança o atravessava longitudinalmente; a Serra de Apucarana, de exaltadas riquezas minerais, dividia os cursos d'água entre o Tibaji e o Ivaí; a Serra dos Dourados fazia o mesmo entre aquele último e o Pequiri. Grandezas de Portugal nas Américas!

O sudoeste da Capitania de São Paulo parecia jazer debaixo do mistério da sua cartografia, percorrido que fora pelos grandes sertanistas do passado. Ignoravam-se os verdadeiros cursos dos rios que vertiam para o mar interior, o Paraná e a localização precisa das propaladas minas de ouro e diamantes. Faiscava-se debaixo de ocultamento e com parcimônia nos leitos dos riberros nascidos ao pé de Curitiba, afluentes do alto Tibaji, porque o Rei não queria ouro nas mãos dos paulistas. Extinta em 1748 a Capitania de São Paulo pelo governo metropolitano, encerrou-se por muitos anos a atividade da Casa de Fundição e Quintagem, interditando-se a exploração mineral naqueles sertões. Nos anos posteriores, a ruinosa decadência material reforçara o desconhecimento dos caminhos e o ocultamento das jazidas, que agora, voltava-se a buscar sob a iniciativa do Morgado de Mateus.

Restaurada a Capitania de São Paulo em 1765, os camaristas de Curitiba intentaram levantar a danosa interdição aos minérios. O Morgado de Mateus passou a enxergar naquela atividade a máquina do assentamento dos povos nos sertões do Tibaji. Lançou Bando estimulando a todo aquele que desejasse levantar bandeira para estabelecer o domínio d'El Rei e ofereceu oportunidades de desfrutar da riqueza mineral prospectada, dentro do não menos elogiável propósito de servir a Deus e à Fé, qual seja, o de arrebanhar os indígenas para o grêmio da Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A devassa e a ocupação do Yguatemi (este sempre debaixo da expressão dissimuladora de "sertões do Ivaí"), do Tibaji e dos Campos de Garapuava eram projetos integrados ao plano geral de ocupação das latitudes sul e sudoeste da Capitania de São Paulo, até as raias demarcatórias da contigüidade lusocastelhana. As secretas operações no Yguatemi constituíram o capítulo principal da estratégia denominada "Diversão para o Oeste", expressão com a qual o Morgado de Mateus desejava apresentar a D. José I de Portugal o seu Real Serviço em terras da América. Para efeito dos colossais empreendimentos bélicos no Sul, o Vice-Rei do Brasil e o Capitão General de São Paulo orquestraram com rara maestria o militarizado e o recrutamento dos vassallos nos Estados do Brasil, mas o maior peso recaiu sobre a sociedade paulista.

Enquanto as operações do Yguatemi desenvolviam-se à socapa, em área controvertida de Mato Grosso, as do Paraná fizeram-se a descoberto. Cedo, o Yguatemi se revelou um sorvedouro de vidas e investimentos, mas a empresa do Paraná podia tornar-se rentável, autofinanciar-se, mercê das riquezas minerais que a tradição situava no complexo do Tibaji e na Serra de Apucarana. A prever-se para breve o afluxo do ouro pela Estrada Geral de

Curitiba, o Vice-Rei e Conde de Azambuja determinava a reinstalação da Casa de Fundição em São Paulo. O Morgado de Mateus enviara a Paranaguá o seu primo de sangue e representante, investido de plenos poderes, Afonso Botelho de Sampaio e Sousa, para coordenar a devassa dos sertões do sudoeste. Aquele, por sua vez, mantinha ávidos emissários na Guarda de Nossa Senhora do Carmo, o Registo de Curitiba, armava as expedições, uma atrás da outra, e a causa lhe pareceu ganha no ano de 1769.

Era em virtude destes propósitos que, em meados de agosto, no porto de São Bento do Tibaji, sob um frio de cortar, soldados se aqueciam junto ao fogo no interior de um rancho. Rolando a conversa sobre façanhas de guerra e amores perdidos, o tema acabava recaindo no assunto do interesse imediato, a conduta do Alferes Veríssimo prestes a partir aos sertões.

— Não vejo razão para tanto aparato militar — queixava-se para o anspeçada, um recruta curitibano.

— Botelho não dá ponto sem nó. Se nos aparecem soldados de Paranaguá e combatentes do Viamão é porque teremos refrega pela frente. Conheci o Tenente Nunes na Companhia de Auxiliares de Iguape; é sabido que o Alferes Veríssimo foi bem experimentado nas Vacarias.

— Contra os castelhanos não haverá de ser. Forante o Gatimi, que é causo de fronteira, não atino com tanto empenho de armas nestes sertões do Tibaji. Há serviços que temos de obrar, há socorros que temos de prestar, para que fruto?

— Não será por mero desfastio ou para o enfrentamento do bárbaro gentio carijó, ah não — Desta vez era Amaro quem aparteava, sem esconder o próprio interesse pelo tema.

— Não creio que nos façam de São Francisco ou de caçadores de bugre às expensas do Capitão General — retrucava o superior.

O soldado Auxiliar de Iguape tinha as suas razões. Se as proibições de 1755 sobre a preia e o tráfico indígenas eram tidas debaixo da negligência dos Ouvidores, não era menos verdade que o viveiro de índios do Paraná continuava alimentando as necessidades da lavoura. Também não era para causar espécie dar-se crédito ao Botelho, quando este pretextou lançar anátema sobre a nação dos índios xaclãs, em 1769. Por mais aguerridos que se mostrassem, tudo o que promoveram nunca passou de escaramuças com passadores de gado, em beira da estrada, ou de roubos nos ranchos e roçados de alguns sitiantes, nos locais onde mais se internavam as balizas da corrente povoadora. Pretextando o alarme sobre o perigo iminente contra o avanço da “civilização”, Botelho se preparava para sustar os insultos e os atrevimentos do gentio,

consoante as conveniências do primo e Capitão General. A sentença de morte às nações indígenas do Paraná vinha embuída dos elogiáveis propósitos de reduzi-las à verdadeira fé, de congregá-las em povoações civis, tão a gosto do Capitão General, de Sua Majestade e da Igreja.

— Esta não me parece uma expedição de amansar índio — continuava desconfiando o recruta.

— Haveremos de combater os castelhanos pelos flancos? O que poderá fazer um Alferes com esta ralé de paisanos? Franquear o caminho do Tibaji para atirar-se na raia castelhana de Coruguati, em chão paraguaio?

— Acho que não dá para chegar muito longe, havendo por coadjuvação estes desertores, inconfidentes e excomungados do Ribeirão das Baratas! — Verdadeiramente, aquela conduta repulsava aos bríos do soldado Amaro, que já vira tanto descalabro no Viamão.

— Descansem, os castelhanos estão muito abaixo, no Quartel do Rio Pardo, eles e os seus índios missioneiros. Lá se vive em estado de prontidão para a guerra; o perigo começa na Vila de Lajes, não no Tibaji — intervinha o soldado João de Deus e do Diabo. — De que tresloucada cabeça se levantaria esta maquinação?

— Ora, quem tem partes de amizade com o Alferes não conhece tudo sobre o nosso destino?

— Desconheço. Não pode haver novidade onde sertanistas e práticos de mineração tratam com cartógrafos e pilotos de rumos. Parecem muito mal-interpretados os vossos julgamentos.

— Se porventura nos sair muita marcha pela frente, vai ser melhor do que fazer a guerra aos castelhanos.

Amaro Soares alegrou-se intimamente. O que ainda o mantinha vivo era acalentar a esperança escorada na promessa do Capitão Cândido Xavier de Almeida. Fosse a devassa dos sertões do Tibaji a paga para voltar a sua vila de Outu-guaçu e abraçar os velhos pais e irmãos, retomar a sua vida no trato da lavoura, fazer a própria família. Não sabia, a exemplo dos outros soldados, que as coisas estavam se complicando na fronteira castelhana do Rio Grande e na de Mato Grosso. Nesta, por efeito da chegada da Monção do Ajudante de Ordens Theotônio José Juzarte, acompanhado de forte artilharia, pairava o temor de uma investida castelhana à Praça de Nossa Senhora dos Prazeres de Yguatemi, acaudilhada de conseqüências imprevisíveis.

Soldados ignoravam que havia pressa na devassa do Paraná. Brevemente seria lançado o Bando que haveria de liberar, em definitivo, as terras e as águas minerais dos sertões do Tibaji. Botelho estava a postos

para drenar muita riqueza aos cofres do Rei e à confraria dos parasitas coloniais, cuidava de remover os obstáculos da cartografia e os espaços ocupados pelas nações indígenas. O Capitão Cândido fora suficientemente claro quanto aos desígnios da força expedicionária aos sertões do Tibaji, sob o comando geral do Tenente Auxiliar da Vila de Iguape, Francisco Nunes, acompanhado de duas Companhias de soldados e picadores de caminho. Cabia ao Alferes Veríssimo Xavier do Prado dar-lhe a retaguarda com alguns homens seus, mais aquela horda de paisanos povoadores, delinquentes e antigos mineradores dos arredores de Curitiba. A muitos causava estranheza o fato de se carregar muita pólvora e munição, tantos caçadores e cães, de mistura com rolos de mapas e pergaminhos.

— É — concluía o recruta — a ninguém foi ocultado que marchamos para os sertões do Tibaji. Com que propósito?

Amaro surpreendia-se com o inusitado daquela expedição, capaz de conjugar uma marcha militar terrestre com uma armação monçoneira, nos moldes do que se fazia em Araraitaguaba. Prontificadas as canoas no porto do rio Tibaji, abasteceu-se de tudo: munição de boca e de guerra, boticas, águas ardentes e ferramentas de mineração. Embarcaram alguns soldados, cartógrafos e pilotos de rumos, dotados da missão específica de assinalar as fozes dos ribeirões afluentes e as faisqueiras, mais aquela numerosa casta de excomungados, réus de culpas leves e gravíssimas, ladrões da Real Fazenda e assaltantes, falsários e jogadores de carteadado, gente indesejável que as Câmaras Municipais despejavam nas bocas de sertão para povoar. Foi assim nas freguesias novas de Santana do Yapó, de Itapetininga, na Vila de Lajes, em Itapeva da Faxina. Em razão de serem as diligências do Real Serviço, sempre de acelerada necessidade, bandidos e povoadores acabavam submetidos ao mesmo trato, alguns perdiam a vida, outros saíam-se bem.

Não era diverso daquelas levas de povoadores enviadas para a Praça do Yguatemi. Já na primeira conduta os seus partícipes reconheceram que era monção sem retorno, enquanto os internamentos no Paraná começavam a tornar-se atraentes aos recrutados, não lhes repudiando a perspectiva de fazer preia e algum ouro. Perdão para os criminosos e levantamento da execução das dívidas dos jogadores inveterados eram promessas interessantes, que podiam fazer-se acompanhar de outros benefícios e de reais mercês. Em caso de sucesso na prospecção do ouro, repartidas pela autoridade as datas minerais, bastava assentar os povoadores e mandar buscar as suas famílias. Tais eram as expectativas naquele valhacouto de caloteiros e criminosos em que se convertera o porto de São Bento do Tibaji.



Um destacamento de soldados cavaleiros e pedestres, acrescido de peões da tropa cargueira e passadores de gado, formava grupo à parte, era o corpo terrestre de apoio. Não se misturava à expedição fluvial, marchando por terra, ao comando do Alferes Veríssimo Xavier do Prado. Este dera ordens terminantes ao seu novo Cabo de Esquadra, João de Deus e do Diabo, que seguia no comando militar da monção dos mineradores, para que impedisse qualquer indisciplina ou frouxidão.

— Não consinta que haja trato ilícito com as mulheres do gentio nem violência da parte dos mineiros. Carece de ser amistoso, com prudente diplomacia, mas fará castigar segundo o vosso entendimento e por minha ordem os homens do vosso comando que faltarem ao cumprimento do dever.

— Vai ser duro, meu Alferes, nunca me meti numa bandeira de mineração misturada com tropa de amansar índio. Arrel! Bem se diz que nos caminhos do sonho se alimentam os passos da paixão/ Eis-me na procela, feito nauta e mareante a meio daquela corja de piratas!

— Vosmecê guarde os versos para depois.

Havendo tudo prontificado, a um sinal do Alferes marcharam as canoas apetrechadas para a descida do rio Tibaji. Em terra ainda houve umas salvas correspondidas das águas, a bandeira do Senhor D. José I de Portugal seguiu tremulando na proa da nau Capitânia. Três dias posteriormente, ajustados os picadores do caminho, os guias e os escoteiros, dispuseram-se a partir por terra os cavaleiros, os pedestres “voluntários”, mais os caçadores e sua pertada. Acompanhavam cartógrafo e piloto de rumos que tinham por tarefa assinalar a natureza do chão, a qualidade da fauna e da flora, especialmente as madeiras de lei.

Amaro Soares seguia culatreiro com alguns soldados, fechando a marcha. Observando a movimentação do grupo ao alerta geral do trombeteiro, acudiu-lhe a memória do Viamão, reforçando-lhe aqueles sons eletrizantes que precedem o combate. Abalou-se intimamente e pensou em voz alta: — Quem haverá de correr maior risco, os pedestres ou os embarcados? É bom pensar em Deus, Amaro — acudiu-lhe em resposta a própria consciência.

— Seja de modo a vossa mercê levar muito gosto — Veríssimo, que se deslocava para a verificação da retaguarda, colheu-lhe o pensamento. — Vamos em frente!

Entre os embarcados não havia como evitar o desconfortável suceder das itaipavas e dos bariris, naturais de um rio de planalto, a escorrer em estrado pedregoso. No segundo dia, João de Deus e do Diabo se achava enjoado e

quase imprestável, atirado ao fundo da canoa feito um saco de farinha. Ainda faltava muito para atingir o ponto de encontro marcado entre as duas alas expedicionárias, nos confins da Serra da Esperança, aquela espinha dorsal que atravessa o segundo planalto interior, buscando o Paranapanema. Só Deus sabia a que recursos materiais e morais teria de apelar para manter-se no comando da monção.

Os sertões do Paraná eram novidade para Amaro. Quando os grandes campos do Yapó foram deixados para trás, cedendo vez à mata ciliar que acompanha o curso do Tibaji, admirou-se com as formosas espécies vegetais e a mata que fazia a festa dos caçadores. Os disparos eram ouvidos ao longo de toda a campanha, servindo para afugentar o gentio que sempre se retraía evitando contato. Não faltava caça grossa ou miúda: antas, porcos do mato, veados, perdizes e inhambuquas.

Desta providência também se valiam os mineradores que prospectavam os barrancos bem como os leitos do Tibaji e seus afluentes. As boas amostras começaram a rarear depois do sítio da Pedra Branca, que respondia pelas grandes faisqueiras da posse do Coronel Francisco Pinto do Rego. Em contrapartida colheu-se excelente proveito nos rios das Antas e do Lajeado. Passados oito dias, a ansiedade se apossava dos monçoneiros, à medida que se aproximavam dos contrafortes da Serra da Esperança, cuja mamutaria cinza-azulada se aproximava cada vez mais.

Nos primeiros dias de setembro, uniram-se as duas expedições ao pé da Cachoeira do Inferno. Assentadas as cartas, refeitos os homens das provações, eram passados quinze dias da largada do porto de São Bento do Tibaji quando começou-se a atravessar a quadrilheira no rumo noroeste. Os guias eram aqueles que, anteriormente, haviam servido ao Capitão Estevão Ribeiro Parente, os mesmos que puxaram recentemente o Tenente Francisco Nunes, quando este julgou-se perdido no limiar dos campos. Prontificavam-se os expedientes da demarcação com tensionante agilidade porque o caminho era refúgio de caça grossa e os campos contíguos eram o *habitat* das populações indígenas de fala bárbara, os temidos xaclãs.

Franquear caminho pelo interior do Paraná era diligência de muita coragem e resistência física que podia ser levada a desempenho por uma Companhia Equestre dotada de certa mobilidade. Não por aquela improvisada bandeira, constituída de todo o tipo de pedestres, a queixar-se dos perigos e das demoras nos pousos, onde se mapeava e se prospectava, militares e paisanos dificilmente se entendiam. Constatava-se que por ora nenhum grupo indígena se dera a contato, mas a partir do segundo dia de marcha os sinais daquela

presença se tornaram evidentes. Sentiram-se observados, redobrando-se a cautela no acampamento. Por algum presságio os cães punham-se a latir desoras; ao amanhecer do segundo dia surpreenderam as pegadas deixadas por gente tihosa, sorrateira, ao redor do acampamento.

Avistadas algumas malocas no terceiro dia, os escoteiros que as observaram trouxeram a novidade de que as mesmas se achavam desocupadas. Mas as reservas de alimentos guardados em seu interior, em alcofas e jacás, ao lado de porungos e artefatos de caça, diziam o contrário. Próximos, uma roça de milho e canteiros de abóboras eram sinais evidentes de ocupação. A ausência de mulheres e crianças ou de qualquer ser vivo denunciava medo ou hostilidade. Carecia valer de toda a prudência porque os xaclãs sentiam-se invadidos em sua área de habitação. O Alferes Veríssimo determinou a João de Deus e do Diabo que contivesse os mineradores e a Amato Soares que não consentisse a nenhum caçador apertar o gatilho. Foi difícil contê-los quando o melhor cão veio a morrer, junto aos pés do seu dono, varado por certa flecha. Apertou-se a marcha. No final da tarde, pareceu bonançoso e providencial o momento em que vencido o cerrado o Alferes bateu estacas ao pé da Serra de Apucarana.

Um dos melhores homens de conduta era Eleutério, caçador e cachorroiro, que jamais se distraía fora das suas funções. Era caboclo de olho certo, dele não escapavam perdiz ou capivara porque também se fiava no faro do Guabiru, o seu principal cão mateiro. Naquela mesmíssima tarde as coisas saíram-lhe às avessas, não só por causa de uma pintada, barreada numa capoeira, contra a qual errou o tiro, aquela lhe veio na fumaça da arma, e por desígnio do destino lhe acabou arrancando Guabiru dentre as suas pernas e sumiu no mato com o pobre. O caçador sentia-se perdido, recolhera-se a um canto e nada lhe aliviava o mau humor. Veríssimo tocou-lhe o ombro:

— Nasceste de novo, Eleutério. Agradece a boa sorte a Nossa Senhora da Luz.

— O mau humor dele não se resolve com reza, meu Alferes; dá-lhe daquela triaga dormideira, não o deixa cismar.

— Quá... mió si fô tisana d' urucu cum catuaba.

Quando cai a noite em rancho de soldados acontece muita prosa. É raro suceder transtorno, mas em acampamento de sertanistas e mineradores podem ocorrer perigosos entreveros e fortes quizílias porque não falta gente de língua libertina e caráter colubrino. Veríssimo pressentiu inconfessadas intenções no momento em que o faiscador Jerônimo aproximou-se de Eleutério e convidou-o para uma bateria de cartas.

Naquele final de jornada, Amaro apenas desejava enrolar-se no capote e dormir o sono dos justos, mas sabia que ainda tinha de juntar a esquadra, distribuir as sentinelas e acabar com as rodas de jogatina. Vez anterior, observara que Jerônimo roubava no jogo, sem maiores conseqüências, mas naquela noite acabou flagrado por Eleutério, armando-se a bulha. A experiência mandava que se apartasse os implicados para evitar desgraça e foi o que proveu sem demora. A sua ordem foi acatada, mas, assim que deu as costas, ambos se atracaram, havendo por demandar muito esforço para os separar. Os contendores só retornaram aos seus abrigos debaixo de destempero verbal, lançando recíprocas ameaças de morte, de forma a gerar forte indisposição entre caçadores e mineiros.

No amanhecer do quarto dia, Amaro sobressaltou-se ao dar com o rancho vazio. Ao sair, sonolento ainda, atinou com a causa: mineiros e caçadores dispunham-se a um ajuste de suas rixas no piquete do campo fronteiro. Indignando-se quis impedir a batalha, mas foi detido após receber forte pancada nas ilhargas. Ao cair, encarou o agressor na pessoa do Jerônimo, que lhe escarnecia com pesados insultos a sua patente de soldado do Viamão. Foi neste preciso momento que Amaro decidiu que não se deixaria avexar na memória dos amigos mortos daquele continente por nenhum galego, muito menos por um miserável do Ribeirão das Baratas de Curitiba. Caído, apoiou as espáduas no chão, e feito um gato saltou enquanto disparava o tiro certo que atingiu o meio dos olhos do adversário. Não sem tempo de safar-se ante os miolos cuspidos; e foi coberto de sangue que sacou o facão para não ser linchado pelos mineiros. Lia-se-lhe nos olhos a gana de atravessar os adversários. Saltava ágil entre os punhais, defendendo-se e atacando, até que os soldados da sua Companhia apareceram, atirando para o ar.

— O que tens a explicar, Amaro?

— Em batalha declarada há tambores e cornetas, meu Alferes. Aqui, o inimigo é aleivoso, dorme ao lado e ataca pelas costas.

— Com mil demônios! — rezingava João de Deus e do Diabo. — Juntar caçadores e mineiros num mesmo acampamento é causo de apostar com a morte. Alferes, o que faço com aqueles alvorotados?

— Manda-os chapuzar na cachoeira do Inferno, ou deixa-os por aí, aos abutres, sem sepultura. Eu mesmo hei de espingardear o primeiro que se alevantar ao meu comando.

— Ao quarto dia da segunda jornada já começam as insubordinações — Temendo o pior, João de Deus e do Diabo coçava a cabeça desanimado.

— Dá-lhes o trato que Amaro aprendeu no Quartel do Rio Pardo e terás encerrada a função.

— Seja de modo a vosmecê levar muito gosto, Alfêres. A ninguém é desconhecido que prefiro os versos e as juras de amor, estas bulhas me esquentam o juízo, são horrorosos insultos a um vate bem-intencionado.

# 3

## Armas Reiúnas

Nos rebordos orientais da Serra da Esperança despede-se a mata que frondeia o rio Tibaji. Embarcados os homens da mareação monçoneira para o torna viagem ao porto de São Bento, cabia aos soldados da Companhia Eqüestre do Alferes Veríssimo Xavier do Prado a liderança ruma jornada na qual os precederam dois comandantes de grande nome, o Capitão Bayão Parente e o Tenente Nunes. Dispunham-se, por prévia determinação, a varejar o cerrado que abria no rumo noroeste, através do qual se dava acesso à Serra de Apucarana.

Consumidas duas léguas por campo alegre e saudável, retornavam os escoteiros de onde foram colher informações das pegadas, ainda frescas, da passagem do Tenente Nunes, confirmadoras do rumo. Veríssimo cuidava da agulha verificando a cada quarto de hora. Após meio-dia de marcha, saiu a uma campanha de inexcédível beleza, dada a multidão de papagaios e aves coloridas que a sobrevoavam e da caça que fez a delícia da janta no pouso. Enfiadas de inhambus e nacos da melhor carne foram acondicionadas para as horas de necessidade, autênticos manjares da Providência; antas e capivaras não têm muitas enxúndias, mas socorrem o feijão e fornecem excelente paçoca.

Pisar aquele vergel paradisíaco repercutia favoravelmente em cada homem. Amaro sentia-se mais seguro, apesar do indefinível pressentimento de coisa estranha iminente. Talvez por contágio do subordinado ou pela visão da mamutaria sinistra da serra que se denunciava na linha do horizonte, Veríssimo também foi se precavendo.

— A perrada se põe a ladrar por causa que me é desconhecida — dava-lhe a queixa João de Deus e do Diabo.

— Faça-se a ronda pelo campo, a cavalo, mantendo-se um terço dos homens em vigilância noturna.

— Algo está me queimando o juízo desde que chegamos a estes campos, meu Alferes. A varação não me parece a coisa simples que nos foi dado entender lá de cima da Serra da Esperança.

— Sinto cheiro de bugre — aparteava Amaro Soares. — Vês, à esquerda? São sinais do gentio da terra.

Assentando o óculo para a conferência, Veríssimo cuidou de tranquilizá-lo: — Tenho de reconhecer os vossos olhos de lince, mas não me parece coisa de monta.

— Ainda me recordo das práticas do Viamão, estou pronto para o que der e vier, meu Alferes.

— Assossega, Amaro, aqui não estamos em estado de guerra. As nações do gentio somente são belicosas quando têm de defender o seu chão, como ocorreu nas Missões. Carece de ter muita paciência, ninguém vai se bater.

João de Deus e do Diabo alertava de algo procedente da retaguarda. Surgidas de permeio à vegetação, umas partidas de bugres a empunhar arcos distendidos e bordunas provocaram súbito tensionamento na tropa. Vinham inteiramente nus, causando admiração a sua avantajada estatura se comparada aos tapes da região missioneira. Singularizando-se sobre os demais gentios ostentavam corte arredondado do cabelo, sobrancelhas raspadas, barbicha rala sob o queixo. As pinturas coloridas do corpo e os gestos pouco amistosos não pareciam deixar dúvidas quanto aos propósitos.

— Saíram de onde? — resmungava João de Deus e do Diabo. — Tínhosos, querem é a armação de um fuço, assim a céu aberto?

— Que não se desmanche a formatura. A retaguarda se tranquilize — advertia Veríssimo.

— Estes bugres são matreiros, escondem-se na vegetação do cerrado, confundem-se com ela. Já lhes dou o que procuram. — Ato contínuo, João de Deus e do Diabo apeou-se da montaria e partiu decidido ao seu encontro.

— Ensandeceu? — espantava-se Amaro Soares, pronto para rebater qualquer injúria.

— Ele sabe o que faz, contenha os homens. Não quero perturbação ao trabalho do meu soldado junto aos habitantes deste campo.

João de Deus e do Diabo tinha um jeito muito especial de tratar o gentio, não se deixava intimidar e provocava interesse, avançando sereno, mas esperto, ao seu encontro. Dava uns passos, gesticulava, batia palmas, articulava frases em guarani. A certa altura tirou uma gaita do bolso e ofereceu-lhes música: a reação foi positiva e imediata! Era assim que os punha em curiosa expectativa, preparando a melhor surpresa, o momento propício para a distribuição dos presentes. Primeiro, atirou-lhes o barrete de guingão, depois, o lenço do pescoço. Como os bugres permanecessem arredios, despiu-se da vésia e lançou-lhes. Nenhum se antecipou a colher os presentes, inibidos pelo líder,

mais renitente, que ameaçava disparar arco. João de Deus e do Diabo tranqüilizou os companheiros.

— Melhor estaria a comer filhós! Aguarde mais um pouco, meu Alferes, é tudo encenação

Veríssimo acalmava: — Eles não nos atacam em campo aberto. Se quisessem, já nos teriam atravessado pelas costas. Vamos dar-lhes o que desejam, passa-me as vossas vestimentas, Amaro.

Amaro Soares submeteu-se contrafeito ao ordenamento do seu comandante. Desconfiado, foi acompanhando os gestos e as troças. Ele, que já tinha em mente preparado o combate, cedeu à curiosidade que lhe provocava o novo relacionamento tentado por João de Deus e do Diabo. O inacreditável parecia acontecer, à medida que este despia-se dos calções de barregana, atirando-os quase aos pés dos bugres, e imediatamente retomava o concerto, tirando melodia da sua gaita, alternado cambalhotas e saltos, muito à vontade e desdenhoso. Não tardou a arrancar fora as ceroulas e só de botas, nu, a céu aberto, dava intimação ao companheiro para que fizesse o mesmo.

De quantos recursos carece valer-se um soldado de Sua Majestade! Em contrapartida, os bugres desmanchavam-se em risadas, mas era sinal de bom sucesso. Aos soldados da Companhia, o histrião improvisava novos versos: — Não vos assusteis, é passado o perigo/ Reforçai a retaguarda e preparai o sentido/ Já me cuido de despachar aqueles pintados de um triz/ É pelos traseiros de Sua Majestade, direis o que eu fiz.

A estranha performance dos Auxiliares nus contagiava os xaclãs. Tocando e dançando, o animoso Cabo de Esquadra convidava a acompanharem-no na coreografia a mais dois soldados enviados pelo Alferes. Estes, por sua vez, iam-se despindo, repassando ao gentio as suas vestimentas. Amaro inconformava-se de desfazer-se da última peça, seu barrete de bocachim mas, era cumpridor das demandas superiores e via propósito naquilo.

Certo piá, rapazinho mais ousado, destacou-se do grupo e apanhou a camisa que vestiu pelo avesso, aberta nas costas. Outros se aproximaram e logo saíram satisfeitos, amarradas as ceroulas aos pescoços. A muito custo, os demais abaixaram os arcos, falando numa língua bárbara, nunca ouvida antes. João de Deus e do Diabo prosseguia na coreografia, já um tanto amofinado por ver-se o alvo potencial de um bugre idoso, que ora batia nos peitos ora ameaçava com os punhos cerrados.

Felizmente, os jovens puseram-se a dançar demonstrando plena aprovação. Houve até um deles que se pôs a soprar, a todos os pulmões, a velha cangüera que trazia à tiracolo, num pobre arremedo à sonoridade da gaitinha



portuguesa. Uns passos aqui, outros saltos ali, eis a improvisada farândula dos homens nus no cerrado, sol a pino, no rumo da Serra de Apucarana.

— Em que esparrela nos meteste, ó João de Deus e do Diabo? — Apeando-se, Veríssimo juntava-se ao grupo, reforçando os presentes com outras peças da sua indumentária.

— Não fosse pela música, pouco efeito teríamos destes regalos. Ó Alferes, com o devido respeito, não julguei que estivesse disposto a dançar nu em pêlo, como nasceste. Manda-me outros dançarinos, que venham animosos a se despir — e dirigindo-se aos companheiros: — Vede que nos aparecem mais bugres sortidos das bandas do capão.

A curta distância viam-se umas moças que, se não podiam ser consideradas belas pelos padrões ocidentais, pareciam atraentes. Traziam os seios à mostra e não se apresentavam totalmente nuas porque vestiam uma tanga curta amarrada na cintura. Vinham apressadas em busca de presentes; outras puxavam crianças pelas mãos.

— Vede o que nos aguarda, gritou João de Deus e do Diabo. Alferes, deixa-me ficar entre elas.

— Amaro, carece de ter cuidado no trato a fim de não comprar inimizade com a nação xaclã. Bugres têm mente infantil, buscam presentes, mas podem ser traiçoeiros. Vai e esfria o vosso companheiro.

— Agora é a vossa vez, dança com elas, Amaro! Não te faças de rogado, é sacrificio por maior brilho da coroa de Sua Majestade.

— Aquele ... Não sei como me sair desta impostura vexatória — protestava Amaro, que se via em sérios apuros no meio das mulheres. Extremamente curiosas, tocavam-lhe o corpo, puxavam-lhe os pêlos, que ele buscava evitar sob total constrangimento. Resistia vexadíssimo e só protestou quando lhe quizeram retirar as botas. — As botas, jamais; só morto! — ríspido, afastou as moças, sem esconder que não estava desgostando de todo. — Há que sustentar a grandeza do tronó e o esplendor da coroa do excelentíssimo — berrou ao parceiro.

— Vosmecê dança e aprende rápido a lidar com as moças xaclãs, soldado Amaro.

— Por mim, mandava um quintal de chumbo grosso naqueles pintados, meu Alferes.

Veríssimo, que acompanhava o diálogo, divertindo-se, estava mordido de curiosidade; convidou-os a se aproximarem da primeira maloca, aparentemente deserta. Aí ocorreu-lhes o inusitado. Nem bem eram chegados ao seu interior, apareceram à porta vários bugres com toucados de penas, os quais foram se introduzindo no recinto sem hostilidade.

— E agora?

— Parece que vêm retribuir os presentes, Amaro. Não há porque de-sassossegur, os nossos estão vigilantes lá fora.

João de Deus e do Diabo, parecia à vontade, malgrado a nudez tentou estabelecer a comunicação e, apontando para o Alferes, bradou-lhes amistoso:

— É o Pay.

Parece que entenderam, porque reinou grande cordialidade mímica, havendo os mesmos por contemplar a Veríssimo com porungos, abóboras e uma semitrunfa de cabeça. Chegou-se ao ponto alto da confraternização, quando lhe ofereceram o tição ritual. Os companheiros de nudez, estes foram agalardoados com tornozeleiras, braçadeiras, chocalhos, pintaram-lhes as faces com urucum. João de Deus e do Diabo, sem nenhuma cerimônia, exteriorizava a sua alegria improvisando passos ao som da velha gaita. Amaro, que a tudo observava retraído, foi puxado por dois índios para um tamborete, onde sentou-se desconfortável, nada convencional. Achou melhor valer-se dos porungos de pinhões cozidos ofertados aos visitantes e, sob constrangimento, acabou provando iguarias desconhecidas, que não desabonavam.

— Regalo de poucos – o artista lambia os beiços. — Só me faltam as moças, o que me dizes, Amaro?

— Tudo o que desejo é recuperar as minhas calças.

— Deixa-te de escrúpulos, amigo. Estão a nos oferecer aposentadoria para o nosso deleite. Que venham as moças...

Instado a tocar, improvisou novos passos, no que era acompanhado com arremedos e galhofa da parte dos bugres, promovendo-se uma dança endiabrada, a qual ele acrescentou vibrantes descantes em bom português. Amaro deu-lhe o bordão: “morra aquele”

— Morra aquele... Capitão General/ Morra com ele... Sua Majestade/ Que o demo os leve para baixo/ Em pontas de chuço chumbado/ Debaixo da pior tempestade.

— Bem versado – resmungava Amaro, animoso a repetir-lhe os estribilhos da interminável cantilena, bem a gosto de paulistas e nativos. — Vê como os xaclãs souberam apreciar o destino que deste aos nossos nobres sicários?

A farândula parecia interminável: pulos, gritos, batidas de maracás. Bolos de milho e estranha bebida enroscavam-se na goela, sem que a dança fosse dada por encerrada.

— Devemos nos acautelar. - Sempre prudente, Amaro festejava com um olho na porta da maloca e outro nos companheiros.

— Eles cuidam de agradar, não há como fazer-lhes desfeita sem arriscar subir ao eterno descanso antes da hora.

— Com as luzes do vosso entendimento, meu Alferes, o que devemos fazer?

— Assossegue, homem. Se me andam bem-interpretados os desconcertos deste negócio, eles querem paz e presentes. Risco de acabar enforcado numa árvore do capão mais próximo existe, porém, se estamos nus, eles reconhecem que acabaram os presentes. Aceite as últimas homenagens de cara alegre. Sim, vamos saindo, sem demonstração de cuidados, com calma.

Acenando-lhes com o tição fumegante e sem esperar por maiores efusões de alegria, Veríssimo retirou-se com os companheiros em direção da sua tropa. Saindo os três, desta forma inusitada, ainda cercados de mulheres e crianças, acabaram efusivamente saudados pelos companheiros da tropa. Afinal, não era corriqueiro assistir a retirada de oficiais de Sua Majestade em estado de natureza, como nos tempos dos heróis da velha Grécia.

— Ora, ora – bradava João de Deus e do Diabo. — Sinto os olhos gordos de quem se privou do festim, onde fui conviva honorável. Passa-me um poncho, ó Manuel. Não sei enfrentar a Companhia em face de Adão.

— Com tantas evas, vosmecê não haveria de perseverar naquelas amizades?

— Mais um pouco e a ousadia daquelas belas haveria de pôr em risco a minha formidável natureza!

— Meu primeiro desejo era mandar uns bagos de chumbo àqueles bugres e suas harpias – replicava Amaro.

— Ah! Ah! As vozes daquele cantar/ Em sendo alegre, soía chorar.— Qual, estavas gostando.

— Qualquer violência cometida naquele momento seria a nossa perdição – acrescentava Veríssimo, enquanto lhe passavam um capote. — Aqui não estamos em guerra declarada, os métodos divergem do Viamão. Dize-me uma coisa, Amaro, acaso não gostaste de dançar ao som da gaita? Não apreciaste os mimos daquelas moças?

— Nasci para ser soldado, meu Alferes. Coisa de mulher tem lugar arranjado e em hora certa, estes descomedimentos me fazem arrepiar...

— Eu não cuido destas intransigências. Sou poeta versejador e os xaclãs conheceram o meu lado tangará.

— Que invencionice é esta, João de Deus e do Diabo?

— Canto tão bem quanto danço, sou como o pássaro tangará. Haven-do música, paciência e bom jeito, se consegue mais do que às turras e aos desa-

catos. São os novos métodos de salvar vidas, providos nos sertões do Tibaji por preço e obra do engenho paulista. ãhé.

— Se paulistas animosos se põem a saltar nus e a trocar em companhia de bugres para o acerto da paz, convenço-me de que corremos menos perigo no Paraná do que no Quartel do Rio Pardo ou nos campos do Viamão.

— Acertaste. Pensei quase haver chegado a minha hora quando os velhos batiam nos peitos, renitentes, sem demonstrar intenção de aceitar os presentes. Temo que o Tenente Nunes haja encontrado problemas na sua passagem; alguma dificuldade com os seus homens contribuiu para tornar estes xaclãs inamistosos. Cá por mim, confesso haver aprimorado a minha encenação artística só para derreter-lhes o mau humor.

— Desnudamento ao som de gaita pareceu-nos a fórmula do vosso sucesso.

— Melhor nu e resfriado do que enristado numa azagaia índia — retrucava Amaro repetidas vezes, bastante ressentido das galhofas que recebia da parte dos companheiros. — A que se expõe um soldado daquele excelentíssimo...

— Melhor animoso do que frescalhão!

Há muitas horas decampados e a procura de um sítio de boa aguada, finalmente comeram a ceia junto a uma lomba, distante da aldeia xaclã, dormindo a noite que decorreu sem transtornos. Ao amanhecer, puseram-se em marcha para a Serra de Apucarana, redobrando a vigilância. Os estampidos dos caçadores mantinham respeito. A preocupação cedeu cerca do meio-dia, quando se divisou pelo óculo o estandarte real afixado pelo Tenente Nunes em confirmação da posse do território de Apucarana.

— Bem-vindos, em nome de Sua Majestade!

O Tenente Auxiliar da Vila de Iguape, Francisco Nunes, desincumbira-se com sucesso da missão que lhe confiara Afonso Sampaio de Botelho e Sousa em Paranaguá. Fazia jus ao renome de grande oficial escolhido para o comando desta segunda expedição terrestre, saída do porto de São Bento do Tibaji, a que seguia na esteira do Capitão Estevão Ribeiro Bayão, dando prosseguimento à devassa do interior do Paraná.

Com espaçamento de trinta dias, manteve na retaguarda o subcomando do Alferes Veríssimo Xavier do Prado, com quem dividia as responsabilidades de cartografar e demarcar as terras e as águas minerais. O assentamento dos arraiais e a prospecção ficavam a cargo exclusivo deste, uma vez que o Tenente Nunes devia dar prosseguimento aos descobrimentos a sul e sudoeste da Serra. Intencionava percorrer o rio Mourão até a sua foz, infletindo para o rumo

oeste em demanda da Serra dos Dourados de legendária grandeza mineral. Aqueles servidores de Sua Majestade tinham por compromisso o efêmero: aqui, ali, unidos hoje, separados amanhã. Feitas as despedidas, coube ao Alferes Veríssimo governar a Serra de Apucarana!

Naqueles confins do Paraná vivia-se em plena fronteira do desconhecido. Lançadas as roças de feijão e milho pelo Tenente Nunes, aguardava-se a colheita vindoura, sobrevivendo-se dos poucos recursos e dos gêneros da terra: abóboras, vacuris e arumatiás, carás e frutos silvestres. Diferentemente do que se esperava, o milho e o feijão atrasaram-se, a caça rareou, obrigando cães e caçadores a redobrado esforço.

Enfrentando todo o tipo de problemas, no mês de outubro prosseguiram os trabalhos cartográficos e as demarcações das áreas minerais, porém, os mineradores se impacientavam porque lhes era vedado pelo comando trabalhar em proveito próprio, apenas lhes era facultado colher amostras e avançar. Veríssimo sentia as dificuldades em segurar-lhes as pretensões, ainda mais que os povoadores, metidos entre eles, desprezavam as lavouras e também se julgavam no direito de colher algum fruto mineral daquela exaustiva permanência na Serra. Violência e ambição caminhavam *pari passu*.

Quatro arraiais foram assentados na vertente norte e outros dois, mais para o sul, divididos os trabalhos de prospecção e lavoura. Porém, a chegada das fortes chuvas de verão inviabilizou as veredas da Serra, enclausurando os homens nos acampamentos. Não tardaram os protestos e as ameaças de insubordinação.

Constatado, já nos primeiros dias da chegada à Serra, que não se fazia a preagem, a presença dos bugres, das suas mulheres e crianças tornou-se bastante comum nos arraiais. Em sua ingenuidade, quase infantil, tudo cobiçavam. Assentado o bom relacionamento, vez por outra soavam maracás e cangüeras num lúgubre concerto improvisado, ao qual, não raro, o soldado Joaquim temperava com a viola e João de Deus e do Diabo acrescentava o som da gaita, acompanhados de uns adufos e vibrantes descantes. Curiosidades apareciam nesses saraus, onde os homens ficavam à vontade para dançar e, apesar de terminantemente proibido, degustar, às escondidas, uns fortes goles de aguardente.

O perigo apareceu provocado de parte de certos faiscadores que desciam ao cerrado, imiscuindo-se nas malocas indígenas sob pretexto de amizade. No final de novembro, vários se transferiram, à revelia, para o campo índio, circulando a informação de haverem emprenhado algumas mulheres. No Natal, quando o milho já apendoava e se esperava concluir os trabalhos para breve, começaram a ocorrer brigas e roubos nas roças dos índios.

Alferes Veríssimo interveio, usou força militar e retirou das malocas os indisciplinados. Lá pelo Ano Novo, apareceu mutilado o corpo de um minerador. Proibido o revide, buscou-se parlamentar com os chefes xaclãs, mas estes recusaram os presentes, alegando desconhecimento do fato. No dia dos Santos Reis Magos, dois povoadores, tidos por violentos, não retornaram da caça. Foi quando todo o arraial da vertente norte refugiou-se, às pressas, no acampamento militar, havendo por escapar ao ataque da madrugada, ocorrido sem motivação aparente. A verdade é que os xaclãs estavam revoltados por sentirem ameaçadas as suas roças e as suas crianças. Veríssimo tentou assossegá-los, mas foi impedido; estes faziam-lhe sinais inamistosos: — Fora, foral

Recebido o ultimato, durante um mês de resistência e tentativas de pacificação não se chegou a acordo. Eram visíveis a indisposição do gentio e a sua rejeição às embaixadas.

— Bugres recusando maravilhas? — espantou-se Amato.

Parecia inconcebível a Veríssimo retirar-se prematuramente de Apucarana, sem completar os trabalhos. Porém, a intransigência dos caciques converteu-se em ato de pura hostilidade, à tarde, quando lhe apareceram mortos os cães por envenenamento e o gado a flechadas. Na madrugada seguinte, dois de fevereiro do ano da graça de 1770, intentaram o ataque sorrateiro pelo lado Norte, sem que ninguém se apercebesse. Já adentravam o acampamento, quando soou o alarme, a tempo de se revidar o insulto com uns tiros de intimidação. Na fuga, os xaclãs atearam fogo ao milharal e às roças de alimentos, inviabilizando por completo o projeto de permanência na Serra.

Veríssimo sentiu-se encurralado, não lhe restando alternativa que não fosse concentrar todos os seus homens, duas léguas abaixo, sobre um outeiro que lhe permitia descortinar todo o cerrado. A meio passo da retirada, ainda procurou parlamentar com os caciques, distribuindo-lhes machados e ferramentas, sob a garantia da palavra de que haveria de manter os seus homens à distância. Julgou conjurado o perigo porque lhe foram servidos bebida e pinhões, malgrado a advertência de João de Deus e do Diabo, que sabia serem tais agrados fruto da dissimulação do gentio.

— Retornemos o quanto antes ao Tibaji, meu Alferes.

— Não posso, a ordem é acelerar os trabalhos e disciplinar os homens.

## 4

## Dédalos Ermados

Ao clarear do dia seguinte, Veríssimo tomou-se de inquietação. Decidiu-se a percorrer o arraial, mas o que divisou, a curta distância, provocou-lhe “frio na espinha”. Alguns bugres pintados para a guerra acenavam da pequena várzea do ribeirão Caaguaçu. Pensou parlamentar com eles, distribuir-lhes as últimas maravilhas e barretes, porém, logo constatou que a retaguarda da lomba, onde se assentava o arraial, estava locupletada pelo gentio xaclã; ali havia pelo menos três caciques emplumados com a sua gente guerreira, enquanto do arvoredo ao lado pendiam pelo pescoço, um a um, os mineiros que tentaram evadir-se do acampamento na véspera.

O som da inúbia varou a campanha, atraindo da pequena mata ciliar outra centena de bugres, havendo por acompanhamento o tom sinistro das cangüeras e o grito instigante das mulheres. Iminente o perigo, Veríssimo retrocedeu para o arraial, ordenando alarme ao trombeteiro. Quem dormia mal teve a chance de ajustar as bandoleiras e saltar para o terreiro. Amaro saía do pesadelo sobressaltado: — Onde estão os castelhanos?

Agora, na várzea, soavam os bramidos aterradores que acompanhavam as danças guerreiras. Súbito, três nações xaclãs avançaram para o ataque, propondo-se a escalar a lomba, acobertadas por surriadas flecheiras que eram disparadas da retaguarda com grande precisão, vindo a completar a sua trajetória às portas do acampamento. A estratégia mantinha os soldados de Veríssimo imobilizados.

— Caímos em forte esparrela... – gritou-lhe Amaro.

— Preparar a mosquetaria. Fogo de varredura! – ordenava o Alferes.

Arriscando-se e ferindo-se, Amaro saltava da sua barraca, seguido de uns poucos companheiros, rumo aos mosquetes. A primeira salva produziu enormes estragos no grupo atacante; na operação de recarregar as armas os xaclãs avançaram afoitos, enquanto os seus flecheiros prosseguiram ferindo e imobilizando.

— Estamos cercados, meu Alferes.

— Fogo de encontro para sair desta encurralada!

Ora avançando, ora recuando, sob a saraivada inimiga, os soldados sangravam bastante, porque as pontas seteiras eram muito cortantes, produzindo dor e intimidação. Mulheres e crianças índias com os seus gritos agudos açulavam os guerreiros de forma nunca vista nos entreveros da fronteira. Amaro decidiu:

— Carece de romper a retaguarda, ali há campo.

— Há mulheres e crianças – retrucou-lhe João de Deus e do Diabo.

— Abrir passagem por cima deles, agora ou nunca.

Foi o que efetivamente praticaram, sem esperar resposta, atirando e matando a facão, feito loucos, e sem dar ouvidos a pranto ou rogos de clemência. Abriu-se um corredor por cima dos agonizantes e feridos, enquanto os demais debandavam.

Na vanguarda o cenário era diverso. Por meio de buzinas e bramidos, as três colunas xaclãs buscavam estreitar as distâncias até o arraial, apesar das descargas. Balouçavam intermitentemente os seus corpos para driblar os mosquetes, atiravam-se no chão antes das descargas, para reerguer-se e avançar com redobrado furor. Juncado o chão de mortos e feridos, continuavam a atacar, bugres brotando da mata.

— Mostro-lhes como se caça em campo de perdiz. — Ameaçando faltar balas, Veríssimo já cogitava do combate à arma branca, quando a chegada de Amaro foi providencial. — Soldado, onde estiveste?

— A retaguarda está calada, meu Alferes.

— Concentre-se o fogo de varredura, mais à direita da lombá!

Passaram-se esforçados os derradeiros minutos de artilharia, constatando-se que os xaclãs haviam perdido o furor de combater. Mortos dois chefes emplumados, não tardou que a maioria começasse a arrastar os feridos para o outro lado da várzea. Veríssimo, por sua vez, tratou de conferir os desfalques e juntar os seus homens, não lhe parecendo fácil tomar a decisão estratégica que o momento impunha.

— Enfrentamos o cerrado na demanda do Tibaji? — questionava João de Deus e do Diabo.

— Absolutamente, não! Forme a vossa esquadra que partimos ao encalço do Tenente Nunes. Não consinto em toque de retirada, vamos para o Ivaí com tudo o que dispomos, se nos é dado pela Providência sobreviver com honra militar.

Veríssimo determinava-se a seguir a trilha da expedição que o precedera. Foi a passos acautelados, depois de dia e meio pelo sertão, que os escoteiros acertaram com a picada a sudoeste, condutora às matas do rio Ivaí. Confirmavam-se as informações anteriores sobre os laranjais e as bananeiras aban-



donados, ruínas de uma cidade adornada de casas e templo, outrora florescente, agora perdida e imersa na mais desoladora solidão. Amostras da passada ocupação castelhana no sertão do Paraná em plena raia paulista!

— É sabido que as bandeiras paulistas deixaram o rastro dessas ruínas, há mais de um século.

Vencidos pela curiosidade, percorreram os arredores, constatando ali haver existido no passado importante cidade espanhola. Coisa de sarapantar! — Quem fizera aquilo?

— As ruínas mexeram com o valeroso soldado do Viamão? Também estou a cismar — completava Veríssimo, acomodando-se junto ao fogo. — Se esta foi a Vila Rica de que falaram, cortamos em direitura do rio Piqueri, reproduzimos o trajeto do Bayão, o mesmo que seguiu o Tenente Nunes em nossa vanguarda.

— Sinto o perigo do desconhecido, meu Alferes.

— Estás a conferir acertadamente. Sertanejar nos campos do Tibaji, cartografar terras e águas minerais em Apucarana, tratar com o gentio xaclã, não são as coisas que mais me aprazem. Prefiro a inspiração das musas ou a lira do maior dos vates

— A mim parecem muito estranhos esses caminhos. Sempre combati a tostão, agora me vem a largueza de Sua Majestade com esses três tostões de soldada, que se paga até para recrutas e desertores. É muita corda para pouca lira...

— Ora, hão de estar se aproxinquando melhores tempos nestes sertões do Paraná, homem — rebatia João de Deus e do Diabo, sem muito entusiasmo.

— Engano vosso. Ninguém se apercebeu que estamos noutra fronteira, aquela de nome impronunciável, como convém ao Morgado de Mateus.

— Gatimi? Adivinha-se o segredo d'El Rei quando se afirma que alguém vai ser encaminhado aos sertões do Ivaí. Agora se esclarece a razão de tantas cartas traçadas sobre os caminhos entre o Tibaji, o cerrado e a Serra de Apucarana. Outros continuarão a buscar, cada vez mais abaixo, pelo rio Iguaçu, o rumo daquela Praça; talvez o vosso primo, Tenente Cândido.

— Chega de dissimulação, que se faça às claras, como na fronteira do Viamão. Lá, se os castelhanos avançam em chão de Sua Majestade, nós, os paulistas, os empurramos de volta aos seus quartéis, ao sul do rio das Pelotas, mesmo ao preço do tostão que nos pagam.

— Amaro, se acaso Deus for servido que cheguemos até o Rio Grande Paraná, haveremos de topar, verdadeiramente, os rumos desconhecidos.

Temo que este seja o segredo que o Alferes guardava, desde que deixamos o porto de São Bento do Tibaji.

— Se a travessia do sertão é longa, quem vai agüentar os transtornos dos paisanos? Sem carteadado nem bebida, proibido qualquer trato com as mulheres índias, vai ser o mesmo que socar pólvora no borralho.

— Há coisas que são difíceis de se dar a entendimento, outras não podem ser reveladas por motivos superiores — ponderava Veríssimo com a sua habitual reserva. — Não devemos nos aperceber delas, salvo na hora aprazada. Outros buscam o caminho de baixo para o Gatimi, pelas curitibas e sertões. Saiu bastante dificultoso o caminho de cima pelos rios, por Outu e Piracicaba.

— Alferes, se o gentio vai abarbarando na Estrada Geral de Curitiba, pondo em desassossego os sitiantes e os passadores de gado, por que o Botelho decidiu internar a nossa Companhia nestes sertões com aquela súcia de arrua-ceiros e bancidos? Eles que ganhassem sozinhos a Serra de Apucarana; se há grande riqueza mineral naquelas lombas, que seja deles o prêmio!

— Amaro, os sertões do Tibaji fazem parte do projeto de alargar os domínios de Sua Majestade e de segurar a Capitania de São Paulo nas suas partes Sul e Sudoeste para que os castelhanos não usurpem o chão do Paraná. Botelho não esconde que tais são os dois maiores negócios do Morgado de Mateus. Se ele quer mostrar serviço ao primo, este, por sua vez, pretende as graças do Conde de Oeiras.

— Segurar a raia aos castelhanos no Gatimi para que não se perca o sertão que guarda as riquezas minerais de Apucarana faz sentido. Sem faltar ao respeito de vosmecê, Alferes, pergunte, agora, se é bom para os paulistas.

— Não se trata apenas da Serra de Apucarana e do Tibaji, mas da vastidão que corre para os lados do rio Iguaçu, dos Campos de Palma e o que mais houver.

— O Capitão General não conhece o verdadeiro poder de fogo dos castelhanos nem a resistência destes bugres.

— Vejo a questão de outro lado — aparteava João de Deus e do Diabo. — O Morgado de Mateus não desconhece a grande barreira que ofereceu o gentio ao avanço dos primeiros povoadores, gente da espécie com que estamos lidando. Agora podeis refletir: através do Botelho manda reduzir as nações bárbaras ao grêmio da Igreja, em nome da fé. Quer que adorem o verdadeiro Deus e se façam civis, reconhecendo a Sua Majestade e lhe prestando vassalagem. Oral

— Expandir a fé, reduzindo o gentio ao grêmio da Santa Igreja, organizar povoações civis... nunca ouvi mais hipócritas palavras. É o que se ouve dizer da parte do governo?

— Se as palavras não agradam, elas são da lavratura do Morgado de Mateus, repetidas amiúde pelo seu parente, em Paranaguá. Seria de boa prudência que vosmecê resguardasse a língua, não por nós, mas por aqueles inimigos gratuitos que se passam pelos olhos e ouvidos do poder. Num particular tenho de concordar com João de Deus e do Diabo: onde estão os missionários para introduzir a verdadeira fé entre os xaclãs? Onde os magistrados para formar as justiças de Sua Majestade? A gente de qualidade para formar as povoações civis?

Pela segunda vez, Veríssimo saía da sua discrição e intencional recolhimento. Bastou para que Amaro tirasse as próprias conclusões.

— Ouço a sentença de morte aos carijós de todos os sertões do Paraná, tais são os métodos do excomungado Botelho.

— Acabaste de dizer, Amaro. Este ano é decisivo nos planos do Capitão General, há interesses inconfessáveis na devassa destes sertões do Paraná. À medida que forem descobertas e reveladas as riquezas minerais, desocupa-se o chão do gentio a qualquer pretexto. A refrega que tivemos de colher na Serra de Apucarana ainda vai reverter na tragédia dos próprios xaclãs.

— Quase acabaram com a nossa Companhia, meu Alferes.

— São ingênuos, Amaro. Selaram a sua sentença de morte, oferecendo pretexto para intervenção militar. É o que acontecerá, assim que a novidade chegar a Curitiba. Depois... desocupado o chão dos xaclãs, atraindo-se os povoadores afamalhados sob promessa de mineração, dispensando-se os gastos oficiais. As vidas sacrificadas não contam, nem de bugres, nem de paulistas.

— Ouro é o melhor negócio para ocupar e alargar os domínios do Senhor José, desde que haja paulistas na linha de fogo — arrematava João de Deus e do Diabo, num berro estonteante.

— É isto: morrer na raia da fronteira castelhana ou franquear caminhos no desconhecido. Estes rios traiçoeiros que vertem para o Rio Grande Paraná, eles, sim, guardam a chave dos sertões do Sul, Sudoeste e Centro-Oeste. A todos é sabido que a América está dividida entre as duas Casas, da Espanha e de Portugal, sempre disputando entre si. Na minha Companhia não se discutem as ordens, chegaremos até o acampamento do Tenente Nunes, nos Grandes Saltos.

Se Veríssimo era categórico em suas decisões, não cabia tergiversação a dois milicianos da estropiada Companhia Auxiliar. Amaro, que era quizilento, ainda resmungava entre dentes: — Não adianta querer sair por aí, rasgando mortalhas. Tudo o que mais quero é voltar para a minha Outu-guaçu, por Sua Majestade, que o demo há de carregar nos costados muito em breve.

A ocupação mal-sucedida da Serra de Apucarana colocava os remanescentes em redobrados perigos, porque a travessia da Serra e a varação da campanha até a foz do rio Pequiri os defrontava com novos grupos indígenas. Faltando presentes, fracassavam as tentativas de aproximação e amizade. Faltando boa caça, doentes e feridos iam se findando na marcha. Carecendo de maiores recursos de sobrevivência, valiam-se de tudo para sobreviver, de carás e vacuris a tacurus e arumatiás, como ensinava a sabedoria da terra.

— Meu reino por uma corja de inhambus assados no toco ou uma cambada de mandís fritos com cambuquira.

— De que vale sonhar com tais iguarias se temos outros sabores pela frente, ó João de Deus e do Diabo?

Chalrear ajudava, porque temia-se a cada hora que as aldeias indígenas se juntassem para a derradeira cilada. Os poucos cavalos que restavam eram eliminados, um a um, varados a flechadas; comia-se o que lhes sobrava nas carcaças. Por toda a parte apontavam os indícios ameaçadores: animais trespassados por azagaias, inúbias soando nas imediações.

Entre o Vale do Ivaí e o Vale do Pequiri gastou-se uma semana a bom marchar, e mais outra no acampamento improvisado junto ao curso deste rio. Finalmente, chegou-se a sua foz no Paraná, debaixo de violentos aguaceiros entrecortados por coriscos e trovoadas, a tropa jazendo extenuada num verdadeiro dia de juízo. Estava-se nos primeiros dias de março do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1770.

Rotos, carcomidos e famintos, feita a varação do grande sertão Sudoeste, eram chegados a outra cidade inanimada, em ruínas, nas adjacências dos Saltos Grandes de Guaíra. Aquela vicissitude da natureza, onde se estreita o Rio Grande Paraná, provocando as fragorosas quedas d'água, a poucos privilegiados era dado conhecer. Muitos ignoravam que o violentíssimo rio-mar do sertão fluía para o Rio da Prata, indo escoar no oceano, já em terras do Rei de Castela. A quem importava tamanha grandeza?

Por feliz desafogo e consolação, topou-se com o estandarte d'El Rei, o Senhor D. José I de Portugal, alevantado quase a cavaleiro dos Saltos, para efeito de assenhorear os chãos confinantes, a águas e a grande ilha do rio Paraná. Aquele feito deitava admiração sobre os méritos do Tenente Nunes e os remanescentes da valente Companhia de Iguape.

Veríssimo e sua gente foram recebidos no quartel a toques de corneta sucedidos por trambucada, era o que se podia fazer naquela penúria. Sinal de inegável proteção divina era ver tal coisa assuocer naqueles ínvios sertões do Sudoeste, capazes de engolir Companhias inteiras sem deixar vestígio. Seis

meses após a separação em Apucarana, reencontravam-se os destroços das duas Companhias Auxiliares, um punhado de homens desfigurados.

Veríssimo justificava-se:— Pois meu Tenente, não sei o que mais tenho a lamentar, se da parte dos xaclãs, que me parecem os menos inculcados desta contenda, se da nossa parte que acabamos de chegar nesse desvalimento.

— Quase vos levam à ruína, Alferes. Quem haverá de restituir a bela Apucarana que devassamos para El Rei?

— Fizemos a nossa parte, quanto possível. Aqueles matos foram rompidos, os campos varados, os rios vadeados e a Serra mapeada. Marchar ao vosso encontro foi o expediente que nos restou em perigo de morte, havendo saldo de missão a cumprir. Aqui nos achamos faltos de tudo e buscando a vossa compreensão

— Da aleivosia e ferocidade dos xaclãs salvou-vos a Divina Providência! Quanto a mim, cumpri a duras penas a missão da parte que me coube. Acham-se mapeados o Ivaí e o Pequiri.

— Como haveremos de retornar?

— Há pouco tempo o Capitão Bayão Parente passou por aqui, em piores condições, havendo por bem abrir caminho até a Praça dos Prazeres. Da nossa parte convém fazer o mesmo: agora o retorno a São Paulo passa pelo Gatimi. O socorro há de chegar da outra Banda do rio Paraná, pois estamos a caminho de abril; é tempo de aparecer, rio acima, a monção do Capitão André Dias de Almeida, saída do porto de Araraitaguaba. Será o colossal périplo do sertão, sinto não poder oferecer outro adjutório se o vosso caminho para Curitiba está cortado pelo gentio.

Veríssimo passou a acreditar na eventualidade do socorro, da providencial monção descida de Araraitaguaba, mas sem atinar como. Parecia-lhe incrível o cruzar-se de caminhos tão díspares. Estavam a milhares de léguas do Vale Médio do rio Tietê! Falto de todo o recurso, quase sem pólvora para caçar e se defender, postava sentinelas na praia da Ilha Grande do Salto, fronteira à foz do rio Yguatemi. Tomado de ansiedade, perscrutava pelo óculo a linha do horizonte, buscando a esperança salvadora em todos os quadrantes. Na ausência da monção de Araraitaguaba, quem sabe, pudessem vir a ser resgatados por alguma expedição dos ocupantes do Forte em vilegiatura pelo Paraná.

— Chego a pensar que nos consumimos inutilmente nestes sertões. Começo a recear que neste ano não haja saído nenhuma expedição do porto de Araraitaguaba. — Era de se ver o desânimo de João de Deus e do Diabo!

— Apacienta-te, homem, é sabido que o Capitão André não passa o dia de Santo Antonio no Anhembi. A nau Capitânia já deve estar descendo o

Rio Grande, ninguém vai acabar metido em bucho de onça ou de sucuri. O que me dizes daqueles versos bem trovados que atirastes ao Capitão General, há bem poucos dias?

— Quem haverá de suportar tão mau poeta, meu Alferes?

Em meados do mês de junho, um tiro de mosquete lançado da praia oriental da Ilha Grande do Salto atraiu a atenção da nau Capitânia. Incrédulo, o Capitão André Dias de Almeida via acenar um magote de soldados andrajosos, entre eles o seu conhecido João de Deus e do Diabo que berrava a todos os pulmões, feito louco.

— Parece um dia de juízo – foi o que comentou ao apertar a mão do Alferes Veríssimo. Enquanto recomendava a Taçuira que completasse o recolhimento daquele povo de Sua Majestade, não resistiu à curiosidade: — De onde me foram saídos?

— Das Curitiba, Capitão. Este é o Tenente Nunes da Vila de Iguape. Carregamos os destroços de duas Companhias Auxiliares neste périplo inimaginável pelos sertões do Tibaji, Serra de Apucarana, rios Ivaí e Pequiri. Aguardamos, desde março, o socorro que chega pela vossa monção, bem como o transporte para São Paulo.

— Se o sofrimento que adivinho em vossa gente é passaporte para Araraitaguaba, não direi que o foi para maior glória de Sua Majestade, que Deus guarde, mas pela salvação.

— No que muito bem fazes, Capitão André. Aquele excelentíssimo há de assar por excomungado ou não creio na Justiça Divina – justapunha Amaro, quase em fúria.

— Alferes, além da conduta para a Praça dos Prazeres do Gatimi, quase nada tenho a vos oferecer, salvando umas mãos de paçoca de carne de capivara com farinha de pau. Hás de convir que é muito pouco para as vossas necessidades. Na Praça estareis ao abrigo e assistência até o retorno ao Rio Povoado. Correndo tudo bem, em julho-agosto marchamos para Araraitaguaba.

— É mais do que podemos pedir – intervinha o Tenente Nunes. Chegar ao Gatimi é parte da missão que carrego, desde agosto do ano findo. No presente momento, eu e meus homens nos achamos sem forças para tentar qualquer diligência de retorno nestes sertões.

— Está-se vendo o quanto foram sacrificados. Sintam-se meus hóspedes na nau Capitânia, os dois oficiais. A vossa gente estará acomodada nos batelões.

Soldados de terra firme desconhecem os entreveros da maréação. Aqueles que se prostravam de joelhos, diariamente, na praia, pedindo pela

salvação, entregaram-se, buchos nas mãos, aos sustos e estremecimentos da subida do rio Yguatemi, contra a corrente. — Maldição!

À noite, no pouso armado às margens do rio, Veríssimo resgatava da sua memória algumas delicadas lembranças, onde vultos femininos ora se confundiam ora se destacavam. Deteve-se numa moça especial, aquela que já deslizara sobre as mesmas águas e que um dia repousara em seu peito, tão encantadora quanto desejada. Se pudesse tomar o destino nas mãos, mudar o curso dos acontecimentos e reviver os dias passados no porto de Araraitaguaba, talvez repetisse a atitude tresloucada do cozinheiro da Conduta, não deixando escapar a felicidade. Não pôde acalentar os deliciosos pensamentos que se seguiam, porque a ansiedade que se apossara de Amaro era assustadora, o homem parecia à beira da loucura, demandava cuidados. De que era feita a honra de um soldado das Tropas Auxiliares da Capitania de São Paulo, forante o sofrimento, as lágrimas e as humilhações? Naquelas circunstâncias nada podia fazer pelos seus homens, salvo apelar para a intervenção amiga de João de Deus e do Diabo.

— Cuida-te, Amaro, serve-te da papa de jataí com mel de pau para te reconstituíres. É hora de alimentar o corpo e assosegar o coração, já passamos o pior. Esqueceste dos alevantados do Ribeirão das Baratas, quando estagiamos na Serra de Apucarana, ou preferes refrescar a vossa memória quando dançaste nu para os xaclãs?

Veríssimo também se arriscou: — Pouco se me dá a mareação caprichosa do Gatimi, há que recuperar o ânimo, homem, há dias que deixamos os mofinos sertões do Pequiri. Ó, João de Deus e do Diabo, vinde a tirar uns versos no capricho, sabes tão bem como fazê-lo!

— Meu Alferes, também gosto de sentir o chão firme sob os meus pés e este ao meu lado passou o dia a me martirizar, dizendo que mais prefere o entrevero castelhano do que suster-se sobre o abismo destas águas traiçoeiras. Conforta-me lembrar que até o maior dos vates padeceu os seus purgatórios sobre o encalpelado mar oceano, mas quem haverá de saber trovar depois dos sustos que passamos sobre as canoas?

— Amaro, Amaro, não perdes por esperar. Por ora, descansa o fôlego e o coração, parece que ainda teremos chumbo castelhano pela frente, como é do teu gozo.

Deplorar a falta de vocação para a marinha parecia irrelevante a quem sonhava retornar à Outu-guaçu, quicá afundar-se nos matos de Piracicaba e viver das suas roças de milho e feijão. Aõ arrancá-lo das suas raízes, a guerra lhe transtornara o juízo, impedindo-o de condescender com as sutilezas do

conhecimento e as bem aventuranças da vida, sem contudo tirá-lo do estado de prontidão. Bastou-lhe ouvir na voz do superior a palavra-chave que sintetizava as suas aflições passadas no Quartel do Rio Pardo e nas vacarias do Viamão, deu um salto e pareceu haver recobrado o ânimo do soldado em campo de refrega: — Então, meu Alferes, vai ser fogo de encontro!



# 5

## Périplo do Paraná

Capitão André Dias de Almeida era paulista à antiga, de poucas falas e nenhuma intimidade, em se tratando de assuntos d'El Rei demonstrava interesse circunspecto. Acerca daqueles sucessos do Quartel do Rio Pardo muito ouvira dizer da bravura das tropas paulistas na defesa dos Campos do Viamão, no Continente do Rio Grande do Sul de São Pedro e dos Santos Mártires, diante dos invasores do General Cevallos. Quando o assunto dizia respeito ao Yguatemi esclarecia cauteloso, sem se comprometer.

— O ano passado foi decisivo, Alferes Veríssimo. Nunca fiz rodar tantas monções pelo Anhembi, já carregamos muita artilharia pesada, além da guarnição da Praça dos Prazeres do Gatimi. Gente para assentar povoação civil, nem se fala, por que, como sabeis, não basta um pau torado por pelourinho, ali ninguém se agüenta; ou morre cedo ou se bandeia para o lado castelhano.

— Vossa mercê talvez desconheça, quem conduziu aquelas quatro baterias ao porto de Araraitaguaba é este vosso criado.

— Pois, sim? O Ajudante de Ordens Juzarte falou-me a respeito, muito me honra oferecer os meus préstimos a vossa mercê. Lembro que os Xavier do Prado e os Dias de Almeida guardam parentesco. Acaso pertence a vosso conhecimento a ilustre personalidade do Capitão Cristovão Dias da Vila de Outu-guaçu?

— Pois é meu padrinho e tio por parte materna.

— Ora, que mundo bem pequeno. Eis-nos a estreitar os laços de família nestas paragens longínquas do Gatimi, às portas da raia castelhana. Reportando aos causos assucedidos do ano anterior, soube que da Vila de Curitiba também partiram muitos povos aos descobrimentos dos sertões do Paraná.

— Capitão, nada menos do que quatro expedições foram encaminhadas aos sertões do Tibaji e do Iguaçu, levantando-se muita gente no Oeste e no Vale Médio do Tietê, em Paranaguá e Curitiba.

— Sendo militar, vossa mercê não ignora que as operações no Gatimi fazem-se debaixo de grande segredo de Estado. Até o nome daqueles sertões

proíbe-se de declinar... Cada vez me convenço de que tais descobrimentos no Tibaji e a tomada de posição no Gatimi fazem parte do mesmo plano de alargamento dos domínios de Sua Majestade, executado com grande empenho pelo Morgado de Mateus nesta Capitania de São Paulo.

— É verdadeiro o que o Capitão André acaba de concluir.

— Segurar a raia para não perder os sertões aos castelhanos! Saiba que me encontro nesta demanda desde 1767, quando se fundou a povoação de Piracicaba para dar sustentação às monções do Anhembi. Três dias após a partida do Barbosa e sua gente para aquela boca de sertão, o Capitão João Martins de Barros saía, a pretexto de sertanejar, só para iludir o castelhano, e na realidade fundava a Praça de Nossa Senhora dos Prazeres, dentro das conveniências do Morgado de Mateus. Tudo à socapa! O resultado aí está: ocupamos o chão confinante na raia castelhana e assumimos os riscos. Agora, vossa mercê me satisfaça a curiosidade: acharam ouro na Serra de Apucarana?

— Sim, ouro do bom, sem grande fartura, suficiente para atrair povoadores e ocupar-se a área. Ninguém ignora que ouro é a melhor máquina de povoar; foi assim em Mato Grosso e nos Guaises. O transtorno corre por conta dos abusos e extravagâncias dos mineiros, da fereza do gentio, quando provocado.

— Com as vossas operações, mais o trabalho do Tenente Nunes, fica efetivada a ligação dos caminhos de Curitiba com a Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Gatimi. Finalmente aberto o caminho de baixo, que esforçados!

— Não são nossas as primícias, o Capitão Estevão Ribeiro Bayão seguiu à frente e deve haver chegado à Praça, meses atrás.

— Não ouvi nada a respeito, desde outubro do ano findo acho-me ausente do Gatimi. Vosmecê conhece estas distâncias...

— Capitão André, sei que teremos novas oportunidades de falar sobre as façanhas do Morgado de Mateus, por ora satisfaça-me a curiosidade que guardo sobre antigos relacionamentos, gente que deve se achar morando na Praça dos Prazeres. Faço menção de um soldado que me desertou em Araraitaguaba, o Félix Elói.

— Ahé... vive por lá com a mulher. Há gente de todas as vilas do Oeste e do Norte da Capitania, ficaríamos falando delas a noite inteira. Convenhamos que se deixe um pouco para amanhã, temos muito o que marear até a Praça dos Prazeres.

A penosa navegação do rio Yguatemi decorria em aparente normalidade, por quatro dias, até o sítio da Forquilha. Aquela localidade era um referencial importantíssimo, situada dez léguas abaixo da Praça dos Prazeres,

bem na conjunção do rio com o seu principal afluente, o Escopil. Desde o ano anterior, o Regente conseguira estabelecer umas poucas roças em mãos de soldados-povoadores incumbidos de tocar as lavouras para a assistência dos monçoneiros e prestar socorro à navegação do rio abaixo e do Paraná. Causou estranheza encontrar-se vazio o arranchamento e abandonadas as roças.

— Está explicado por que o Tenente Nunes e o Alferes aguardaram tanto tempo na Ilha Grande dos Saltos. Os arranchados da Forquilha, periodicamente, descem a vistoriar o Paraná, é parte das suas funções; ou foram atacados pelo gentio e retornaram à Praça ou pereceram das carneiradas que podem haver batido com força na última vazante. Daqui para frente, todo o cuidado é pouco, água de beber, só depois de muito bem fervida.

Teve início, no sexto dia de navegação, a *via crucis* das cachoeiras que aguardavam os monçoneiros na subida do Yguatemi, quando já se encontravam em fase de exaustão, após a tenebrosa descida do Tietê e do Paraná. Uma forma de amenizar-lhes o sofrimento estava no concurso do pessoal da Praça, mas até o ribeirão dos Fogaça ninguém apareceu nem foi dado qualquer indício de ajuda, salvo aqueles sinais inamistosos largados pelo gentio na margem esquerda.

O trabalho nos varadouros e nas sirgas era o pior flagelo. Faces descarnadas, trêmulos e desfigurados, os destroçados do Tibaji mal se sustinham sobre as pernas. Revezando-se nas correntes, nas bimarras, escorando as estivas, a cada palmo de rio, desafiando as cachoeiras na contracorrente do rio, debaixo da ação atormentadora dos insetos, de todo o tipo de perigos e à espreita do gentio.

No décimo dia, à altura da última cachoeira do complexo dos “Três Irmãos”, Taçuira parecia exangue, os homens enfermos, as zingas queimavam-lhes nas mãos. Tornou-se indispensável embicar no barranco, perdendo-se um dia de viagem, para o descanso e reparos imediatos das canoas avariadas que faziam muita água. Foi no décimo segundo dia que apareceu a nau do Regente com algum auxílio. Os índios e caboclos do França venceram a cachoeira do Urubu, a última do percurso, e praticamente conduziram a monção em sua derradeira etapa, primeiro à povoação das roças, depois, por mais dois dias, até a Praça de Nossa Senhora dos Prazeres de Yguatemi. Era ali o fim da zinga, último reduto do Senhor D. José I de Portugal, construído e sustentado pelos paulistas, em obrigação do Real Serviço.

Quando ela surgiu, tão imponente à distância do óculo, quanto miserável ao alcance da vista, os olhos experientes do soldado Amaro logo constatarem a realidade: — Mais uma das imposturas do Capitão General, pior do que a tranqueira do Rio Pardó!

Possuía pequeno poder de ataque, poucos recursos defensivos, exposta às chuvas demolidoras, qualquer um podia entrar e sair, quando se lhe apressasse. Tratava-se de um arremedo de fortaleza, embora dotado de certa monumentalidade, levantada à margem esquerda do rio Yguatemi, a cavaleiro do barranco. Ostentava nada menos do que sete tenalhas, das quais apenas três eram regulares, embora os seus quatorze canhões impusessem certo respeito. Observada, a vôo de pássaro, imitava os contornos da majestosa estrela de Vauban. De perto causava decepção e assombro, pois planificada dentro do estilo militar da época, jazia inacabada, era só tamanho! Em lugar dos muros de pedra e baluartes, apenas grossas paredes de terra socada encimadas por umas cercas de faxina. Muito longe da solidez maciça das praças-fortes de pedra e cal do oeste mato-grossense, a Praça de Nossa Senhora dos Prazeres de Yguatemi se sustentava pelo denodo do Regente, seus oficiais, soldados, seus povoadores engajados na colônia militar e na Povoação de São Francisco de Paula.

— Bem guarnecida e acabada, podia impor respeito na fronteira castelhana. Assim...há de derreter com as chuvas anuais.

— Pois no Viamão, nosso Quartel do Rio Pardo...

— Seu Amaro, não me venha com comparações. Aqui é tudo mais calmo, os castelhanos de Buenos Aires e Paraguai guardam respeitosa distância da Praça — arrematava o velho França, bastante ranzinza para dar minuciosas explicações.

Em se acostando na margem esquerda do rio, penetrava-se o interior da fortaleza pela Porta do Sul, mediante rampa de acesso erguida no barranco. Outras portas articulavam-se para os pontos cardeais sendo pouco necessárias, excetuando-se a do Norte que levava aos caminhos dos Passos e da Bocaina. Podia ter cerca de quatrocentas braças em quadra e abrigar até quinhentas pessoas no interior do conjunto de precárias edificações dispostas em órbita de um pátio central; normalmente ali existia menos da metade da população prevista porque os colonos trabalhavam no seu entorno. Edifícios do governo, armazéns e quartéis, igreja por levantar, bela fonte e rústico cruzeiro de pau torado, construções civis que não passavam de casario de pau-a-pique e paredes barreadas à mão, era tudo o que oferecia, forante a estacada e as tenalhas. Dada a escassez de argila, não se coziavam telhas, resguardando-se os tetos dos edifícios mediante a superposição das folhas de palmeiras, embora estes colmeados comprometessem as moradas que ficavam vulneráveis às inclemências do tempo, aos incêndios e aos insetos. Parecia tudo provisório e instável.

A chegada de uma monção à Praça gerava enormes expectativas nos seus habitantes. Do alto das tenalhas, observadores curiosos mal notaram o

cortejo dos destroços do Tibaji; a atenção voltava-se para as encomendas do comércio, as novidades das Vilas de Itu e Sorocaba, os socorros em gêneros e boticas de que se fazia portador o Capitão André Dias de Almeida, sempre, ansiosamente, aguardado. Soldados e arrivistas nunca despertavam a menor solidariedade; ninguém aparecia para lhes trazer as boas-vindas ou oferecer aposentadoria.

Em nome dos bríos das tropas paulistas de Auxiliares Sertanejos, o Tenente Nunes exigiu que os remanescentes das duas Companhias procedessem à formatura militar, seguidos caudatários pelo magote de paisanos. O pouco ou nada que receberam foram sorrisos de escárnio e vozes de mau agouro. Identificando o velho Elias Monteiro de Sorocaba, Veríssimo deixou a formatura, quis saudá-lo entre os frios observadores, mas foi abordado com ironia.

— Tão cedo chegaste ao cemitério dos paulistas? —Inexplicavelmente Elias Monteiro atirou-lhe a frase, sem fazer a menor cortesia. — Tens notícia a dar-me sobre o neto que ajudei a salvar?

— Sei que está casado com a boa moça do Vale do Paraíba e que a Divina Providência lhes enviou duas filhinhas, Mariana e Sofia.

Elias falara secamente, sem agradecer nem esperar maiores esclarecimentos, esgueirou-se a praguejar buscando as novidades entre a gente de Araraitaguaba

A dar-lhe razão, Veríssimo resgatara os seus homens dos ínvios sertões do Paraná para deixá-los findar-se no pior dos confins dos Estados do Brasil. Forte decepção, acompanhada de angústia, cerceou-lhe a vontade de procurar pelos povoadores da leva de 1769. Sentiu que não haveria de encontrar amigos, naquele lugar a indiferença e a hostilidade corriam parêlhas.

O interior da Praça casava-se com a fisionomia espectral dos seus mortos e vivos, reforçando o quadro de abatimento. Veríssimo juntava espanto à incredulidade; foi conduzindo o seu grupo, a passos trôpegos, mais por instinto do que por vontade própria, foi adentrando a Praça dos Prazeres de Yguatemi pela rua da Porta e dobrando na rua da Cruz, até o amesquinhado Quartel do Governador. Somente ali saiu-lhe ao encontro a primeira personalidade interessante, o Capitão João Alves Ferreira, que recebia oficialmente a tropa, em nome do Regente.

— Tenho pouco a vos oferecer, conto com a elevada compreensão de quem serve a Sua Majestade nestes sertões ermados. O Regente, Capitão João Martins de Barros, aguarda o Tenente Nunes e seu Estado-maior para uma conferência, amanhã cedo.

Não dispondo, de imediato, onde alojar os prófugos, estes espalharam-se no interior da Praça por obra da curiosidade, uns bradando contra o Capitão General, outros contra Deus. Famintos e andrajosos, fugindo do perigo há dois meses, faltos de toda a providência, varados das mais atrozes privações, mendigaram, pasmando-se da insensibilidade daquele povo, procurando, em vão, por quem lhes desse algum quartel.

Barba crescida, longos cabelos, botas esfoladas e casaca rota, Veríssimo percorria as ruas interiores sem destino. Gente de aspecto doentio, esquivando-se ao diálogo, crianças ventrudas e de olhos carnicentos, a testemunhar as calamidades abatidas sobre os paulistas. Em toda a parte denunciava-se a asustadora miséria dos Prazeres do Yguatemil!

No extremo da Porta Norte, algo chamou-lhe a atenção. Em exíguo espaço, num canto de esquina da rua Curta, construídas vis-à-vis, observou duas pequenas moradas de bom aspecto. Disparou-lhe o coração ao identificar numa soleira de porta as graciosas pinturas de flores e pássaros, na janela as figurinhas, dentro daquela composição de arte que conhecera no passado. — Seria? - A esperança, quando cede vez à alegria, gera fortes emoções. Veríssimo atravessou o limiar apelando em voz alta pelo nome que a memória, deliciosamente, acalentava. Havendo por exclusiva resposta o silêncio não desistiu, dirigiu-se à morada fronteira, hesitando entrar, quando lhe acudiu conhecido timbre de voz:

— Aqui, neste fim de mundo, Alferes?

— Félix... Félix Elói?

— Quase um ano é passado, desde Araraitaguaba; ainda no meu encalço? Não haverá de apetecer um bom caldo, debaixo do teto da minha humilde morada?

— Meu cozinheiro desertor... ora, vim para vos dar abraço em lugar de prisão e castigo. A que preço!

— Agradeço a deferência, meu Alferes. Primeiro mecê há de comer e depois, me perdoar da forca ou dos públicos açoites. Tenho a declarar que me passei à guarnição da Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Gatimi, como soldado-povoador. Quer saber o melhor? Temos, eu e minha Andreza, duas filhinhas nascidas gêmeas nesta Páscoa.

— Félix Elói... quanta falta me fizeste. Reconheço as vossas razões, estás perdoado, amigo.

— Que falta poderia fazer um pobre cozinheiro num destacamento das Curitiba ou do Viamão?

— Fizeste muita falta, o vosso substituto foi um completo desastre. Eis o nosso estado.

— Fala do poetaço... João de Deus e do Diabo?

— Esse que anda por aí, pasmado como eu, breve haverás de topar com ele. Nos últimos dias, nem versos nem comida, pobre coitado.

Veríssimo foi traído pela emoção. Inesperadamente, os seus olhos se depararam com a figura, que surgia contra a luz, no umbral da porta. A mais viva e palpitante criatura que contemplava nos últimos doze meses, bela flor a vicejar nos confins do Yguatemi, em meio da violência dos homens e da natureza. Ele a via tão próxima, quase ao alcance das suas mãos... olhos liquefeitos a sorrir. Veríssimo sentiu, aos poucos, o corpo esmorecer, menos por abatimento das provações físicas que por temor de que a aparição se esvanecesse. Agarrou-se àquelas mãos, sem pretender jamais soltá-las; tanto lhe pareciam o prêmio do final da jornada e o penhor de que estava vivo.

— Pítuca... Pítuca figureira — era o que repetia, como a confirmar a si mesmo a feliz descoberta.

Naquele espaço e momento não havia lugar para confidências nem memória de que falar, dispensavam-se as convenções. Ela que se deixasse ficar ali, olhos cheios de promessas, sorriso de mansidão, beleza a encantar todos os sentidos. Ele foi se enternecendo, conquanto se deixasse cair e ela verdadeiramente o amparava, o sustinha junto ao colo, naquele mesmíssimo chão de terra batida. Passava-lhe o calor do seu corpo, suscitando-lhe lembrar-se das formidáveis coisas que intencionara ao impacto da paixão que deixara de viver, quando da conduta para o rio Tietê. Aquecia-lhe o coração no peito, o suficiente para um Alferes de Cavalaria insurgir-se contra um Regimento inteiro e desejar abandonar-se para sempre nos braços da mulher amada.

A custo, Félix Elói o soergueu para a rede. Temeroso do seu estado de fraqueza, obrigou-o a sorver a puçanga preparada às pressas. Fosse pelas propriedades estimulantes, fosse pelo carinho da acolhida, fortaleceu-se-lhe o espírito, aos poucos foi assumindo o comando dos sentidos, porém continuava desarmado, cheio de fraquezas por aquela mulher, que julgara perdida, depois do insensato adeus junto à penedia do porto de Araraitaguaba. À idéia de perdê-la novamente, irrompeu em pranto, vazando a represada emoção. Delírio secreto, alma em flutuação, pôs-se a orar sem saber que repetia os versos apaixonados do seu fiel Cabo de Esquadra.

— Luz de minh'alma/ Mulher das minhas saudades/ Como amar-te sem perder-te?/ Como ter-te sem morrer de amores?

— Ahé, os versos de João de Deus e do Diabo, demoraram a chegar em minha morada, vejo que estavam a fazer grande falta e remédio ao pobre Alferes. Falam por ele.

A varação de uma longa noite naqueles ermos do Yguatemi reforçava a ansiedade com que Veríssimo se saciava, a goles de puçanga. A madrugada houve por devolver-lhe o relaxamento apaziguador do espírito e do coração, sem o qual não se consegue capacitar a mente e organizar a vontade. Ajudada, a natureza venceu o transe, permitindo-lhe adormecer profundamente, para acordar muitas horas depois parcialmente refeito. Pôs-se a observar, do fundo da rede, a luz mortiça da candeia e esta, aos poucos lhe iluminou os pensamentos, esgarçando os últimos pesadelos, desfazendo antigos temores, rompendo as barreiras de outrora. O cantar do galo arrancou-o para a realidade de um novo tempo que pretendia construir. Também despertou o anfitrião que se aproximou, solícito, da rede e, ao vê-lo desperto, ofereceu-lhe mais um púcaro de congonha.

— Outra mezinha, meu amigo? Só preciso de paz!

— Faz frio, deve beber. Ontem o Alferes trouxe preocupação... vejo que está curado. Parecia sezão temporona, das brabas!

Veríssimo não se furtou ao álcere sabor da bebida. Aqueles odores do Yguatemi, os sons estranhos do dia que iniciava, o calor humano, agudizaram-lhe os sentidos, vindo a repassar outras lembranças. Algo o perturbou, remexeu-se, tentou saltar da rede.

— A reunião com o Regente, tenho de ir.

— Calma, Alferes! Vosmecê há de se estatelar no chão, mais uma vez, inda carece de força nas pernas. Melhor aquietar na rede, enquanto o sol não entra por aquela porta, todos ainda dormem.

— Félix Elói... eis-me a trazer sustos e cuidados, perdoai-me. Devo aprestar-me para o encontro com o Regente.

— Não a esta adiantada hora, pois até as sentinelas baixaram a guarda. O vosso coração se acha desassossegado, nada de pressa, tudo tem a sua vez e lugar.

Veríssimo aquiesceu, sob constrangimento. O retorno à realidade martelava-lhe o compromisso do dever militar.

— Acho-me coberto de andrajos, Félix Elói. Como poderei me apresentar ao Regente nestas condições?

— Vê? — Félix Elói apontava-lhe a indumentária disposta sobre o tamborete, peças de surtum com chimarrata mais camisa de bertanha.

— Onde os conseguiste?

— São regalos de Pituca figureira. Vosmecê não desconhece que é filha do Capitão João Martins de Barros.

— Conheço esta verdade desde a Vila de Outu-guaçu. Ela e a mãe vivem na Praça, junto do Regente?



— Não habitam o Quartel do Governador. Vivem aqui, ao lado da minha morada, onde vosmecê, primeiramente, adentrou.

— Onde está ela, Félix Elói? — Disposto a não esconder mais os próprios sentimentos, lançou a pergunta: — Por acaso é tida em promessa de casamento com alguém?

— Não creio, mecê pode esclarecer junto ao pai dela — respondia o amigo, disfarçando o riso. — Diga-me, por que desventura, a qual dos cana-lhas que costumam dar com os costados nesta Praça o Regente entregaria a própria filha?

— Pode assuceder que... — Veríssimo se intimidava diante da perspectiva.

Félix Elói acudiu para tranqüilizá-lo: — Acho que mecê é partido de conveniência. Ora, pois!

— Não é que esteja pensando em... Vosmecê está coberto de esperteza; estou, sim, falando de casamento. - A decisão tomada lhe transformara a face, Veríssimo sorria.

— Bem versado, meu Alferes. Com aquele pai, Pituca não está para brincadeira de nenhum homem. Também hei de perseverar por minhas filhas.

— A vossa determinação é verdadeira, amigo. Apraz-me saber do vosso gosto e inclinação.

Caminhando bem, embora um pouco intimidado, Veríssimo deu entrada no Quartel do Governo, onde foi recebido por moço simpático e falante, Cabo Fabiano, filho do Capitão João Alves Ferreira.

— Sabíamos que passou a noite em casa de aposentadoria do soldado Félix Elói, do vosso antigo destacamento de Auxiliares. O Tenente Nunes e seus homens foram recolhidos ao Quartel das Tropas e passam bem. No momento, o Regente vos aguarda, queira acompanhar-me.

Veríssimo penetrou a sala do conselho a passos comedidos. Identificou, à primeira vista, o Tenente Nunes que lhe apresentou os dois Ajudantes de Ordens do Morgado de Mateus, Antônio Lopes de Azevedo e Theotônio José Juzarte, ambos do seu antigo conhecimento, bem como o Capitão das Ordenanças de Sorocaba, Joaquim de Meira e Siqueira.

Em poucos minutos, a porta lateral se abriu, para dar entrada ao Regente da Praça de Nossa Senhora dos Prazeres, Capitão João Martins de Barros, em pessoa, acompanhado do seu Estado-maior, inclusive do famoso Capitão João Alves Ferreira. Veríssimo encarou as legendárias personalidades do Yguatemi, detendo-se na figura do Regente que lhe pareceu tão respeitável quanto enigmática.



## Leal Vassalo

“Cemitério de Paulistas” era o conceito popular de que gozava a Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e de São Francisco de Paula do Yguatemi. — Voz do povo, voz de Deus – segundo proferiam os camaristas de São Paulo. Não havia ninguém para discordar, excetuando-se a pessoa do Regente da Praça e Capitão-mor do Yguatemi, João Martins de Barros, seu fundador, o qual lhe reconhecia a necessidade.

Esse era paulista respeitado entre os melhores. Prematuramente envelhecido, era nem bem chegado aos quarenta anos de idade, apesar do porte avantajado e da férrea determinação. Minaram-lhe a saúde as responsabilidades e os desgastantes trabalhos, os desenganos e as febres daqueles remotíssimos sertões, desamparados de quaisquer recursos. Do homem animoso, saído em julho de 1767 do porto de Araraitaguaba a bem do Real Serviço de Sua Majestade, conservava a serenidade e os olhos perscrutadores de quem não descansa no cumprimento da missão.

Filho de pai português, tinha mãe paulista, senhora pertencente à poderosa casa dos Leme da Vila de Outu-guaçu. Aparentava-se com El Tuerto, Pedro da Silva Leme e seus filhos, João e Lourenço, conhecidos por Irmãos Leme, sertanistas de muita fama no Oeste mato-grossense, especialmente em Camapuã, que acabaram esmagados pela truculência do poder colonial.

João Martins de Barros também foi sertanista. Em 1765, desempenhava as funções de Guarda-mor das terras minerais da Capitania de São Paulo, e nesta condição travou conhecimento com o recém-chegado ao Rio de Janeiro, o Morgado de Mateus. Em companhia do Capitão-mor de Itu, Salvador Jorge Velho, manteve longas entrevistas no pátio do Vice-Rei sobre os sertões do Sudoeste, passando a admirar os dotes de inteligência do futuro Capitão General de São Paulo. A amizade consolidou-se na Vila de Santos, onde o Morgado de Mateus permaneceu oito meses e meio, em observações litorâneas.

A nobreza da terra paulista não via com bons olhos o Real Serviço apreçoado pelos colaboradores do absolutismo. João Martins de Barros dividiu-se entre a lealdade portuguesa a Sua Majestade e o sentimento oposicionista da nobreza da terra, assim que se manifestou, da parte dos camaristas e dos extintos padres jesuítas, a resistência à militarização da Capitania e à exploração dos dízimos. Repassando a tragédia dos Lemes, acudiu-lhe distanciar-se das imposições vexatórias que pesavam sobre os representantes dos três Estados.

A todos era lembrado que a seis de junho de 1767, festa de aniversário do Rei, a cidade de São Paulo se achara à beira de uma convulsão política, estimulada pelos camaristas e pelos adeptos da extinta Companhia de Loyola. Versos escarnecedores contra a pessoa do Capitão General açulavam a gentilha do Terceiro Estado, enquanto mão ousada, afixara na porta da Igreja de Santa Teresa, pouco antes da cerimônia, pesadas sátiras e diatribes contra o Morgado de Mateus, as suas Tropas e o seu governo. Loucura ou guerra declarada ao imperialista.

Tais desafios tomavam, rápido, o caminho de Lisboa. Juntando-se camaristas e jesuítas, tudo podia acontecer! Ao Capitão General não havia como fugir às pechas de “Fidalgo de aldeia” ou de “Chocarreiro” das tropas paulistas. A oposição eclodia na intimidade do palácio, tentavam desmoralizá-lo na sua vida pessoal. Fugiam-lhe os serviços, deixando-o com a castanha quente na boca, subversivas cartas de Minas Gerais circulavam na cidade; os camaristas promoviam a opinião pública expondo-o a ridículo. Era sabido que por qualquer dá-me aquela palha os paulistas cometiam estripulias e se encafuavam nos matos, que entre os Capitães-mores encontravam-se poucos colaboradores, não lhe restando alternativa que não fosse a sua própria polícia. Esta, sabia como arrancar os suspeitos de dentro das suas casas para a fortaleza da Barra Grande de Santos, onde tudo se esclarecia e ali mesmo se penitenciavam.

A boataria cedeu quando deitaram mão sobre o Padre Francisco Xavier Garcia, jesuíta disfarçado em Capelão da Fazenda de Santana. Até na Praça dos Prazeres repercutia o choque, repleto da pior boataria, entre o absolutismo pombalino e a gente paulista. Veríssimo inteirava-se dos detalhes daquelas manifestações a caminho do Quartel, por não faltarem abordagens de gente injustiçada pelas arbitrariedades do Capitão General e por serem novidades espantosas chegadas àquele sertão.

— Se a polícia mete o pé na porta e remete o infeliz para a fortaleza da Barra Grande, por qualquer disse-que-disse, convenhamos que o risco de viver

em São Paulo é muito sério — comentava Félix Elói. — Outros, nos mandam por degredados a este forte presidio do Gatimi. Não sei qual sina é pior.

— É grande o risco de morrer por coisas que até as crianças e os escravos repetem — completava o soldado Aleixo, que se juntara ao grupo. — Neste desterro ninguém me atinge, como fizeram aos meus parentes em São Paulo. Quereis saber? Fidalgo de aldeia! Sargentão chocarreiro das tropas paulistas! Truão lisboeta e cornoide funambulesco da Corte do José! Ahé...

Veríssimo preferia viver à distância do vingativo Capitão General de São Paulo. Menos comprometedora lhe parecera a decisão do Capitão João Martins de Barros em partir para aqueles ermos a serviço de Sua Majestade. Observando-o de perto, passados dois anos em Yguatemi, compreendia-se que mantivesse a fidelidade aos antigos princípios, mas era inegável que a convivência naqueles sertões, com todo o tipo de militares e de povoadores enviados para a Praça, lhe despertasse a consciência crítica para as realidades paulistas. Não era homem de meias medidas, embora jamais abandonasse o tom coloquial ou as obsequiosas maneiras da sua tradição familiar.

O Regente se entrevistara, na véspera, com o Capitão André Dias de Almeida. Do que este lhe comunicara não sobravam dúvidas a respeito do progressivo abandono da Praça, liquidando-se a esperança de futuros socorros militares as suas substanciais necessidades de sustentação e sobrevivência. A ameaça castelhana se tornara muito séria desde a chegada dos canhões do Ajudante de Ordem Theotônio José Juzarte e dos despachos diplomáticos de Antônio Lopes de Azevedo. João Martins de Barros atravessara a noite insone, pré-julgando a extensão da tragédia em que haveria de resultar o audacioso projeto de Yguatemi, no qual investira a própria vida. Neste estado de espírito, adentrou a sala de trabalho abatido, mas seguro, dispondo-se a aceitar as apresentações de estilo e a convidar os oficiais presentes para uma conversa informal. A seu gesto, o moço Fabiano serviu uma rodada de excelente congonha temperada com flores de tília e cravo-da-Índia.

— E' tudo o que vos tenho a oferecer em minha humilde casa de aposentadoria. O Tenente Nunes e o Alferes Veríssimo estejam a gosto, sintam-se entre amigos após tantas privações. Ignoro a que devo a honra de vossas presenças nesta Praça de Nossa Senhora dos Prazeres de Yguatemi.

— Seguimos na esteira da expedição do finado Capitão Estevão Bayão desde a Serra de Apucarana. O Tenente Afonso Botelho de Sampaio e Sousa determinou o mapeamento das terras e águas minerais do Paraná intencionando o franqueamento posterior aos povoadores e mineiros. Cabendo-lhe as averiguações ao longo dos rios Ivaí e Pequiri, permaneceu o Alferes Veríssimo

Xavier do Prado com a sua Companhia naquela Serra. Ali teria ficado por mais tempo não fossem os problemas levantados pelos mineradores e a alevisia dos índios xaclãs.

— Por que motivo não se retiraram para a Vila de Curitiba?

— A demanda pelo cerrado, em direção do porto de São Bento do Tibaji, era-nos impraticável naquelas circunstâncias. Tínhamos missão a cumprir. Assim, completamos o nosso périplo nesta Praça de Yguatemi, após a penosa vilegiatura na região dos Grandes Saltos do Rio Paraná.

— Vossas mercês conheceram de perto o que são aqueles sertões de Sua Majestade a sudoeste da Capitania de São Paulo, podem considerar-se salvos e ressuscitados. Não são os primeiros que nos aparecem sobrevivendo das bandas do Tibaji. Valendo-se não sei de quantos sacrifícios, vivendo em artigo de morte, a gente do Bayão chegou-nos, ano anterior, abrindo por vez primeira, o caminho de baixo, entre a Vila de Curitiba e esta Praça dos Prazeres.

— O caminho é árduo, mas praticável. Nós é que estávamos despreparados para puxar soldados e paisanos numa marcha içada de tantos tropeços, não fosse o socorro da Divina Providência, trazido pela mão do Capitão André... Daqui para a frente poderá consolidar-se a ligação com os campos de Curitiba e o mar de Paranaguá. Quem sabe, um dia sejam franqueados pelo Yguaçu os Campos de Garapuava.

— Aprecio a vossa observação, Tenente Nunes, porém a sustentação da Praça depende mais da abertura dos caminhos para a cidade de São Paulo do que para Curitiba. Até o presente não conseguimos romper as picadas que demandam a Vila de São Bom Jesus do Cuiabá e a Vila de Sorocaba. Sem esta última nos expomos à sanha dos castelhanos e seus índios aliados, ficamos isolados nestes ermos, faltos de socorros.

— Em Paranaguá nos devem considerar mortos e desaparecidos. Tudo o que vos peço, senhor Regente, é aposentadoria e hospitalidade para os meus homens até o nosso regresso a São Paulo.

— Havereis de completar o périplo pelo rio Paraná?

— Sim, meu Regente, esta é a missão que me foi delegada pelo Capitão General. A partir deste momento deixa de ser sigilosa.

— Nada de urgência na partida, Tenente Nunes. Primeiro hás de refazer-te da refrega, descansares os teus homens. Depois... conto com a vossa experiência em operações de devassa. A Praça não sobrevive sem ajustar uma picada terrestre na direção do Rio Pardo e sua foz, através das vacarias guaicurús, desde o Ivinheima até o Inhanduí.

— Desde que me seja liberado retirar-me para São Paulo, na monção de agosto e chegar ainda este ano à prestação de contas junto ao Capitão General.

Encerrada a entrevista, o encontro com a oficialidade levantou questões militares sobre a sustentação da Praça e a abertura dos caminhos rumo às Vilas do Vale Médio do Tietê.

— Sem franquear o caminho terrestre para São Paulo — dizia Theotônio José Juzarte — permanecemos encurralados e entregues às mãos dos castelhanos. A tensão na fronteira paraguaia cresce e o gentio guaicuru engorda a cavallada para nos expulsar, ao primeiro aceno de Carlos Morfe.

— O assentamento de mais quatro peças de artilharia voltadas para a campanha foi tido pelos castelhanos como fator de provocação e não de segurança de Praça, temos de reconhecer — aparteava o Capitão Joaquim de Meira e Siqueira.

— Assim interpretou o governador paraguaio. Buenos Aires dá o sinal da sua intransigência e Carlos Morfe recusa-se ao encontro diplomático que lhe propõe o Morgado de Mateus. Arrisquei-me a esta distância para lhe trazer as propostas diplomáticas, mas todos os nossos protestos de paz e amizade foram rejeitados, sequer dignou-se a receber como embaixador o Ajudante Antônio Lopes de Azevedo.

Citado nominalmente, aquele animou-se a participar do debate. Era notória a sua fidelidade aos desígnios do Morgado de Mateus e não lhe agrada-va a alusão que fazia Juzarte ao fracasso da sua diplomacia junto a Carlos Morfe.

— Sabeis que sempre buscamos estabelecer relações amigáveis com o governador paraguaio. Não desistiremos enquanto não formos recebidos e não expusermos as razões do Capitão General, que, em essência, são próprias da vontade de Sua Majestade, que Deus guarde.

— Quais são as poderosas razões a que se refere vossa mercê? — Incontido, Veríssimo saía da sua habitual reserva e tocava no ponto nervoso da questão: — Distrair o inimigo que ataca no Rio Grande do Sul de São Pedro e dos Santos Mártires a fim de atrair as iras dos castelhanos sobre São Paulo?

— Ora, a posse do Oeste e do Sudoeste, situados além da raia demarcatória de Tordesilhas já nos coube pelo Tratado Preliminar de Madri, em 1750. Trata-se de ocupar o que pertence à Casa de Portugal, patrimônio que os oficiais portugueses têm a honra de assegurar.

Veríssimo, apesar de abatido fisicamente, acalorava o debate. — Excelências, sabeis que o Tratado de Madri foi anulado. Os paulistas estão obrigados à guerra, combatem nos pantanais do rio das Pelotas e nas campanhas do Viamão, morrem às centenas, por uma causa estranha, onde compramos o

ódio dos guaranis, tapes e castelhanos. Não se devem transferir questões fronteiriças daquele continente às portas de São Paulo, sob o preço de incorrer em erro diplomático e militar!

— Passemos a nova rodada de congonha, amigos.

O Regente interveio com habilidade, tentando apaziguar os ânimos e arrefecer o clima de indisfarçável mal-estar que tomava conta da assembléa, porque o Ajudante de Ordem Antônio Lopes de Azevedo, inflamado, argumentava que a política do Morgado de Mateus devia ser defendida a todo preço, porque era a melhor para os interesses da Coroa.

— Alferes, o Tratado de Santo Ildefonso não invalida a pretensão do Capitão General. O Vice-Rei dos Estados do Brasil, o senhor Conde da Cunha, deu pleno apoio às questões relativas à ocupação desta raia no Paraguai. Sabeis que a posse do chão constitui o único e inquestionável título de que se dispõe ou que se pode reivindicar na América, em qualquer das duas Casas Ibéricas.

— Qual posse, se me vos apraz esclarecer?

— O chão que pisas, em Yguatemi, é ocupado desde 1767, em nome de Sua Majestade, El Rei e Senhor D. José I de Portugal. A área foi devassada por antigos paulistas em seu afã de sertanejar. Um deles, El Tuerto, da Vila de Outu-guaçu deixou inquestionável a posse paulista perante os castelhanos.

João Martins de Barros assistia impassível ao diálogo nervoso mantido pelos interlocutores. A um sinal suspendeu a reunião, proferindo comedidas palavras: — Como vê, senhor Alferes Veríssimo Xavier do Prado, fazemos o possível para servir a Sua Majestade, cumprindo as determinações do Morgado de Mateus. — Dirigindo-se aos demais, assegurava a necessidade de trato pessoal a assunto de urgência na defesa da Praça, mas percebendo o reflexo da insatisfação manifesta na maior parte da oficialidade, arrematou: — Confie-mos no bom senso e na experiência do Ministro Oeiras!

Feitas as despedidas, um tanto formais da parte dos oficiais portugueses, o Capitão João Alves Ferreira se dispunha a acompanhar os recém-chegados. Ofereceu-lhes o convite para assistirem ao encontro do Regente com o gentio, concentrado em estado de belicosidade, junto ao Passo Real dos Castelhanos. Era jornada de meia légua, que se vencia com a boa andadura de um tordilho paraguaio.

A campanha do Yguatemi dilatava-se no sentido sudeste para oeste e nordeste, por léguas infindáveis, intercalando campos e mata fechada. Cortando a saída para as Vacarias, surgia o dilatado cortejo dos morros da Serra de Maracaju, que se prolongava a noroeste, dentro do sistema da Serra do Amambaí, divisor

natural entre os rios afluentes do Paraná e do Paraguai, bem como dos ervais castelhanos e portugueses. Permeada de passos e gargantas, a Serra não tolhia o fluxo dos comerciantes da vila paraguaia de Coruguati para a vertente ocupada pelos paulistas e vice-versa.

A mesopotâmia, ao sul do rio Guareí, achava-se sulcada por velhas trilhas, choças entre os ervais e postos avançados castelhanos que guarneciam a vila fronteiriça de Coruguati e a austral Vila Rica. Os grupos indígenas ignoravam a artificialidade da raia, não raro, nativos e castelhanos aproximavam-se da Praça com intenções inconfessadas ou para negociar. Ciente do perigo, João Martins de Barros estabelecera as suas guardas avançadas nalguns estrangulamentos do relevo, confiando mais na Divina Providência do que na força das armas. Ele reconhecia serem posições difíceis de sustentar no futuro.

Tomara conhecimento que, desde a véspera, no Passo Real ou dos Castelhanos a presença indígena se fazia perigosa. Uma emergência desta natureza exigia a participação direta do Regente, porque este falava a língua do gentio canhoã e tinha tato diplomático. Foi justamente o que o demoveu a encerrar a conferência e partir com o Ajudante D. Macedo à frente da patrulha.

Amaro Soares de Souza não descolava do seu Alferes, mesmo morto de cansaço e mal-dormido no Quartel. Aguardava-o à saída, e juntando-se à comitiva seguia ao encalço do Regente, buscando, na primeira garganta do rio Yguatemi, o famoso Passo Real. Longe dos prepostos do Morgado de Mateus podia-se conversar sem reservas. O Capitão João Alves Ferreira, apesar de português, achava-se perfeitamente integrado na terra, o filho, Fabiano, nascido em São Paulo, servia na Praça a seu lado. Em pouco tempo, Tenente Nunes e Alferes Veríssimo lhe eram chegados.

— Percebi que estamos em ratoeira. O Regente pareceu-me pessimista quanto ao futuro da Praça dos Prazeres — observava o Tenente Nunes.

— O que vossa mercê espera do Morgado de Mateus?

— Nada, Alferes, a Praça é fundação do Capitão Barros pelo Real Serviço, é obra com que o Morgado de Mateus tem pretendido se promover na Corte, quiçá obter o vice-reinado da Índia. Aqui chegamos para morrer, estou convencido.

— Que a minha franqueza não vos seja pedra de escândalo — novamente intervinha o Tenente Nunes, que parecia assombrado com a precariedade da Praça. — Os militares não ignoram que as Cartas Instrutivas do senhor Conde de Oeiras eram bastante claras quanto aos passos necessários à consolidação do domínio português nos Estados do Brasil, notadamente na defesa do Sul. Aos paulistas, a desejada restauração da Capitania nunca reverteu em benefício, ser-



viu, tão somente, de escudo aos portugueses na raia castelhana do Continente do Rio Grande do Sul de São Pedro e dos Santos Mártires.

— Portugal decidiu que os paulistas eram talhados para as milícias. Foi o que nos valeu, por nossos antepassados terem-se constituído em terror dos castelhanos.

— Bem o dizes. À medida que se multiplicavam os insultos do General Cevallos no continente, os paulistas eram lançados em maior número na raia de combate. Na Praça dos Prazeres apenas distraímos o inimigo, o que mais podemos fazer?

— Arrematada inconseqüencial!

— Conheci de perto D. Luís Antônio — lembrava o Capitão João Alves Ferreira. Antes de chegar ao Rio de Janeiro, desconhecendo a terra e a carta dos sertões, já trazia formada a idéia sobre a “Diversão para o Oeste”; era a sua maneira de interpretar as Cartas Instrutivas de Oeiras. Em quinze dias, ajuizava sobre todas as coisas, mui bravo apontava soluções, mas refugou carreira quando lhe sugeriu o Vice-Rei que partisse a lutar pessoalmente no Viamão. O seu intento era mostrar serviço à sombra da Capitania de São Paulo, bem longe dos centros de decisão dos Estados do Brasil ou de Portugal. Quem se insurgiu apodreceu na fortaleza da Barra Grande de Santos.

— Fez sinecura de São Paulo, fundou a Vila de Lajes e a Praça dos Prazeres aparentemente fora da jurisdição da Capitania, gerou atritos com os governadores do Rio Grande e do Mato Grosso! Continua passando sobre as autoridades, dobrando o Vice-Rei, conseguindo o que deseja no Paraná. A sua ambição de poder e ouro é ilimitada, até quando?

— O ouro está prestes a sair do Paraná, mesmo com o gentio abarbarando. Basta o Vice-Rei levantar a interdição das minas do Tibajá, tão logo entre a funcionar a Casa de Fundação em São Paulo. Em Iguape, já ouvimos falar sobre estas coisas.

— Parece-nos inegável que a devassa do Paraná e o estabelecimento desta Praça participam do mesmo projeto de ocupação das terras a oeste e sudoeste dos Estados do Brasil. Ambas as iniciativas se acham contidas no plano geral da militarização da Capitania de São Paulo. Se aqui estamos é porque Oeiras e o Rei aprovaram.

— Botelho vive a repetir que o ouro é a máquina do povoamento dos sertões. Esperto, omite os gastos das Câmaras, o sacrificio dos soldados Auxiliares e a razia que se pratica contra as nações indígenas.

— Os bugres estão condenados, mas a Praça vive da esperança dos socorros que não se viabilizam; quando nos chegam as monções de povoadores,

sobram bocas e privações. A princípio apoiiei a sua criação, hoje, vejo que o Morgado de Mateus caiu em erro fatal. Apenas o Regente lhe mantém apoio e fidelidade. O que fazer? Oeiras vive a repetir na Corte que uma dúzia de sertanejos paulistas vale mais do que cem soldados europeus!

— Com a guarnição que vos reservam na Praça, qual Regente terá forças para fechar os passos das gargantas destas montanhas que acessam aos Campos das Vacarias e todas as terras até o Rio Pardo? Quem poderá interditar este chão às correrias castelhanas e ao gentio que labora em seu favor?

— Não vejo saída! — Amaro murmurou de soslaio para o Alferes Veríssimo.

Nada menos do que quatro caciques e seus guerreiros pediam entrada para os ervais de Yguatemi, junto ao Passo Real. As suas intenções não eram declaradamente belicosas, porque ostentavam cruces e faziam sinais de amizade, conquanto alguns bugres retesassem os arcos, mantendo as flechas aparelhadas para pronto disparo. Tinhosos, enquanto se lhes oferecia à vista as armas do Capitão Rodrigues da Silva, postavam-se à respeitável distância, sem ocultar, na retaguarda, que outros mais impacientados arremedavam passos de dança guerreira.

— Nunca os vi assim açodados; nunca chegaram tão próximo. Qualquer hora dessas aviam-se sobre a Praça em multidão.

— Já houve escaramuças nesta proximidade?

— Não! Seguimos à risca as instruções do Regente. Tampouco revidamos os assaltos aos sítios e às roças dos povoadores.

Primeiramente, João Martins de Barros teve conferência com a Guarda do Passo e pediu cautela. Absolutamente calmo, transpôs a estacada e partiu ao encontro do perigo, saudando os caciques em língua nativa, enquanto apontava para o próprio peito, à altura do coração, onde ostentava um crucifixo de prata ligado à corrente. Por felicidade, os canhoãs abrandaram as suas danças e não se cometeu nenhum insulto. De pronto, dois chefes nativos retribuíram ao cumprimento, oferecendo-lhe as suas cruces de madeira para beijar.

Braços abertos, seguro do que fazia, falou-lhes o Capitão Barros:

— Vossos guerreiros não carecem de armas para vencer a mim e a todos os homens da Praça dos Prazeres de uma só vez, pelas santas cruces que trazem no peito — Ato contínuo, ajoelhou-se para beijá-las, tal como lhe eram oferecidas pelos caciques. — Este, sim, é o meu Senhor, a quem de joelhos reverencio. — Incontinenti, retirou do próprio pescoço a corrente com crucifixo que presenteou ao cacique mais velho, provocando geral satisfação.

Foram-lhe retribuídos um colar de penas coloridas, mais três batoques, em exuberante demonstração de amizade, a que se seguiram abraços e sorrisos.

so, imitados pelos demais guerreiros em improvisada demonstração. O reforço da paz selava-se com o oferecimento de presentes, baetas, peças de indumentária, ferramentas e maravalhas, que por sua vez provocavam novos abraços e uma despedida calorosa, uma alegria quase infantil. Já se retiravam os guerreiros quando o cacique mais jovem aproximou-se do Regente, lançando forte demanda em estropiado espanhol

— Pur qui destino los portugues habiam llegado en aquel lugá en Gatimi, sino pr'agarrá sus tierras?

— Sou Pay de uma grande bandeira, não vim para tomar as terras dos canhoãs, mas para buscar-lhes a amizade.

— Si Nuestro Señor Jesu Cristo derramó su sangre in la cruz pur los hombres, pur qui castellanos y portugueses se mataban?

— Por razão da sua natureza pecadora. Nós, em Gatimi, só queremos a paz e a amizade com os nossos vizinhos.

— Mais parece discurso de jesuíta – protestava o Capitão João Alves Ferreira. — Conheço tais delongas a forçar presentes. Os bugres passam-se para qualquer lado da política da América, desde que lhes chovam as maravalhas. Sob tal constrangimento, só nos resta atirar-lhes nossos barretes e véstias, até que os canhoãs se dêem por satisfeitos e se retirem pelas sendas do Passo Real.

-Âhé, despedidos novamente, meu Alferes?

# 7

## Capitão de Cavalaria

— Como chegaram desapercibidos nesta intromissão intimidadora, Capitão Rodrigues? Não lhes detiveram as avanças?

— Contornaram os dois Passos, meu Regente, esgueirando-se por alguma vertente só do conhecimento deles. Os tropeiros da Vila de Coruguaiti dão conta que os castelhanos armazenam muita munição e artilharia, recrutando gente no Paraguai. O gentio está do lado deles, a dissimulação dos caciques é protelatória.

Traído pelo grave semblante, o Regente percorreu calado a meia légua de campanha entre o Passo Real e a Praça. Era consenso que se não lhe abrissem os caminhos terrestres de ligação para São Paulo perdia-se a esperança de socorro em caso de ataque castelhano. A indísfarçada ansiedade dos recém-chegados chamou-lhe a atenção, sentiu que lhes devia argumentos.

— No Gatimi aprendemos a conviver com o medo e a improvisar saídas para confrontos inesperados. Castelhanos e índios não constituem os maiores perigos, afinal, contamos com quatorze bocas de fogo assentadas sobre as tenhas. Piores do que a eventualidade da guerra são a fome que nos oprime, a insubordinação dos soldados, o desregramento dos povoadores que nos chegam e as sezões malignas que matam inocentes e bandidos.

Ao olhar de incredulidade e espanto do Tenente Nunes acrescentou: — Tais são os males que me fazem temer, que põem em risco o que construí em honra do Real Serviço de Sua Majestade!

Entrados pela Porta do Norte, prestes a escalar a rampa que conduz ao centro geográfico da fortaleza, divisaram gentil aguadeira que lhes oferecia, num aceno irresistível, água da Fonte dos Anjos em gomil de barro .

— Bença, meu pai.

— Deus vos guarde e abençoe, Maria.

Servindo ao Alferes, perguntou-lhe baixinho: — Mecê veio prá ficá?

Veríssimo perdeu-se no interior daqueles olhos mornos, desfez-se-lhe a fisionomia em largo sorriso: — Pituca, pensei haver sonhado... Temi que hoje não mais veria a minha bela figureira...

Não podia deter-se, o comandante adiantava-se na rampa, forçando a culatreira. Despedindo-se às pressas, Veríssimo espicaçou a montaria acercando-se do Regente, falto de palavras, a cabeça a fervilhar de idéias. Foi-lhe impondo-se a monumentalidade da Praça, apesar de inacabada, aquele vasto heptágono de terra socada, erguido sobre o barranco mais alto da margem esquerda do rio Yguatemi. Observou que, internamente, era dotada de sete grandes quadras completas, sete incompletas, duas ruas curtas, todas geometricamente centradas no Largo Central reservado para a Igreja e o Senado. Havia edifícios públicos, uma provisória Capela destituída de ornatos com teto colmado de palmeiras, algumas moradias e duas fontes. Identificou a casa de morada de Félix Elói, no rumo norte, à esquina da Rua Curta, onde ela cruzava com a Rua de São João. Vis-a-vis, a pequena oficina ceramista, identificável pelos artesanatos expostos. Percebendo-lhe a curiosidade, o Regente saiu da habitual discrição.

— Sendo escassa a argila no Gatimi, mãe e filha percorrem fortes distâncias para colher o barro com que modelam os seus trabalhos. Atendem à demanda dos utensílios, os púcaros, os gomis e as panelas. Sabeis da preferência de Maria Pituca.

— Encantam-me as figurinhas dos mareantes em trabalhos monçoneiros no Anhembi, os infantes e os cavaleiros, as crianças em seus folguedos. Todos identificáveis pelos atributos físicos, alguns plenamente reconhecíveis.

— Maria faz a crônica do Gatimi com os seus bonecos de barro, melhor do que o meu escrivão nos seus rolos de papéis ou o Regente em seu diário. Apraz-me a arte da minha filha...

— Conheço-lhe os dotes de inteligência, Capitão Barros. Fui o responsável pela conduta em que mãe e filha chegaram ao porto de Araraitaguaba, ano anterior.

— Conheceste a minha filha? — O Regente parecia agradavelmente surpreso, associava lembranças aos últimos acontecimentos.

— Louvo as virtudes em que a vossa filha é criada. Considere o Capitão a minha lealdade e respeito no presente momento em que solicito vênha para visitá-la e...

— Permissão negada, se vos apraz saber, a minha casa é a minha honra. - Arrependido com o brusco interrompimento do diálogo, o Regente

acrescentou: — Vosmecê deve compreender que Iacri defende a filha como loba e que faço empenho em mantê-las ao meu lado, embora as tivesse abrigadas por alguns anos no Convento da Luz por razões de segurança. Ano passado, determinei buscá-las por mediação do abade do Carmo, em Itu, meu irmão.

Disposto a continuar, Veríssimo desconversou:— Aquele índio... Marcelino, que morreu em viagem, quem era?

— Um administrado de Carapicuíba, dava-lhes proteção desde São Paulo. Sei que não teve bom fim.

— Morte estranha, Capitão! Aliás, ocorreram duas mortes durante aquela conduta... gargantas rasgadas em condições misteriosas.

— Hum, sabes que acontecem coisas bem estranhas e pesarosas nestes sertões. Maria é a única alegria em minha vida neste fim de mundo. Pensava encaminhar-lhe um bom futuro, mas, como vês, isto aqui não parece reservar esperança a ninguém.

— Assim, tão seriamente ameaçada a sustentação da Praça?

— Qualquer dia os castelhanos atravessarão o Passo da Serra de Maracaju com forças muito superiores para dar fim ao estabelecimento. Ouço rumores desde a chegada do Ajudante de Ordem Juzarte. Os nossos já estão impedidos de negociar com o lado castelhano, os tropeiros da Vila de Coruguati estão proibidos de nos passar o gado e as cavalgadas do nosso consumo, pois querem nos isolar pela fome e perigo. Carlos Morfe rejeita todas as embaixadas do Antônio Lopes de Azevedo enviando as mais duras respostas ao Capitão General, de modo que acabamos por ficar sem comércio com o outro lado e apáticos na agricultura, que se vê impedida de expandir-se pela imposição do gentio.

— Acham-se bem artilhados os canhões?

— Sim, mas não tenho como evacuar a Praça numa séria investida castelhana; faltam-nos os caminhos terrestres. Fala-se deles, por Piracicaba ou por Sorocaba, nunca se viabilizam. Não vejo como impedir a avalanche de povoadores que me envia o Morgado de Mateus pois é seu desejo converter a nossa ocupação militar numa colônia agrícola, a Povoação de São Francisco de Paula, embora nossos bairros rurais não tenham condições de se desenvolver

— Percebe-se que o Capitão General labora em grave erro estratégico. O Gatimi devia constituir-se em estabelecimento guarnecido unicamente de tropa regular, abastecido por caminho terrestre a ser diretamente franqueado entre a Praça e a cidade de São Paulo.

— Tudo aqui nos é trazido do Vale Médio do Anhembi. Fazendas secas e molhadas, boticas, armas, soldados; os comerciantes de Araraitaguaba nos co-

bram preços exorbitantes. Ficamos reféns da sua ganância porque as nossas lavouras não se desenvolvem, as colheitas não bastam, os canhoãs destroem o que podem e as sezões malignas grassam nos primeiros meses de cada ano.

A chegada ao Quartel encerrava o inventário das dificuldades. Dispensando as formalidades o Regente não retribuiu o cumprimento, afixou-lhe os olhos da maneira como costumava desconcertar os interlocutores. Veríssimo resistiu-lhe, esperando pelas palavras definidoras.

— O Capitão Barros não me concedeu a resposta...

— Qual? Se vos apraz formular novamente...

— Desejo permissão para casar com a vossa filha, Pituca.

— A tens. Não vejo razão para impedimento, Alferes.

As madrugadas de junho traziam a friagem para o interior da Praça dos Prazeres. O sol custava a se erguer nas bandas do Rio Grande Paraná, ensejando espesso nevoeiro que deslizava pela calha do Yguatemi à área da Forquilha, onde começavam as quedas d'água, e continuava subindo para os morros da Serra de Maracaju. Na falta de boa caninha, conganhava-se ao pé do fogo.

Desde o ribeirão dos Fogaça, em meio arco para a região da Bocaina, estava tudo ocupado, repartindo-se os bairros rurais em sítios, leiras e roçados, distribuídos em mãos dos soldados e dos povoadores afamilhados. Colhia-se milho, feijão e abóboras, com que se remediavam as necessidades, enquanto não chegavam os socorros em farinhas, carnes e alimentos trazidos, uma ou duas vezes ao ano, pelo Capitão André Dias de Almeida do porto de Araraitaguaba. Era vontade do Regente estender a ocupação mais acima, aos campos situados entre o ribeirão da Forquilha e o rio do Escopil, quiçá forçar a penetração na Serra do Amambaí. Impediram-no os caciques canhoãs, as febres e as carneiradas, que começaram por instalar-se nos baixios, configurando-se a formidável ratoeira, que ninguém ousava ultrapassar num raio de cinco léguas.

A Praça dos Prazeres era lança atirada sobre o Paraguai. Os monçoneiros davam-na situada a vinte léguas da foz do Yguatemi no Paraná, omitindo as trezentas e tantas que a separavam da cidade de São Paulo por conexão dos caminhos terrestres e fluviais. Era a guardiã de um reino que o Capitão João Martins de Barros estabelecera na raia das Américas para o Senhor D. José I de Portugal, cuja posse foi veementemente contestada pelos castelhanos

Apetecia aos burocratas de Lisboa colher os dizimos das fertilíssimas terras, dotadas de múltiplas nascentes e rios, vastos ervais, matas e capões içados de madeira de lei, talvez ouro. Ninguém lhes conhecia os confins. Para as bandas do oeste, até o Passo dos Índios Cavaleiros, estabeleceram-se as Guardas avançadas. A sudoeste, entre os rios do Espadim e Ibicuí, nos contra-

fortes da serra, situava-se o Passo de Maracaju, passagem obrigatória a quem se dispunha a chegar à Vila de Coruguati no Paraguai, distante quinze léguas espanholas. Infletindo para o noroeste, o relevo trocava o nome para Serra do Amambaí, entestava com as Vacarias do gentio guaicuru. A norte, levantavam-se os morros divisores dos cursos do Yguatemi e do Amambaí; a leste, fluía o Rio Grande Paraná, circunscrevendo-se, nestes limites, a campanha do Yguatemi por mais de cinqüenta léguas .

João de Deus e do Diabo acordara mordido de curiosidade pelas coisas da véspera, mas o frio da madrugada o manteve enrolado no poncho, enquanto sorvia intermináveis goles de escaldante congonha. Às seis horas viera saudá-lo o moço Fabiano, em nome do Capitão João Alves Ferreira, que o dispensava da escolta ao Alferes Veríssimo. Preferiu tirar prosa com os soldados do forte e o que ouviu não lhe agradou. Amuado num canto, somente pelo meio-dia aceitou o convite do sol escancarado para deixar o Quartel. Dados os primeiros passos na Rua de São Paulo, detrás da Capela, voz estridente varou-lhe os ouvidos.

— Ahé! Nhô João di Deus e du Diabo nestas banda! Já vi qui num dá nem prá deitá cum muié véia, tá broxado.

Ainda meio fraco das pernas, o soldado apoiou-se para retribuir-lhe a saudação. Muito surpreso, reconhecia-lhe a saia encarnada de sufilíe e aquele par de pernas ágeis de mulata fogosa, voz inconfundível a lhe deitar provocação.

— Maria Farinha, és tu? Ah! Não perdes por esperar.

Em outros tempos, rolava com ela ali mesmo ou lhe teria lançado uns bofetes à cara. Era incomum, em sua vida de soldado, fraquejar nas emoções. Pena, o que se viu, em plena luz do dia, era um homem chorando feito criança em ombro de mulher.

— Eh! eh! ... sordado num podi chorá. S'assussegue, nhô João, tá pareceno macho castrado. U sertão inguliu o mió de mecê?

— Farinha... nunca te vi mais bela. Ai, que cheirosa! Cadê Babilônia e as suas companheiras?

— Tá tudo casada cum sordado, criano família.

— Até mecê? —Meio desconfiado, enrolava-se nas grossas madeixas de Maria Farinha, deixando-se abraçar pelo único corpo ardente que sentia, há quase um ano. — Sabe, devia ter largado tudo como fez o cozinheiro, antes uns públicos açoites...

— Casá, casei, mai nun deu certu. Sei cuidá dos home do meu jeito. Num venha cum remelexo qui u Regente toca mecê pros mato. Qu' isso, home, inda num dá nem prá si pô im pé!



— Diga-me, minha bela, se porventura aquele cozinheiro à toa se encontra vivendo nesta Praça do Gatimi?

A resposta veio-lhe da retaguarda, em voz iniludível.

— Serei o cozinheiro de que falas? Até no fim do mundo me persegues, soldado?

João de Deus e do Diabo virou-se, esfregou os olhos para confirmar. Identificou-lhe o riso debochado de antiga memória e não teve como resistir ao abraço, apesar da mágoa.

— Grande... fugiste pelo Anhembi com a danada da Tomba-Homem e, por cima, levaste-me os temperos! O que fizeste da vida?

— Andreza é minha mulher. Convido vosmecê a visitar a minha casa de morada e a conhecer as minhas filhas.

— O quê? Mudaste de vida, cozinheiro, ora, pois!

João de Deus e do Diabo parecia haver criado alma nova. Estalou, apressado, um beijo na boca de Maria Farinha, bolinou-lhe as ancas e partiu em companhia do antigo camarada que lhe honrava com o convite. Mais alguns minutos, ei-lo a saudar, respeitoso, a mulher que lhe parecia tão recatada quanto as matronas paulistas. Descobriu-se, ao adentrar a morada, e atendeu, enlevado, ao aceno do chefe da família para observar na rede as duas belas meninas gêmeas dormitando.

— Meu amigo, ganhastes o melhor desta vida!

Traído, novamente pelas pernas, aceitou chorar no cocho que lhe ofereciam. Conseguiu recompor-se, após os fortes goles da teriaga preparada por Andreza, porém a cada instante retomava o pranto, não sabendo como lidar com aquela forte emoção.

— O que é isso, homem? Para efeito de que artimanhas te fizeste dragão de Sua Majestade? Como vieste dar com os costados nesta Praça dos Prazeres?

— Graças a Deus, encontro-me entre amigos. Andei campeando a Estrada Real para as Curitiba, os matos e os cerrados do Tibaji, agüentando brigas de mineiros na Apuracarana, fugindo de bugres pelos sertões do Ivaí e do Pequiri, até entestar no Rio Grande Paraná. Salvou-nos da morte o Capitão André de Araraitaguaba.

— Adivinho o que sofreste, companheiro.

— O que foi feito de todo aquele povo da monção?

— Muitos vivem por aí. O Hildebrando, aquele frade apóstata, soube ser bom soldado na hora da precisão. Teve a minha amizade.

— Não gostei do pouco que vi da guarnição!

— Os soldados mal se agüentam. Nem bem são chegados da mareação já ficam incorporados às três primeiras Companhias de Sertanejos pedestres. A Praça possui pouco mais de trezentos homens de Tropa Regular e de Aventureiros, estes recebendo o seu tostão diário de soldada, que lhes pagam a cada seis meses. Vosmecê observou que andam por aí, maltrapilhos e famintos, desregrados e metidos com a pior gentinha. Os paisanos integram as Esquadras, cultivam melhor as suas terras, quando lhes permitem os canhoãs. Sirvo na Primeira Companhia do Capitão Manuel Gomes de Carvalho e seu José Fogaça de Almeida é nosso Alferes, são todos sorocabanos de origem, gente muito boa.

— Quantas Esquadras tem a guarnição?

— A Primeira Companhia tem seis Esquadras, a Segunda tem cinco, a Terceira é da Marinha e nela se assenta o estaleiro que o França governa, com mão de ferro sobre os pardos e os bugres. Depois da morte de Bugre Velho, Taçuira é o seu principal Cabo de Esquadra, homem da confiança do Regente. Até o Capitão André faz parte da Terceira Companhia.

— Lembro-me do Sizenando e da senhora dona Brígida Anhaia.

— Aviam-se como podem junto aos Fogaças, seus parentes. Imagine vosmecê que Baltazar Minhoto está casado com Maria Babilônia, quem diria? Até o excomungado Guaçu estabeleceu algumas roças no Bairro do Bom Jardim. Não tem jeito a Maria Farinha, o que a salva da morte é que está sempre a carregar para antídoto das febres um pouco de quinino, uns maços de caiapiá e alguma tintura de arnica com que alivia os achacosos que dela se socorrem. Foi expulsa da Praça pelo Regente, vive por aí, pelos matos, cercada de duas pardas forras vagabundas. Está sempre entrando sorrateira e levando alguma presa.

— Continua a ser a alegria dos homens, meu amigo.

— Pode ser, aqui sobra sofrimento, os ares são insalubres, a morte vive rondando. Os socorros das bandas do Anhembi são raros. Já ouviste falar das pragas do Egipto? Há insetos de todo o tamanho, taturanas gigantes e roedores que martirizam e estragam, infestam as moradas, atormentam e matam por exaustão os animais.

— E a Regência da Praça, como se avia?

O Capitão Barros tem prestígio e vai se valendo da fidelidade dos seus oficiais antigos, mas há pouco, estalaram insubordinações de soldados e de povoadores. A situação vai se complicando à medida que o Morgado de Mateus nos despeja arruaceiros e bandidos, sem nenhum jeito para lavoura ou para o trabalho.

— A Praça não devia sustentar-se, exclusivamente, por sua guarnição militar, por soldados de ofício?

— É o que defende o Regente, sem contudo demover o Capitão General dos seus delírios.

— Aquele excelentíssimo... bem plantou este cemitério de paulistas no Gatimi, que há de ser o mausoléu da sua memória.

O alvoroço provocado pela chegada do Capitão Barros e sua comitiva interrompeu a conversa. Os amigos vieram à rua a tempo de receber a saudação do Alferes Veríssimo, que cavalgava prestigiado ao lado do Regente. Todavia, pela gravidade do seu semblante, João de Deus e do Diabo logo adivinhou preocupações e perigos pela frente.

— Valha-me o Santo Lenho!

Na morada da rua Curta mãe e filha compartilhavam do espaço dedicado à oficina ceramista, às redes e ao fogão. Sob o crucifixo, a canastrinha encourada ficava mantida em nicho da parede, como a destacar o único bem material das duas mulheres. Forante a candeia e o pote d' água de beber era completo o despojamento das alfaias.

Afigurava-se bastante dificultoso achar-se a Iacri, que mal falava, nunca sorria, pouco se dava a conhecer, dificultando qualquer diálogo. Quando Veríssimo foi conduzido por Pituca, até o torno de oleiro, onde se achava a modelar a argila, sentiu-lhe o olhar de advertência.

— Conheço o teu zelo, deixa-me apenas estar ao lado dela. É minha prometida em casamento pelo Capitão Barros.

— Num largo mia fia.

A resposta veio da inconformação e da expressão irada com que Iacri abandonou o trabalho, retirando-se da casa. Trégua estabelecida, Veríssimo prendeu nas suas as mãos da amada, provando o beijo guardado desde aquele dia distante da partida em Araraitaguaba.

— Não fosse o mundo tão complicado, seríamos felizes há muito tempo. Já te perdi uma vez, Pituca...

Antes que completasse a frase, ela chegou-lhe os dedos aos lábios, puxou-o, mansamente, em direção do tabuleiro de peças, cavaleiros e infantess, todos com a face e as expressões de Veríssimo.

— Por que me representas em solidão? Onde estão os meus comandados, Pituca?

Conduzindo-o para o torno de oleiro fê-lo sentar-se, enquanto modelou duas figurinhas: um cavaleiro com moça na garupa.

— Estes fomos nós no passado. Hoje vos tenho por prometida, fazenos em tempo presente.

— Num carecí, mecê tá na mia boca, no toque das mia mão, no meu benquerê. Vai ficá?

Observando-lhe a insegurança no olhar, Veríssimo tocou-lhe a face antes de medir as palavras uma a uma.

— Sei que é pedir-te mais sofrimento, quero que me jures o que vou jurar-te, que me ames como vou amar-te. Ainda tenho dever a cumprir em São Paulo, peço-te que espere pelo meu retorno definitivo . Então, ficarei para sempre no Gatimi.

— Quanto tempo?

— Asseguro que antes de passar pela atracação da Porta do Sul, vos terei como minha mulher, em casamento abençoado pelo Regente e pela Igreja.

Vinte dias após, decidiu-se que o Tenente Nunes permaneceria longo tempo em trabalhos sertanistas na Praça, que os paulistas da escolta do Alferes Veríssimo lhes forneceriam ajuda, antes de retornarem a São Paulo na monção de março do ano entrante. Amaro parecia condoído da missão reservada aos companheiros do Tibaji.

— Deus me livrasse de tal incumbência! Safei-me da raia castelhana, não me apraz enveredar por estes paúis e ervais do Gatimi.

— Não subestimes a subida pelo Rio Grande Paraná em busca do Anhembí, no retorno verás a que esforçados trabalhos vos hão de meter. Na descida quase morri, não fosse por minha Andreza.

— Melhor do que ajustar picada no Ivinheima, a braços contra a bugrada caiapó. Meu bom Félix, levarei saudade da proteção desta Praça e da vossa amizade, mas juro que hei de me encafiar na mais remota Freguesia, o mais longe possível das garras do Morgado de Mateus, eu e os meus pais.

Não havia tempo a perder. Nem bem chegada a monção de fevereiro, o Capitão André já se declarava pronto a partir, bastavam-lhe poucos dias para recuperar-se da viagem. Sabia da necessidade de chegar ao Itapura antes da estiagem porque as águas abaixavam muito depressa e o Anhembí se transformava numa infernal cachoeira, entre os meses de julho e agosto. Naquele retorno, caberia ao Alferes Veríssimo deitar algumas sinalizações às margens do Paraná em pontos de contato para os escoteiros do Tenente Nunes, à medida que estes franqueassem o caminho pelo interior, nas terras caiapós.

Na despedida, o Regente da Praça e Capitão-mor João Martins de Barros apresentou-lhe os volumosos despachos que deveriam ser entregues

ao Capitão General de São Paulo: mapas, cartas de oficiais e soldados, officios do Paraguai, encomendas e pedidos de socorro. Com forte reserva dirigiu-se ao genro.

— Sei que haverás de cumprir a missão secreta que vos delego junto ao Vice-Rei no Rio de Janeiro. Que vos sirva de passaporte a nova patente e autoridade de Capitão de Cavalos desta Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Gatimi, e por proteção a guarda do Divino Espírito Santo.

— Hei de voltar na futura monção de janeiro, meu Senhor Regente.

# **PARTE III**

**RUMO AO ANO DE 1777**

**OU**

**ARRÁTEL DE  
GLÓRIAS PAULISTAS**



## A Colheita das Parcas

Mês de janeiro do Ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1772. Desde o semestre anterior, estava-se armando no Porto de Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araraitaguaba, do termo da Vila de Itu, uma grande monção para a Praça do Yguatemi. O Ajudante Romualdo José de Pinho e Azevedo procedera a grande derrama de alimentos nas Vilas de Santana de Parnaíba, Sorocaba, Itu e freguesias do Oeste, enquanto o Capitão André Dias de Almeida mandara apressar a fatura das canoas em Piracicaba para compor a sua nova esquadra.

Tratava-se da grande expedição que haveria de conduzir o Capitão Paulino Ayres de Aguirre com os seus vinte e cinco soldados da Companhia Auxiliar de Sorocaba para render parte da guarnição do Fôrte. Forante a conduta dos militares, seguiam os soldos atrasados, numerosos prisioneiros, famílias de povoadores, além dos socorros habituais em gêneros e boticas à desvalida população da Praça e dos bairros rurais, desde o sítio do Bom Jardim até os Fogaça.

Pairava certo ar de mistério. Pela primeira vez embarcava para o Yguatemi o legendário Capitão Povoador de Piracicaba, Antônio Corrêa Barbosa, de cujas canoas se sustinha a maior parte da navegação do Tietê. Era sabido que gozava da mais irrestrita confiança do Capitão General e tinha prestígio próprio, por ser homem de valentia e autoridade testadas quando da organização do estaleiro de Piracicaba e formação da Povoação junto ao Salto daquele rio. Estivera recentemente em operações sertanistas a noroeste da Capitania e agora puxava uma conduta de quarenta homens tirados das Vilas do Oeste. Por ordem superior devia fazer parceria com o Sargento-mor e Piloto de rumos de Sorocaba, Luís Vaz de Toledo Piza, personagem conhecido pelos apuros em que se metia nas rodas de carteadado. A que pretexto tanta demanda, senão para a guerra?

A julgar pela fisionomia do Capitão Paulino não era coisa boa de se esperar. A sociedade do Oeste já estava cansada do Real Serviço e das imposi-

ções vexatórias a que eram submetidos sorocabanos, parnaibanos e ituanos na raia do Yguatemi, sem outro saldo que o penhor das suas vidas, o abandono das famílias e a perda das suas lavouras.

Designada para partir em novembro de 1771, às vésperas do Natal, ainda, se prontificavam os trabalhos da armação monçoneira, atividade em que se desincumbia o Capitão André Dias de Almeida, sempre disposto a puxar mais gente. Uma flotilha de doze canoas e dois batelões, pesadamente armados, balouçava-se na praia de atracação de Ararataguaba à espera da ordem que só chegou no Ano Novo. Deu-se a partida em cinco de janeiro, sob fervorosa ladainha de Nossa Senhora Mãe dos Homens, estrugir de foguetes e tristes acenos daqueles que se despediam, já sacramentados, para o sofrimento e a morte nos umbrais dos Estados do Brasil. O vinco na testa do Capitão Antônio Corrêa Barbosa traduzia a geral apreensão: naquele porto do Anhembi, longe da sua Piracicaba, podia estar o começo do fim.

Veríssimo Xavier do Prado, confirmadô lhe fora em São Paulo a patente de Capitão da Cavalaria Auxiliar de São Paulo, embarcava designado para servir na Praça do Yguatemi. Era seu desejo partilhar discretamente o espaço na canoa com as patentes de Sorocaba e Piracicaba, mas logo foi lembrado o seu parentesco com o Regente, fato que lhe destacava entre os demais. A bem dizer, era o único a revelar bom humor; ainda nos primeiros movimentos da canoa, colhera na concha da mão aquela bendita água do Anhembi que vertera sobre a própria cabeça – espécie de ablução para quem esperava renascer libertando-se do indesejável passado. Despedira-se da casa ancestral, acalentando o novo projeto de vida como sorte e recompensa aos sofrimentos anteriores, no Viamão e no Paraná. Cumprira a parte mais delicada da missão que o sogro lhe passara em 1771, entregando ao Vice-Rei no Rio de Janeiro os despachos secretos e uma cópia das “Relações” do Ajudante Antônio Lopes de Azevedo. A avaliação correta sobre a Praça haveria de chegar às mãos do Ministro do Ultramar em Lisboa de mistura com as queixas do Bispo e dos camaristas sobre a real situação da Capitania de São Paulo, o seu estado de decadência e os abusos cometidos contra a sociedade por parte do Morgado de Mateus. No último olhar à penedia, despediu-se das antigas saudades e mortijas benquerenças, guardando para sempre na memória a luminosidade do Vale Médio do Anhembi, os seus horizontes e as suas estrelas.

Era diferente o caso do soldado Amaro Soares, que insistia em permanecer em Itu e a muito custo foi arrancado dos velhos pais. Como a compensá-lo, bateu-lhe no ombro o Capitão:

— Também há gente boa a aguardar-te na Praça. Não vaciles em teu coração.



A praga lançada aos berros despertou a atenção do Sargento-mor de Sorocaba, Luís Vaz de Toledo Piza: — Por mim, quero um pé lá e outro cá, sem maiores imposturas do Real Serviço. Saldo as minhas dívidas e volto para a minha família, quitado com os credores e com o Capitão General, que o demo os tenha!

— Mecê segue contrariado demais — observou o Povoador de Piracicaba. — A sorte tem me favorecido nestes sertões e o Capitão Paulino aí está para assegurar a nossa retaguarda entre os caiapós do baixo Anhembi. Estaremos de volta na monção de agosto sob a proteção de Santo Antônio e com o regalo da missão cumprida.

— Ambos partimos para servir na Guarnição, mas a vossa pressa em regressar levanta a suspeita de que o Capitão General está cobrando a abertura do caminho entre a Praça e o Rio Pardo. Ninguém segue para curta permanência no Gatimi.

— Capitão Veríssimo, o vosso sogro, com o devido respeito, não consegue estabelecer a picada para o rio Paraná.

— E quem, com tão poucos recursos, haverá de conseguir tal propósito?

— Sabemos das dificuldades, vosmecê pode aquilatar a nossa preocupação. Como Piloto de rumos desconheço o levantamento cartográfico daqueles sertões, confio mais no faro índio do Capitão Barbosa que no apoio militar do Capitão Aguirre.

— Conheço parte daqueles sertões, adivinho o que vos espera.

— A vossa experiência nos será útil, Capitão Veríssimo. Sabemos que através da campanha paralela ao rio Paraná o gentio caiapó se acha abarbarando sobre todas as condutas que chegam de Povoado. A abertura terá que ser pelas cabeceiras dos rios que descem da Serra do Amambaí.

— Rematada loucura. Pelo Passo dos Cavaleiros o gentio guaicuru pode penetrar e varrer o território em coadjuvação com os canhoãs que o dominam até a Vila de Coruguatí, no Paraguai.

— Vamos partir da Praça em busca do Amambaí e do Ivinheima, deste para o afluente do Pardo, o rio Inhanduí, para descê-lo até a sua foz. Pelo curso inferior do Pardo se pode chegar rapidamente ao Paraná.

— Pelo Gatimi não dá passagem porque a Serra do Amambaí fecha a noroeste, como testemunharam o comerciante Coura e seus escoteiros, quando intentaram encurtar o caminho para Cuiabá. Só se der saída pelo Escopil ou o seu afluente, o ribeirão Forquilha, que passam mais a oeste e podem levar a algum passo da Serra que franqueie os rios a montante das suas fozes. Mas como pretendeis executar esta jornada temerária?

— As Instruções do Capitão General nos pedem que ao atravessar a campanha acendamos fogos para se estabelecer a comunicação de terra para a água com a canoa de aviso e a flotilha do Capitão Paulino. O Capitão sairá da Praça quinze dias a frente e viajará paralelo a nossa entrada, até o encontro das duas expedições na foz do rio Pardo.

— Rematada loucura dos burocratas do palácio, gente que desconhece as armadilhas dos sertões, mormente do Paraná. Quereis saber? A cada caieira que se acender acudirão em chusma os canhoãs com seus arcos e suas bordunas, sem deixar ninguém passar.

— E se passarmos? — retrucava o Sargento-mor de Sorocaba.

— Ao mais ventilado da sorte não escapará o encontro derradeiro com os caiapós, que atacam inesperadamente junto ao Paraná. Também pode acontecer que antes da primeira légua da jornada os guaicurús desçam pelo seu passo e completem a raíza. Convive-se aciado da morte naquela raia, ninguém se isenta do risco de ter a cabeça esmagada e o corpo balouçando na árvore mais próxima.

Barbosa, que escutava calado, aparteou: — Porventura serão o Capitão Aguirre e seus soldados que nos acudirão das garras do gentio, apartados quinze léguas de distância, entre a campanha e o rio Paraná?

Sem outro gesto que coçar a cabeça, o jogador de carteados interrompeu-lhe a fala: — Em que esparrela nos enfiamos, ó Barbosal!

— Se estais prontos para a morte, podeis sair a desinfestar aqueles caminhos... Fogos, a quinze léguas distantes?

O Capitão Aguirre pigarreou: — O chocarreiro poderá nos encomendar *Te Deum Laudamos* e belas missas cantadas no Carmo, como ele mais gosta de fazer. Morremos no Real Serviço de Sua Majestade e nos juntamos ao panteão dos anônimos sacrificados. Eis para que serve aquele cemitério dos paulistas, erguido nos confins da América para a glória militar de um representante d'El Rei.

— Que nenhum de nós labore na deslealdade ao Senhor D. José I de Portugal ou ao Morgado de Mateus, mas, diante do que foi dito, sou contra esta missão a partir de agora — reagiu o Capitão Antônio Corrêa Barbosa. — Vejo que sem nenhuma sensatez lançamos para a morte quarenta homens tirados das suas roças e suas famílias nas Vilas e Povoados do Oeste para o esforço da abertura de um caminho impraticável.

— Não de todo — intercedia o Capitão Aguirre. — Penso nos meus vinte e e cinco soldados de elite. A picada aberta por Francisco Paes de Almeida em 1769, do Paraná para Sorocaba, vai sendo trabalhada pelo Capitão-mor

José de Almeida Leme e poderá franquear os comboios de São Paulo para a Praça. A depender de grosso investimento, conexão pelo passo do rio Paraná com a campanha do Gatimi pode e deve ser feita à altura da foz do Pardo, devendo encurtar a viagem em trinta dias, mas a que preço?

— A comunicação por terra entre São Paulo e a Praça é indispensável a sua sustentação, do contrário ela se perde nas mãos dos castelhanos ou desaparece tragada pelo gentio, pela fome e pelas sezões malignas. Não se sustenta com estes povoadores desvalidos, com bandidos e desertores, salvo por uma tropa de elite sob experiente comando militar. É o que vem defendendo o meu sogro, passados os primeiros tempos de sua fundação.

— E vossa mercê retorna ao inferno dos condenados, por seu bel-prazer? Vejo que é o único do grupo que não maldiz a sorte.

— Tenho família no Gatimi, Capitão Aguirre. Não abdicó da minha patente e vou servir como militar ao Regente da Praça sem deixar de ser povoador. Um Oficial de Cavalaria tem sempre tarefas a desempenhar nas Guardas avançadas e nos Passos. Sabes que tenho ânsia de chegar, há uma criança nascida a poucos meses esperando pelo pai, o meu primeiro filho...

Passados quarenta e nove dias de viagem e outros quatro subindo o Yguatemi, um tempo recorde facilitado pelo calado dos rios, a monção atingiu o sítio da Forquilha.

— Pasto de abantesmas, inteiramente deserto. Qual o insucesso, Capitão André?

— Se acaso Deus for servido nos dar a conhecer... vamos com calma até a Cachoeira do Urubu, lá assistem os ranchos e as roças, é mais seguro.

Os redobrados esforços da marção não poupavam a ninguém, reduzindo a tripulação a um magote de esqualidos e destroçados, como já se viu. Não se tratava de frouxidão, ali, junto à Povoação das Roças, carecia de receber ajuda do Forte. Esta não chegou e por três dias buscaram recuperar as forças comendo alguns feijões e abóboras colhidas a curta distância, sem se arriscar à caça por temor às incursões do gentio, cujos sinais aterradores eram visíveis ao longo do rio. Retornado o curso, apenas no segundo dia, quase à vista da Praça, apareceu a nau Capitânia conduzida pelo velho França, que se fazia acompanhar do Capitão Jerônimo da Cruz. Não faltaram as boas-vindas, com carga de mosquetaria e acenos. O que teria ocorrido?

Ao aproximar-se da monção foi logo esclarecendo:

— Bateu a epidemia no final de janeiro, de forma arrasadora, como nunca se viu. Faltam-nos sacerdotes para as endoenças e as desobrigas, os moribundos carecem de receber os sacramentos e de quem lhes feche os olhos.

D. José Macedo Sotto Mayor e Castro também é falecido e o próprio Regente passa mal. Não vejo como evacuar a Praça num caso de emergência e me aparecem vosmecês com mais gentel — Dirigindo-se a Veríssimo, seu conhecido, antecipou maiores dificuldades: — Nos achamos desprovidos de alimentos, faltos de boticas e qualquer recurso para atender aos enfermos que acabam mortos e enterrados sem mortalha.

Abalado com a novidade, Veríssimo lançou-lhe o seu trem de viagem e saltou rápido para a nau Capitânia. Navegaram juntos a última parte da jornada até que no final do segundo dia avistou a Praça, praticamente desguarnecida, tantos os enfermos. Em poucos minutos já se via escalar o barranco buscando, sobrecarregado, a Porta Sul. Sabia que não tinha volta, mas a despeito da situação e da dúvida que lhe corroía o espírito estava quase feliz.

Não demonstrando pressa em atracar no cais de desembarque, Barbosa chamou os seus dois parceiros para conferência e foi sem nenhuma motivação que escalaram o barranco do Yguatemi que acessa a Porta Sul. No ar pairava um cheiro estranho que logo foi captado sob os mais sinistros presságios.

— Tocaíados pela morte, saudemos as Parcas — ironizou o Sargento-mor de Sorocaba, após sorver forte gole de parati.

— Nem por pilhéria — cortou-lhe a frase com impaciência, o Capitão Aguirre. Num incontido estado de pânico apertou o punho da espada, gesto que imediatamente relaxou por reconhecer que estava a combater inimigos invisíveis. Era contra aquele feitiço que se revoltava às entradas. — Nem por pilhéria!

— E vosmecê, ó Barbosa, o que se haverá de fazer nesta esparrela em que nos metemos por obra e graça do Capitão General?

Forante a praga impronunciável, ouviu-se-lhe, pela centésima vez: — Pelas chinelas d'El Rei, e agora? Não desejo lançar meus quarenta homens à morte, antes mesmo de começar a franquear o caminho para o Paraná. Cáspitel!

À altura da Rua da Cruz, veio-lhes ao encontro o Capitão Joaquim de Meira e Siqueira, aparência cadavérica, embora preocupado com as formalidades de estilo, vexado com a situação calamitosa da Praça. — Sofro de uma febre terçã que hoje me deixa um pouco mais aliviado, perdão pela má aparência. Lamento vos oferecer apenas congonhas e um prato de feijão, além do pernoite na Igreja, amanhã veremos. Que Deus seja servido a nos mandar alguma providência, antes que seja tarde demais.

— Por nós, seja de modo a vosmecê levar com fé, mas estamos espantados com a calamidade que se abateu, Capitão. Onde se encontram os moradores? A Praça está desguarnecida, ninguém nas tenalhas.

— Salvo os dezesseis homens da guarnição, todos se acham enfermos, a maioria se encontra batendo nos dentes por causa das carneiradas, outros em dobres de finados... até o Regente passa mal. Não temos nenhum recurso para aliviar o sofrimento, faltam médico e boticas. Agora dizei-me: o que nos manda aquele excelentíssimo... além de nos recomendar procissões e ladainhas, de nos enviar bentinhos e medalhas? Ninguém ainda ousou levar ao Vice-Rei ou a Oeiras o nosso desespero, o clamor dos paulistas? Até quando haveremos o orvalho das lágrimas e o sangue dos inocentes por penhor das vidas sacrificadas neste fim de mundo?

O Capitão Aguirre ouvia estarrecido o testemunho daquele experimentado oficial. — Partilhamos a vossa comisseração pelo destino da Praça e seu povo, Capitão Joaquim. Por nossa vez, experimentamos forte quebranto em sermos fiadores de uma diligência que se nos afigura impossível, a varação da campanha até a foz do Rio Pardo, no Paraná.

— Bem o dizeis, acham-se mortos todos que o tentaram, a partir do primeiro, que foi o Tenente Nunes da Vila de Iguape. Sabeis que viestes para morrer, só vos peço a pacífica aceitação da desgraça, e não consintais que os povoadores chegados apertem o cerco dos penitenciais transtornos desta Praça. — Assim falando, entregou ao Capitão Aguirre a chave do Quartel e retirou-se, extremamente preocupado.

— Chegar a tombos por estes rios depois de encafuar sessenta e cinco homens naquelas águas peçonhentas, a preço de congonhas e um prato de feijão, não vos parece prêmio de estúrdios e aparvalhados, ó Barbosa?

— Que hei de cobrar daquele chocarreiro se retornar com vida a Piracicaba.

Naquela noite, os povoadores recém-chegados que não encontraram guarida, nem pessoa a quem mendigar uma pouca de farinha para matar a fome das crianças, ameaçavam derrubar a porta da Igreja. Não havendo como prontificar comodidades para tanta gente, Barbosa não achou outro jeito senão distribuir-lhes os mantimentos de reserva da expedição que devia abrir o caminho para o rio Pardo.

O corpo desfigurado do Tenente Coronel Regente da Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e Povoação de São Vicente de Paula de Yguatemi jazia num rústico catre com estrado de embira, há três dias inativo, a respiração ora ofegante, ora entrecortada por delírios e convulsões. O ilustre varão ituano, que levantara a bandeira de sertanista em 1767, para o Real Serviço, que enfrentara privações e perigos de toda a espécie naqueles confins, parecia finalmente derrotado, cinco anos depois. Abdome inchado, desde que se manifestaram os primeiros sintomas da epidemia, foi cedendo aos calafrios e às altas

temperaturas, à estonteante cefaléia seguida das sudoreses acabrunhadoras. No começo experimentou alívio, a cada dois ou três dias, julgando-se uma febre terçã, como na maioria dos soldados, mas aos poucos, entre os paroxismos de febre e confusão mental, pareceu mergulhar profundamente em estado de inconsciência e abandono.

As triagas de cascas de árvores a princípio inibiram-lhe os calafrios, mas o corpo outrora robusto foi minado, definhando progressivamente. Derrotado na aposta contra as Parcas, ainda parecia hesitar em entregar-se ao derradeiro abraço e ali se finava no cumprimento do Real Serviço, por obra do Capitão General de São Paulo, D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Mateus, e pela graça de S. Majestade, El Rei e Senhor D. José I de Portugal.

À primeira vista, Veríssimo se inconformara perante o estado de decadência da Praça e a sorte do Regente, mas desde que pisara o barranco não tivera outro pensamento que correr para encontrar a mulher e o filho. Atravessou a praça central, observando as portas abertas da Igreja nova, o seu interior repleto de enfermos; soube que o mesmo se dava na Casa da Fazenda Real e no Quartel das Tropas. Foi entrando apressado no Quartel do Governador, sem se fazer anunciar, viu à entrada soldados e sentinelas sob calafrios e priorizes. Estarrecido, chegou ao aposento do Regente, onde Iacri temperava congonhas e puçangas, dominando o profundo silêncio que precedia à revoada das Parcas sobre o velho catre. Não havia estratégia a que lançar mão. Como doido, percorreu as dependências interiores até a última alcova, onde se viu atraído pela morticha lamparina e, finalmente, encontrou deitada na rede a mulher que alimentava nos peitos uma criança.

— Ayssó! — Exclamou incontido, enquanto se atirava sobre os corpos.

Experimentou rara felicidade ao calor do filhinho — tão lindo e inocente—, lançado por Deus naquele mundo de sofrimento, indefeso nos peitos da mulher amada, tão desejada e distante, ambos vítimas do próprio destino, impossível de mudar. Chorar de alegria e de dor, reconhecer a impotência contra a desgraça que se abatera sobre a Praça do Yguatemi, sem ter coragem para blasfemar, era o mesmo que identificar o terror, na expectativa de que outra sorte, ainda mais trágica, lhe arrebatasse o que fora poupado. Abandonou-se naqueles braços quentes e no corpo cheio de vida, sorvendo, uma a uma as lágrimas de Maria Pituca...

Reencontrava a mesma doçura nos olhos e a delicadeza do espírito, mas sentia que não era fácil reatar a relação interrompida há tanto tempo, recomeçar sob condições adversas, em meio de tanta penúria e sofrimento.

Fé e coragem eram as suas únicas armas contra o destino. Súbito, lembrou-se: — Minha flor, qual o nome que deste a ele?

— Mecê disse Ayssó, é mui lindo.

— Permanece pagão? — Ato contínuo, ergueu-se com a criança nos braços, chegou até o gomil, vertendo-lhe água sobre a cabecinha: — João, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. — Era tudo o que podia fazer, antes de cair de joelhos para a adoração fervorosa do filho que acabava de conhecer.

O Regente rendeu a sua alma ao amanhecer, sem receber os sacramentos pela falta de padre, assim como foi a sorte de um terço da população assentada em Yguatemi entre os meses de janeiro a maio. Até dezembro completou-se pela metade a colheita das Parcas no ano de 1772, sobre um povo que em suas aflições só tivera a Deus por amparo e a natureza por testemunha, sem que nenhuma ajuda chegasse do Rio Povoado.

Decidiu-se entregar a Regência da Praça, em caráter provisório, ao oficial mais antigo, o Capitão João Alves Ferreira, enquanto José Rodrigues permanecia à frente da Segunda Companhia, Joaquim de Meira e Siqueira na Terceira e o velho França na Marinha — sem ele e seus subcomandados não se sustentava a navegação do rio Yguatemi. Os efetivos da Praça constavam de sete Companhias, incluindo as Tropas pagas portuguesas, as Auxiliares e a dos Pardos formadas com gente da terra, todas sem exceção, bastante desfalcadas pelas baixas dos últimos meses.

Antes de baixar à sepultura o corpo do ilustre varão, Iacri retirou-lhe o anel do dedo médio — presente enviado pelo Capitão General de São Paulo, como preito à bravura e dedicação do Regente da Praça. Os Capitães renderam-lhe as homenagens militares e o conduziram para a clareira, ao pé do Forte, onde foi sepultado com os fardamentos e o crucifixo trazido do Convento do Carmo de Itu.

Veríssimo recebeu a espada que guardou para o filho honrar, sucessor que era das duas ilustres casas paulistas. A seguir, tomou a decisão que lhe competia: abandonou com a família aquela Praça malsã para habitar as proximidades da Guarda da Bocaina, meia légua a nordeste, local bem arejado e mais poupado da peste. João de Deus e do Diabo o seguiu culatreiro, sempre disposto a novas tertúlias ao pé de qualquer caieira no sertão:— Sou como o tempo, sempre mudando; vou para onde sopra o vento.

A três léguas dali, para o noroeste, estava o temido Passo dos Índios Cavaleiros, da nação guaicuru, o calcanhar de Aquiles da Praça. Um pouco mais abaixo, além-rio, situava-se o Passo Real ou dos Castelhanos. O terceiro

era assentado sobre a Serra de Maracaju, apontando para os grandes ervais que chegavam à cidade paraguaia de San Izidro de Coruguati. Um sistema de engenharia militar lançado em degraus sobre o relevo, apoiado numa boa artilharia, poderia torná-lo inexpugnável a qualquer exército que subisse do Prata, já que os guaicurus, mais empenhados contra as expedições cuiabanas, levantavam a dúvida de unirem-se aos castelhanos contra a Praça dos Prazeres. Caso se viabilizasse a conexão terrestre entre esta e a Vila de Sorocaba, poder-se-ia dispor de uma base de sustentação e alimentar-se a esperança de sobreviver, porém esta dimensão da sensibilidade e da inteligência não encontrava guarida nos vassallos da burocracia d'El Rei.

Ninguém procurou impedir quando Félix Elói, Fabiano e Amaro o acompanharam cercados das suas respectivas famílias para o perigoso trabalho na Guarda da Bocaina. Amaro Soares apegara-se à Maria Farinha, o seu talismã frente à morte, e se achava disposto a oficializar a união até as últimas desgraças. Quem diria? Por sua vez, ela aceitava sem impor condições, parecendo que, sem perder inteiramente o juízo, estremecera ao pavor da morte em estado de abandono. A sua casa não só tornou-se a mais bonita, como em seu fogão cheirava a comida mais apetitosa da Bocaina. Coisa mesmo de sarapantar...



# 2

## Nas Presas do Lobo

A qual das Canoas Ibéricas pertencia aquele chão americano fortificado em Yguatemi? Rasgado o Tratado de Madri, ainda se cria na possibilidade da raia passar pelo leito do rio Guareí, preservando-se a campanha que segue da margem esquerda do rio Yguatemi até o Camapuã na posse portuguesa. A defesa diplomática desses interiores, levada de São Paulo pelo Ajudante Antônio Lopes de Azevedo, suscitara de Carlos Morfe, governador do Paraguai, o parecer de forte intransigência: — “*No puedo consentir, ni mi es facultativo el conceder passo a nadie de estos parajes hasta q'no se decida por nuestros soberanos...*” - A frase permaneceu sem efeito junto ao Vice-Rei dos Estados do Brasil, o Conde de Azambuja, que se achava solidário à estratégia do Morgado de Mateus, concebida como “Diversão para o Oeste”: — “Posse é o único título que na América se pode chegar de parte a parte”. - Evidentemente, apelava para um novo princípio de direito político internacional, o *uti possidetis*.

Forante as teimosias, não se podia iludir que o desconhecimento da cartografia dos Sertões do Ivaí promovera aquele estabelecimento fora da jurisdição da Capitania de São Paulo, em solo mato-grossense e na contestada fronteira castelhana do Paraguai. Encerradas as tentativas de acordo diplomático, o Vice-Rei do Peru preparou a reação militar para recuperação e posse do espaço invadido pelos portugueses, ordenando providências aos comandantes Vertiz y Salcedo em Buenos Aires e Carlos Morfe no Paraguai. Em 1772, ao ser informado pela espionagem portuguesa de Madri, o Marquês de Pombal determinou a Martinho de Mello e Castro, o seu Ministro dos Negócios do Ultramar, enérgicas providências junto ao Capitão General de São Paulo, D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, Morgado de Mateus.

Esta novidade foi trazida ao Yguatemi no final de abril do ano de 1773, quando o novo Regente nomeado, Capitão José Gomes de Gouveia, arribou à Praça acompanhado pelo Capitão Francisco Aranha Barreto e solda-

dos que vieram render parte da guarnição da Primeira Companhia. A recepção não foi das melhores, a escassez dos recursos, a premência das necessidades e a febre endêmica impediam demonstrações de alegria.

Recém chegado de São Paulo, o Regente Gouvea não parecia denotar grandes preocupações com o futuro da Praça, trazia particulares aborrecimentos quanto aos negócios da sua casa e se intimidou com a peste.

— O novo Vice-Rei do Brasil, o Marquês do Lavradio, parece estar rompido com o Capitão General. Trata-se da velha quizília em torno da “Diversão para o Oeste”, porque o governo do Rio de Janeiro se acha empenhado em oferecer ajuda ao Sul, em São Pedro. A exploração do Paraná fica suspensa, apesar da promissora descoberta dos Campos de Garapuava, mais um pouco, tudo o que foi executado por aqui com grandes sacrifícios também estará perdido.

Capitão Aranha Barreto completou a informação: — Ninguém ignora haver-se assentado a Praça do Gatimi por fecho dos sertões do Ivaí e das dilatadas Vacarias mato-grossenses, mas para o entendimento de Lisboa é o Sul que demanda defesa. É lá que periga a jóia da Coroa. Nenhum exército marcharia de Buenos Aires ou Assunção para esta fronteira do Oeste, aqui o território é incompatível com as práticas da Infantaria e da Cavalaria espanholas. A Capitania de São Paulo não corre nenhum risco desta banda.

— Pelo que dizeis, a Praça está condenada a permanecer como mera encenação no Oeste? Sabeis que sem o apoio da navegação do Povoado ela é insustentável e sem caminho terrestre para São Paulo é indefensável?

— Sabemos dos preparativos dos castelhanos em Coruguati, eles nos devem acautelar — refutava o Capitão Joaquim de Meira e Siqueira, oficial de antiga experiência.

A resposta do Regente foi incisiva:

— Sua Majestade prefere perder todos os investimentos no Gatimi a ter de entregar um palmo de chão do território do Rio Grande do Sul de São Pedro e dos Santos Mártires aos castelhanos. O General Böhn, contratado na Europa por Lisboa, pede soldados em armas e a Província de São Paulo deve abastecer o comando do Sul levantando novas Companhias Auxiliares, extraindo muitos homens das Ordenanças das suas Vilas e Freguesias. É para isto que foi recriada a Capitania, tida por extinta há anos.

— Se nos atacam pelos Passos, a poterna nos deixa próximos do Feijoadal, o que significa muito pouco para uma evasão rio abaixo. Nós aqui ficaremos abandonados à própria sorte — arriscou o Capitão João Alves Ferreira.

— Por mais que o Morgado de Mateus exija a conservação da Praça, o pesado recrutamento para abastecer o Sul não dá ensanchas de recompor os

seus efetivos locais. Não obstante, haveis de reconhecer pelas vossas patentes que o Serviço d'El Rei pode reverter em felicidade para os seus leais vassallos.

— A bem da verdade, Senhor Regente, hão de permanecer as sete Companhias da Guarnição? Sabes que delas depende a sustentação imediata da Praça

— Sim, por enquanto a tendência é reforçar-se as Companhias de Auxiliares, particularmente a Sexta da Marinha e a Sétima dos Pardos. Os oficiais portugueses, aos poucos, serão rendidos e enviados para o Sul, substituídos por Sertanejos e Ordenanças da Povoação.

— Se a tropa perde em experiência e qualidade, vossa mercê adivinha as insubordinações dessa gente de tão má extração, sempre promotora de insultos ao Rei e à Igreja. Não se trata de pedir luzimento, mas prontificação da competência.

— Parecem bem interpretados os vossos temores, Capitão Rodrigues, mas o Capitão General já começa a cair em desgraça na Corte, por mais que deseje, pouco ou nada poderá fazer pela Praça. As queixas do Bispo e dos camaristas de São Paulo chegaram até Lisboa, há intrigantes por toda a parte, vós o sabeis.

— É justo que hajam chegado a Lisboa as queixas da sociedade - arriscando a perder a cabeça, Veríssimo não se conteve: — Não que me ache na obrigação de apedrejar o sol no ocaso, mas as imposturas daquele General acabaram com a Capitania de São Paulo. A Praça necessita de proteção, não pode ser abandonada depois dos esforços sobre-humanos do Tenente Coronel João Martins de Barros para assentá-la. Carece de cuidados, inda agora, com o gentio abarbarando e os castelhanos a ameaçar da outra banda da raia, basta observar o que ocorre nos Passos.

— Nunca haverá no comando desta Praça outro Pay como o vosso ilustre sogro, o Regente João Martins de Barros — arrematava secamente o próprio Gouveia. — E quanto a vosmecê, Capitão Baltazar, faça saber à guarnição que não estarei disposto à tolerâncias ou a serengas de proeiro. — Parecendo agastado, ultimou as providências: — Capitães Rodrigues e Meira Siqueira, sigam de perto o Capitão Aranha nas necessidades da Praça e da Povoação. O França permaneça na Sexta Companhia da Marinha, como especialista que é na prontificação das canoas.

Isto posto, deu por encerrada a conferência, mandando servir um martelo de aguardente aos oficiais presentes. À despedida, puxou pelos braços os dois veteranos que o observavam bastante insatisfeitos e, sem esconder a animadversão, dispôs a sua vontade:

— Quanto a vós Capitão Veríssimo, há de permanecer na Guarda da Bocaina e na vigilância do Passo dos Cavaleiros, as outras Guardas avançadas ficam por conta e responsabilidade do Capitão de Aventureiros José Rodrigues da Silva.

O pesado silêncio a refletir o ânimos dos oficiais só foi quebrado na intimidade. Retornando a galope, o Capitão José Rodrigues da Silva e seu companheiro não disfarçavam a decepção pelo encontro com o novo Regente, tampouco a ansiedade quanto à segurança das Guardas, particularmente no Passo dos Castelhanos sobre o rio Yguatemi:

— O Regente Gouveia não sabe do que está falando, Veríssimo. A situação se agrava nos bairros do rio abaixo, os que tentam sobreviver das roças acabam por perder as suas vidas nas pontas das azagaias guaicurus ou nas surriadas flecheiras dos canhoãs. Sem que se possa dar revide, os caciques aparecem provocativos diante das Guardas, ostentando camisos e saios das vítimas manchados de sangue fresco.

— A bugrada está alevantada desde que a criança índia foi devorada pelos cães no ribeirão dos Fogaça. No sítio da Olaria, muitos ranchos foram incendiados, as mulheres e filhos acabaram assassinados nas próprias redes de dormir. As roças permanecem abandonadas e os famintos se recolhem à Praça para mendigar, aumentando as necessidades e os descontentamentos.

— Não dá para alimentar quinhentas bocas com o provisionamento das canoas que nos chegam de Povoado a cada seis meses. Aquele excelentíssimo não vê a calamidade abatida sobre essa gente, não retira os miseráveis e continua enviando mais desgraçados para virem morrer à míngua ou à peste.

— Apenas sobrevivem dois bairros, daqueles cinco promovidos pelo Regente Barros, o Bom Jardim e o Feijoal, os outros três se acham em vias de desaparecer pela violência do gentio. Não há o que fazer.

— Todas as terras já distribuídas em chácaras às famílias de povoadores entraram em abandono, pois se o gentio não rouba e saqueia, põe fogo nas propriedades, perdem-se os escravos e os haveres. Este ano vai faltar o feijão das secas, não há como fazer as sementeiras nos três bairros mais distantes da Praça. E se o Capitão General não mandar a monção de socorro pelo Capitão André, haverá muita fome e desordens internas.

— É o que nos espera, Capitão Rodrigues. Entre a Guarda da Bocaina e minha casa de morada, irei preparando algumas roças. O nosso grupo é pequeno, não há de sofrer privações.

Ao cair da tarde, Veríssimo apeou na Bocaina, bem a tempo de amparar a esposa que gemia na esteira, ajudada nas dores do parto por Iacri e Andreza.

O grito que precede a *délivrance* foi o sinal para o forte luar irromper nas frestas da casa barreada e banhar de luz a pequena vida que apontava, insistente e ousada naquele mundo de privações. A mãe percebeu o bom presságio e ao lhe ser apresentada a menina pela avó, chamou-a de Yssyssay, que na língua tupi-guarani significa facho de luz.

— É bom dar-lhe nome cristão, Pituca.

— Mecê iscolhi.

— Será Maria, como vosmecê, e também de Jesus. Maria de Jesus é um belo nome.

Ayssó recebera no batismo o nome de João por ser neto do grande Pay e Regente, Yssyssay o de Maria, sua mãe. Na casa de morada de um Capitão da Cavalaria Auxiliar de São Paulo era tudo simplicidade, mas havia daquela luz que permite vencer os desafios. Podia-se dizer que Veríssimo era quase feliz no seu exílio voluntário, mas é verdadeiro que pensava em retornar a São Paulo para dar segurança à família. Quem sabe, um dia...

O trabalho nas Guardas e a vigilância dos Passos demandavam redobrado esforço. João de Deus e do Diabo estava sempre disposto a suprir as necessidades do seu Capitão, dos amigos Félix Elói e Fabiano, que possuíam famílias, havendo de sustentá-las a partir das suas pequenas roças de feijão e mandioca. Quanto ao antigo cozinheiro, Andreza que também era dada a simpatias e a benzeduras lhe transformara a vida, ao passo que as meninas gêmeas, aos três anos, eram donas de todos os cuidados, dos seus sorrisos e sua esperança. — Bendito Gatimil — era o que se lhe ouvia no secreto da alma, eternamente agradecido aos anjos. Amaro, por sua vez, estava irreconhecível apesar de ainda suspirar pela sua bela Vila de Outu-guaçu, no Vale Médio do Tietê.

Andreza, Pituca, Farinha, a boa Hilária, esposa do Cabo Fabiano, eram mulheres de soldados das Tropas Auxiliares da Capitania de São Paulo. Mãos calejadas, parideiras e rezadeiras, havendo por refúgio Aquele que a tudo dá providência nas horas mais difíceis. Os seus homens não eram militares de carreira, foram extraídos contra a vontade das Ordenanças e se um dia tudo aquilo acabasse, voltariam às famílias de origem, as suas lavouras de mantimentos e açúcar, ao pequeno criatório nas Vilas e Freguesias do Oeste Paulista. Nada podiam oferecer, além do nome das suas casas honradas na sociedade setecentista. Desta condição, até Maria Farinha se dera ao convencimento, assumindo ares de matrona, como se a natureza lhe estivesse a cobrar o que nunca se dispusera a oferecer.

Durante os meses de março a junho do ano seguinte, a febre acometeu violenta, derrubando três quartos da população da Praça e adjacências, com

grande número de mortos. Ao inventário das desgraças somou-se a praga dos grilos e das taturanas que atacavam dentro e fora das moradas, promovendo estragos sem conta. Não bastassem os ratos e as baratas voadoras que afluíam dos paus infectos das bandas do Paraná! Quando arribou a monção de agosto, grande parte da oficialidade portuguesa foi rendida por ordem do Capitão General, fazendo crescer a insegurança entre os Capitães das Tropas Auxiliares que começaram a sentir-se abandonados.

O Regente Gouveia não possuía o zelo e o trato diplomático de João Martins de Barros, aparentemente segurava as necessidades imediatas, até que um dia deu-se parte de enfermo e saltou para a canoa do Capitão André no rumo de Povoado — de onde não mais retornaria. Sucedeu estourarem as arruações e as insubordinações entre a tropa. Os Capitães Joaquim de Meira e Siqueira e Jerônimo Antônio Tavares passaram a viver com os olhos no rio, à espera de algum socorro, e as mãos no punho da espada.

Os soldados queriam receber os seus atrasados, os povoadores a comida que faltava. Com os guaicurus e os canhoãs rondando o entorno não havia como desenvolver lavoura, de forma que uma pouca de farinha e um prato de feijão podiam salvar vidas, mas custavam uma fortuna. A chuços e pauladas, não raro, soldados contendiam entre si ou com os povoadores, em total desrespeito à ordem. Certa feita, um grupo enfurecido liderado por um ex-minerador de Apucarana atentou contra o armazém do Quartel. Felizmente, o sentinela avisou a tempo o Capitão Tavares, que apareceu de armas em punho, adaga e garrucha, pronto para qualquer enfrentamento.

— Nenhum excomungado ou frescalhão do Ribeirão das Baratas vai ser promotor de insultos nesta Praça.

Um dos alevantados retrucou: — Chega de basófia, Capitão, vosso trabuco é de carregar pela boca... ah... ah — arreganhava os dentes, tinroso, enquanto disfarçava a faca. — Aqui somos passadores de gado com amigos em Coruguati, comemos na mesa do Governador del Paraguai.

— Ahé... Tanto se me dá. Se é bandeiro ou ladrão de carteadado, torço-lhe o rabo! — e, num assomo furioso, antes de completar a frase, desferiu-lhe a espada sobre a orelha esquerda. — Como São Pedro! E quem mais ousar promover insultos ao comando desta Praça, meto a ferros ou despacho desta para melhor.

Faltos de argumentos retiraram-se rezingosos e ameaçadores. De uma cabocla lasciva que os acompanhava ouviu-se o baldão: — Livrai-me desta carpidura, corja de frouxos!

Antes de descer para a Porta Norte, o alevantado que perdia sangue esgueirou-se para a Casa das Figurinhas da Rua Curta, de onde saía fumaça

denunciadora de atividade predileta de Iacri, o preparo das puçangas com que socorria grande parte dos necessitados. Foi atendido e partiu com o grupo. Mas parece haver sido impedido alhures, porque passados alguns dias encontraram-no junto a uma das tenalhas com a garganta atravessada, esvaído.

Tais causos assucedidos levavam consternação ao novo pároco daquelas almas turbulentas: — O que pode lavrar um Vigário com assassinos desta da natureza no interior da Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e Povoação de São Francisco de Paula? Pelo Santo Lenho, quem haverá de suportar o jugo do mal sobre a nossa paróquia?

Quem se encontrasse no cais de atracação da Porta Sul, num perdido mês de dezembro de 1774, haveria de se surpreender com o aparato de que chegava cercado o Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria, o protegido do Capitão General, enviado para a Missão derradeira da Coroa Portuguesa junto ao Yguatemi. Trazia clérigos e cirurgiões, escravos carregados de frasqueiras, boticas e bebidas, até queijos do Reino. Experimentando o forte quebranto da viagem, mal teve forças para inspecionar o parque de artilharia e passar revista às Tropas, o mau humor transpareceu nos detalhes do Relatório que haveria de mandar ao Vice-Rei. Pressentindo a geral ansiedade sobre o destino reservado ao Yguatemi, chamou o conselho dos Capitães e assegurou-lhes:

— A cabeça do Morgado de Mateus é uma oficina das melhores novidades, mas está com os dias contados à testa da Capitania. O Vice-Rei está rompido com ele e o Ministro Mello e Castro já tem sucessor, é questão de tempo.

— Podemos esperar alguma boa mudança da parte d'El Rei?

— Não quero deitar ilusão, a coisa vai piorar daqui para frente. Se o caminho terrestre por Sorocaba não der passagem a comboios, a Praça não recebe socorro em tempo hábil e não se sustenta perante o inimigo. Sem lavouras e entregue a desordeiros, sobrevirá o caos tão esperado pelos espanhóis e seus bugres aliados para o derradeiro golpe, completando o que a peste deixou por fazer.

Ouvindo as palavras confirmadoras do que os oficiais já esperavam, acudiu-lhes a última pergunta: — E a ajuda prometida de Povoado?

— Algum alimento pode chegar, mas não haverá rendição de tropa, uma vez que o Morgado de Mateus terá de se submeter às exigências do Vice-Rei e enviar mil homens recrutados das Ordenanças para o reforço das tropas do General Böhn no Sul.

— Extrair mil homens de uma Capitania despovoada e exangue, há de ser a maior hecatombe destes dez anos de governo restaurado.

— Será, Capitão Veríssimo. É por isso que São Paulo se esvazia cada vez mais, as famílias partem em êxodo para outras Capitânicas, particularmente a das Minas Gerais. Minha missão aqui, vós o sabeis, é redigir o Relatório que será realista, doa a quem doer, mas deixará selado o destino desta Praça. Enquanto aqui estiver assumirei autoridade de Regente na falta do Gouveia, sobrevinda a monção de outubro deixarei o poder em vossas mãos.

— Quem haverá de segurar a Praça diante dos perturbadores da república?

— Um triunvirato, talvez. Os dois Capitães mais idosos, Siqueira e Tavares, acompanhados do Vigário da Vara para adoçar a desconolação do abandono. Eu vos digo que, se ainda hoje os castelhanos aparecerem no Passo e vos arrebatarem a Praça, será a dádiva da libertação.

— Temos nosso brio militar a zelar, Brigadeiro - acudia o Capitão Tavares. — Por ora a natureza labora a favor e eles não têm pressa. Aqueles canhões hão de falar até a última bala.

— Sei disso, meu Capitão. Não é crível que um exército castelhano suba de Buenos Aires e Assunção por estes recônditos infectados de todas as pestilências só para experimentar a força da vossa espada. Por ora, a natureza labora a nosso favor.

— Carece decidir com quais recursos haveremos de estabelecer alguma estratégia, rio abaixo, em caso de invasão na Forquilha.

— Esse local é bom, mas é do domínio canhoã, não dá para montar estacada e depósito de canoas que acaba tudo perdido em questão de poucos dias - intervinha Meira e Siqueira. — O Brigadeiro não ignora que estamos cercados, o que salva é a vigilância das três Guardas e os alertas que poderão evacuar os bairros para dentro do Forte. Se não dá para forçar marcha para São Paulo, ficamos nas mãos de Deus e do nosso Vigário, que tem boa parte com Ele.

— Insustentável e indefensável. Desolante estopada, meu Capitão!

— Nem nos quartéis do Vião se viu maior despropósito. Só mesmo saído da cabeça de um delirante, que se faz de General estrategista.

— É como o sabeis... admitia o Brigadeiro Sá e Faria.

A partir dessa conferência, Veríssimo e seus homens conseguiram montar uma forte tranqueira além da Bocaina e passaram a viver com as armas nas mãos, porém livres da peste. Foi assim por quase três anos. Se o gentio ameaçava era preciso desinfectar o caminho em perigosas incursões, franqueá-lo até às Guardas Avançadas e a Praça, retornar à fortificação e dobrar os cuidados.

Próximo do Natal de 1776, já cavalgara com a sua escolta em torno do Passo dos Índios Cavaleiros por quatro dias, sem pressentir anomalia, até que



num final de tarde, apontou no caminho da Guarda Velha, encharcado até os ossos, morto de frio e de saudade da família. Para a sua felicidade, notou figurinhas novas nas janelas e sorveu a fumaça perfumada de alecrim que o vento lhe trazia. Ávido, foi chegando, atraído pelos vapores da tina de água quente aposta no desvão, imergiu e quase com fúria enlaçou o corpo macio que o aguardava.

— Mecê demorô pra chegá...

— Psiu, quero primeiro sentir vosmecê.

Tranqüilizou o olhar ansioso com afagos nos cabelos brilhantes, beijou a boca que lhe insinuava tímido sorriso, despiando-se das reservas do soldado para fazer-se homem, dócil e cativo nos braços da mulher amada, sem deixar de ser o senhor da sua paixão.

Quantos minutos contam a hora? Menos do que se sabe, porque o tempo é mesquinho em dosar as emoções apercebidas do coração. Mais parecem fruto roubado à árvore do destino, duram pouco, passam rápido. A contar, prevalecem as carpiduras e os trabalhos esforçados nesta vida.

As crianças, que dormiam na rede ao lado da avó, e a mulher que lhe servia a comida no prato de barro eram o seu único bem, a sua luz e a promessa guardada no íntimo. Quando deixasse o Real Serviço haveria de se estabelecer nalguma freguesia do Oeste, talvez Piracicaba, famosa pelas suas canoas, peixes e belezas naturais, como lhe assegurava o Capitão Barbosa. Sobreviver ao Yguatemi e voltar... estava tudo depositado nas mãos dos burocratas de Lisboa. Salvos se achavam pela Divina Providência, as vidas guardadas naquela paz construída a quatro paredes da sua humilde casa de morada, cujas alfaias não passavam das redes e a esteira, da arca com saias de chita e camisas de Holanda, o mobiliário não ia além de uma mesa com tamboretos havendo por adorno a canastrinha encourada. Parecia-lhe ouvir o pai quando se referia aos antigos sertanistas de Piratininga: — Não havendo como prontificar comodidades em suas ínfimas aposentadorias, mais valia o coração aquecido junto de uma boa mulher. — A dar-lhe razão, nunca lhe pareceu mais encantadora a esposa, nem mais aconchegante a esteira em que se acomodaram para dormir.

— Vosmecê está emprenhada?

A confirmar-se pelo sorriso, enlaçou Pituca novamente e deixou-se dormir em seu regaço.

A partida do Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria, no mês de setembro do ano anterior, fora o começo do fim. O Capitão André Dias de Almeida trouxera o correio do novo Capitão General de São Paulo, o Brigadeiro de Cavalaria Martim Lopes Lobo de Saldanha, militar de carreira que Lisboa en-

viava para exemplar os desacertos do Morgado de Mateus. A solução proposta para o Yguatemi foi recebida como a única saída condigna e mereceu a plena aprovação dos triúmviros da Regência. Cortados os socorros governamentais, restava à Praça se auto-sustentar até que em Lisboa fosse despachada a ordem real viabilizadora da retirada de todos os seus efetivos, gradativamente. Sem estratégia estabelecida, o destino do Yguatemi restava depositado nas mãos dos burocratas da Metrópole e na boa estrela dos Regentes. Quando chegaria a ordem salvadora?

Mal começando o ano de 1777, Veríssimo reconheceu que o tempo esgotava todas as chances sem que chegasse a medida ansiosamente esperada. A Guarda do Passo dos Cavaleiros, situada três léguas a oeste da Bocaina, exigia maiores reforços do que podia dispor o Capitão Rodrigues e seus homens. Os guaicurus se impacientavam nas suas vacárias à espera de algum sinal de Coruguati para descerem à campanha com as suas centenas de guerreiros. Idêntica preocupação afligia os Regentes sobre o Passo dos Castelhanos, mas era preciso cair primeiramente o Passo da Serra de Maracaju, muito distante e artiscado, mesmo para um exército saído de Buenos Aires ou cidade do Paraguai. — Se a ordem libertadora chegar a tempo de Lisboa...

Sentiu que os dias estavam contados quando os castelhanos transpuseram a Serra e estabeleceram a estacada de São Carlos do outro lado do rio, fronteiro à Praça. No Rio de Janeiro arazava a notícia de que no mês de fevereiro, D. Pedro de Cevallos conquistara a Ilha de Santa Catarina e se preparava para ocupar em definitivo a Colônia do Sacramento. A compensar tantos males, na América já se falava de um novo Tratado de Paz entre as duas Coroas Ibéricas, uma vez que fora destituído do poder o Marquês de Pombal. Não era menos verdade que por falecimento d'El Rei D. José, Portugal tinha uma rainha, D. Maria I, e as posições no xadrês político se achavam alteradas em favor da Espanha, mas nada impedia que ainda houvesse um acordo sensato sobre o Yguatemi, que vidas fossem poupadas.



## *Delenda Yguatemi*

Um episódio sangrento ocorreu na Guarda da Bocaina no final do mês de julho de 1777. Enquanto as mulheres trabalhavam nas roças, os canhoãs atacaram os ranchos de surpresa, incendiando os telhados de palha e abarbarando as pessoas. Iacri, Hilária, que estava para dar à luz, e os seus dois filhos pequenos foram mortos, estes dormiam nas redes, enquanto as meninas gêmeas de Félix Elói foram levadas com vida. Mal deu para perceber, salvo pela fumaça dos telhados de palha que atraiu os ausentes.

Para desespero dos que acudiram, a comoção de Andreza atravessava a vasta campanha entre a Bocaina e o Passo dos Índios Cavaleiros, dia e noite chamando pelas filhas, urrando de dor ou arrastando-se pelos matos, embrenhando-se nos peçonhentos pauis, até cair de exaustão, para recomeçar o calvário, mal se agüentando nas pernas. Desfigurado pela dor, Félix Elói a acompanhava, ambos expostos a novo ataque, havendo unicamente o cuidado de ligar as montarias para que a mulher não se perdesse.

Por faltarem vestígios das meninas, a Regência obrigou-se a dar a causa por perdida e o jeito foi transferir para o reduto da Praça a população da Bocaina, abandonando-se as roças de mantimentos. Andreza reagiu aos poucos. Em outubro, era vista com indumentária de soldado a acompanhar o marido nas patrulhas, calada e sem lágrimas, sempre na expectativa de alguma pista por onde resgatar as meninas. Félix Elói se consumia a olhos vistos, Cabo Fabiano era outro que muito padecia, perdera parte da família, sentindo-se abandonado e sem forças. Maria Farinha, num impulso natural de maternidade, adotou-lhe os outros dois meninos, marchando com eles para o abrigo.

Por obra da sorte, Maria Pituca e as crianças salvaram-se porque passavam o dia no Bairro do Bom Jardim, junto ao torno de oleiro, onde moldava seus pratos e vasilhames de barro. Veríssimo sentiu profundamente a cruel separação quando os instalou na antiga casa de morada da Rua Curta. Prometera a si próprio não prejudicar com lágrimas a lembrança que os filhos have-

riam de guardar do pai naquele momento derradeiro, só a mão tremeu ao enroscar o cruxifixo no pescoço de Maria Pituca, antes de estreitar os filhos no abraço da despedida; sufocando o coração, ainda conseguiu sorrir-lhes ao acenar da Porta Norte. Determinado a cumprir o dever de soldado, reassumiu com Amaro a vigilância da campanha à saída da Bocaina, há três léguas do Passo dos Índios Cavaleiros. Poderia contar com a coadjuvação dos desgraçados sobreviventes da chacina?

Aproveitando-se da subida ao trono de Portugal de uma rainha fraca, D. Maria I, o General de Espanha, D. Pedro de Cevallos, acompanhado de um poderoso exército e uma esquadra naval, varreu o Sul dos Estados do Brasil, entre os meses de fevereiro e junho daquele ano, passando a avançar pelo Continente do Rio Grande do Sul de São Pedro e dos Santos Mártires. Forçou e obteve, nos primeiros dias de setembro, a assinatura do armistício.

No começo do mês de outubro, a ordem de cessar fogo era expedida pelas duas Coroas Ibéricas e chegava às autoridades coloniais da América. Foi com desafogo e pressa que o Vice-Rei do Brasil, o Marquês do Lavradio, comunicou a ordem aos Capitães Gerais do Sudeste: — “Nossa Augustíssima Senhora, a Rainha D. Maria I, foi servida ajustar com Sua Majestade Católica a suspensão das armas e hostilidades entre os vassallos de um e de outro soberano”. - O Tratado de Paz definitivo, que fora assinado em Santo Ildefonso, naquele primeiro de outubro, seria divulgado amplamente no ano seguinte.

Lembrava-se que no mesmo mês de fevereiro (1777) em que falecera El Rei, o Senhor D. José I de Portugal, os castelhanos montaram a trincheira de São Carlos no outro lado do rio Yguatemi, obrigando o Capitão José Rodrigues da Silva a atravessá-lo e estabelecer-se, vis-à-vis ao perigo iminente, com poucos homens e acanhada munição. Era a anunciatura do que mais se temia, a escalada do inimigo pelos sertões de Coruguati, até a Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e Povoação de São Francisco de Paula. Foi notícia suficiente para aumentarem as deserções para o lado adversário e os atos de insubordinação que culminaram, em junho, na deposição do fraco e cansado Regente, Capitão Joaquim de Meira e Siqueira, pelos oficiais subcomandados. Em virtude de serem considerados capazes de segurar a guarnição e os povoadores, foram escolhidos substitutos o Tenente Jerônimo da Costa Tavares e o Padre Antônio Ramos Barbas Louzada.

Somando as tropas de Carlos Vertiz y Salcedo de Buenos Aires com as próprias, o governador do Paraguai D. Agustín Fernando de Pinedo chegou a Coruguati e se dispôs à variação dos ervaes pelo rio Jejui-guaçu, até a Serra de Maracaju. Fez pouso em Yucaí e se aproximou de São Carlos em vinte e quatro de

outubro. Ignorando o armistício, preparava o ato de guerra em plena paz, porque ao Vice-Reino da Prata convinha encerrar naquele ponto o capítulo da ousadia paulista na raia americana de Castela. Na tarde do dia vinte e cinco, puseram-se em movimento os três mil homens do General Pinedo, a contê-los o Capitão José Rodrigues da Silva com quinze guardas que lhes ofereceram resistência na estacada, atirando até a última bala. Sendo lenta a travessia do rio, o exército chegou à noitinha na Guarda Velha do Yguatemi, inteiramente desprotegida, aterrorizando os agricultores do Bom Jardim que buscaram refúgio na Praça.

Na longa noite que se seguiu, mais soldados desertaram, uns querendo evadir-se para os matos, outros a passar-se para o adversário. A guarnição, pouco mais de uma centena de soldados, preparou-se para a resistência centrada nas quatorze bocas de fogo dispostas no topo das tenalhas e no precário arsenal. As nove Companhias de Militares e Ordenanças se achavam inteiramente desfalcadas. Temendo o pior, os refugiados provenientes dos bairros rurais aumentaram a concentração dos civis no interior da Praça, crianças e mulheres impediam a articulação da defesa, semeava-se o pânico pelo desespero de muitos, pois de tudo era falto, a morte rondando. Os Capitães das Esquadras cercaram os Regentes, mas estes discordavam entre si.

— Podemos combater, mas a Praça não resiste a cerco de cinco dias e se entregará pela fome — considerava o Tenente Jerônimo de Almeida Tavares.

— A idéia de combater até o último homem não me apraz, nem a Nosso Senhor Jesus Cristo, é morte inglória que há de levar centenas de inocentes.

— Os militares têm um trato com o Real Serviço, Vossa Paternidade não ignora.

— Tenente, nós somos da Igreja e temos outro contrato mais importante a honrar com Deus. Bem o sabeis que na Ilha de Santa Catarina e na Praça do Santíssimo Sacramento os oficiais portugueses da mais alta patente se entregaram sem dar um tiro. No momento estou temendo pela vida do honrado Capitão Rodrigues com os seus homens e pelos nossos amigos da Guarda da Bocaina.

— Se pudessemos transferir os civis rio abaixo para o Bairro dos Fogaça e depois à Forquilha já seria um desafio para operarmos as baterias das tenalhas — aparteava o Capitão Manuel Gomes Carvalho. — Em caso de evasão, o França poderia ir aviando as canoas para a descida do Gatimi.

— Trezentos moradores para dezessete canoas? E se a oficialidade precisar evacuar a Praça com as outras centenas de povoadores, os soldados e todo o trem de Sua Majestade? Como haveremos de montar outras tantas naus sem a gente do Capitão Barbosa?

As perguntas sem respostas haviam calado os oficiais que assistiram assombrados, na madrugada do dia vinte e seis, a aproximação do mais formidável exército já visto naquelas latitudes. Em pessoa, o General e Governador do Paraguai, Augustin Fernando de Pinedo, apresentava-se com os seus três mil soldados de Infantaria e Cavalaria, coadjuvado por outros tantos cavaleiros guaicurus. À frente, manietados e humilhados, o Capitão Rodrigues e quatro soldados da Companhia de Aventureiros. Não havia sinal do Capitão Veríssimo e seus homens, mas, pelas véstias ensangüentadas que muitos bugres arrastavam pela campanha, adivinhava-se o destino dos defensores da Guarda da Bocaina.

A uma ordem de Pinedo, marcharam sobre a Praça. Foram se aproximando e entrando, escalando os muros de terra e ocupando as tenalhas, incendiando os Quartéis e a Igreja, ao mesmo tempo que a guarnição refluía para os quarteirões interiores, onde os habitantes montaram barricadas. Percebendo a inútil resistência, e para evitar que o pânico semeado degenerasse em maior tragédia, o Tenente Tavares assumiu militarmente a responsabilidade da rendição. Antes que entregasse a sua espada, o outro Regente, o Vigário Antônio Ramos Barbas Louzada, avançou com o Santíssimo em mãos, foi varando os castelhanos até o seu comandante, decidido a parlamentar. Duras foram as condições impostas pelos conquistadores, mas a capitulação foi firmada pelas autoridades dos dois lados, sem derramamento de sangue.

Os soldados povoadores com suas famílias, escravos e haveres tiveram permissão para deixar o recinto desembaraçados, ao povo em geral foi dado escolher, partir ou ficar, mas somente depois da saída dos primeiros. A rapidez com que se concertou a paz não impediu que a multidão tumultuada se comprimissem na porta Sul, temerosa das violências da soldadesca, já iniciadas pelo saque às moradias e incêndios que rapidamente se comunicavam pelos telhados de folhas de palmeira. Clamores e gritos de pessoas pisoteadas marcaram a evasão e o início da marcha de dois dias para o Bairro dos Fogaça, rio abaixo, perlustrada por acidentes gravíssimos, crianças se perdendo, mães alucinadas, temor pânico dos canhoãs, que davam sinais da sua presença nos arredores.

Aos Regentes, à oficialidade e soldados, Pinedo concedeu honras militares na evacuação da Praça, assegurando-lhes o apoio da Sexta Companhia da Marinha para o retorno ao porto de Araraitaguaba. Por esmola e caridade anuiu que cada soldado carregasse arma com cartuchame de dezesseis tiros como expediente na defesa dos ataques das feras e do gentio. Nem bem saídos, a vinte e sete de outubro, as tropas castelhanas ocuparam a Praça em

nome do seu Rei e o general determinou a sua Companhia de Negros transportar o trem de artilharia para o lado paraguaio, enquanto a soldadesca operava na destruição das muralhas. Os guaicurus satisfizeram-se com outros acometimentos nos bairros rurais.

Começando a desesperada descida do Yguatemi, os militares cuidaram de embarcar as próprias famílias que os esperavam rio abaixo. Sobraram tumultos e cenas de pânico no Bairro dos Fogaça, foi preciso força bruta para salvar os escolhidos, mulheres e filhos dos soldados da guarnição. Capitão Rodrigues, pessoalmente, incluiu Maria Pituca e as duas crianças no seu grupo familiar. O Vigário Louzada preferiu ficar com a multidão que se espremia no barranco, assisti-la, até que o socorro fosse enviado pelo Capitão André Dias de Almeida do porto de Araraitaguaba. Nus, famintos, faltos de tudo, à mercê da natureza e dos canhoãs, aquele saldo de miseráveis paulistas quedava-se sem teto e no assombro de perder a única esperança de salvamento diante da retirada dos militares para o Rio Grande Paraná. Era a parte mais ignominiosa da suprema humilhação infligida ao povo por efeito de um projeto geopolítico, batizado de “Diversão para o Oeste”, e saído da arquitetura do Capitão General de São Paulo, D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus.

Não direi dos mortos que ficaram no caminho, durante os dois meses da retirada, nem daqueles que, ao longo do ano de 1778, foram chegando desfigurados, a saúde irremediavelmente comprometida, as tragédias pontilhando a *via crucis* dos prófugos do Yguatemi. O Capitão Rodrigues sepultou parte da família à entrada do Rio Grande Paraná e, sem forças para cuidar dos demais, cedeu à febre que parecia consumi-lo. Foi o Tenente Tavares que assumiu a proteção dos dois filhos de Veríssimo, após a trágica morte de Maria Pituca, junto ao Salto de Itapura, onde os esperava o primeiro socorro do Capitão André, descido há quinze dias da barra do Piracicaba no Anhembi.

Tarde demais para a filha do bravo Coronel João Martins de Barros, morto no Real Serviço para o brilho da Coroa d' El Rei D. José I de Portugal. Aquela mãe lutara para salvar os filhos do seu casamento com o Capitão Veríssimo Xavier do Prado, também morto no Real Serviço para maior brilho da Coroa de D. Maria I, mas não resistira à pestilência do grande rio, rendera-se ao Santo Espírito, já no Anhembi, levando outro filho no próprio ventre. Por única herança deixava-lhes os nomes de duas honradas casas paulistas e uma canastrinha encourada, que Tavares respeitadamente guardou. Superando as próprias dificuldades, cuidou dos sobreviventes durante os doze dias que mediavam entre o Itapura e o Avanhandava, onde chegaram muito franzinos e intimidados.

O Tenente Tavares haveria de para sempre lembrar, em seu trágico destino de condenado ao calabouço da Fortaleza da Barra Grande de Santos, o que foram os dias insanos vividos após a capitulação da Praça. Não estava só, o Padre Louzada também era prisioneiro, outros haviam sucumbido ao cárcere à medida que os anos passavam. Refugiava-se na memória e, entre tantas coisas, acudiam-lhe o mistério inexplicável das gargantas cortadas dos dois pilotos do França, ainda na descida do rio Yguatemi, mortos sem um ai, e o pesadelo da febre insidiosa que atacou, na subida do Grande Rio Paraná, levando uma a duas pessoas por dia.

Quando a notícia da capitulação da Praça chegou a São Paulo, unicamente por obra e caridade da Freguesia de Araraitaguaba houve com que remediar os grandes malefícios da fome aos retirantes. Desde a entrada no Paraná escasseavam os peixes e a caça, obrigando-os a servirem-se de bichos imundos e alguns palmitos. Faltavam humanas forças para dobrar a natureza na subida contracorrente do Anhembi, as mulheres entraram a coadjuvar, uma vez que o arrastar de canoas a braços, pelos varadouros das dezessete cachoeiras perigosas se transformava em infernal castigo dos mareantes e martírio dos inocentes. Passados quinze dias de tormentosa navegação e cinquenta e três desde a partida, finalmente, chegou-se ao Salto do Avanhandava. Deste, até a barra do Piracicaba no Anhembi, consumiram-se mais vinte e cinco dias; tão extenuados se encontravam que a maioria foi para sempre tombando pelos barrancos, sem cruces nem mortalhas.

Fervilhavam-lhe na memória de prisioneiro os acontecimentos daqueles últimos dias de viagem, principalmente o episódio vivido ao lado do Povoador de Piracicaba, o Capitão Antônio Corrêa Barbosa, junto ao Salto do Avanhandava. Os filhos do Capitão Veríssimo Xavier do Prado mal se sustinham na canoa, quando braços poderosos os transferiram para uma pequena mulher, moça e quase bonita, não fosse a horrível mutilação numa das mãos. Ela parecia aguardá-los no batelão, trazido do porto de Piracicaba, inspirava confiança, e foi com infinito cuidado que os acomodou junto de si, servindo-lhes da sua comida e puçangas. O carinho foi tão recompensador que os pequenos órfãos adormeceram entre as tralhas da mareação, assim que o comboio se moveu para o largo do rio.

— Acabaste de cumprir bela missão, admiro vossa coragem, Tenente Tavares. Destes pequenos hei de zelar, em memória do grande avô e do pai, meu particular amigo.

Tavares ainda quis saber a quem eram entregues as crianças que vinha assistindo desde o Itapura, como se fossem os próprios filhos.



— Não temas, confiei os pequenos à Ypié, puçanguara de todos estes sertões. Ela há de fazê-los fortes e recuperados, até serem entregues à casa dos Xavier do Prado, em São Paulo. Hei de cumprir pessoalmente o que vos prometo.

— Não ignoro que serei feito prisioneiro em Araraitaguaba, confio na palavra de vosmecê.

— E vossa família, Tenente Tavares, qual o destino?

— Entrego à Divina Providência minha pobre mulher e minhas filhas. Os oficiais são testemunhas que tive empenho em salvar a Praça, mas que podiam cento e dezesseis soldados diante do ataque de milhares de guerreiros? Vosmecê não ignora o que faz a cavalaria guaicuru quando é combinada com os castelhanos.

— Morreu muita gente na capitulação?

— Poucos, mas perdemos os melhores homens na Guarda da Bocaina, inclusive o pai desses pequenos. Agora está tudo acabado e a punição virá pelo braço do Lobo, por culpa que não me cabe, bem o sabeis.

— Quem sabe, a justiça da Rainha haverá de ser mais branda do que a do Senhor D. José II

— O Padre Louzada não confia no Capitão General, com quem já teve demanda na abertura do caminho para Piedade. E' vingativo e cruel como o anterior, só teve complacência com os militares portugueses que se entregaram no Sul aos espanhóis

— Com paulistas tem de ser diferente, cáspite!

Também a última noite da monção passada no pouso da barra do rio Piracicaba no Anhembi, tinha o dom de reavivar as lembranças do Tenente Tavares em seus longos anos de prisioneiro, porque vinha repassada da trágica morte da esposa do Capitão Veríssimo, junto ao Itapura, sem tempo de receber os sacramentos ou se despedir dos filhos. Mesmo nos últimos momentos, notara-lhe a grande preocupação em preservar junto a si as crianças e o único bem material que haveria de deixar por herança, a canastrinha encourada..

Pouco antes de se despedir do Barbosa e tomar o destino de Araraitaguaba, ocorrera abri-la por conta própria, sem atinar verdadeiramente com o conteúdo modesto, defendido como verdadeiro tesouro. Dentre uns poucos papéis encontrou o reconhecimento da paternidade de Maria Pituca por parte do Regente João de Barros Martins, a carta testamento deste, algumas peças como o anel que ele recebera do Morgado de Mateus por homenagem, o crucifixo do Capitão Veríssimo, moedas, uns potes de curare e duas lâminas afiadíssimas, encabadas de taquaraçu.

No momento da partida Tavares ainda recomendou ao Barbosa: — Deixo em vossas mãos os filhos de um grande paulista e a herança que a mãe soube conduzir até o último suspiro.

— Tens reiterada a minha palavra. Hás de seguir em paz, sob as bênçãos de Santo Antônio de Piracicaba. Se Deus for servido livrá-lo das garras do Lobo, inda nos haveremos de encontrar.

Foi na quinzena de janeiro que começaram a chegar as canoas mais avançadas ao porto de Araraitaguaba e, durante todo o mês, a população assistiu consternada ao desfile dos abantesmas e das faces descarnadas da Praça dos Prazeres, gente que chegava para morrer, consumida pelas mazelas adquiridas nas margens sazonáticas do Paraná ou vitimadas pelas privações ao longo do interminável caminho. Ao todo, oitenta e dois dias de inaudito sofrimento. A Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens recolheu piedosa os retirantes que aportaram durante todo o ano de 1778, sem saber o que fazer com eles, porque a maioria fugia para os matos enquanto os militares graduados já chegavam sob grilhões, sendo postos no caminho de São Paulo pelo Sargento-mor de Itu, Antônio Pacheco da Silva. Lá os esperava para o acerto de contas com a justiça de Sua Majestade, o Ouvidor de Paranaguá, convocado especialmente pelo Capitão General de São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, para a sindicância dos responsáveis, que eram recebidos como indignos vassallos da Coroa de Portugal e tratados por traidores da parte da irritadíssima autoridade.

— Aquele inutilíssimo e pertinencial reduto, chamado de Praça, só de nome, prestou-se durante dez anos para absorver os rendimentos da Real Fazenda! Agora se entrega ao inimigo por covardia e frouxidão dos próprios que deveriam defendê-la, cabendo ao meu governo arcar com o ônus da sua perda. Tragam-me os dois Regentes, o clérigo de Guaratinguetá e o Tavares, mais os outros cabeças, o Capitão Manuel Carvalho e os insolentes Fogaças de Sorocaba.

O novo Capitão General de São Paulo, mesmo em tempo de paz, insistia continuar a obra da militarização da Capitania, que recaía em peso sobre o Terceiro Estado. Se porventura lhe observavam que o desgaste devido à extração dos homens válidos para o serviço militar incidia negativamente sobre as lavouras, revertendo em ônus para o conjunto da sociedade, retribuía ares de desprezo: — As Vilas novas só têm nomes aparente de Vilas, constam de um pau alevantado por pelourinho e poucos ranchos de alguns criminosos e devedores que ali se refugiam. Juntas não formam mais do que duas Vilas. No passado, os Paulistas podem haver sido chamados de valentes, hoje não passam de um bando de achacosos e mendigos.

Perseverava em ostentar o brilho do diamante da Coroa sobre os corpos dos cadáveres, não importando a sina da Capitania ou o destino dos miseráveis que chegavam de Yguatemi. O Capitão André Dias de Almeida, há dez anos armador das expedições monçoneiras, reconhecia haver encerrado aquele ciclo de aventuras após a capitulação da Praça. Guardava planos secretos e não pretendia desativar a sua marinha, tampouco desligar-se dos maiores práticos daqueles rios, o velho França e Taçuira, os seus proeiros da maréação. Convocou-os na barrra do Piracicaba para uma fala reservada, pouco antes da subida do Anhembi.

— Mecês hão de permanecer no meu serviço, dentro do antigo trato, mas agora o negócio é outro.

— Sô home di vossa casa, Capitão, mai cumeço a perrengá nus primero estirão, que dirá de prontificá us novo caminho.

— Nada de experimentar quebranto, meu França. Não vamos sair de Povoado, sequer passar do Avanhandava, coisa de dez a quinze dias rio abaixo com alguma incursão por terra.

Acesa a discussão, o França cortou-lhe a frase procrastinadora das verdadeiras intenções:

— Mecê qué caçá bugre?

— Quall! Não pretendq ajustar contas com a justiça da Rainha. Tenho por missão delegada do novo governo atacar os quilombos do baixo Anhembi, dos baurus para a frente.

— Prendê os canhembora? Mecê tá disposto a guerrá?

O Capitão André não se achava apto a larguesas de prosa, mas percebendo-lhe as esquivanças adiantou: — Cada cabeça de negro posta na Vila de Itu vale mais do que a melhor canoa do Barbosa. É lucro pingue.

Taçuira, que acompanhava calado a conferência, percebeu o interesse do França e a cumplicidade nascida no selar do pacto comercial entabulado, ali mesmo, no interior da nau Capitânia. A sustentação de uma nova guerra, a poucas léguas de Araraitaguaba, afigurava-lhes o futuro empreendimento, capaz de conservar toda a marinha, o armamento e apoio oficial.

Mesmo apartado dos conchavos da civilização, a um bugre esperto não era difícil alcançar a estensão daquela arenga. Taçuira dera o melhor de si durante os dez anos da maréação monçoneira do Capitão André para Yguatemi, não contassem com ele na diligência de sujar as mãos com o sangue dos canhemboras. Já combatera valhacoutos da ralé homiziada nos sertões, agora não haveria de deitar as mãos contra a liberdade alheia porque guardava a nítida lembrança da razia perpetrada contra a sua gente, na distante aldeia

caiapó. Sem detença, atirou-se n'água a bom nadar, em tempo de se chegar da canoa do Barbosa, que ainda refrescava no remanso. Quando aquele percebeu-lhe o corpo a saltar para dentro da canoa, devolveu-lhe um certo ar patusco enrustido de provocação: — Mecê vai de peixe fora d'água ou carece de seguir a nado?

Taquíra e os dois órfãos não eram os únicos a procurar refúgio nas canoas do Barbosa; o soldado Belchior, esposa e dois meninos abandonaram a comitiva do Tavares para se esconder no barranco, dispostos a afundar nos matos e evitar o reengajamento nas tropas de linha do Capitão General. Temiam pelo recrutamento dos adolescentes, o seu único tesouro nesta terra, preferindo morrer todos juntos nalguma boca de sertão a voltar para São Paulo. Era o que haviam declarado ao pedirem exílio ao Capitão Antônio Corrêa Barbosa, o fundador e diretor da Povoação junto ao porto do Piracicaba.

— Sabemo lidá c'as roça, Capitão. Os minino tão grandinho e a muié sabe fiá us argodão.

— Troco as vossas armas pelas minhas enxadas. Se o estaleiro perece por falta de encomendas, agora que a navegação para o Gatimi está encerrada, havemos de cuidar da lavoura.

Outra não era a preocupação de Maria Farinha, empenhada em salvar do futuro recrutamento outros órfãos, filhos do coração. Foi com lágrimas nos olhos que formalizou o pedido, em nome do falecido esposo, Amaro Soares, cuja dedicação ao Capitão Veríssimo remontava aos tempos vividos nos sertões do Paraná. Houve por comover ao Barbosa, embora este mal acreditasse na regeneração da mulata libertina que conhecera em Yguatemi, opôs-lhe restrições.

— Se não mantiveres o bom procedimento e perderes o respeito que deves ao bom soldado Amaro, ponho-te a chicote no caminho para a Vila de Itu, onde haverás de ajustar velhas contas com o Capitão-mor.

— Qui tem em Priscicaba prá fazê?

— Muita roça de mantimentos, algodão para fiar...

— I di divertimento, nhô Barbosa, qui é qui tem?

— Ah, Farinha, lá tem o mais belo dos rios desta Capitania e os melhores peixes pra pescar, sob as bênçãos de Santo Antônio e a proteção do Divino Espírito Santo.

— Áhé? Intão bamo vê.

.....

# PARTE IV

## Glossário

### A

**abantesma** — fantasma, assombração.

**abarregado** — amancebado.

**achacoso** — enfermiço.

**ãhé** — interjeição de admiração e curiosidade.

**ajoujar** — prender com corda ou corrente.

**alfaias** — adornos domésticos ou litúrgicos.

**alqueire** — medida que se convencionou de capacidade equivalente a 13,8 litros.

**alvorotadora** — que alvoroça.

**ancho** — largo, inchado de orgulho.

**Anhembi** — denominação do rio Tietê, de Itu para baixo.

**apropinuar** — aproximar.

**arumatiá** — espécie de lesma, bicho de pau podre.

**arrátel** — medida de peso que se convencionou equivalente a 459 gramas;  
também equivale a 1 libra, ou 16 onças, ou 128 oitavas.

### B

**baeta** — espécie de flanela.

**balda** — mania, veneta.

**bangüê** — liteira

**bariri** — corredeira de rio em zigue-zague.

**barregana** — tecido.

**belbutina** — tecido mais fino de belbute, utilizado em calções e coletes.

**bertanha** — tecido da Bretanha.

**bilreiro** — índio caiapó que empregava uma borduna semelhante a um bilro  
(peça de fazer renda em forma de fuso).

**bimbarra** — alavanca.

**bocachim** — tecido indiano.

**bocaina** — depressão entre os morros de uma serra.

**borduna** — porrete.

**braça** — medida de comprimento, que se convencionou equivalente a 2,20 m.

**bulha** — barulho, confusão.

## C

**caiaipiá** — raiz dotada de propriedade medicinal.

**Caiapó** — gentio do grupo Gê.

**caieira** — fogueira.

**cainheza** — perversidade.

**canađa** — medida de capacidade que se convencionou equivalente a 2,6 litros.

**caneludos** — apelido dos grosseirões paulistas; depreciativo.

**cangüera** — trombeta.

**canhembora** — o mesmo que quilombola, negro que vive em quilombo.

**Capitânea** — nau onde se acha o Capitão ou quem governa a embarcação principal.

**casquilho** — vestido com apuro, janota.

**casquinar** — dar risos irônicos.

**catre** — leito rústico

**catuaba** — planta de propriedades afrodisíacas.

**causo** — caso.

**cavallhada** — manada de cavalos.

**caxambu** — monte de terra usado na mineração

*chapin* — sapato elegante.

**chimarrata** — tecido grosseiro.

**chocarreiro** — zombador.

**clavina** — de clave, espingarda com boca de clave.

**conabi** — arbusto utilizado para tinguijar.

**congonha** — arbusto que fornece as folhas do chá; também pode ser a bebida pronta.

**congonghar** — tomar chá (congonha)

**corja** — vinte unidades.

**corrução** — enfermidade infecciosa.

**côvado** — medida que se convencionou equivalente a 0,66m (três palmos).

**cubatão** — morro ao sopé da serra.

**cunhantã** — mocinha, adolescente.

## D

**decampar** — mudar de campo, levantar acampamento.

**damasquilha** — tecido adamascado, tecido fino e ornado.

**derrama** — tributo proporcional a cada contribuinte, podendo incidir sobre diversos gêneros alimentares e minerais.

**descante** — ato de cantar versos ao som de instrumento.

**desobriga** — ato de receber os sacramentos e obedecer os compromissos religiosos.

**desvão** — canto escuro da alcova.

## E

**emboaba** — inimigo dos paulistas nas Minas Gerais, generalizado em São Paulo aos seus adversários nas minas.

**enfiado** — encabulado.

**ensanchas** — oportunidade.

**entrevero** — mistura de animais; também significa confusão, desordem.

**escanzinado** — escanzurrado, estafado.

**espírito** — bebida alcoólica.

**estirão** — trecho de rio.

**estrebuchar** — debater-se antes de morrer.

**estúrdio** — extravagante, fora do comum.



## F

**fadista** — mulher de má vida, que pertence ao fado (destino).

**farinha de pau ou de guerra** — farinha de mandioca.

**febre terçã ( quartã, etc)** — infecção maleitosa.

**ferrabrás** — gigante brigão.

**filhós** — bolinhos fritos.

**franças** — as ramificações do arvoredo.

**funil** — que chupa para o fundo, redemoinho.

**fuscas** — provocação.

**fuzo** — dança, bate-pé.

**fuzué** — confusão armada na dança, conflito.

## G

**galé** — condenado com correntes aos pés a remar na galés

**galego** — depreciativo de português, também de estrangeiro.

**Gatimi** — Yguatemy, Yguatemi, Iguatemi.

**guaicuru** — índio cavaleiro de Mato Grosso.

**guingão** — tecido de algodão de boa qualidade.

## H

**harpia** — ser mitológico e maligno.

**hecatombe** — sacrifício de cem bois, carniificina.

## I

**inúbia** — trombeta guerreira, membitará.

**itaipava** — corredeira de rio por afloramento do leito pedregoso.

## J

**jacuba** — bebida, espécie de refresco.

**janota** — bem vestido.

**jupιά** — redemoinho das águas.

## L

**légua** — medida de extensão, que se convencionou equivalente a 6.600 m. A légua de sesmaria é medida de 4.356 hectares.

## M

**maculo** — enfermidade do intestino grosso.

**mamutaria** — contorno da serra avistado a distância.

**manguito** — dar de braços (dar banana).

**mantéu** — larga gola de casaco.

**maravalhas** — ninharias entregues como presentes.

**mareação** — também é navegação nos rios

**mecânico** — refere-se aos trabalhadores de origem modesta, que exerciam as profissões da época.

**membeca** — mole, derretido, é pejorativo.

**menagem** — homenagem.

**merinaque** — saia de armação com arame.

**monção** — expedição sertanista dos paulistas a partir do Rio Tietê; a expressão serviu para todas as bacias que freqüentaram.

**mosquetaria** — tiros desferidos por mosquete, antiga arma de fogo.

## N

**nau catarineta** — canoa fantasma do Rio Tietê.

## O

**Ordenança** — oficial da Tropa dos Ordenanças existente nas vilas coloniais.

**outu** — salto.

**Outu-guaçu** — a Vila colonial de Itu (Outu).

## P

**pacuera** — as entranhas, as vísceras.

**Paiaguá** — indígena de Mato Grosso.

**parati** — aguardente feita em Parati.

**passo** — estrangulamento no relevo, ponto estratégico de passagem nalgum acidente geográfico.

**patusco** — divertido.

**Pay** — chefe.

**peiú** — convencido.

**perpetuana** — tecido floral.

**peralvilho** — afetado, janota, também pejorativo para os homens.

**perlesia** — o mesmo que paralisia.

**perrengar** — fraco, desalentado, lerdo, imprestável, capenga.

**piá** — menino de mais de cinco anos, rapazinho.

**poncho** — abrigo que reveste dos pés à cabeça.

**poterna** — galeria subterrânea que leva a um local seco, usado para evasão nas fortalezas.

**prioriz** — dor intensa.

**proeiro** — o navegador que vai à frente da canoa.

**prófugo** — fugitivo, sobrevivente.

**puçanga** — mezinha, medicamento na forma de bebida.

**puçanguara** — a que elabora os remédios, também curandeira.

**pulhice** — patifaria.

## Q

**quadrilheira** — cordilheira.

**quarta** — medida de capacidade que se convencionou equivalente a 9 litros.

**quebranto** — mal estar generalizado.

**quilombo** — reduto de escravos fugidos.

**quintal** — medida de peso correspondente a 4 arrobas (58,758 k).

**quizília** — desavença, briga.

## R

- rebojo** — redemoinho, jupiá.  
**ré** — a parte traseira da canoa.  
**reiúna** — espingarda curta, antigo fuzil.  
**república** — tem o sentido político da coisa pública.  
**republicano** — o habitante do município, coisa pública.  
**rezingar** — resmungar.  
**rezingoso** — rezingão, resmelengue.

## S

- salsaparrilha** — planta da qual se faz chá considerado depurativo do sangue.  
**sarapantar** — de causar espanto, pasmar.  
**serenga** — cantar monótono e repetitivo dos remadores durante a navegação.  
**sezão** — febre.  
**sufilié** — tecido de seda.  
**surtum** — espécie de jaleco.

## T

- tacurus** — corós.  
**tacuruvas** — três pedras arrumadas no chão para se assentar a panela em que se vai cozinhar.  
**tape** — índio das Missões.  
**tenalha** — obra de fortificação militar levantada sobre a muralha.  
**teriaga ou triaga** — chá.  
**tertúlia** — sessão literária.  
**testada** — frente de uma propriedade particular para via pública.  
**tinhoso** — ardiloso, diabólico.  
**trabuco** — arma antiga de carregar pela boca e de um só tiro.  
**tranqueira** — estacada.  
**tostão** — dinheiro com valor equivalente a cem réis.

## V

**Vacaria** — área geográfica de Mato Grosso; também existe no RS; presta-se a campo de criatório.

**vacuri** — palmito.

**vara** — medida de comprimento que se convencionou equivalente a 1,10m.

**vasquinha** — espécie de sobre-saia aberta na frente.

**varejão** — vara de bambu com ponta ferrada empregada na navegação monçoneira.

**vassalo** — súdito de qualidade.

**véstia** — jaleco, espécie de casaco.

**Viamão** — campanha situada entre o rio Pelotas(RS) e a Serra de Lajes(SC).

## W

**Wutucatu** — designação para o sertão de Botucatu; também chamado de Ubutucatu ou Ibicatu.

## X

**ximbaúva** — árvore nativa, também canoa feita da árvore ximbó ou ximbaúva, ainda conhecida por tamboril.

**ximbeva** — nariz pequeno e achatado.

## Z

**zagalote** — bala de chumbo para espingarda.

## Expressões

**chifre da moda** — no topo da moda.

**desolante estopada** — conversa maçante, decepcionante.

**espinhela caída** — dor pré cordial, dor no peito.

**faxina de soldado** — tem o sentido de uma barricada construída de paus trançados e afincados na muralha, adiante das baterias de fogo.

**frio na pacuera (nas vísceras)** — medo.

**passarinhando em campo de perdiz** — coisa muito fácil de conseguir.

**pelas chinelas d'El Rei** — ditado do século XVIII, equivalente a jurar por coisa inútil.

**querer sair, por aí, rasgando mortalhas** — sair desafiando os mores e o mundo.

**rio limpo** — sem saltos e itaipavas.

**Rio Povoado ou Povoado** — assim era chamado o Rio Tietê ou Anhembi.

**sítios volantes** — pessoas sem residência fixa, que viviam semi-nômades no sertão.

**Três Estados** — o mesmo que sociedade de Ordens, composta por Clero, Nobreza e Povo.

**Terceiro Estado** — o extrato popular, Povo.

**triaga de venéia** — veneno na forma de chá.

**versos de xiba** — estilo de versos da Vila de Parati, lânguidos, sentimentais.

.....FIM DO SEGUNDO VOLUME.....

## Obras da Autora:

- **A SÍNTESE URBANA (1822–1930)**. Prêmio CLIO de História em 1991. Academia Paulistana da História. S.P.
- **CANDEIAS EM ESPELHO D'ÁGUA (1777–1845)**. Prêmio Especial de melhor texto paradigmático sobre a Revolução Liberal de Sorocaba. Prefeitura Municipal de Sorocaba, 1992.
- **O INSTITUTO BARONESA DE REZENDE DE PIRACICABA**. Piracicaba, Shekinah, 1994
- **A ESCOLA DAS LIBERDADES PAULISTAS ( OS 180 ANOS DO TÍTULO “A FIDELÍSSIMA”)** Itu, 2003. Opúsculo
- **OS PASSOS DO SABER: A ESCOLA AGRÍCOLA PRÁTICA “LUIZ DE QUEIROZ” (O ESFORÇO PARA IMPLANTAR O ENSINO TÉCNICO DE 2º GRAU NA AGRICULTURA, 1891-1911)**. São Paulo, EDUSP, 2004.
- **A ESCOLA SUD MENNUCCI DE PIRACICABA**. Piracicaba, Associação dos Ex-alunos, 2005. Opúsculo.
- **A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO OESTE PAULISTA ( GENERALIZAÇÕES SOBRE A FESTA DA ALEGRIA RELIGIOSA)**. Itu, 2006. Opúsculo.

Este livro foi impresso em papel Chamois Fine Dunas X 80g/m<sup>2</sup> com patrocínio da RIPASA S/A Celulose e Papel para o INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA em comemoração dos 240 anos da fundação de Piracicaba.

2007



Rua Barão de Piracicamirim, 1926  
CEP: 13416-150 - Piracicaba - SP  
Fone/Fax: (19) 3433-6748 / 9691-7074  
E-mail: graficadegaspari@terra.com.br



Durante muito tempo ficou adscrita aos campos da pesquisa documental e bibliográfica, trabalhando nos acervos oficiais e cartoriais, escrevendo ensaios, opúsculos, artigos para a imprensa e revistas especializadas, monografias, prefácios, até chegar aos romances. Realizou incontáveis palestras e conferências, cursos e seminários, prevalecendo os temas em que se especializou como cientista social, a Cultura e a Civilização no Oeste Paulista ( séculos XVIII e XIX), aos quais se dedica. Piracicaba permanece como fonte de motivação, presente em tudo o que faz, bem como a sua cidade mãe, Itu. A inspiração para os romances nasceu da sua intimidade com a pesquisa, pois o romance histórico é o mais científico de todos os congêneres e da sua própria vivência, objetivando a construção narrativa a serviço da literatura.

Obras principais: **A Síntese Urbana**, **Candeias em Espelho d'Água**, **O Instituto Baronesa de Rezende**, **Os Passos do Saber: A Escola Agrícola Prática "Luiz de Queiroz"** (O esforço para implantar o Ensino Técnico de 2º grau na Agricultura), **A Escola das Liberdades Paulistas (Os 180 anos do título "A Fidelíssima")**, **A Festa da Divino Espírito Santo no Oeste Paulista (Considerações sobre a festa da alegria religiosa)**, **A Escola Sud Mennucci de Piracicaba**, **Encontro das Águas**.

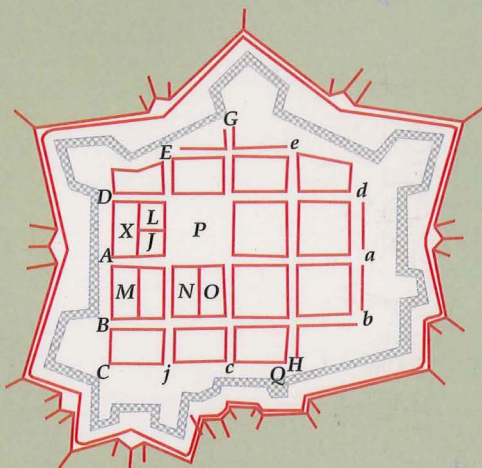
Participação em livros: **Álbum de Lembranças de Pedro Ometto**, **A Igreja em Piracicaba**, **ESALQ 100 anos. Um olhar entre o Passado e o Futuro**.

Prêmios literários: 14º Prêmio CLIO (1991) conferido pelo livro **A Síntese Urbana**. Melhor Trabalho Paradidático, conferido pela Prefeitura Municipal de Sorocaba em 1991 pelo romance **Candeias em Espelho d'Água**. 24º Prêmio CLIO (2005) pelo livro **Os Passos do Saber: a Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz (O esforço para implantar o Ensino Técnico de 2º grau na Agricultura)**.

É co-fundadora do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, da Associação dos ex-alunos, ex-professores e amigos da Escola Sud Mennucci de Piracicaba, e do Instituto de Estudos do Vale Médio do Tietê (INEVAT).

Instituições a que pertence como sócia: Academia Piracicabana de Letras, Academia Sorocabana de Letras, Academia Ituana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Medalhas Culturais: Medalha Prudente de Moraes - cidade de Itu, Medalha Prudente de Moraes - cidade de Piracicaba, Medalha Walter Radamés Accorsi-mérito científico.

# Plano da Praça da Nossa Senhora dos Prazeres do Rio Yguatemy



0 100 200 metros

Praça



Sele Quedas

Rio Iguatemy

Rio Piquiri

Rio Parana

Serra de Apucarana

Rio Parana

Rio Paranapanema

Sertão  
dos  
Carijós

- Aa - Rua da Cruz
- Bb - Rua de São Paulo
- Cc - Rua de São João
- Dd - Rua da Conceição
- Ee - Rua Curta
- Ej - Rua dos Prazeres
- Gc - Rua de S. José
- He - Rua da Porta
- db - Rua de S. Joaquim
- J - Quartel do Governador
- L - Casa da Fazenda Real
- M - Quartel das Tropas
- N - Igreja
- O - Senado
- P - Praça
- Q - Fonte
- X - Corpo da Guarda

0 50 100 150 200 Km



ISBN 858935360-5



9 788589 135360 1